

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO – FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS

CÁSSIA LACERDA SOARES

Fé e sentido: enunciação e *éthos* no discurso da homilia de freis franciscanos

CAMPO GRANDE-MS
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO – FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS

CÁSSIA LACERDA SOARES

Fé e sentido: enunciação e *éthos* no discurso da homilia de freis franciscanos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Linguística e Semiótica

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins

CAMPO GRANDE-MS
2020

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marize e Vagner, pelo amor, esforço e dedicação. Apesar da distância que nos separava, sempre me diziam palavras fortificadoras e revigorantes. Minha eterna gratidão.

Ao estimado Prof. Geraldo, pela sua extraordinária competência, atenção, cuidado, incentivo, apoio e, principalmente, pelos inúmeros ensinamentos que, sem dúvida, ultrapassam o ambiente acadêmico e valem para toda a vida.

À Patrick Alif, meu amado companheiro e confidente, por todo apoio, zelo, amor, paciência e companheirismo constantes. Gratidão pelas palavras positivas nos momentos de desânimo.

À minha irmã Camila, ao meu cunhado Aderbal e à minha tia Gislene pelo apoio afetivo.

À minha querida prima Ana Luiza, pelo grandioso carinho e positividade de sempre.

À Claudia e Éder, família do coração, pelo carinho e incentivo.

À Natália, Mércia e Dayne, pela amizade e convivência.

À Paróquia Nossa Senhora de Fátima e às comunidades Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças, Santa Cecília, Santa Clara de Assis, São Cristóvão, Divino Espírito Santo, Santíssima Trindade e São Francisco de Assis, pelo acolhimento durante a coleta do *corpus* da pesquisa.

Aos Freis Cláudio, Sérgio, Odolir, João e André, pela participação e atenção concedida à minha pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, pelos saberes transmitidos durante as aulas.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

A todos aqueles que participaram desta caminhada.

A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador senão ao que semeia. Reparai. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: Ecce exiit, qui seminatur, seminare. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. Uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é a ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não imposta nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito qual cuidais que é? O conceito que de sua vida têm ouvintes.

Padre Antônio Vieira
Sermão da sexagésima

RESUMO

Tomada como instância de instauração do sujeito na língua, a enunciação materializa-se no quadro das relações que se estabelecem entre as categorias enunciativas: tempo, pessoa e espaço. Nesse cenário, revisita-se a abordagem enunciativa de Émile Benveniste e seus desdobramentos provenientes dos estudos da enunciação desenvolvidos por Algirdas Julien Greimas e colaboradores, com destaque para José Luiz Fiorin, para discutir os índices de pessoa, de espaço e de tempo nos comentários homiléticos proferidos por franciscanos da Ordem dos Freis Menores Capuchinhos, pertencentes à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, localizada em Campo Grande/MS. Vinculado a isso, objetiva-se analisar os investimentos temáticos e figurativos que recobrem o discurso desses religiosos, a fim de tentar traçar algumas impressões sobre a construção de um possível *éthos* e de um estilo que marcam a identidade e a individualidade do ser homiliasta franciscano, a partir da análise da totalidade discursiva do *corpus* da pesquisa, o qual é composto por 24 homilias proferidas por cinco sacerdotes diferentes durante o Tempo da Páscoa. Este trabalho encontra sua razão de ser no fato de que, em meio às várias investigações realizadas sobre o objeto de estudo, identificou-se a carência de pesquisas que abordassem o enunciado da homilia franciscana, a partir de uma proposta linguístico-discursiva a respeito da sistematização das categorias enunciativas no discurso da homilia e da apreensão de um possível *éthos* e estilo do homiliasta seguidor do carisma de São Francisco de Assis. No labor desta pesquisa, tornou-se possível confirmar que as projeções das categorias enunciativas funcionam como um recurso para criar diferentes efeitos de sentido, conferindo ao ato de enunciar do homiliasta franciscano a perspectiva de um estreitamento da relação estabelecida entre o enunciador e o enunciatário, o que permite pensar na apreensão de traços que marcam o *éthos* desse religioso, como efeito de individualização de uma totalidade, dentro do âmbito da Igreja Católica.

Palavras-chave: Enunciação; Enunciado homilético; Franciscanos; *Éthos*; Semiótica discursiva.

RESUMEN

Tomada como instancia de instauración del sujeto en la lengua, la enunciación se materializa en el marco de las relaciones que se establecen entre las categorías enunciativas: tiempo, persona y espacio. En este escenario, se revisa el enfoque enunciativo de Émile Benveniste y sus desarrollos a partir de los estudios de enunciación desarrollados por Algirdas Julien Greimas y colaboradores, con énfasis en José Luiz Fiorin, para discutir los índices de persona, espacio y tiempo en comentarios homiléticos hablados por Franciscanos de la Orden de los Frailes Menores Capuchinos, pertenecientes a la Parroquia de Nuestra Señora de Fátima, ubicada en Campo Grande / MS. Vinculado a esto, el objetivo es analizar las inversiones temáticas y figurativas que cubren el discurso de estos religiosos, para intentar trazar algunas impresiones sobre la construcción de un posible *ethos* y un estilo que marquen la identidad y la individualidad del ser franciscano homilista, a partir del análisis de la totalidad discursiva del *corpus* de investigación, que está compuesto por 24 homilías pronunciadas por cinco sacerdotes diferentes durante el Tiempo pascual. Este trabajo encuentra su razón de ser en el hecho de que, en medio de las diversas investigaciones realizadas sobre el objeto de estudio, se identificó la falta de investigaciones que aborasen el enunciado de la homilía franciscana, a partir de una propuesta lingüístico-discursiva sobre la sistematización de las categorías enunciativas en el discurso de la homilía y aprehensión de un posible *ethos* y estilo del homilista que sigue el carisma de San Francisco de Asís. En el trabajo de esta investigación, se hizo posible confirmar que las proyecciones de las categorías enunciativas funcionan como un recurso para crear diferentes efectos de sentido, confiriendo el acto de enunciar la homilía franciscana la perspectiva de un estrechamiento de la relación establecida entre el enunciadore y el enunciadore, lo que nos permite pensar en la aprehensión de rasgos que marcan el espíritu de este religioso, como efecto de individualización, en el ámbito de la Iglesia Católica.

Palabras-clave: Enunciación; Enunciación homilética; Franciscanos; Ethos; Semiótica discursiva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – Homilia e comunidade franciscana	19
1.1 Homilia: compreensão e caráter.....	19
1.1.1 Temas e figuras na enunciação da homilia.....	31
1.2 Sobre Francisco de Assis	33
1.2.1 <i>Éthos</i> e estilo franciscano	39
CAPÍTULO II - O estudo da linguagem sob a perspectiva enunciativa	52
2.1 Fundamentos epistemológicos da linguística da enunciação	52
2.2 A teoria da enunciação de Benveniste	60
2.3 Semiótica discursiva e Enunciação.....	68
CAPÍTULO III – Enunciação e construção de sentidos do enunciado homilético do homiliasta franciscano	88
3.1 Entre enunciação e enunciado: análise das categorias enunciativas e dos investimentos temáticos e figurativos presentes no discurso homilético de freis franciscanos	89
3.1.1 Celebração do 1º Domingo da Páscoa	89
3.1.2 Celebração do 2º Domingo da Páscoa	100
3.1.3 Celebração do 3º Domingo da Páscoa	108
3.1.4 Celebração do 4º Domingo da Páscoa	117
3.1.5 Celebração do 5º Domingo da Páscoa	126
3.1.6 Celebração do 6º Domingo da Páscoa	133
3.1.7 Celebração do 7º Domingo da Páscoa	138
3.1.8 Celebração do 8º Domingo da Páscoa	145

3.2	<i>Éthos</i> e estilo: a imagem do homilista frei franciscano	153
3.2.1	O ser e o parecer ser verdadeiro do <i>éthos</i> do homilista franciscano	163
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
	REFERÊNCIAS	182
	APÊNDICES	187
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 1º DOMINGO DA PÁSCOA.....	187
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 2º DOMINGO DA PÁSCOA.....	190
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 3º DOMINGO DA PÁSCOA.....	195
	APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 4º DOMINGO DA PÁSCOA.....	199
	APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 5º DOMINGO DA PÁSCOA.....	206
	APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 6º DOMINGO DA PÁSCOA.....	210
	APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 7º DOMINGO DA PÁSCOA.....	214
	APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 8º DOMINGO DA PÁSCOA (DIA DE PENTECOSTES).....	219

INTRODUÇÃO

O ato de pesquisar, em qualquer área do conhecimento, na maior parte das vezes inicia-se por um processo de observação que implica o exercício de aliar a teoria à prática, o estudo ao cotidiano. No percurso de constituir sua investigação, o pesquisador precisa perceber a realidade que o cerca e os problemas que a envolvem; por meio de sua percepção, ele deve pesquisar todos os modos possíveis para que determinado problema, posteriormente, tenha uma possível resposta. Nessa fase, o pesquisador fundamenta as reflexões sobre as ideias já formuladas e vai à busca da produção de um novo conhecimento, tentando não reproduzir simplesmente o que já se sabe sobre um dado objeto em um determinado campo científico.

Com este trabalho, não foi diferente, fruto de um processo de investigações e de inquietações advindas do desejo de se aprofundar no âmbito intelectual da pesquisa, em particular, na área da Linguística e Semiótica, a proposta do estudo surge a partir de um olhar atento e reflexivo sobre o discurso religioso, de modo particular, o das homilias pronunciadas por freis franciscanos.

Ao longo da fase de estudo sobre os fundamentos basilares e obras relacionadas ao tema, muitas motivações foram suscitadas: por um lado, a ânsia por estudar e entender as minúcias do enunciado da homilia do sacerdote franciscano, a partir de uma proposta linguístico-discursiva; por outro lado, o interesse pelos estudos da enunciação desdobrados da perspectiva da semiótica discursiva, os quais poderiam auxiliar na compreensão da enunciação dessas homilias a partir da análise do processo e dos mecanismos de construção e apreensão do sentido no interior do enunciado homilético focalizando, em especial, os componentes sintáticos e semânticos das estruturas discursivas. Esses dois motivos também estavam vinculados ao anseio de estudar o *éthos* e o estilo do homiliasta franciscano a partir de traços que marcam sua identidade e suas práticas discursivas no cenário religioso, pois, ao ter como inspiração os passos de São Francisco, esses vocacionados levam um estilo de vida religiosa em torno do princípio evangélico da fraternidade e da irmandade.

Diante desses impulsos e desejos, alguns questionamentos surgiram: como acontece a projeção das categorias de pessoa, tempo e espaço na enunciação do homiliasta franciscano? A partir do exame dos enunciados homiléticos, qual *éthos*, como efeito de individualização de uma totalidade, poderia ser depreendido por meio do estudo de um *corpus* composto por 24 homilias proferidas por freis Menores Capuchinhos de Ordem

Franciscana, no Tempo da Páscoa? Como os investimentos figurativos e temáticos dos comentários homiléticos estariam relacionados aos traços que marcam a identidade do religioso franciscano?

A fim de tentar traçar um percurso analítico para encontrar possíveis respostas a essas indagações, ao se debruçar sobre a análise da homilia e ao considerar que, a partir da proposta benvenistiana, a enunciação é entendida como o lugar do *ego, hic et nunc*, este estudo propõe, como objetivo geral, discutir os desdobramentos das categorias de pessoa, de tempo e de espaço, destacando os efeitos de sentido que essas três índices, integrantes da sintaxe discursiva, engendram na enunciação de enunciados homiléticos proferidos por freis franciscanos, por meio das noções de debreagem e de embreagem, conceitos advindos da semiótica discursiva.

Em decorrência disso, busca-se examinar a inserção dos sujeitos da enunciação como os responsáveis pela coerência semântica do discurso e os efeitos de realidade, por meio do estudo da disseminação dos temas e dos investimentos figurativos articulados na enunciação dos enunciados homiléticos do enunciador seguidor do carisma de São Francisco de Assis. Aliado a esses propósitos, pretende-se, de modo específico, depreender o estilo e o *éthos* do homiliasta franciscano, a partir das relações entre enunciado e enunciação e do entendimento de estilo como efeito de individualização de uma totalidade.

Com a pretensão de desenvolver um trabalho com um objeto de estudo pouco explorado, nessa proposta, o comentário da homilia pode ser compreendido como um discurso que, ao situar-se dentro do contexto das celebrações católicas e ser proferido por um ministro ordenado, pode ser tomado como uma espécie de conversa de caráter proximal, como um comentário querigmático que exige do homiliasta, aquele que a profere, uma cuidadosa exegese e hermenêutica dos textos bíblicos para que a mensagem a ser passada aos fiéis possa ser aplicada e vivenciada no contexto vigente da comunidade celebrativa.

Ao considerar a proposta deste estudo, trabalha-se com duas noções: a de enunciado homilético e a de comentário da homilia/homilético. A primeira justifica-se no fato de que, uma vez que as homilias transcritas passam a ser entendidas como produtos de uma enunciação; assim, são compreendidas como um enunciado resultante desse ato criado pelo homiliasta. Já a segunda fundamenta-se em Panier (1986), semioticista e teólogo que compreende a homilia como uma espécie de comentário.

Dadas as dimensões deste trabalho, há que se apontar toda uma premissa de estudos sobre semiótica e discurso religioso iniciada por Algirdas Julien Greimas. A presença da semiótica discursiva no âmbito religioso coincide com a publicação de *Du Sens* (GREIMAS, 1970). Segundo Claude Chabrol (1980), Jean-Yves Thériault (2006), Louis Panier (1986; 1989; 2008) e Sueli Maria Ramos da Silva (2018), pesquisadores que apresentam um histórico desses estudos, os trabalhos em semiótica bíblica têm como marco inaugural o Grand Séminaire de Versailles, ocorrido em setembro de 1968. Um ano mais tarde, com o Congresso de 1969 da Associação Bíblica Francesa para o estudo da Bíblia (A.C.F.E.B), iniciam-se os debates sobre os estudos exegéticos, tendo as discussões resultantes desse encontro sido publicadas sob o título *Exégèse et Herménéutique*. De acordo com Silva (2018), esses estudos, posteriormente, foram desenvolvidos de modo sistemático em Lyon, em um contexto institucional, por iniciativa de J. Delorme e J. Calloud, do *Centre pour l'Analyse Du Discours Religieux (CADIR)*, com a publicação do periódico *Sémiotique et Bible*,

O processo de inserção da semiótica narrativa na abordagem da linguagem da religião teve seu início com o desenvolvimento dos estudos sobre a interpretação de enunciados bíblicos. Segundo Panier (2008), a prática de leitura e depreensão de sentidos permeada pela análise do *corpus* bíblico possibilitou a rearticulação entre elementos da teoria semiótica, mais especificamente, entre a problemática da enunciação e a sua relação com a dimensão figurativa do discurso.

A partir dos desdobramentos da área da semiótica e estudos religiosos, é possível referenciar alguns trabalhos desenvolvidos nesse campo de pesquisa, tais como os de José Carlos Jadon (2009) e de Silva (2011). Jadon volta-se para o exame das estratégias persuasivas, das paixões, dos aspectos tensivos e dos mecanismos de significação empregados por pastores da Igreja Neopentecostal Universal do Reino de Deus e por padres da Igreja Católica apresentadores de programas televisivos; incorporando a noção de estilo enquanto *éthos*, Silva, por sua vez, estuda o discurso de divulgação religiosa a partir do ponto de vista tensivo proposto por Claude Zilberberg.

Vale salientar que a homilia, embora tomada como um discurso de orientação mais extensa do que as Sagradas escrituras, não compõe a classe dos enunciados de divulgação religiosa; Silva (2015) a define como uma espécie dos enunciados de fidelização, pertencentes às práticas discursivas de uma determinada comunidade de fé, no caso desta pesquisa, a católica franciscana. Considerando a perspectiva dos estudos tensivos, o enunciado homilético é do domínio da extensidade, uma vez que se

temporaliza e se espacializa por meio da celebração das práticas recorrentes de fidelização de uma comunidade religiosa; em contraposição, o enunciado bíblico, enquanto discurso fundador, evidencia uma aspectualidade incoativa, “cuja organização subjacente é a base para a instituição dos níveis de prática de fidelização e de divulgação” (SILVA, 2015, p. 26).

Ainda entre o conjunto de trabalhos sobre enunciados bíblicos alicerçados nas contribuições da semiótica discursiva, mesmo que não abordem diretamente os de natureza homilética, pode ser mencionada a tese de Dario de Araújo Cardoso (2017), a qual se dedica à explicitação dos mecanismos de produção de sentido que discursivizam o texto bíblico, utilizando a perspectiva enunciativa e a noção de corpo sensível e de presença semiótica. Antonio Vicente Seraphim Pietroforte (1997), Jairo Postal (2010) e Guilherme Dermarchi (2015) também elaboram estudos referentes ao campo discursivo religioso no âmbito semiótico. Por meio da noção de *éthos*, Postal defende a tese de que cada um dos evangelistas – Mateus, Marcos, Lucas e João – enfatizou um aspecto peculiar de Cristo, ao considerar o enunciatário a que se dirigiam; já Pietroforte apresenta, em sua dissertação de mestrado, considerações sobre o discurso da tradição esotérico-religiosa; Dermarchi, por sua vez, analisa, em sua tese, a Paixão, Morte e Ressurreição¹ de Jesus narrada nos textos dos quatro evangelistas, a partir da perspectiva semiótica. Tendo revisto tais trabalhos, salientamos que não se pretende, com este, sugerir a proposição de uma nova vertente de estudos, mas apenas explicitar a continuidade das pesquisas no interior da área da semiótica e estudos religiosos.

Cabe ressaltar que, entre o reduzido acervo de trabalhos sobre a homilia e sua investigação, é pertinente também referenciar estudos desenvolvidos em outras áreas, tais como os da Ciência da Religião e da Teologia. Entre os exemplares de pesquisas do primeiro campo de estudo, pode-se circunscrever a dissertação de Yleris de Cássia de Arruda Mourão (2006), a qual aborda a relação entre homilia, comunicação e religião, ao investigar a construção e a reconstrução de *éthos* e visão de mundo no discurso homilético. Tendo como ponto de partida reflexões sobre a demarcação das fronteiras entre a Ciência da religião, a Teologia e as Ciências das Linguagens religiosas, Maria Cecília Mendia (2014) também pode ser mencionada, pois, em sua dissertação, aponta a relevância da mensagem do teólogo Orígenes de Alexandria, no século I, por meio do estudo de sua V homilia, A saída dos filhos de Israel. Ainda dentro dessa área de pesquisa,

¹ Nesta pesquisa, estas palavras serão grafadas com iniciais maiúsculas, pois são hierônimos que designam termos sagrados presentes na esfera religiosa cristã.

há o trabalho de Neide da Silva Paiva (2002), pesquisadora que analisou a compreensão e a interpretação que os fiéis católicos depreendem do discurso do sacerdote durante as homilias dominicais, ao pesquisar a relação existente entre os valores existentes nos discursos daqueles que proferem a homilia e de seus ouvintes.

No que concerne aos trabalhos desenvolvidos na área da Teologia, pode-se referenciar a dissertação de Marcelo Fróes de Matos (2011), que busca expor subsídios acerca da relação entre o Mistério Pascal e a homilia, bem como sua contribuição à comunidade por meio da liturgia da Palavra. Nessa área também se encontra a tese de Sidney de Moraes (2005), pesquisador que examina como o discurso de salvação de Jesus, assim como sua existência, morte e exaltação, narradas na epístola aos Hebreus, são comentados em homilias.

Ao considerarmos os diversos estudos sobre o discurso religioso que foram e estão sendo desenvolvidos, é possível surgirem questionamentos acerca do porquê de ainda se estudar o enunciado religioso. Pensando no propósito deste trabalho, propomos que a resposta a essa questão se encontra no fato de que é ainda necessário explorar os impactos que os relatos de acontecimentos sagrados têm sobre os afetos do enunciador e do enunciatário, uma vez que, para que haja a constituição do mundo sagrado, é “preciso desestabilizar o contínuo do mundo profano em que o sujeito está inserido para, então, promover a reorganização do mundo a partir da visada divina” (CARDOSO, 2017, p. 11).

Convém salientar que o *corpus* de pesquisa referente a este trabalho é composto por 24 enunciados homiléticos proferidos por cinco freis sacerdotes ao longo do Tempo Pascal, designação dada ao período litúrgico que compreende os cinquenta dias que vão do Domingo da Ressurreição² até o Domingo do Pentecostes³. A escolha desse período justifica-se por essa época do ano litúrgico representar o itinerário da vida de Jesus nos aspectos de sua Ressurreição, reunindo solenidades das mais importantes do calendário da Igreja Católica.

No que diz respeito ao número de participantes envolvidos no estudo, de início, a proposição era acompanhar, a cada final de semana, a homília de três freis franciscanos, sempre na pessoa dos mesmos indivíduos, a fim de que tal procedimento conferisse uma organicidade ainda maior aos resultados advindos da pesquisa. Contudo, ao se obter o acesso à programação dos sacerdotes para o período litúrgico pascal, verificou-se que não estariam os mesmos três presentes em celebrações de todos os seus domingos; assim, em

² Solenidade católica que celebra a Ressurreição do Senhor, o triunfo da vida sobre a morte e o pecado.

³ Quinquagésimo dia após a Páscoa, o Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos.

razão da escala de serviços deles, para dar conta da totalidade de homilias inicialmente pensada, tornou-se necessário considerarmos o número de cinco freis, a fim de que se pudesse obter a totalidade de homilias estabelecida.

A coleta dos dados do *corpus* ocorreu em nove comunidades católicas (Divino Espírito Santo, Nossa Senhora de Fátima, Santíssima Trindade, São Cristóvão, Santa Clara, Santa Cecília, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças e São Francisco de Assis) localizadas no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Tais comunidades fazem parte da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, sob a responsabilidade da Província Centro-Oeste da Ordem dos Freis Menores Capuchinhos do Brasil Central, com sede em Goiânia. Em consequência disso, os serviços pastorais das comunidades citadas seguem os preceitos da Espiritualidade Franciscana.

Como instrumento de pesquisa utilizado no trabalho de campo, optou-se por usar gravador de áudio para fazer o registro das homilias e, posteriormente, realizar sua transcrição. A opção de eleger trabalhar com gravações fundamenta-se, pois, ao se tratar de uma pesquisa acerca de aspectos linguísticos e discursivos presentes no cenário enunciativo em que estão inseridas as homilias, tal procedimento permitiria documentar, de modo detalhado, a dinâmica das interações discursivas no instante em que o enunciado se desenvolve espontaneamente, considerando-se, em especial, a configuração oral das homilias.

Por se tratar de um trabalho envolvendo seres humanos, fez-se necessário considerar os seus benefícios e os seus riscos aos participantes. Em função disso, durante todo o trabalho, de sua concepção à sua realização, foram observados os aspectos relacionados à ética, com vistas a garantir que o estudo pudesse ser realizado conforme determinam os preceitos éticos da legislação mundial e brasileira para pesquisas que envolvem seres humanos.

Tendo como base os protocolos apreciados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) referentes à privacidade e à confidencialidade dos participantes, a fim de manter um cuidado com os dados obtidos e garantir total sigilo em torno da identidade daquele que os produziu, nesta pesquisa, os participantes serão denominados tão-somente como Enunciador 1 (E1), Enunciador 2 (E2) e Enunciador 3 (E3).

No que diz respeito à transcrição da totalidade discursiva do *corpus*, ela foi realizada a partir das normas previstas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) e das orientações de Dino Preti (2010). Transcrever, na perspectiva enunciativa, é enunciar e, acima de tudo, um ato submetido à condição de efemeridade da

enunciação. Para Valdir Flores *et al* (2013, p.42), cada transcrição é sempre singular e, ao considerar a enunciação como um ato que não pode ser visto desvinculado do sujeito que a produz, é possível inferir que a transcrição é, também nesse caso, “um ato de enunciação que carrega as marcas daquele que enuncia”. Quanto à análise do *corpus*, optou-se por partir da observação da maneira pela qual o sujeito se marca naquilo que diz em direção à teoria, a fim de tentar explorar os aspectos e as particularidades que envolvem a enunciação do enunciado da homilia.

Para que seja possível uma adequação aos objetivos da análise proposta, a fundamentação teórica a ser utilizada recorre, de modo geral, aos fundamentos da linguística da enunciação de Benveniste, que convida a embarcar na travessia das paisagens do homem antropológico às do sujeito linguístico, interligadas no ato de enunciar. Aliado aos pensamentos benvenistianos, para discutir os índices de pessoa, de tempo e de espaço e seus efeitos de sentido, busca-se respaldo nos aprofundamentos advindos da semiótica discursiva a partir de Greimas e Courtés (1979) e dos indicativos analíticos que José Luiz Fiorin (2016) propõe para um estudo das categorias da enunciação.

Em função dos propósitos apresentados, este trabalho encontra-se sua razão de ser no fato de que, em meio às várias investigações realizadas acerca do objeto de estudo, notou-se a carência de pesquisas que abordassem o discurso homilético, por meio do olhar analítico e linguístico a respeito da apreensão de um possível *éthos* e estilo do homiliasta franciscano e, de modo especial, sob a perspectiva dos estudos dos índices de pessoa, de tempo e de espaço, a partir dos aprofundamentos advindos da semiótica discursiva, destacando questões correlacionadas à sistematização, ao funcionamento e aos efeitos de sentido que as três categorias engendram em enunciados homiléticos, os quais são perpassados por investimentos temáticos e figurativos.

Dada a importância das relações entre enunciação e sentido para o presente trabalho, levantam-se duas hipóteses: ao considerar a língua como um organismo vivo, passível de mudanças, busca-se, primeiramente, reafirmar a hipótese de que as projeções das categorias da enunciação funcionam como um recurso para criar diferentes efeitos de sentidos, que podem conferir ao ato de enunciar a perspectiva de um estreitamento da relação estabelecida entre enunciador e enunciatário. A segunda hipótese, por sua vez, leva a pensar que o estilo apreendido dos enunciados homiléticos proferidos por sacerdotes franciscanos corresponderia a um *éthos* dotado de convicções, de exortações ético-religiosas, construído a partir de um caráter baseado na fraternidade, no gesto de

partilha e de irmandade, o que teria implicação para as relações entre os temas e as figuras desses discursos.

Diante de tais considerações, além desta introdução, que apresenta as motivações da pesquisa, os seus objetivos, o objeto de estudo, o *corpus*, o quadro teórico, a justificativa e as hipóteses, o trabalho estrutura-se em três capítulos seguidos pelas Considerações finais, pelas Referências, pelos Apêndices e Anexos.

O Capítulo I diz respeito à contextualização do comentário da homilia, ressaltando a sua dimensão, sua tonicidade dentro da celebração litúrgica e sua importância no *aqui* e *agora* da comunidade cristã. Nele, discorre-se ainda sobre a reiteração dos temas e a recorrência das figuras que revestem o conjunto de isotopias presentes no enunciado homilético e apresentam-se também as particularidades da comunidade franciscana e algumas considerações sobre *éthos* e estilo, abordando os estudos de José Luiz Fiorin (2015), Dominique Maingueneau (1995; 2008) e Norma Discini (2004; 2008; 2015).

O Capítulo II expõe, inicialmente, o cenário teórico dos estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa, traçando o percurso dos fundamentos epistemológicos da linguística da enunciação até o desenvolvimento da teoria enunciativa de Benveniste. A partir dessa exposição, colocam-se em evidência as relações entre a semiótica discursiva e os estudos da enunciação, ressaltando, sobretudo, questões concernentes à sistematização das categorias enunciativas e seus efeitos de sentido no enunciado homilético, tendo como base os trabalhos desenvolvidos por Greimas e Courtés (1979) e Fiorin (2016).

O Capítulo III contém a análise do *corpus* da pesquisa, a fim de apresentar as reflexões quanto à observação e ao funcionamento dos índices de pessoa, de tempo e de espaço no enunciado da homilia franciscana. Aliado a esse propósito, busca-se ainda examinar os temas e figuras presentes nesse discurso religioso e depreender um possível *éthos* e estilo do homiliasta franciscano.

Por fim, nas Considerações Finais, discutem-se os resultados da análise desenvolvida nesta pesquisa, com o intuito de tentar traçar alguns apontamentos pertinentes aos propósitos do estudo, os quais são, de forma mais minuciosa, explorados ao longo do desenvolvimento da proposta aqui apresentada. Às Considerações, seguem as Referências, com a relação de obras consultadas ao longo do trabalho, os Apêndices e os Anexos, com a íntegra da transcrição das homilias analisadas.

CAPÍTULO I – Homilia e comunidade franciscana

Neste capítulo, apresentam-se, em linhas gerais, algumas considerações sobre as homilias, na tentativa de evidenciar as particularidades desse gênero de discurso para que seja possível, ao longo do trabalho, pensá-lo sob a perspectiva de um olhar analítico e semiótico, em especial, a partir de uma proposta que visa a observar os desdobramentos das categorias da enunciação no enunciado homilético proferidos por freis franciscanos pertencentes à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, situada no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Propomos ainda refletir sobre os possíveis investimentos temáticos e figurativos que recobrem os discursos desses enunciadore e também apontar alguns aspectos da vida fraternal dos envolvidos na missão evangelizadora preconizada por São Francisco de Assis, a fim de traçar algumas considerações a respeito da construção de um possível *éthos* dos franciscanos que enunciam a homilia e, conseqüentemente, a apreensão do estilo desses freis homiliastas a partir da perspectiva semiótica.

1.1 Homilia: compreensão e caráter

Sermão, pregação, locução, colóquio são termos frequentes quando se tenta definir o que seria a *homilia*. Em meio a esse emaranhado campo de terminologias, dentro do contexto litúrgico, e a partir da *Evangelii Gaudium*⁴, a homilia passa a ser entendida como uma espécie de conversa familiar, um discurso comum, uma troca de ideias em estilo familiar. Matos (2011, p. 66) acrescenta que, diante desse contexto, “o clima que deve reinar entre aquele que faz a homilia e assembleia é de familiaridade, proximidade e não de distanciamento provocado por uma linguagem magisterial e erudita.”

O Padre Antônio Vieira⁵, em um de seus sermões, atribui também à homilia um caráter fraternal e intimista ao pontuar que “a pregação (homilia) constrói-se em forma de uma conversa familiar na qual se vê um homem, também dotado de carisma de saber, falar de Deus de modo simples, personificando a fraternidade, o bom senso, a bondade e a justiça” (VIEIRA, 2006, p. 13).

⁴ *Evangelii Gaudium* (em latim), ou *Alegria do Evangelho* (em português), é a primeira Exortação Apostólica escrita pelo Papa Francisco. Foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro de 2013.

⁵ Jesuíta, conselheiro de reis, perseguido pelo Santo Ofício, Padre Antônio Vieira foi uma das mais influentes personagens do século XVII em termos de política e oratória, destacando-se, principalmente, por seus célebres e polêmicos sermões que abordam as injustiças de seu tempo.

A *Sacrosanctum Concilium*⁶ estabelece a homilia como parte integrante da liturgia, situada, portanto, no contexto da celebração litúrgica. Ao mesmo tempo em que revela os mistérios da fé, o discurso da homilia expõe os princípios que norteiam a vida cristã, tentando inseri-los no contexto atual dos fiéis leigos. Em sentido estrito, é uma explicação reservada ao ministro ordenado; contudo, nas frequentes celebrações dominicais no Brasil, cristãos leigos ou leigas podem assumir o ministério da Palavra, pautando-se na natureza da homilia.

É pertinente salientar que, segundo Desiderio Blanco (2008, p.43), a própria missa já é em si uma prática significante, “um rito de recordação e de atualização de Jesus na cruz”. Dessa forma, é possível compreender a celebração da missa como um relato dramatizado, composto não só de palavras, mas de movimentos e gestos contínuos, em uma determinada conduta ritual, na qual os sujeitos participantes ocupam um determinado espaço tensivo.

A partir da perspectiva da semiótica tensiva, a qual lida com a questão do sensível, do vivenciado, do experienciado e, sobretudo, do campo de presença estabelecido sincronicamente à chegada de um fato semiótico, pode-se pensar também no espaço tensivo do enunciado homilético dentro da missa. Esse espaço pode ser entendido como “uma representação espacial cômoda dos estados e acontecimentos que surgem no campo de presença” (ZILBERBERG 2011, p. 253). Nas celebrações católicas, o rito da missa é composto por quatro momentos que organizam a sua progressão temporal, buscando reavivar uma espécie de “memória figurativa” (BLANCO, 2008) da Última Ceia de Jesus Cristo:

1. *Ritos iniciais*

- a) Acolhida
- b) Saudação
- c) Ato Penitencial
- d) Hino de Louvor
- e) Oração

⁶ A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia foi o primeiro documento aprovado no Concílio Ecumênico do Vaticano II, em 1963. Essa constituição estabelece os princípios gerais e as normas práticas para a renovação e o incremento da liturgia, buscando aproximar a liturgia e seus ritos da participação ativa da comunidade.

2. *Liturgia da Palavra*

- a) Primeira Leitura (Antigo Testamento)
- b) Salmo Responsorial
- c) Segunda Leitura (Novo Testamento)
- d) Aclamação ao Evangelho
- e) Homilia
- f) Profissão de fé
- g) Oração dos fiéis

3. *Liturgia Eucarística*

- a) Oferta e bênção do pão e do vinho
- b) Oração eucarística
- c) Consagração do pão e do vinho
- d) Rito da comunhão

4. *Ritos finais*

- a) Comunicados paroquiais
- b) Bênção e despedida

Por meio da prática ritual da missa, verifica-se uma tradição de continuidade espacial e temporal da celebração eucarística celebrada por Jesus na véspera de sua Paixão e Morte. Sobre isso, Silva (2013, p. 178) explica que “o rito da missa enquanto uma prática significativa, pertence, segundo os princípios da semiótica tensiva, ao domínio da extensividade”. Após a saudação inicial, que é marcada pela fórmula ritual “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”, acontece a abertura de um programa modal que visa à participação dos fiéis no rito eucarístico e à preparação para o momento da Comunhão.

Por ser um programa coletivo, Blanco (2008) esclarece que os Ritos iniciais são de baixa intensidade e buscam promover a conversão dos pecadores por meio do ato penitencial, para que estes entrem em um programa conjuntivo com o objeto-valor “graça divina”. Nesse momento, segundo Silva (2013, p. 181), tem-se um sujeito pecador disposto a continuar a prática ritual e um destinador-manipulador que “tenta assegurar a diretividade da direção estabelecida pelo âmbito contratual da fé e, para isso, faz uso de

modulações de velocidade”. Há, desse modo, uma experiência pautada pelo andamento desacelerado:

A desaceleração faz a duração durar de modo a dar tempo ao tempo. Por mais desconfortável que esteja a situação do sujeito, se este puder graduar seu tempo de acordo com certa programação, estabelecendo uma ordem de espera, é provável que obtenha as condições mínimas de segurança para conduzir seus passos seguintes. (TATIT, 2001, p. 117).

A partir dessa observação de Tatit, pode-se compreender mais adequadamente a explicação de Silva (2013, p. 181) a respeito dos ritos da missa, segundo a qual, “esse momento desacelerado diante do mundo institui a presença de práticas para que o sujeito, ao se sentir o ‘senhor de seu próprio tempo’, tenha as suas expectativas cumpridas”. Uma vez que tenha conquistado o “poder”, a disposição para integrar-se ao rito eucarístico, o sujeito busca pelo objeto modal “saber”, o qual será obtido mediante a Liturgia da Palavra. Blanco (2008, p. 51-52) salienta que “este programa modal trata de atualizar a competência cognoscitiva dos participantes do rito. É um programa em que predomina a extensidade sobre a intensidade, o inteligível sobre sensível”.

Ao refletir sobre a dimensão da homilia no momento da Liturgia da Palavra⁷, que antecede o ato central da Santa Missa, a Liturgia Eucarística, poderíamos considerar que a ocorrência do enunciado homilético remete a um acento maior de extensidade, ou seja, nele, predominam os estados de coisas, uma vez que os estados de alma serão reconhecidos no Rito da comunhão, ponto mais alto de intensidade no desenvolvimento da prática ritual da missa. Vejamos o diagrama a seguir:

⁷ Momento do rito da missa que contempla as leituras da Sagrada Escritura e organiza-se da seguinte maneira: Primeira Leitura (Antigo Testamento), Salmo Responsorial, Segunda Leitura (Novo Testamento) e Evangelho.

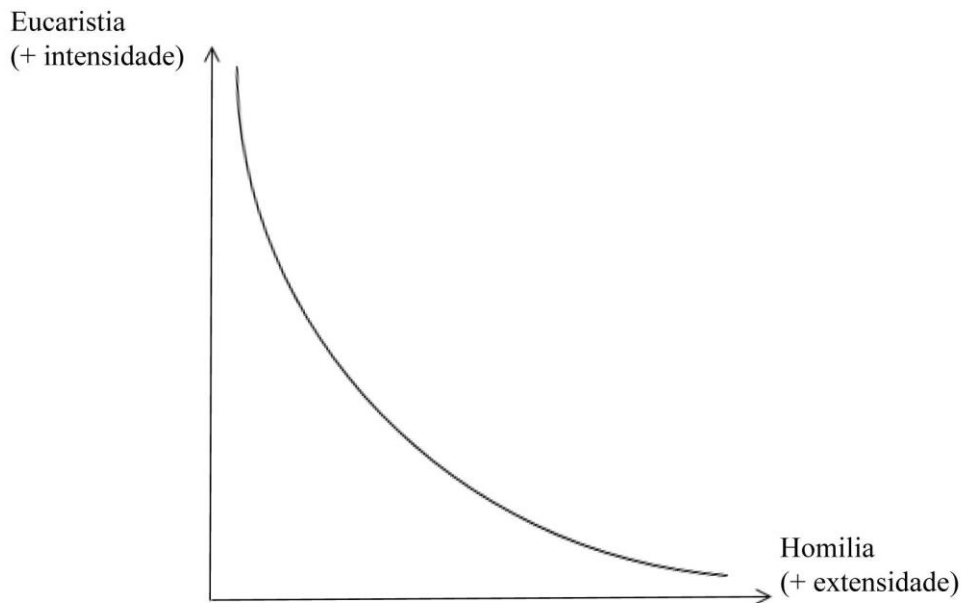


Figura 1 – Tensividade entre a Eucaristia e a homilia

A homilia e os ritos que antecedem à Eucaristia, desse modo, caracterizam-se como momentos de meditação, de reflexão, de preparação para o acontecimento de maior intensidade e ascendência dentro da celebração litúrgica. Blanco (2008, p. 51), ao tratar do desdobramento do momento eucarístico, salienta que há, nele, a presença de uma desaceleração, de um tempo lento que objetiva amenizar a perturbação sofrida pelos fiéis diante da emergência do acontecimento. Isso se define por meio de uma série de posturas peculiares ao rito eucarístico: “os movimentos rituais são lentos, os gestos do sacerdote são pausados, as palavras são pronunciadas com clareza e sossego” (BLANCO, 2008, p. 53). Dessa forma, “o tempo se converte em vivência sensível, graças a essa desaceleração dos movimentos” (BLANCO, 2008, p. 53).

O discurso homilético não deve ser regido, segundo a formação discursiva católica franciscana em análise, por exortações morais, orientações políticas, pedidos de dinheiro, “obrigações, proibições e receitas genéricas ditadas pelo senso comum” (PERI, 2014, p. 14). Ao contrário, deve ser vivenciado como um momento de iluminação do conhecimento da fé e um estímulo para acolher a Palavra de Deus e atualizá-la. Além disso, segundo Matos, a homilia pode ser entendida como

a ação do Espírito Santo, que abre a comunidade para compreender e aceitar a Palavra proclamada, perceber o sentido dos acontecimentos à

luz da Páscoa, renovar sua fé e os motivos de sua esperança e se comprometer com a fraternidade. (MATOS, 2011, p. 66).

Vale ressaltar que a homilia pode ser considerada ainda como um diálogo que possui como base teológica o querigma⁸. Nesse anúncio da Boa Nova de Jesus, “não se trata só de falar a verdade da fé, antes se trata de apresentar um estilo de vida, uma postura, um modo de ser no mundo, em que se demonstra a fé, na qual se crê, se celebra e se estabelecem relações com o próximo”, segundo as palavras de Matos (2011, p. 51). Enquanto anúncio, o querigma é a proclamação de um evento histórico salvífico e, ao mesmo tempo, uma mensagem de vida.

A partir do âmbito da ciência retórica, cujo instrumental objetiva examinar enunciados persuasivos, o homiliasta poderá recorrer aos três tipos de discurso da retórica aristotélica e eleger entre eles o mais adequado para o contexto. O primeiro deles é o discurso judiciário, utilizado nos debates em tribunais, referindo-se ao passado; o segundo é o discurso deliberativo, empregado em situações de discursão acerca de decisões a serem tomadas, seja no campo político ou ético, aludindo ao futuro; e o terceiro é discurso demonstrativo, referindo-se ao presente, feito para elogiar ou censurar um comportamento individual ou coletivo.

Com base nessa tríade, Jacques Trudel (2015, p. 218) acrescenta um quarto tipo de discurso: o “didático ou instrutivo, que serve principalmente para a transmissão de informações e de conhecimentos considerados como um valor em si, e, portanto, não está ligado a particulares dimensões temporais”. O autor salienta que, na homilia, usualmente, pode-se encontrar o discurso instrutivo, o demonstrativo e o deliberativo, e complementa que o “menos adequado é o judiciário, a menos que seja utilizado como cenário” (TRUDEL, 2015, p. 218), ou seja, em narrativas bíblicas que possuem o contexto judicial exposto.

No contexto das celebrações católicas, faz parte da retórica do homiliasta a presença do sagrado que se manifesta na noção de poder implicado em suas palavras, bem como no poder que reside na sua função de porta-voz autorizado para comentar a homilia. Segundo Silva (2011), há uma retórica peculiar a todos os discursos institucionais:

a autoridade concedida à tomada da palavra pelo porta-voz autorizado coincide com os limites delegados pela instituição. As características da linguagem dos quadros dos porta-vozes delegados de quaisquer

⁸ Cerne da mensagem cristã. Ação de divulgar a mensagem religiosa tentando fazer com que os fiéis sintam a essência das leituras sagradas.

instituições (ex. sacerdotes) derivam da posição que ocupam esses depositários da autoridade delegada. (SILVA, 2011, p. 91).

Ao proferir a homilia, o homiliasta, porta-voz da Palavra, procura anunciar os ensinamentos das Sagradas Escrituras aos cristãos, tentando dar conta de relacioná-los ao contexto em que estão inseridos os seus ouvintes, bem como atualizar a mensagem bíblica, para que esta seja entendida e acolhida pela comunidade como palavra-dita no *aqui* e no *agora*.

Para Sandra Eleutério Campos Martins (2017), a homilia não é um discurso sobre Deus, mas constitui uma mensagem que Ele envia a seu povo. Desse modo, ela pode ser compreendida como um prolongamento da palavra da Escritura atualizada, como uma ponte entre ontem e hoje, entre a experiência vivida pelo povo de Israel ou pelas primeiras comunidades cristãs e as vivências do povo cristão na atualidade. Ao olhar para os enunciados homiléticos, em especial, os que compõem o *corpus* deste trabalho, é recorrente percebermos esse efeito de atualização da Palavra e a ênfase na fé cristã. Um exemplo disso encontra-se na homilia do 2º Domingo do Tempo Pascal, dedicado à profissão de fé de São Tomé e à Divina Misericórdia. Nessa celebração, busca-se reviver e dar novos sentidos à fé dos fiéis que, ao contrário de São Tomé, não devem duvidar da presença do Ressuscitado⁹ na comunidade cristã vista como espaço privilegiado de encontro com Jesus. O grande desafio deixado para os fiéis jubilosos e atualizado na homilia encontra-se na ação de crer em Cristo, deixando de lado, inclusive, o medo de evangelizar.

A palavra homilética está intrinsecamente vinculada à ação do enunciar. O homiliasta¹⁰, a partir de seu repertório de formas linguísticas, instaura-se como sujeito, *eu*, e postula a assembleia, os fiéis, como o seu *tu*, para transmitir convicções, motivações, orientar e persuadir acerca dos preceitos bíblicos.

O discurso homilético deve pautar-se por uma estrutura bem articulada, que prevê um exórdio, um corpo central e uma conclusão. Por exórdio, entende-se a parte inicial da homilia, que tem como objetivo estabelecer um bom contato entre quem fala e aqueles que escutam; pode-se começar com uma palavra ou frase bíblica, um fato ou um problema da atualidade, dependendo da assembleia ou da circunstância. O corpo central

⁹ Emprega-se inicial maiúscula neste termo, pois se trata de um hierônimo, ou seja, um nome próprio referente a Jesus Cristo.

¹⁰ Mantém-se o termo *homiliasta* por ser o mais empregado em dicionários e livros de liturgia em referência àquele que desenvolve a homilia.

corresponde aos recursos de que o homiliasta se valerá para construir a sua homilia a partir das leituras bíblicas daquela liturgia. E, por fim, há a conclusão, que segundo Biscontin (2015, p. 266), “serve para reforçar o ponto fundamental da homilia e para assegurar-lhe a permanência na memória. É preciso, dessa forma, que o pregador encontre modalidades e conteúdos que obtenham tal resultado”.

O homiliasta, centrado na mensagem de seu discurso, deve evitar o moralismo, pois não é viável, nesse contexto, considerar a moral como valor universal imprescindível para a compreensão da realidade. Seus objetivos são instruir, aconselhar, encorajar e ajudar os fiéis a buscar uma resposta pessoal ao projeto de Deus em suas vidas.

Segundo Matos (2011), a homilia deve ser, em geral, simples, clara, objetiva e pertinente, organizando-se como um discurso breve. Diante disso, a fim de atingir os ouvintes, o homiliasta deve preparar a homilia a partir de três elementos temáticos ou teológicos; o primeiro deles é o elemento exegético, a interpretação da mensagem bíblica. O homiliasta deve, em primeiro lugar, entender bem o texto, a intenção principal daquela passagem e, acima de tudo, pensar a quem e em que contexto a homilia será dirigida.

De acordo com Frei Alberto Beckhäuser (2003), o segundo elemento é o vital. Este consiste na aplicação da mensagem à vida da comunidade e de cada um dos que a integram. Constitui-se como um momento hermenêutico que faz nascer o sentido do texto nos fiéis, conforme a explicação de Matos (2011). Ao homiliasta cabe a missão de “refletir para que o estilo seja: profético, iluminador, interrogante, de busca, não moralizante, não fundamentalista, não casuísta, não politizante”, segundo Rene Latourelle (1981, p. 252).

O terceiro elemento é o litúrgico, o qual consiste em aplicar a mensagem bíblica à celebração litúrgica e à assembleia que celebra. Diante disso, é preciso considerar que, de acordo com o tempo, festa ou ano litúrgico, os textos bíblicos variam e apresentam aplicações litúrgicas e vitais com um colorido e matizes específicos, segundo Latourelle (1981). Ao pensar na totalidade do *corpus* desta pesquisa, homílias proferidas no Tempo Pascal, pode-se inferir que, de modo geral, o cerne litúrgico volta-se para celebração da vida, do amor de Cristo aos seus irmãos, assim como para o memorial da fé cristã e o papel da comunidade a serviço do próximo.

No contexto de estudos acerca da homilia, segundo Beckhäuser (2003, p. 42), cabe também apontar as características que são “próprias da Sagrada Liturgia na sua compreensão teológica de mistério do Culto de Cristo e da Igreja”: caráter memorial, dimensão pascal, caráter narrativo, caráter orante e dimensão trinitária.

Para Beckhäuser (2003, p. 44), o que evidencia o caráter memorial da homilia “é a proclamação da Palavra de Deus que em si já tem um caráter memorial, celebrativo, sacramental. A Palavra de Deus não é apenas lida ou proclamada, mas celebrada. A proclamação da Palavra de Deus tem valor salvífico em si mesma”. O mesmo autor acrescenta que a homilia procura ajudar a assembleia celebrante a desvendar, a trazer à memória, a expressar e a viver, de maneira significativa, a liturgia eucarística que é carregada de símbolos: pão, água e vinho. Estes configuram o significado das oferendas, por tudo que o ser humano é e faz na perspectiva do Mistério pascal do Corpo e Sangue de Cristo.

A dimensão pascal relaciona-se à ação litúrgica, na qual se encontram espaços para todas as realidades da vida cotidiana do cristão. Matos (2011, p. 77) salienta que, a partir do rito da liturgia, “o ser humano poderá refletir nas suas diversas dimensões no momento celebrativo de sua vida”. Já o caráter narrativo da homilia narra a “Economia Divina da Salvação manifestada na História da Salvação, sobretudo, em Jesus Cristo” (BECKHÄUSER, 2003, p. 57). A homilia, nessa perspectiva, procura atualizar os Mistérios do amor de Deus na comunidade por meio de uma experiência mistagógica¹¹.

Em relação ao caráter orante do comentário homilético, Beckhäuser esclarece que a homilia, na prática do rito da missa, assume a função de auxiliar a assembleia litúrgica a realizar uma escuta orante da Palavra de Deus, uma vez que a homilia é, antes de tudo, contemplação do Mistério da fé e de sua explicação, podendo ser comparada a um exercício que ajuda os fiéis a interiorizarem as atitudes e os comportamentos que foram do próprio Jesus, conforme complementa Matos (2011). Quanto à dimensão trinitária presente no anúncio homilético, Beckhäuser explica que a homilia pode ser entendida como uma espécie de convite à comunidade para vivenciar o Mistério do amor familiar de Deus e a sua unicidade, a partir do exemplo da revelação da união e da vida divina das Pessoas da Trindade Santa: Pai, Filho e Espírito Santo.

De acordo com os propósitos deste trabalho, cabe destacar também que, por meio da perspectiva do semioticista e teólogo Panier (1986), a homilia integra um grupo de discursos, os quais são compreendidos como uma espécie de comentário, um discurso segundo, produzido a partir de um primeiro discurso que tem como objeto a narrativa bíblica. Para Panier, esses discursos de interpretação buscam, de um lado, transmitir um

¹¹ Segundo José Aldazábal (2013), o vocábulo “mistagogia” e seus derivados referem-se à ação de ser introduzido nos mistérios de uma religião, por meio da celebração dos Sacramentos da iniciação cristã – batismo, confirmação e eucaristia –, os quais são, segundo a tradição católica, os alicerces da vida cristã.

saber que aspira à verdade e, assim, exigem um fazer persuasivo ou comunicativo e, de outro lado, procuram interpretar o texto de base requerendo, desse modo, um fazer interpretativo.

Com base nisso, Panier (1986, p. 268) salienta que o saber comunicado no comentário “organiza os papéis actanciais que assumem o comentador (narrador) e o receptor (narratário), tais como são representados no texto do comentário”. Como o discurso simula a sua própria enunciação, é possível, segundo o autor, construir uma tipologia dos discursos de comentário, com base na estrutura narrativa de uma enunciação. A interpretação da narrativa do comentário, por sua vez, é resultado de um desempenho que o comentário encena. Segundo Panier (1986, p. 273), “descrever a interpretação da narrativa será descrever os níveis de pertinência e os planos de estruturação do discurso de comentário”, pois o ato de interpretar a narrativa nada mais é que o efeito de sentido produzido pelo texto de base.

Panier (1986, p. 268) salienta que o comentário transmite “um saber que se pretende a verdade”, bem como “interpreta a narrativa que toma por objeto”. Diante disso, ele procura estabelecer uma tipologia dos discursos de comentário, definido como “objeto comunicável que se chama habitualmente a interpretação do texto”. Assim sendo, segundo o tipo de comentário enunciado, teríamos distintas categorias de objetos narrativos: a) objeto modal (comentário prescritivo e comentário parenético); b) objeto valor (comentário informativo); c) objeto mensagem (comentário laudativo).

No caso da homilia, dado o contexto em que é pronunciada, contemplam-se os quatro tipos de comentários previstos por Panier. Como comentário prescritivo, recobre a comunicação de um saber, de um querer-fazer ou de um dever-fazer ao seu ouvinte; como comentário parenético, transmite um saber sobre o fazer de Jesus e sobre os desempenhos da narrativa comentada, levando o ouvinte a adquirir um conhecimento necessário à interpretação da mensagem bíblica; como comentário informativo, ressalta o valor e o conhecimento do texto evangélico; e como comentário laudativo, reconhece a mensagem e o desempenho glorificante do fazer de Jesus contra as forças do mal.

O semioticista ainda assevera que, ao tomar os textos bíblicos como narrativas de referência, o discurso do comentário homilético busca atualizar a narrativa evangélica a partir do desempenho persuasivo e interpretativo de quem a profere e, acima de tudo, realiza uma dupla operação: “modaliza segundo o parecer os elementos da narrativa de referência e manifesta o ser correspondente a esse parecer; constrói segredos para desvendá-los, e mentiras, para desmascará-las” (PANIER, 1986, p. 276).

Com base nessas considerações, verifica-se que o discurso da homilia pode ser entendido como um diálogo em que os papéis dos destinadores e destinatários são fundamentais para que o propósito da celebração litúrgica seja atingido. É válido evidenciar, no entanto, que na homilia entra em jogo, além da linguagem verbal, a não verbal, ou seja, os aspectos exteriores, os gestos, a postura, as expressões faciais, a direção do olhar, a movimentação espacial, a distância ou a proximidade corporal.

A eficácia de uma homilia pode ser atestada pelo olhar, pela postura ou por sinais evidentes de interesse ou desatenção ou de viva participação por parte dos ouvintes. Trudel (2015, p. 131) complementa dizendo que “se a homilia quer ser uma comunicação, estes sinais não verbais devem ser levados em consideração pelo homiliasta e devem encontrar neles uma reação adequada”. Nesta pesquisa, contudo, dados os objetivos que a motivam, a atenção volta-se para o caráter oral das homilias.

Ao pensar, de maneira geral, no *corpus* que se presta à análise deste trabalho, ressalta-se que as homilias elegidas para o desenvolvimento da pesquisa buscam anunciar a essência do Mistério da Páscoa, por meio das leituras do Ano C¹², as quais contemplam os escritos de São Lucas. Com esse evangelista, nos é apresentado o Evangelho das virtudes cristãs da pobreza, da oração, da hospitalidade e do serviço aos irmãos, segundo a explicação de Beckhäuser (2018).

Para a teologia cristã, o Tempo Pascal caracteriza-se no ano litúrgico¹³ como o período em que se celebra a salvação dos homens e a inauguração do novo tempo da redenção. De acordo com a ênfase reafirmada por Matos (2011, p. 17), “é pelo Mistério Pascal que todos os homens são salvos e participam da vida divina”.

Ao celebrar a vitória de Jesus Cristo sobre a morte, a Páscoa convida os cristãos a seguirem os passos do Mestre e vivenciarem a experiência da concretude da vida cristã; é tempo de procurar o Senhor sem se cansar, assim como fez Maria Madalena¹⁴, quando o encontrou fora do túmulo ressuscitado. É o momento da Palavra e da Eucaristia, Jesus, ao partilhar com os discípulos de Emaús¹⁵ o pão da Palavra e o pão da Eucaristia, ensina-

¹² A Igreja Católica estabelece uma sequência de leituras bíblicas que se repetem a cada três anos, nos domingos e nas solenidades. As leituras desses dias são divididas em ano A, B e C. No ano A, leem-se as leituras do Evangelho de São Mateus; no ano B, as de São Marcos; e no ano C, as de São Lucas. Já o Evangelho de São João é reservado para as ocasiões especiais, principalmente as grandes celebrações.

¹³ O ano litúrgico pode ser designado como o “calendário religioso”: por meio dele, os fiéis revivem anualmente todo o Mistério de Cristo. O ano litúrgico apresenta-se organizado em três ciclos marcados pelos momentos da vida do Senhor: o primeiro deles é o Ciclo do Natal; o segundo, o Ciclo da Páscoa; e o terceiro e mais longo período é o Ciclo do Tempo Comum.

¹⁴ Cf. Mt 28, 1-15, NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1223.

¹⁵ Cf. Lc 24, 13-35, NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1289.

nos que os sacramentos são os lugares mais favoráveis para sentir a sua real presença. E a exemplo de Tomé¹⁶, um dos doze discípulos de Jesus, retrato da dúvida e da incredulidade no Cristo ressuscitado, a Páscoa é a experiência de viver em comunidade, de ter fé e acreditar que Jesus está vivo no mundo.

Em sua significação teológico-litúrgica e bíblica, a Páscoa é a plenitude da obra redentora de Cristo em favor da humanidade realizada na sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão aos céus para dar cumprimento ao desígnio salvífico e amoroso do Pai: libertar a humanidade de um sistema de dominação e opressão.

As homilias proferidas no Tempo da Páscoa buscam, de modo especial, dar sentido ao viver cotidiano, à experiência da fé e à doação de cada pessoa que se dispõe a trabalhar pela construção e pelo desenvolvimento da comunidade e de uma nova sociedade. Ao atualizar o acontecimento passado, o discurso da homilia no período pascal evidencia o memorial das palavras de Jesus, tornando-as presentes no seio da comunidade.

Acolher o querigma, nessa circunstância, significa abrir-se aos mistérios de Cristo, ao anúncio de uma proposta de libertação real e atual. Para Beckhäuser (2018), no jeito franciscano de celebrar, a Páscoa é a espiritualidade do Novo Mandamento, a espiritualidade dos atos de amor. Durante os cinquenta dias do período pascal, a Igreja se encontra com o Cristo ressuscitado em suas aparições; Ele se faz presente e suscita a vida, os cristãos vivem em comunhão no serviço da caridade e Jesus se apresenta como o “Bom pastor” presente no mundo e, sobretudo, na Igreja por meio dos ministros ordenados. Isto pode ser observado, de modo particular, nos enunciados homiléticos proferidos na celebração do 4º Domingo da Páscoa¹⁷, nos quais Jesus é representado pela figura do pastor que conduz o seu rebanho aos caminhos da fonte da vida em abundância. Ao atualizar essa metáfora, no discurso da homilia franciscana, a figura do Papa¹⁸ assume o papel do pastor que busca promover na Igreja – seu rebanho – a doutrina da fé e dos princípios do catolicismo, bem como o valor do diálogo ecumênico.

Convém ressaltar, mediante o que foi exposto, que o discurso homilético é perpassado por temas que, figurativizados, criam um simulacro do mundo real e projetam

¹⁶ Cf. Jo 20, 24-29, NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1323.

¹⁷ A Liturgia da Palavra dessa celebração foi composta pelas seguintes leituras bíblicas: Primeira Leitura (At 13,14.43-52), Segunda Leitura (Ap 7,9.14b-17) e Evangelho de João (10, 27-30).

¹⁸ Líder maior da Igreja, considerado o sucessor do Apóstolo Pedro. Na atualidade, é Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco), nascido na Argentina, é o 266º Papa da Igreja Católica e atual Presidente da Cidade-Estado do Vaticano. Foi eleito Papa no conclave de 13 de março de 2013. É o primeiro papa de origem latino-americana e o primeiro a utilizar o nome Francisco.

um efeito de realidade, destacando ainda mais os valores enunciados na homilia. Em vista disso, no tópico seguinte, fazem-se algumas considerações acerca da disseminação de temas e figuras no enunciado homilético.

1.1.1 Temas e figuras na enunciação da homilia

Ao considerar a homilia como um discurso religioso pertencente à prática religiosa católica, enunciado normalmente por um ministro ordenado, faz-se necessário tomá-la como um argumento de autoridade, conforme afirma o *Sacrosanctum Concilium*; ademais, as palavras desse discurso ganham sentido a partir do papel social daqueles que as empregam. Adotando o raciocínio para o discurso da homilia, o homiliasta poderia ser considerado um sujeito condicionado por suas convenções religiosas, revelando, desse modo, as ideias que compreendem as vertentes da religião católica, por intermédio de investimentos temáticos e figurativos. Esses dois níveis de concretização de sentido que permitem desvelar os valores, as crenças e as posições de quem enuncia, estabelecem diferentes maneiras de ver, sentir e apreender o mundo por meio de discursos.

Entendidos como um investimento semântico, os temas não remetem ao mundo natural. Nas palavras de Fiorin (2011, p. 91), “são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso” e vinculam-se ao pensamento abstrato; por outro lado, as figuras aludem a algo existente no mundo natural, como, por exemplo, “árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente”, relacionando-se ao pensamento concreto.

No entanto, “é preciso ter em mente que concreto e abstrato não são termos polares que se opõem de maneira absoluta, mas constituem um *continuum* em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto” (FIORIN, 2011, p. 91). Nesse sentido, tema e figura devem ser vistos sob uma perspectiva complementar, uma vez que estão direta ou indiretamente interligados na constituição e na concretização dos sentidos, pois enquanto a tematização tem como função explicar os fatos e as coisas do mundo, conduzindo, assim, à interpretação da realidade, a figurativização, por sua vez, mediante elementos concretos, possui como finalidade principal criar um simulacro do mundo real, ou seja, projetar um efeito de realidade.

A partir desses dois procedimentos, o de constituir e o de concretizar a significação, ao pensar no discurso homilético, a disseminação de temas e figuras permite ao homiliasta criar efeitos de sentido, sobretudo de realidade, garantindo a relação entre

o contexto em que vivem os fiéis e as percepções e sentidos que podem ser apreendidos a partir das homilias proferidas.

Nessa perspectiva, tematizar um discurso é, de acordo com Diana Luz Pessoa Barros (2005, p. 66), “formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos”. Já a figurativização, responsável pela concretização dos sentidos, recobre os percursos temáticos abstratos e atribui-lhes traços sensoriais.

A figuratividade faz surgir aos olhos do leitor (e aos ouvidos da comunidade) a aparência do mundo sensível, que o conduz à dimensão das figuras do discurso, que, por sua vez, estabelece uma relação imediata, uma correspondência entre as figuras semânticas, a percepção e as formas da sensorialidade, conforme assevera Denis Bertrand (2003a). A figuratividade permite, assim, localizar no discurso um efeito de sentido particular que consiste em tornar sensível a realidade; por isso, tal conceito está enraizado na teoria do sentido, a semiótica, e permite considerar de maneira mais ampla os fenômenos semânticos e as realizações culturais que se ligam aos processos de figurativização.

Para o mesmo autor, a dimensão figurativa da significação, superficial e rica, de imediato acesso ao sentido, é tecida por isotopias semânticas, e reveste outras dimensões, mais abstratas e profundas de um texto ou de um discurso: “uma imagem do mundo se delineia, instalando tempo, espaço, objetos e valores” (BERTRAND, 2003a, p. 154). Para ser compreendido, o figurativo precisa ser assumido por um tema que dá valor e sentido às figuras. Maria Luceli Faria Batistote (2012, p. 45) explica que “a tematização é a repetição de determinados traços semânticos que remetem a valores abstratos e que, pela recorrência no discurso, constroem a coerência dele, ou seja, as possibilidades de leitura que ele oferece”.

Os temas espalham-se pelo texto e são recobertos pelas figuras, sendo que a reiteração daqueles e a recorrência destas no discurso instauram a isotopia. Com base em tais possibilidades, Barros (2005) distingue dois tipos de isotopia: a temática e a figurativa. A primeira surge da repetição de unidades semânticas abstratas, em um mesmo percurso temático; já a segunda define-se pela redundância de traços figurativos, pela associação de figuras similares. A recorrência de figuras atribui ao discurso uma imagem organizada e completa da realidade. Com a análise dos percursos ou linhas isotópicas, descobrem-se possibilidades de leituras que asseguram a coerência semântica do discurso, uma das condições para que o texto seja coerente.

Ao observar os enunciados homiléticos que integram o trabalho, verifica-se como eixo central da figuratividade a Ressurreição, cerne da Páscoa cristã. Para ilustrar, tomemos como exemplo o 1º Domingo da Páscoa¹⁹: nessa celebração, a figura do discípulo João remete àquele que crê na promessa de ressurreição de Jesus, diante do sepulcro aberto; o sepulcro vazio mostra que Jesus não ficou prisioneiro da morte; Pedro figurativiza os que duvidam, naquele momento, que Jesus possa ter ressuscitado; e Maria Madalena, a nova comunidade que nasceu da ação criadora e vivificadora do Messias; essa nova comunidade, testemunha da cruz, acredita, inicialmente, que a morte triunfou e procura Jesus no sepulcro.

Com base em Panier (1986, p. 275), ao abordar o enunciado homilético como um discurso de comentário, vale salientar que “os papéis e as figuras da narrativa de referência acham-se tomados, no comentário, em novos programas e em novas isotopias”. Dessa forma, para o autor, há papéis temáticos e percursos figurativos próprios ao comentário que são recategorizados e lidos em uma isotopia particular de seleções sêmicas específicas.

Uma homilia pode tornar-se, dentro desse contexto, um discurso temático com algum recurso figurativo que remete a determinado tema, ou apresentar-se como um discurso figurativo, recoberto em sua quase totalidade por figuras. Isso, enfim, conduz a percepções que extrapolam os sentidos superficiais do discurso homilético, o qual passa a ser visto como instrumento de materialização da ideologia e dos acordos e conflitos de uma determinada concepção de mundo, a qual preza pelo valor do serviço aos irmãos necessitados.

Nesse sentido, ao propor a análise, no nível discursivo, dos temas e das figuras que recobrem os enunciados homiléticos de sujeitos pertencentes à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, no próximo tópico, discorre-se sobre São Francisco de Assis, frade católico que optou por viver a plenitude e a essência do Evangelho de Jesus Cristo, em busca de compreender um pouco mais dos ideais que orientam a ordem franciscana.

1.2 Sobre Francisco de Assis

A espiritualidade franciscana origina-se a partir da personalidade e da teologia de São Francisco de Assis. Filho de Pedro e de Dona Pia Bernardone, de família nobre da

¹⁹ Nessa celebração, a Liturgia da Palavra contemplou as seguintes leituras bíblicas: Primeira Leitura (At 10,34a.37-43), Salmo responsorial (117), Segunda Leitura (Cl 3,1-4) e o Evangelho de João (20,1-9).

Provença, Francisco nasceu em Assis, na Itália, em 1182 e faleceu em 1226 nessa mesma cidade, com 44 anos de idade. A data de nascimento de São Francisco é uma questão ainda em debate, pois alguns estudiosos apontam o ano de 1181.

Muito do que se conhece do religioso italiano foi relatado pelo seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano, frade medieval da Ordem dos Franciscanos. Celano conheceu pessoalmente Francisco e em sua homenagem escreveu *Vida Primeira*, encomendada pelo Papa Gregório IX, em 1228, em decorrência da realização da canonização do santo de Assis. Segundo as *Fontes Franciscanas e Clarianas* (2014)²⁰, um dos principais objetivos dos escritos de Celano foi demonstrar a excelência da vida de Francisco e sua forma de viver; devido a isso, seus textos não são destinados somente aos frades da Ordem, mas aos fiéis. Em muitas passagens de suas fontes, o frade apresenta sua visão sobre as experiências de Francisco e sobre os primeiros passos da fraternidade franciscana.

Após 20 anos da morte de São Francisco, Celano escreve *Vida Segunda*. Para a organização desses escritos, o biógrafo serviu-se de fontes orais e optou por estruturar seu texto no formato de uma narração rápida. Para Celso Márcio Teixeira, essa segunda obra é mais interpretativa do que histórica, pois objetiva apresentar o significado de Francisco às novas gerações da Ordem. Dessa forma, é possível circunscrever uma tríplice finalidade para os escritos de Celano: “a) uma finalidade devocional (exaltar a santidade de Francisco); b) uma finalidade informativa (tornar conhecida sua vida e suas virtudes); c) uma finalidade formativa (propor Francisco como modelo para a edificação dos presentes e dos futuros)” (TEIXEIRA, 2014, p. 26). Vale pontuar que Celano ainda escreveu mais duas obras – *O Tratado dos Milagres*, relacionado à santidade de Francisco, e a *Legenda ad usum chori*, composição que faz uma síntese da vida do santo em apenas 17 parágrafos.

Segundo Donald Spoto (2003), após Celano, pode-se destacar o nome de Giovanni da Fidanza, ou simplesmente Boaventura, teólogo e filósofo escolástico medieval nascido na Itália, no século XIII, sétimo ministro-geral da Ordem dos Frades Menores, que propôs escrever uma biografia oficial de Francisco. No processo de elaboração de suas fontes, Boaventura buscou materiais escritos, contatos com os

²⁰ Obra que reúne escritos e biografias de São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis, fundadora do ramo feminino da ordem franciscana. Com o propósito de ser aproximar das fontes originais, essa obra apresenta uma edição de cunho pastoral e não se destina, sobretudo, aos estudiosos, mas à formação inicial e permanente dos franciscanos e franciscanas do Brasil.

companheiros de Francisco, visitou os lugares onde nasceu, viveu e morreu o santo de Assis e consultou a segunda obra de Celano. A partir das informações pesquisadas, o biógrafo organizou duas *Legendas*²¹ – a *Legenda Maior* e a *Legenda Menor* – na primeira, apresenta o perfil da personalidade de Francisco, de sua caminhada espiritual e de sua mística que o conduz à configuração com o Cristo crucificado. Já na segunda, expõe, de forma mais celebrativa e densa de conteúdo, a imagem e a espiritualidade de Francisco no âmbito da solenidade litúrgica.

Sobre a conversão de Francisco, Jacques Le Goff (2001) pontua que ela aconteceu de forma gradativa, em um longo espaço de anos. Vivendo em um período em que a Itália vivenciava uma fase marcada pela passagem do sistema feudal para o sistema burguês, após o surgimento das comunas livres, Francisco, diante de seus anseios de ser um grande e nobre cavaleiro e honrar suas riquezas materiais e o nome de sua família, alista-se para uma batalha em favor de sua cidade, Assis, contra a cidade vizinha de Perúcia, em 1202. Após a derrota dos assisenses, o jovem torna-se prisioneiro de guerra, permanecendo cativo durante mais de um ano. Seu resgate ocorre no final de 1203, quando seu pai paga por isso; entretanto, Francisco é resgatado com uma enfermidade, a malária, que o acamou por todo o ano de 1204.

Francisco ainda conservava a ambição da fama e, por esse motivo, entra para o exército organizado pelo Conde Gentile de Assis para ajudar o Papa Inocêncio III na defesa dos interesses da Igreja; o jovem, contudo, não vai muito longe nessa batalha, pois sente sintomas de febre e vive uma experiência modificante em sua vida, na qual pensa ter ouvido a voz do Senhor pedindo que volte para Assis. Quando retorna à sua cidade, tenta desvendar os desígnios de Deus e passa a dedicar-se à oração e à meditação. Na busca por respostas ao que estava sentindo, decide viajar para Roma, em 1205, e lá troca seus ricos trajes com os de um mendigo e vivencia a sua primeira experiência de pobreza.

A partir desse primeiro ato de renúncia à riqueza, pode-se pontuar que sua conversão é marcada por episódios que contribuem para a formação de seu carisma: o de maior importância ocorre na capela de São Damião, semidestruída pelo abandono. Francisco lá se encontrava ajoelhado em oração aos pés da pintura do crucifixo de São Damião, quando ouve a voz de Jesus dizendo para que ele consertasse a igreja que estava em ruínas; obedecendo a Cristo, Francisco começa a reformar a pequena capela. Segundo fontes franciscanas, esse momento da vida do santo foi o êxtase de amor e o impulso

²¹ Narrativa hagiográfica que apresenta tanto relatos da vida de santos quanto atas de martírio.

decisivo para a sua conversão. Francisco, nesse momento, sente a compaixão de Crucificado, clama por sua reparação espiritual e pede, sobretudo, pelas virtudes teológicas – fé, esperança e amor – para poder cumprir o pedido de Jesus, como pode ser observado na sua prece diante da cruz de São Damião:

Altíssimo, glorioso Deus, iluminai as trevas do meu coração, dai-me uma fé reta, uma esperança certa e caridade perfeita, sensibilidade e conhecimento, ó Senhor, a fim de que cumpra o vosso santo e veraz mandamento. (FONTES FRANCISCANAS, 2014, p. 157).

Outro momento que marca a sua conversão acontece dessa vez pela leitura do Evangelho de Mateus (10.7-10)²², o qual descreve o discurso de Jesus chamando e preparando os seus doze apóstolos para dar continuidade, de forma atuante e simples, ao trabalho missionário de anunciar a Palavra e a paz cristã. Segundo Le Goff (2001, p. 61), ao término da leitura dessa passagem, Francisco solta um forte grito e afirma: “Eis o que quero, é isso que procuro, isso que desejo fazer do fundo do coração”. A partir disso, Francisco de Assis, com a idade de 26 ou 27 anos, define o seu destino e passa a viver como Jesus, a tal ponto que alguns pesquisadores entendem que a forma de vida levada pelo santo, depois do próprio Cristo, fez dele um dos seguidores mais fiéis dos caminhos da vida cristã.

O amor e admiração de Francisco por Cristo foi de profunda intensidade, de modo que o jovem religioso recebeu as marcas da Paixão de Jesus, passando a ter as mãos e os pés marcados com feridas semelhantes às do Crucificado. Essa passagem final da conversão de São Francisco acontece dois anos antes de sua morte, após um momento de profunda oração contemplativa no Monte Alverne – refúgio de contemplação para o santo – Jesus lhe aparece sob a forma de um serafim com seis asas e o envolve com uma áurea divina, concedendo-lhe sinais de cravos nas mãos e nos pés, deixando marcados no corpo do santo os seus estigmas. Francisco, após a sua conversão, começa a usar uma túnica em tom terroso costurada de forma simples e grosseira, reforçando ainda mais seu ato de renúncia e de humildade. Ele viria a falecer, em Assis, Itália, no dia 3 de outubro de 1226; e dois anos depois de sua morte, já seria canonizado pelo papa Gregório IX.

²² 7. Por onde andardes, anunciai que o Reino dos Céus está próximo. 8. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai! 9. Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, 10. nem mochila para a viagem, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão; pois o operário merece o seu sustento. (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1197).

Em sua vivência da fraternidade e da caridade, Francisco fundou uma irmandade e muitos começaram a seguir os seus passos. A Ordem São Francisco teve início em 1209 e, a ele, juntaram-se doze companheiros, os quais, assim como Francisco, viviam a penitência e a caridade. Nessa mesma época, decidida a seguir seu exemplo, Santa Clara de Assis foi orientada por São Francisco a ingressar no mosteiro beneditino de Assis e, posteriormente, convidada a fundar uma congregação feminina, destinada a irmãs religiosas de vida monástica contemplativa.

Em um curto período de tempo, a devoção franciscana expandiu-se por todos os segmentos da sociedade. Leigos e mesmo pessoas casadas, movidas pelo espírito franciscano, desejavam dedicar-se a Deus levando São Francisco a fundar também a Ordem Franciscana Secular destinada aos leigos, casados e solteiros. A Ordem de Francisco foi criada como uma Ordem de irmãos, que buscavam assumir a missão de viver e pregar o Evangelho. Dessa forma, não era considerada uma Ordem Clerical, composta por sacerdotes, pois até mesmo Francisco não quis ser sacerdote e os primeiros frades também não tinham esse propósito.

Ao longo dos anos, a estrutura das Ordens franciscanas dividiu-se em diversas ramificações: a Primeira Ordem integra a Ordem dos Frades Menores, ou observantes (O.F.M.), a Ordem dos Frades Menores Conventuais (O.F.M.conv) e a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (O.F.M.cap); a Segunda Ordem engloba a Ordem das Irmãs Clarissas, a Ordem das Irmãs Concepcionistas e a Ordem das Irmãs Capuchinhas; e a Terceira Ordem contempla a Terceira Ordem Regular (T.O.R.) e a Terceira Ordem Secular, ou Ordem Franciscana Secular (O.F.S).

No que concerne às diferenças entre as Ordens franciscanas, é pertinente salientar que a Primeira Ordem é formada por freis sacerdotes. De acordo com fontes relativas a São Francisco, essa Ordem tem como propósito servir ao Senhor em pobreza e humildade e pregar a penitência; são denominados de “menores”, pois devem ser obedientes a todos, buscar os lugares desprezados e vivenciar a humildade. Já a Segunda Ordem é composta por religiosas castas, cujo objetivo é servir a Deus em clausura; conhecida também como Ordem de Santa Clara, em referência à fundadora do ideal franciscano para o ramo feminino, essa Ordem vive um estilo de vida contemplativa, suas seguidoras vivem em clausura monástica, dedicando-se à oração, à meditação e aos serviços internos dos mosteiros. Por sua vez, a Terceira Ordem é constituída por religiosos comuns a clérigos, leigos, celibatários, viúvos, solteiros e casados, cujos propósitos são viver honestamente

nas próprias casas, aplicar-se às obras de piedade, evitar as suntuosidades terrenas e seguir o Evangelho segundo o exemplo de São Francisco.

Neste trabalho, em especial, os participantes da pesquisa integram a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da Província do Brasil Central, que abrange a capital do país, Brasília, e a região Centro-Oeste. Essa Ordem religiosa da família franciscana surgiu no século XVI com o franciscano Matteo da Bascio e foi aprovada como um ramo da primeira Ordem de São Francisco de Assis, em 1528, pelo Papa Clemente VII.

Bascio foi também o responsável pela criação da vestimenta dos Capuchinhos. Ao observar que a roupa vestida pelos seguidores de Francisco não era semelhante à usada pelo santo, fabricou um hábito de capuz pontudo e começou a andar como um itinerante. Com uma vestimenta peculiar, os frades pertencentes a essa Ordem levam o nome de Capuchinhos devido ao capuz usado por eles; seus hábitos possuem tons terrosos que refletem o corpo terreno e, na cintura, usam um cordão com três nós que representam a pobreza, a castidade e a obediência, isto é, as três pedras angulares da Ordem Franciscana.

No Brasil, os Capuchinhos se instalaram oficialmente em 1642, na região nordeste, em especial, em Olinda e, depois, em Recife, onde se encontra o convento capuchinho da Penha, o mais antigo do país. De acordo com Sophia A. Lyra (1978), essa Ordem mostrou-se ativa entre os anos de 1670 e 1700 no desenvolvimento das aldeias de franciscanos capuchinhos ao longo do percurso do Rio São Francisco, e também nos trabalhos missionários da região.

Em 1896, chegam os primeiros capuchinhos ao Rio Grande do Sul, Frei Bruno de Gillonnay e Frei Leão de Montsapey, tendo a primeira morada e também o primeiro seminário dos freis em terras gaúchas sido no município de Garibaldi. A presença desses religiosos na região sul se consolidou e, em 24 de julho de 1942, se tornou a primeira Província capuchinha do continente latino-americano, tendo sido nomeada de Sagrado Coração de Jesus.

A comunidade franciscana é ampla e marcada pelos preceitos deixados por São Francisco de Assis. Em virtude disso, é relevante discorrer, no próximo tópico, sobre algumas particularidades que integram a imagem do ser franciscano, bem como o estilo que caracteriza os seguidores de Francisco da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

1.2.1 *Éthos* e estilo franciscano

O ser franciscano leva consigo o laço da fraternidade, e esta é firmada no entendimento de que Deus é Pai, todos são os seus filhos e irmãos entre si, noção que se vincula, no sentido franciscano, à fé cristã. Francisco de Assis prezava pela vida em comunidade, pelo ambiente familiar e pelo trabalho em sociedade, contrariando os costumes dos grupos religiosos de seu tempo, os quais viviam isolados em conventos e mosteiros, segundo a explicação de Iraní Rupolo (2009). A proposta de vida evangélica de Francisco, alicerçada na caridade e na comunhão fraterna, é a inspiração para a fundação da Ordem Franciscana, composta por seguidores de sua espiritualidade que, a exemplo do santo, são chamados a serem testemunhas da penitência, da ação fraterna e da anunciação do Evangelho.

Em função disso, o ideal de ordem social franciscana impulsionou uma nova dinâmica de relação, a irmandade, não só entre os freis, mas com todos os membros da comunidade cristã. A demonstração dessa união fraternal permanece atuante no contexto franciscano, e podemos atestar esse caráter de relação de afeto com o próximo ao analisarmos o *corpus* desta pesquisa, pois nele é possível identificar a recorrência de homilias iniciadas com as saudações: “Queridos irmãos, queridas irmãs” e “Caríssimos irmãos e irmãs”.

Pode-se pensar, assim, na construção do *éthos* do homiliasta franciscano, a partir do que se encontra na *Arte Retórica* de Aristóteles:

O *éthos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam a equívocos. No entanto, é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador. (ARISTÓTELES, 1991, 1356a).

A partir desse excerto, é possível inferir que a compreensão do *éthos* é um efeito de sentido da construção de um simulacro do enunciador. Assim, no caso dos franciscanos, nota-se a presença de um caráter baseado na partilha da comunhão fraterna. Para buscar a expressividade e o vigor do discurso de Francisco, seus seguidores prezam pelo ato de acolhimento, da ternura, da amizade, do respeito à diversidade de carismas, de culturas e, acima de tudo, a experiência do serviço aos mais fragilizados e indefesos e

a renúncia aos bens materiais para vivenciar a verdadeira pobreza solidária comprometida com os princípios do Evangelho.

Fiorin (2015), apoiado nas matrizes da semiótica discursiva, complementa que o *éthos* seria a imagem do autor, não o autor real; é um autor construído no discurso, um autor implícito. Para o linguista brasileiro, “quando se fala em *éthos* do enunciador, estamos falando em ator e não em actante da enunciação” (FIORIN, 2015, p.141). Ao pontuar isso, Fiorin retoma Greimas, que considera que o ator da enunciação se define pela totalidade dos seus discursos; diante disso, para pensar no *éthos* do homiliasta franciscano, é preciso depreender as marcas desses religiosos a partir de uma totalidade presente na materialidade discursiva dos que seguem o carisma de São Francisco de Assis.

Segundo Maingueneau (2008, p. 16), a noção de *éthos* não se desvencilha da enunciação e não escapa a uma antecipação por parte do leitor, que faz uma representação do enunciador antes mesmo que ele enuncie, o que implicará em distinguir um *éthos discursivo* de um *éthos pré-discursivo*. A partir disso, pode-se considerar que “o *ethos* se elabora por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico do ambiente”.

Em função disso, ao observar a enunciação dos freis homiliastas, é possível, inicialmente, depreender um *éthos* caridoso que promove o bem e dedica-se aos serviços da comunidade e aos problemas sociais, como na prevenção ao vírus HIV, que foi comentada em uma homilia proferida por um dos participantes da pesquisa:

E1: (...) hoje queria dar um destaque especial à oração pelas vítimas daquela doença terrível da imunidade... do HIV... que não se fala mais se evita falar isso MAS que ainda está presente na sociedade e que muitas são as vítimas dessa terrível doença... precisamos aprender a não ser aqueles que julgam porque não cabe as nós o julgamento das pessoas se erram se fizeram estripulias ou não... hora de oração na comunidade que reza para aqueles que são vítimas... precisamos rezar pelo coração generoso rezar por aqueles que precisam da nossa oração e não ter vergonha de tratar e de falar sobre esse assunto:: graças a Deus a nossa paróquia/eu acho que é a única paróquia que tem a pastoral do AIDS no estado do Mato Grosso do Sul... então venha com a gente nós estamos aqui e queremos incentivar para que continue nos pequenos gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... mesmo que não se fala não desista::... os jovens acham que podem tudo que não tem mais esse problema... e também as pessoas de mais idade que acham que não tem mais problemas e acabam se infectando por esse vírus... consciência e oração... continuemos sempre firmes e perseverantes para sempre renovar a lembrança desse mal que tirou muitas vidas... (LINHAS 56-70). (Celebração do 5º Domingo da Páscoa).

Ao tomar como um princípio de vida os ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo, o *éthos* do homilista franciscano pode ser apreendido a partir de um caráter que considera como essencial a experiência da pobreza, da obediência e da castidade.

De acordo com Thirza Bindá e Alexandre Gonçalves Frota (2012, p 05), viver a pobreza é “estar em Kenósis, ou seja, inteiramente disponível, sem interesses, sem nada que cause obstáculos na relação com o sagrado e o outro, ter coração e ação para o acolhimento”. Na ótica franciscana, a pobreza não é renúncia a si mesmo e à vida, mas é prática da simplicidade que permite abrir no religioso a vontade constante de vivenciar a humildade, a fraternidade e a paz; nesse contexto, para o franciscanismo, “ser pobre é ter a perseverança para doar-se”, conforme acrescentam Bindá e Frota (2012, p. 05). Ser obediente, por sua vez, exige do religioso um *éthos* atento à vontade de Deus e, por fim, o voto de castidade relaciona-se à ideia de um *éthos* seguro em sua dimensão afetiva e sexual, disposto à conversão do amor egoísta e possessivo em amor doação, universal e gratuito.

Os seguidores de Francisco vivenciam um estilo de vida alicerçado nos quatro pilares fundamentais do carisma franciscano: fraternidade, minoridade, oração e vida apostólica. O primeiro pilar, a fraternidade, sugere a necessidade de viver como irmão e em família, prezando pela boa relação com todos que convivem e repartindo o saber, os dons, os bens e o afeto, em especial, com os que mais necessitam desse ato efetivo de amor ao próximo.

A minoridade remete à condição de reconhecer sua pequenez diante das pessoas e das criaturas, uma vez que, para servir aos outros, é preciso ser humilde e reconhecer-se inferior em relação ao próximo. Ser “menor”, para os freis menores capuchinhos, é vivenciar a atitude de minoridade a partir do exemplo de Jesus Cristo no Evangelho Segundo São Mateus: “pelo contrário, se alguém quer ser grande entre vós, seja Vosso Servo. Assim é que o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate pela multidão” (Mt 20, 26-28). Não há superioridade, todos são irmãos e filhos do mesmo Pai, o que deve prevalecer é a humildade e a igualdade para que se construa uma família alicerçada no amor sem distinção.

O terceiro pilar fundamenta-se sobre a oração, pois, mais que uma prece dirigida a Deus, o ato de orar renova a união afetiva entre Deus e o religioso. Por meio da oração, os freis assumem as alegrias, as esperanças, as dores e as angústias de todas as pessoas e criaturas. Inseparável da vida em oração, o quarto pilar, a vida apostólica dos freis é

inspirada nos passos de Jesus Cristo, que viveu intensamente a prática do amor fraterno e do anúncio da boa-nova.

Diante disso, antes de qualquer ação a ser tomada, os freis buscam no Evangelho o testemunho de vida, de serviço e de partilha para colocá-lo em prática em sua vida apostólica, a qual é marcada pela promoção da justiça, da paz, do bem, do respeito, do diálogo ecumênico da defesa da vida e do amor à natureza e à ecologia. A jornada franciscana, dessa forma, é demarcada por uma fraternidade universal que integra as mais diferentes culturas.

Por meio do Cântico do Irmão Sol ou Cântico das Criaturas²³, São Francisco intensifica o papel de sua irmandade universal, ao considerar todos como irmãos e irmãs, desde os seres da natureza até os homens; diante disso, o Papa João Paulo II, no final da década de 1970, destaca como relevante o respeito de São Francisco por toda a natureza e o nomeia patrono da ecologia. Amar as criaturas é, para a ecoespiritualidade franciscana, percebê-las como presença do Criador; “isso significa, não coisificá-las, mas sim, valorizá-las e servi-las com compaixão, respeito e humildade, ou seja, colocar em prática a fraternidade” (BINDÁ; FROTA, 2012, p. 6). Segundo os relatos sobre São Francisco, esse Cântico foi inspirado nas Sagradas Escrituras e escrito em 1224, dois anos antes da morte do santo. Nesse escrito, Francisco parece buscar, com um tom poético, a expressão de toda a sua experiência espiritual:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção.

Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te. Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão sol, o qual é dia, e por ele nos iluminas.

E ele é belo e radiante com grande esplendor, de ti, Altíssimo, traz o significado. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas, no céu as formaste claras e preciosas e belas.

²³ O Cântico do Irmão Sol ou Cântico das Criaturas é uma canção composta por Francisco de Assis no dialeto da úmbria; acredita-se que esteja entre os primeiros escritos em italiano. Nesse cântico, São Francisco louva a Deus agradecendo-o pelo “Irmão Fogo” e pela “Irmã Água”, afirmando, assim, sua teologia, a qual considera todos os seres da terra como irmãos e irmãs da humanidade. Francisco teria composto a maior parte do cântico no fim de 1224 e foi Tomás de Celano quem o mencionou pela primeira vez na obra *Vida Primeira*, em 1228.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens pelo sereno e por todo tempo, pelo qual às tuas criaturas dá sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite, e ele é belo e agradável e robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor, e suporta, enfermidade e tribulação.

Bem-aventurados aqueles que as suportarem em paz, porque por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar.

Ai daqueles que morrerem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade.

(DEVOCIONÁRIO ²⁴ FRANCISCANO, p. 47-48).

Pela observação desse Cântico, é possível identificar em Francisco e, em consequência também no homiliasta franciscano, um *éthos* que reflete um cristão vivo e operante que vai além de toda crença religiosa, depreendendo-se a imagem de um ser que é posto em confronto com a grandeza do Criador e encontra a sua santidade na relação fraterna com as criaturas da terra; aliado a isso, nas linhas do Cântico, reconhecemos um *éthos* alegre. A salvação de Deus é a fruto da alegria, os irmãos são motivos de alegria; a natureza e os acontecimentos do dia a dia renovam o sentido de viver e motivam a disseminação desse sentimento. Com uma linguagem simples, Francisco projeta nesse

²⁴ No contexto religioso católico, o Devocionário é um livro de orações de devoção. Para os seguidores da espiritualidade franciscana, o Devocionário Franciscano (p.9) “apresenta os grandes temas franciscanos, rezados, com as Palavra de Deus, da Virgem Maria e de nosso seráfico Pai”. A inspiração primeira do Devocionário de São Francisco de Assis foi a de viver o mistério do Amor, como fizera o santo italiano.

Cântico seu ardor religioso e a imagem serena e otimista da vida mediante investimentos temáticos e figurativos, sobretudo, aqueles que possam ser relacionados à fraternidade.

Tendo a natureza como um grande quadro de contemplação, Francisco reconhece a imagem e a essencialidade de Deus por meio da figura do sol. Sendo a primeira criatura louvada no Cântico, o sol é belo e radiante, fonte de luz e de vida, tematizando a fé e o louvor a Deus. Nessa direção, na continuidade das louvações, nota-se a ênfase nos quatro elementos da natureza – ar, água, fogo e terra. Com a figura do irmão vento – ar –, elemento que dá sustento às criaturas, Francisco tematiza a itinerância e a liberdade franciscana de sair e anunciar a Palavra. Límpido e transparente, o elemento água tematiza os valores da humildade, da pureza, da castidade e da obediência dos religiosos franciscanos.

Assim como o vento, a irmã água é fonte de sustento e vital a todos os seres. Com o louvor ao irmão fogo, tematiza-se a ardente presença de Deus vivo nas criaturas, reconhecendo nesse elemento, assim como na figura do sol, o esplendor da luz, que é o próprio Deus. Já com a figura da irmã e mãe terra, sustento e morada de todas as criaturas, é enaltecido o caráter acolhedor dos integrantes da fraternidade franciscana. Nesse contexto contemplativo, até mesmo a morte é tematizada como um gesto de amor de Deus. Na configuração temática e figurativa do Cântico, nota-se que Francisco busca intimidade com Deus, deixando revelar sua fé e sua prática por meio de traços isotópicos relacionados aos elementos da natureza.

A proposta da paz também marca a trajetória do religioso de Assis, pois é vista como um desejo coletivo e está intimamente ligada à justiça social. Francisco, em seus ensinamentos, passava a seguinte orientação aos que anunciavam o Evangelho: “A paz que desejam aos outros, brote espontânea do coração de vocês”. Como uma forma de atenuar e relembrar a importância do anúncio da vida harmoniosa e entre as pessoas, os seguidores dos preceitos de Francisco fazem o uso da saudação “Paz e Bem” para reafirmar que a paz só se constrói pela ação da caridade, ou seja, fazendo o bem.

A mensagem de paz peculiar à imagem do homilista franciscano, bem como dos membros da Família franciscana, também pode ser identificada na própria Oração da Paz, atribuída a São Francisco de Assis:

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, Fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado; compreender,
que ser compreendido; amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se
vive para a vida eterna. (DEVOCIONÁRIO FRANCISCANO, p. 49).

A Oração se apresenta como uma súplica ao Senhor para conceder a capacidade de ser anunciador da paz de Cristo, e a assumir como um projeto de vida, uma forma evangélica de viver o espírito da caridade. O homiliasta franciscano, desse modo, ao proferir a saudação “Paz e Bem” assume uma imagem de um ser anunciador da harmonia, do consolo, buscando abrir os corações à paz, condição que combate os sentimentos e as ações que causam as discórdias terrenas.

A partir dessa perspectiva, nota-se que o ser franciscano traz consigo traços que marcam sua identidade e suas práticas discursivas no cenário religioso. A esse propósito, convém destacar as considerações de Discini (2008), que articula o conceito de *éthos* com o de estilo na perspectiva da semiótica discursiva. Para a autora, o estilo assinala “um conjunto de características da expressão e do conteúdo que criam um *éthos*” (DISCINI, 2008, p. 7). O *éthos* é a imagem do autor que objetiva persuadir e fazer crer em seu caráter por meio de um sistema de estratégias.

Ao retomar os conceitos de *éthos* e de estilo, aprofundando-os a partir das contribuições da semiótica tensiva, Discini (2015, p 23) define *éthos* como uma "imagem de quem diz dada por um modo sistematizado de dizer, depreensível de uma totalidade de enunciados, que se vincula à concretização discursiva de um estilo". Por meio dessa totalidade, considerando as marcas enunciativas, constitui-se o corpo do ator da enunciação, e do efeito da unidade depreensível dos textos configura-se o estilo. Essas categorias, segundo a pesquisadora, são instituídas pela aspectualização do ator posicionado e afetado pelo mundo. O componente aspectual do ator vincula-se às diversas funções operadas por um actante-observador: de um lado, um sujeito inteligível, moralizador e judicativo, e, de outro, um sujeito sensível, afetivo e pático, constituindo,

desse modo, um perfil social e um perfil sensível do ator da enunciação. Diante disso, há a incorporação tanto de uma dimensão inteligível (e ética) quanto de uma dimensão sensível (e afetiva) do sujeito da enunciação, que favorecem a relação entre um perfil ético e judicativo e um estético e o estésico em diferentes gradações.

Ao pensar no momento da enunciação, Discini (2015) ressalta que as escolhas feitas pelo enunciador e a imagem construída de um *éthos* a partir dessas escolhas configuram o corpo do autor e seu estilo. A partir do perfil do *éthos* instalado em cada enunciado, e também no intervalo entre os enunciados, existe o que a semioticista define de "quase-presença":

O todo, que concerne a uma totalidade de discursos, é subjacente não só a cada texto de determinado conjunto, mas é também subjacente às distintas fases da quase-presença, por meio das quais se manifesta o princípio unificador de um estilo. Esse princípio desempenha um papel de sistematização do sentido no interior de cada um dos enunciados assim reunidos. Desempenha ainda o papel de orientação do que ocorre no intervalo entre um enunciado e outro. Tal intervalo, disposto segundo orientação imprimida às relações estabelecidas entre as variadas fases da quase-presença, faz emergir as distintas densidades da própria presença (DISCINI, 2015, p.23).

Sob esse prisma, pelo estilo, podem ser descritos traços que marcam a individualidade do enunciador, e seu *éthos* se mostra por meio de seus investimentos estilísticos. Assim como o *éthos*, o estilo é o modo de dizer, pelo qual se estabelecem identidades, instituindo-se efeitos de individualidade.

A apreensão do estilo pode acontecer a partir do modo pelo qual um indivíduo usa os recursos linguísticos – morfológicos, sintáticos, lexicais e fonológicos – para se expressar de maneiras diversas, seja oralmente ou por escrito. Isto é, nos estudos da língua, o *estilo* é uma escolha linguística e essa seleção vincula-se à capacidade e sensibilidade de cada usuário de responder a estas perguntas: *O que tem a dizer?*, *Para quem vai dizer?*, *Como vai dizer?* e *Quando vai dizer?*.

Encarando o estilo como efeito de sentido, construído no e pelo discurso, é possível refletir sobre ele como construção de um sujeito por uma totalidade de discurso. Dessa forma, para Discini (2008), tudo tem estilo e o vínculo entre as noções de estilo e *éthos* permite que se examine uma totalidade de enunciados, que resulta no efeito de identidade, o qual é apreendido desse todo. Por isso, é importante manter a noção de estilo associada à noção de totalidade, ou seja, “o fato de estilo deverá, em princípio, ser

considerado uma unidade formal do discurso, que se depreende pela comparação de vários textos de uma mesma totalidade de discursos” (DISCINI, 2004, p.25).

Ao falar em estilo, faz-se preciso considerar, de acordo com Viggo Brøndal (1984), a noção de unidade, *unus*, e a de totalidade, *totus*; unidade, porque há um sentido único, ou um efeito de individuação; totalidade, porque há um conjunto de discursos, pressuposto à unidade. Unidade e totalidade são universais quantitativos, visto que parte do *unos* de uma totalidade viabiliza a identificação da relação intersubjetiva entre enunciador e enunciatário, criando, conseqüentemente, o efeito de individualização. Desse modo, por meio do *unos* e do *totus*, é possível verificar que, no estilo, o todo está nas partes, ou seja, ao se tratar do estilo, recorre-se à unidade, ao efeito de individualização, bem como à totalidade, uma vez que há um conjunto de discursos, pressupostos à unidade.

De acordo com a explanação de Discini:

O *totus*, “onde as partes são indistintas ou dominadas”, é unificado, em estilo, por uma recorrência de um modo de dizer, que emerge da recorrência de um dito. Desse eixo, *totus/unus* desponta o efeito de individuação, base do estilo. Desse eixo desponta o *ethos* constituinte do *efeito de sujeito* de uma totalidade. (DISCINI, 2004, p. 34).

O efeito de identidade firma-se no todo e nas partes, de maneira que um conjunto de procedimentos recorrentes na construção de dois ou mais discursos constrói um sentido comum a eles. De acordo com Discini (2004, p. 41), esse efeito pressupõe outro, o da identificação ou o reconhecimento do estilo. Ao se reconhecerem, enunciador e enunciatário se reconstroem mutuamente.

Em decorrência disso, o estilo aponta para as recorrências do modo de dizer. Logo, “construir um estilo na enunciação é, portanto, *dar um corpo* a uma totalidade e *tomar o corpo* dessa totalidade; assumir, enfim, o *éthos* de uma totalidade” (DISCINI, 2004, p, 57). Para reconhecer um estilo, faz-se necessário reconstruir quem diz pelo modo de dizer, o que pressupõe a observação dos valores articulados no discurso. Ao identificar tais apreciações moralizantes da responsabilidade de um sujeito que, inscrito no discurso sem dizer *eu*, é tido como mera construção de dada formação social, torna-se possível identificar o *éthos* que é constituinte do efeito de sujeito de uma totalidade. Para Discini (2004, p. 6), “o estilo é um conjunto de características da expressão e do conteúdo que criam um *ethos*”.

O reconhecimento do fato de estilo, ao identificar diferentes modos de ser de uma totalidade, permite a apreensão de diversos *éthos*, com a concretização de um caráter, de um tom de voz, e também de um corpo na figura do ator da enunciação. A noção de um corpo que percebe e sente, estabelecida pela fenomenologia de Merleau-Ponty, pode ser relacionada à instância do sujeito enunciativo, pressuposto ao enunciatário e reconhecido por Fontanille e Zilberberg, na obra *Tensão e significação*, desde as etapas mais profundas do percurso gerativo.

Discini (2015) esclarece que o corpo do ator é apreensível pelas marcas da enunciação no enunciado, tanto por meio da organização sintático-semântica do texto, que sustenta os papéis temáticos (observador social), quanto pelas modulações afetivas e perceptivas do sujeito, que instauram os papéis patêmicos (observador sensível). Esses dois perfis não se excluem; na verdade, segundo a semiotista, um se relaciona com o outro, em distribuição escalar. São os graus variáveis de dominância do sensível e do inteligível que estabelecem o corpo do ator e as diferenças de estilo.

Ao considerar o enunciatário homiliasta franciscano, aponta-se que, a partir de seu comentário baseado nos textos bíblicos, ocorre um impacto sensível que mobiliza o corpo do enunciatário para um fazer interpretativo. Desse modo, ao analisar o conjunto de enunciados desse homiliasta, depreende-se o estilo de um ator em uma relação em que o tempo e a presença do sujeito têm um estatuto particular. O homiliasta e seus modos de apresentação traçam, dessa forma, uma *quase-presença* que se instala em cada enunciado, segundo os perfis constitutivos de um *éthos*.

Para Cardoso (2017, p. 16), “o corpo sensível do enunciatário convoca o corpo sensível do enunciatário de forma a levá-lo a constituir, na forma de crer, o mundo divino e, portanto, a ética que esse mundo requer”. A correlação entre o sensível e o inteligível na constituição do corpo daquele que enuncia a homilia não supõe a soma de ocorrências relacionadas à reunião de enunciados componentes de uma totalidade, mas a relação entre um enunciado e outro, remetendo, desse modo, ao *vir-a-ser* desse enunciatário. O comentário da homilia, nessa direção, provoca um impacto sensível que discursiva o enunciado bíblico e mobiliza o corpo do enunciatário para uma “reorganização cognitiva e ética que faz da Bíblia Sagrada o texto fundador do discurso religioso cristão” (CARDOSO, 2017, p. 226).

Tendo como referência o corpo actorial do enunciatário homiliasta franciscano, é possível pensar no caráter proximal do *éthos* dos freis homiliastas durante o anúncio da homilia, ao considerar que esse corpo se movimenta no espaço tensivo do templo sob o

parâmetro da tonicidade, o qual confere um “acento de sentido” a cada um dos segmentos que compõem o discurso da missa. O espaço do templo e a sua disposição definem-se como um discurso que fala a seus fiéis (BLANCO, 2008).

Atentemos à disposição das quatro partes constituintes de um templo, espaço sagrado das celebrações católicas: a) Sacrário, reservatório em que se guardam as hóstias consagradas e as relíquias sagradas; b) Presbitério (altar), ambiente central da igreja, nele ocorre toda a ação litúrgica, em especial, a Consagração do Corpo e Sangue de Jesus; c) Naves, espaço reservado aos fiéis; d) Átrio, pátio interno (passagem entre o sagrado e o profano). Retomemos o diagrama elaborado por Blanco (2008) e ampliado por Silva (2013, p. 192) a esse respeito:

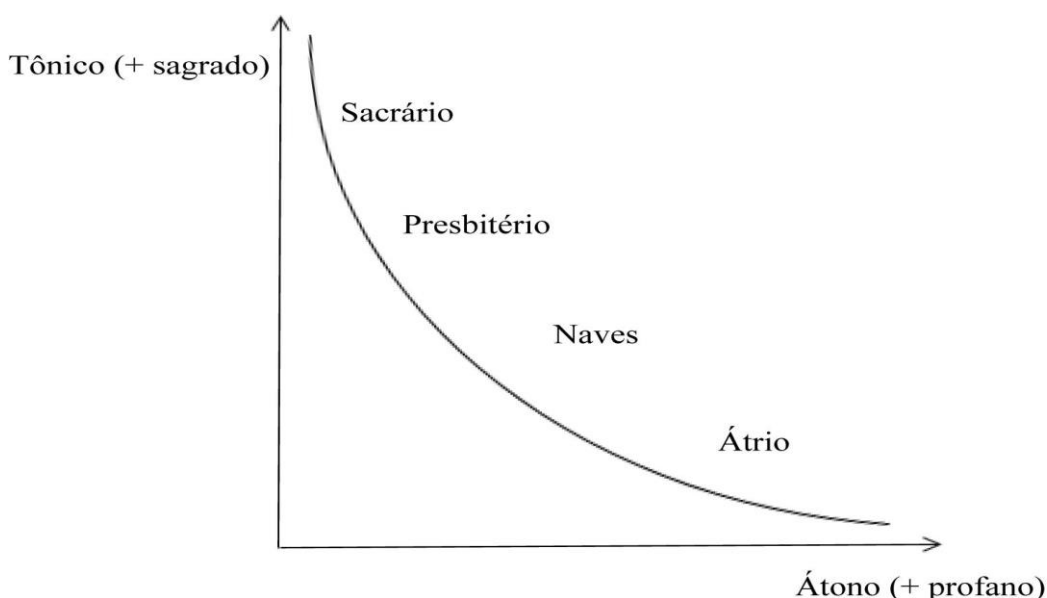


Figura 2 - Gradação do espaço tensivo no templo

Ao observar o diagrama e analisar a movimentação dos homilistas franciscanos no espaço tensivo da Santa Missa durante a homilia, nota-se que o acento tônico da proximidade entre enunciador e enunciatário ocorre no momento em que deixam o presbitério, espaço de sacralidade, e vão em direção aos fiéis dispostos na nave, ambiente mais amplo do templo e com menor sacralidade.

Considerando o caráter do homilista franciscano e do próprio Francisco, poderíamos depreender o estilo de um *éthos* que busca, na proximidade com a comunidade celebrativa, excluir a desigualdade entre os irmãos, acreditar na fraternidade, na compaixão ao próximo, no carisma da paz e, principalmente, que vivencia a ação de anunciar o Evangelho no seio da comunidade, caminhando entre os fiéis, assim como

fazia o próprio Cristo. Nessa direção, mediante uma perspectiva enunciativa, a instauração no enunciado homilético das categorias de pessoa, tempo e espaço viabiliza a instauração de uma cena enunciativa, em que o enunciador e seu enunciatário constituem uma generalização, de toda pessoa, lugar e espaço, obtendo, desse modo, um efeito de sentido de proximidade entre homiliasta e assembleia, bem como a instalação de um espaço fiduciário a partir dos valores do enunciador, homiliasta franciscano, e do enunciatário, fiel cristão.

Ao saírem no presbitério – Cristo-cabeça – e caminharem entre os religiosos – Igreja-corpo – esses homiliastas parecem formar uma unidade daquilo que é a Igreja, o Corpo Místico de Jesus. Por meio de gestos e movimentos durante a homilia, o caráter corporal dos homiliastas franciscanos pode ser marcado pela intensidade de afeto e de proximidade, conforme pode ser identificado no trecho de uma homilia proferida por um frei franciscano que questiona seus enunciatários enquanto caminha entre eles:

E3: (...) quem tem Deus dentro de si recebe a missão... qual é a missão que deu aos apóstolos no evangelho?

L2: Anunciar o evangelho

L1: No evangelho de hoje...

L2: O pai enviou...

L1: “Como o pai me enviou também os envio” qual é a missão?

L2: (silêncio)

L1: Qual a missão?

L2: Ide evangelizar

L1: Então no evangelho de hoje... “como o pai me enviou eu também os envio:” qual é a missão?

L2: Evangelizar

L1: Acho que não li direito...

L2: [perdoar os pecados

L1: [como é que é?

L2: Perdoar os pecados

L1: Perdoai os pecados... na lição de hoje A QUEM vocês perdoarem...

L2: Serão perdoados

L1: QUEM vocês não perdoarem

L2: Não serão perdoados... (LINHAS 23-42). (Celebração do 2º Domingo da Páscoa).

Desse modo, busca-se, neste trabalho, ao ter como parâmetro de estilo a totalidade de homilias proferidas por franciscanos da Ordem dos Freis Menores Capuchinhos, depreender um possível *éthos* e estilo desses religiosos. Acredita-se que o estilo depreendido do *corpus* da pesquisa corresponderia a um *éthos* dotado de convicções, de exortações ético-religiosas que revelam um caráter fraternal, orante e caridoso, o que teria

implicação para as relações entre temas e figuras nos discursos proferidos pelo ser franciscano. Nessa perspectiva, inicialmente, é possível pensar que, pelo modo particular de combinação de figuras e temas, os homiliastas franciscanos deixam emergir valores do carisma de Francisco, postos como objetos de valor a serem partilhados com o enunciatário. Esses mesmos homiliastas, inseridos no campo discursivo católico, têm seu fazer reconhecido e, por intermédio dos percursos temáticos e figurativos em sua enunciação, buscam aproximar-se de seus ouvintes, conduzindo-os ao acolhimento da mensagem anunciada no comentário da homilia.

Diante disso, com base em uma perspectiva enunciativa e semiótica, para pensarmos a respeito da enunciação do enunciado homilético proferido por franciscanos, no próximo capítulo da dissertação, propomos refletir sobre o estudo da enunciação a partir de Benveniste apontando, como um desdobramento complementar, sobretudo, os conceitos enunciativos desenvolvidos no âmbito da semiótica discursiva.

CAPÍTULO II - O estudo da linguagem sob a perspectiva enunciativa

As teorias da enunciação são múltiplas e se apresentam como heterogêneas entre si; assim, em meio a temas e abordagens distintas, inferir que exista algo comum a todas as teorias torna-se tarefa complexa. Nos tópicos seguintes, propomos apresentar um breve panorama das ideias fundantes da linguística da enunciação pertinentes à concepção enunciativa de Benveniste e, sobretudo, a seus desdobramentos no âmbito da semiótica discursiva, considerada já a partir dos estudos de Greimas, bem como daqueles que adotaram seus postulados.

2.1 Fundamentos epistemológicos da linguística da enunciação

As teorias são resultado de um processo evolutivo de reflexões dentro de uma área de conhecimento. Pode-se supor que um campo de estudos se construa de maneira explicável, a partir da reflexão de um teórico que se lança à procura de um raciocínio que possa alicerçar suas investigações. No caso da linguística da enunciação, ela foi progredindo no decorrer dos diversos pensamentos sobre a linguagem, os quais se desenvolveram a partir da divisão entre postulados anteriores e posteriores ao *Curso de Linguística Geral* (CLG), de Ferdinand de Saussure.

Como muitos estudos da área da linguagem, a enunciação também pode ser considerada herdeira de primitivas reflexões presentes no horizonte de pensadores gregos. Catherine Fuchs (1985) avalia, em uma ordem decrescente de importância, a Retórica aristotélica, a Gramática e a Lógica como precursoras do campo das teorias enunciativas. Para a estudiosa, a Retórica consistia em

um conjunto de “receitas” dirigindo-se para um sujeito concebido como agente produtor, criador de discurso, e visando permitir-lhe persuadir, convencer seu auditório (...). As receitas da produção de tais discursos são, por conseguinte, diversificadas segundo os sujeitos e as situações de produção. (FUCHS, 1985, p.111-129).

Ao levar em conta que a Retórica atentava-se para os tipos de argumentos, em função da situação de produção dos discursos, para a imagem que o orador pretendia dar de si mesmo e para o encadeamento discursivo em relação à tentativa de persuasão, Fuchs (1985) afirma que, de fato, essa retórica se sustenta, enquanto princípio, na consideração daquilo que chamamos hoje de “situação de enunciação”, pois os três pilares da Retórica

– elocução, provas e disposição – fundamentam, segundo Flores *et al* (2013, p. 13), “a seguinte distinção: aquele que fala, o assunto sobre o qual se fala e aquele a quem se fala.”

Quanto à Gramática, a linguista ressalta que ela poderia preceder os estudos enunciativos porque, “apesar de estar interessada pelas regras constitutivas do sistema da língua comum a todos os utilizadores e não aos mecanismos de produção do discurso por um sujeito em situação” (FUCHS, 1985, p.113), era possível verificar a existência de fenômenos enunciativos em alguns temas específicos, como, por exemplo, a problemática do sujeito, a da dêixis e a das modalidades. Por meio dos estudos da dêixis, a Gramática “reconheceu a especificidade de alguns termos que só obtêm valor determinado através da atualização momentânea que lhes confere a produção da enunciação em que aparecem” (FUCHS, 1985, p, 113-114). Por sua vez, as modalidades²⁵ foram estudadas por vários gramáticos; um dos exemplos citados pela autora está nos estudos dos estoicos que distinguem

o funcionamento ‘cognitivo’ (a asserção, que permite transmitir uma informação verdadeira ou falsa) e o funcionamento ‘apelativo’ (todos os outros tipos, em que há um locutor dirigindo-se a um receptor que lhe pareceu em condições de satisfazer seus desejos). (FUCHS, 1985, p. 114).

Outros exemplos referenciados pela estudiosa fazem menção às reflexões de Varrão, quando apresenta a distinção dos três tipos de ação a que as palavras pertencem (pensar, dizer e fazer), e à Idade Média, quando os teóricos analisam a decomposição da proposição em *modus* e *dictum* – tema que seria retomado posteriormente por Charles Bally.

Devido ao reconhecimento da necessidade de estudar alguns fenômenos semânticos pelo viés do sentido, e não da referência, e de tomar por objetos “as problemáticas das ‘funções da linguagem’, as da enunciação linguística [...] e as da argumentação” (FUCHS, 1985, p.116), a Lógica, por sua vez, possui seu percentual de influência, ainda que em menor escala, sobre os estudos da enunciação.

Na mesma direção do pensamento de Fuchs, a *Encyclopédie Philosophique Universelle* também remete as origens da enunciação à Retórica. No verbete “enunciação”, a *Encyclopédie* diz que “a abordagem enunciativa em Linguística supõe uma relação essencial entre a língua e a fala, sendo a primeira um resultado social dos

²⁵ De acordo com Jean Dubois (2001), a *modalização* define a marca dada pelo sujeito a seu enunciado, sendo as modalidades os elementos utilizados para fazê-lo.

atos individuais de enunciação que são renovados a cada enunciação”, conforme salientam Flores *et al* (2013, p. 15). No campo da linguística, a *Encyclopédie* remete a origem de uma abordagem enunciativa à figura do filólogo e historiador francês Ernest Renan, que desenvolveu um estudo da ligação entre os sons e as palavras que, em sua concepção, não é nem arbitrária, nem convencional, mas motivada, de acordo com Flores *et al* (2013).

Longe de esgotar o que poderia ser um esboço epistemológico dos estudos enunciativos com suas ramificações aparentemente improváveis, como na Retórica, na Gramática e na Lógica, as observações anteriores mostram que as reflexões sobre a enunciação datam de época anterior à dos domínios da linguística contemporânea. Diante disso, não é de se espantar, segundo Lia Cremonese (2007), que autores anteriores aos princípios da constituição da linguística da enunciação tenham, em suas teorias, aspectos que seriam retomados em outros tempos.

Um desses casos é o de Wilhelm von Humboldt. Considerado o fundador da filologia geral, Humboldt dá continuidade à tradição da Gramática Filosófica de *Port Royal*. No prólogo à *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje Humano*, Ana Agud associa a revolução provocada por Humboldt nos estudos da linguagem ao desenvolvimento da filosofia de Kant; para ela, da mesma forma que o filósofo revolucionou sua área, reconhecendo a impossibilidade de que a subjetividade transcenda a si mesma, Humboldt leva essa noção para a linguagem e inaugura uma nova fase no estudo da língua, que seria aprimorada pelas teorias da enunciação posteriormente.

Em decorrência da análise empírica das línguas reais, de modo especial do basco, seu estudo mais conhecido, Humboldt se questiona a respeito da capacidade humana da linguagem, assunto retomado mais tarde por Noam Chomsky. Sobre isso, Agud salienta que

o universal e o inato não são, para Humboldt, certas categorias linguísticas, mas funções nucleares da linguagem, e cada idioma pode satisfazê-las de um modo ou de outro, ou inclusive não satisfazer algumas em absoluto e permanecer assim a meio caminho com relação a seus próprios objetivos. (AGUD, 1990, p. 18).

A partir da perspectiva humboldtiana, a linguagem estaria na tensão entre o entendimento de que a diversidade é resultado da individualidade e a ideia de que a linguagem consiste em um sistema orientado por regras, noção que foi retomada e ampliada por Saussure.

Maria José Valverde ressalta que, para Humboldt, “o predomínio da subjetividade é a essência da linguagem” (HUMBOLDT *apud* VALVERDE, 1955, p.31). A língua serve, segundo o teórico prussiano, não para comunicar, mas para significar, o que vai ao encontro das ideias de Benveniste, segundo Cremonese (2007). Ao reconhecer a linguagem como inerente ao homem, manifestando-se por meio do uso, Humboldt evidencia o fato de que a linguagem é dual, pois “o homem tende, inclusive na instância de seu pensamento isolado, a um *tu* que corresponda ao *eu*; o conceito somente parece alcançar determinação e certeza quando vem refletido de uma mente alheia” (HUMBOLDT *apud* VALVERDE, 1955, p.33). Nesse sentido, nota-se que não só a linguagem é constitutiva do homem, como há um *tu* a que o *eu* se refere e, sem essa relação, não há constituição de sentido na linguagem.

Mesmo sem ter a enunciação como foco, assim como Humboldt, Michel Bréal também se preocupou com questões abordadas posteriormente pelas teorias enunciativas. De acordo com Flores *et al* (2013), em seu *Ensaio de semântica* (1992), Bréal propõe-se a apresentar em detalhes as leis da linguagem, os mecanismos de construção de sentido das palavras e os problemas da relação entre a semântica e a sintaxe; nessa mesma obra, ele define o que entende por parte subjetiva da linguagem: a parte mais antiga, a qual pode ser representada por palavras, formas gramaticais, elementos de frases e pelo plano geral das línguas. Cremonese (2007) destaca ainda que Bréal, ainda na mesma obra, aborda o fato de as palavras necessitarem de um contexto para adquirirem sentido, ao salientar que apenas nas situações de uso é que o falante identifica os sentidos que elas (as palavras) comportam.

Entre os nomes de destaque nas raízes do campo da enunciação, merece ênfase também a figura de Charles Bally, teórico que, de modo similar aos estudiosos apontados anteriormente, reage à maneira como eram desenvolvidos os estudos da linguagem até o início do século XIX. Bally possui um lugar diferenciado em relação a Bréal e Humboldt, uma vez que o suíço toma a enunciação como o próprio objeto de seus estudos, enquanto os outros dois a abordam de maneira tangencial. Dessa forma, o estudioso pode ser considerado como o primeiro pós-saussuriano, como é denominado por Flores e Teixeira (2017), e um representativo precursor da área. Vale lembrar que, cronologicamente, entre Humboldt, Bréal e Bally, há Saussure.

Profundo conhecedor de sânscrito e de grego, Bally dedicou-se a fazer do francês o centro de suas reflexões e, em geral, também no Brasil, é reconhecido como um dos editores do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma de Saussure. Entretanto, mesmo

antes do CLG, Bally já escrevera textos como *Précis de stylistique* (1905), *Traité de stylistique française* (1909) e *Le langage et la vie* (1913). Mesmo que as intenções do autor estivessem voltadas à descrição e ao ensino de línguas e à constituição de um aparato teórico direcionado a esse objetivo, “suas obras podem seguramente ser apontadas como precursoras no campo da Linguística da Enunciação”, de acordo com Cremonese (2007, p. 25).

Bally acreditava que o ensino de línguas era realizado de maneira equivocada, por focalizar apenas os aspectos metalinguísticos, por meio de obras literárias. Para o estudioso, “a língua literária era secundária, derivada da língua falada – essa espontânea –, embora ocupasse um lugar de honra entre os tipos especiais, derivados, de linguagem”, segundo Cremonese (2007, p. 25). Assim, a língua falada teria a estética apenas como um meio para alcançar a comunicação dos pensamentos e da afetividade, enquanto a literatura teria a estética por fim.

A partir desse raciocínio, Bally fundou uma nova disciplina, a Estilística. Distinta da Estilística vinculada à estética literária, a matéria elaborada pelo linguista suíço procura abordar “os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, quer dizer, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY, 1951 *apud* CREMONESE, 2007, p. 25).

Para Bally, o estudo da Estilística, ao abordar os fatos da linguagem vinculados à afetividade e à subjetividade, é sincrônico e descritivo. Fundamentando-se no uso efetivo da língua, está dividida em duas partes: a interna e a externa; a primeira busca analisar a estrutura de uma só língua e, de modo especial, as relações entre a fala e o pensamento dos sujeitos falantes e ouvintes. A parte externa, por sua vez, traça um comparativo entre duas línguas diferentes, enfatizando os contrastes dos procedimentos linguísticos e os signos que auxiliam a língua na expressão das ideias e da subjetividade.

Por meio dessa perspectiva, Bally desenvolve uma linguística da fala. O autor parte da concepção de que a linguagem é apta a expressar sentimentos e pensamento. A Estilística, assim, deve se preocupar com a presença da enunciação no enunciado, e não somente com o enunciado propriamente dito. Além disso, para o estudioso, a manifestação da subjetividade encontra-se em primeiro plano na linguagem, acima das formas lógicas.

A noção de sujeito que aparece na obra de Bally não é a de um ser do mundo, mas uma representação que o indivíduo tem de si mesmo, da sociedade, das situações e dos

demais sujeitos ao seu redor. O uso da linguagem, a partir desse contexto, fica condicionado à visão que o sujeito tem de si, dos outros e do mundo. Bally assevera:

O que o sujeito surpreende em si mesmo, a cada sondagem, é a sucessão ininterrupta de seus estados de consciência, representações, idéias, emoções, a vida de seu espírito em sua mobilidade, as manifestações diversas de seu temperamento. Esta introspecção, inteiramente espontânea, raras vezes permite ao sujeito objetivar-se; o sujeito não vê a si mesmo como o veria outro. E, ao contrário, o que os outros percebem de nós são as manifestações exteriores de nosso ser, ou, melhor, não vêem mais do que os resultados e os símbolos, em forma de atos, de movimentos voluntários ou involuntários, de palavras, etc. Esta simbologia pode ser interpretada bem ou mal, mas, mesmo quando a interpretação for justa, se corresponde bem à nossa vida interior, não permite ver mais do que uma transposição de nossa intimidade; é como julgar uma ação por suas conseqüências e não pela intenção de que nasceu. (BALLY, 1967 *apud* CREMONESE, 2007, p. 27).

As interpretações das manifestações, assim, não correspondem ao interior exato dos sujeitos, mas a uma representação da exterioridade por meio do uso da linguagem. As marcas deixadas resultantes desse ato de representar referem-se ao contexto, à situação e à interlocução e podem ser percebidas por meio da comparação dos fatos expressos pelo falante.

Nesse sentido, Cremonese explica que a afetividade é, para Bally, a manifestação natural e espontânea das formas subjetivas do pensamento do sujeito. Ela está vinculada a todas as sensações vitais, às vontades, aos desejos e aos juízos de valor. Um fato de expressão consiste em um uso espontâneo da linguagem e representa “uma unidade de pensamento, completa e autônoma de sentido, podendo compreender desde um afixo até frases” (Cremonese, 2007, p. 28).

Bally distingue ainda dois tipos de efeitos que podem ser sentidos pelo sujeito ao valer-se de um fato de expressão: os efeitos naturais e os efeitos por evocação. Com essa distinção, procura diferenciar a informação sobre os sentimentos vivenciados pelo sujeito – normalmente, marcados na escolha lexical – daquela que diz respeito ao meio linguístico, ou seja, as impressões causadas no falante, a partir de uma reflexão inconsciente que vincula determinadas palavras e/ou construções sintáticas a meios linguísticos e sociais específicos.

O autor também ressalta que o falante recorre à expressividade para atingir seu objetivo de exteriorizar pensamentos, transmitindo, dessa forma, suas marcas de singularidade; a expressividade ocorre sempre na relação com outro falante, imaginário

ou real, coletivo ou individual. Segundo Bally (1967 *apud* CREMONESE, 2007, p. 29), por meio desse mecanismo, “o homem que fala espontaneamente e atua por meio da linguagem, mesmo nas circunstâncias mais triviais, faz da língua um uso pessoal e a recria constantemente”. O linguista ainda pontua que o procedimento que origina a expressividade não é infalível e automático:

Para que a expressividade se manifeste, é preciso a cumplicidade do pensamento emotivo; o signo expressivo deve responder a uma realidade psíquica e satisfazer uma exigência da sensibilidade; somente com essa condição desdobra seus efeitos; em si, não é mais do que uma mera possibilidade. (BALLY, 1967 *apud* CREMONESE, 2007, p. 29).

A expressividade, dessa forma, define-se como aquilo que faz com que o sujeito construa os fatos de expressão, os quais constituem o material analisado pela Estilística. Bally atesta isso ao afirmar que

a parte propriamente estilística de nosso estudo compreende os caracteres afetivos dos fatos de expressão, os meios aplicados na operação pela língua para produzi-los, as relações recíprocas existentes entre esses fatos, enfim conjunto do sistema expressivo do qual eles são os elementos. (BALLY, 1951 *apud* CREMONESE, 2007, p. 30).

Face ao exposto, nota-se que cabe à Estilística investigar como o pensamento do sujeito pode ser expresso no uso que ele faz da linguagem e como o uso da linguagem age sobre a subjetividade, por intermédio das marcas linguísticas deixadas na situação e no contexto de uso; desse modo, para o autor, é somente a partir da determinação do conteúdo lógico que a expressão subjetiva é colocada em destaque. Em decorrência disso, Bally diz que a enunciação é o ato que um sujeito realiza ao comunicar os seus pensamentos; assim,

“toda enunciação do pensamento pela língua é condicionada lógica, psicológica e linguisticamente. Esses três aspectos somente se recobrem em parte; seu papel respectivo é muito variável e muito diversamente consciente nas realizações da fala” (BALLY, 1967 *apud* CREMONESE, 2007, p. 33).

Um enunciado (ou frase, termo equivalente na obra), então, é constituído linguisticamente e tem em si um lado lógico e um psicológico, conforme aponta Cremonese (2007). Dessa forma, por meio de suas formulações, Bally destaca-se como o teórico que mais se aproximou dos desdobramentos vigentes das teorias da enunciação.

A partir do amplo campo de estudos sobre a enunciação, diversos estudiosos, em diferentes períodos, foram aprimorando as temáticas que hoje podem ser consideradas como pertencentes a um mesmo quadro teórico. Desde as primeiras reflexões dos gregos até a Estilística desenvolvida por Bally, muitos foram os aspectos abordados e que acabaram influenciando o desenvolvimento de uma linguística da enunciação, a qual é composta por um panorama notável pela diversidade de abordagens que o integram.

Diante desse contexto, pode-se pensar em linguística da enunciação ou em teorias da enunciação? Para responder a isso, Flores (2001) expõe uma proposta epistemológica de abordagem desse campo de estudos, que permite falar em teorias da enunciação (no plural), que estariam, por sua vez, reunidas na linguística da enunciação (no singular). Para atestar a sua hipótese, o linguista diz que haveria traços comuns entre as abordagens enunciativas, de forma que se poderia pensar em um objeto próprio a uma linguística.

Flores, para defender sua perspectiva, apresenta os seguintes argumentos: a) a problemática da dicotomia língua/fala instaura-se como condição de formulação das teorias dos autores que abordam a enunciação, cada um a seu modo, e discutem o pensamento de Saussure; b) percebe-se ainda, nos autores, a preocupação em formular um domínio conceitual que abarque o termo *enunciação*, mesmo que cada um o defina conforme os seus preceitos; c) pela inclusão da abordagem da subjetividade na linguagem, os estudiosos instauram relações diferenciadas da linguística com a filosofia da ciência, ou seja, as noções de método e objeto são retomadas nas reflexões da enunciação.

Nesse sentido, para Flores, supor a existência de um campo, a linguística da enunciação, não significa pensar na hierarquização de teorias, mas atribuir um ponto de vista viável para vislumbrar certa unidade na diversidade, respeitadas as diferenças dessas teorias. Diante disso, o autor insiste na pertinência de se pensar em um campo, denominado linguística da enunciação, dentro do qual coexistem teorias da enunciação que falam, de forma específica, em enunciação e subjetividade, enunciação e argumentação, enunciação e polifonia, enunciação e metalinguagem, enunciação e comunicação.

Entre a diversidade de teóricos que abordam a enunciação, destacam-se os nomes de Mikhail Bakhtin, Roman Jakobson, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz, Antoine Culioli, François Flahault, Catherine Fuchs, Catherine Kerbrat-Orecchioni, Claude Hagège, entre outros. Entretanto, dentre essa listagem de nomes expoentes no campo da linguística da enunciação, dedicamo-nos à apresentação mais detalhada da

teoria enunciativa de Benveniste, a qual abriga conceitos fundamentais para o desenvolvimento de nosso trabalho.

Considerado o *pai da Enunciação*, Benveniste talvez tenha o papel pioneiro no desenvolvimento de um pensamento enunciativo a partir do quadro saussuriano e, em especial, no desenvolvimento de um modelo de análise de língua especificamente voltado à enunciação. Cremonese (2007, p. 37) ressalta que “o autor revolucionou a linguística ao elaborar uma teoria que, ainda que siga e acredite nas noções saussurianas, subverte-as e ultrapassa-as ao articular sujeito e estrutura”. Assim, nota-se que o apogeu de suas reflexões certamente está na noção de aparelho formal da enunciação, a qual reelabora as fronteiras entre a língua e a fala, dando ênfase às marcas da subjetividade daquele que enuncia. Diante dessas considerações, no próximo tópico, discorre-se sobre as contribuições de Benveniste, a fim de destacar as suas ideias mais pertinentes aos propósitos desta dissertação.

2.2 A teoria da enunciação de Benveniste

O lugar da proposta enunciativa de Benveniste mostra-se ímpar dentro do contexto histórico em que seus escritos foram produzidos: o apogeu do estruturalismo nas ciências humanas como método rigoroso de análise de fenômenos antes isolados da investigação científica. Firmando o princípio de que não há para o nosso conhecimento elementos isolados, o estruturalismo pode ser entendido como um ponto de vista epistemológico que integra os fatos num feixe de relações. Compreendido como uma posição científica geral presente em vários campos teóricos que englobam os conhecimentos humanos, “o estruturalismo não é tão somente um método ou mesmo uma doutrina, podemos encontrá-lo com métodos muito diversos e sob doutrinas muito variadas” (MATTOSO CÂMARA, 1967, p.81).

Embora o estruturalismo europeu tenha um início bem marcado a partir das ideias de Saussure, os fins que ele alcançou são de grande dimensão, visto que influenciou fortemente outras ciências, tais como a antropologia, a psicanálise e a filosofia, circunstância que rendeu à linguística o seu reconhecimento como uma ciência piloto presente em diversas áreas do conhecimento humano.

O cerne do ponto de vista estruturalista parte da observação de que todo elemento num dado sistema é determinado pelos outros elementos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio; dessa forma, não há fatos isolados passíveis de conhecimento,

porque toda significação resulta de uma relação. Ultrapassando os limites da linguística da língua desenvolvida pelos estudos estruturalistas, no sentido de complementar lacunas ou espaços que não figuravam dentro de seu escopo inicial, Benveniste desenvolve uma teoria linguística que engloba as dimensões do sujeito e do discurso.

O escopo da teoria enunciativa de Benveniste encontra-se nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*²⁶, livros que trazem uma compilação de vários artigos produzidos ao longo do percurso investigativo do linguista. Organizados em seções temáticas – transformações da linguística; a comunicação; estrutura e análises; funções sintáticas; o homem na língua e léxico e cultura –, ambas as produções expõem os fundamentos básicos da teoria da enunciação sob a perspectiva benvenistiana.

O primeiro volume do PGL foi organizado pelo próprio linguista com a colaboração de P. Verstraetem e N. Ruwet e lançado em 1966. Já no volume II tem-se, sob a supervisão de Benveniste, uma compilação feita por M. DJ. Moïfar e M. Lejeune; foi publicado em 1974, dois anos antes da morte de Benveniste. Sobre a escolha do título dessas obras, o próprio Benveniste busca explicar sua opção lexical (“Problemas de linguística geral”) no prefácio de seu primeiro livro, em que reúne estudos técnicos que havia publicado:

Se os apresentamos sob a denominação de problemas isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem, que se formula nos principais temas tratados: encaram-se as relações entre o biológico e o cultural, entre a subjetividade e a socialidade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento, e também os problemas da análise intralingüística. (BENVENISTE, 1991, p. s/p – Prefácio).

Nota-se, pelas próprias palavras do autor, que, ao optar pela nomeação “problemas”, indica-se ao fato de que, em cada um dos artigos apresentados nas duas obras, pode-se verificar significativas reflexões sobre questões complexas referentes à linguagem. Roland Barthes (2004), ao se referir à obra benvenistiana, em uma resenha feita acerca do lançamento dos PLG I e II, desenvolve o seguinte comentário enaltecendo sobre o mérito de tal trabalho:

Tudo isso forma o balanço de um saber impecável, responde com clareza e força às questões de fato que todos aqueles que têm algum interesse pela linguagem podem propor-se. Mas isso não é tudo. Esse

²⁶ Ao longo do texto, estas obras serão referenciadas como PGL I ou PGL II.

livro não satisfaz apenas a uma demanda atual da cultura: vai à frente, forma-a, dirige-a. Em resumo, não é apenas um livro indispensável; é também um livro importante, inesperado: é um belíssimo livro. (BARTHES, 2004, p. 208).

Pelo comentário barthesiano, ainda que sumário, pode-se perceber a abrangência e a relevância dos estudos de Benveniste no campo da linguística e também no de outras ciências. Figura influente no cenário dos estudos franceses da linguagem, ele foi responsável por um conjunto de questões concernentes a uma linguística diferenciada da que até então era feita em seu tempo. O pensamento benvenistiano configura-se em uma epistemologia e, por meio desse prisma, o linguista constrói em um terreno limítrofe a prospecção de uma nova linguística: a da enunciação. Nessa conjuntura, quanto ao que Benveniste propõe de novo à linguística, Barthes complementa:

De modo geral, ao colocar o sujeito (no sentido filosófico do termo) no centro das categorias da linguagem, ao mostrar, ao ensejo de fatos muito diversos, que o sujeito jamais pode distinguir-se de uma ‘instância do discurso’, diferente da instância da realidade, Benveniste fundamenta linguisticamente, quer dizer, cientificamente, a identidade do sujeito e da linguagem, posição que está no cerne de muitas pesquisas atuais e que interessa tanto à filosofia quanto à literatura; tais análises indicam, talvez, a saída para uma velha antinomia, mal liquidada: a do subjetivo com o objetivo, do indivíduo com a sociedade, da ciência com o discurso. (BARTHES, 2004, p. 209-210).

Benveniste, ao inserir o sujeito no cerne da investigação linguística, não se refere ao sujeito do mundo, mas às marcas de subjetividade e de intersubjetividade deixadas por esse sujeito no enunciado, colocando em foco o jogo enunciativo entre um *eu*, um *tu* em um *aqui* e *agora*. As inferências do linguista provocam, dessa forma, uma ruptura conceitual na comunidade linguística de seu tempo, o que o levou a ser reconhecido por François Dosse (1993) como a “exceção francesa”. Essa designação ressalta o movimento de ultrapassagem de Benveniste no cenário francês, dado que ele traz para a sua época reflexões singulares sobre o sentido, o sujeito, a subjetividade, a intersubjetividade e o discurso, as quais não haviam sido desenvolvidas no CLG, ainda que tivessem sido insinuadas por Saussure, mesmo que de forma embrionária, conforme assevera Catiuce Gomes (2012).

Ao assistir, em 1918, a um curso ministrado por Antoine Meillet, que fora discípulo de Saussure, estimula-se em Benveniste um apreço pelos princípios saussurianos e, em função disso, ele assume uma formação linguística seguindo as

reflexões do mestre genebrino. Enquanto Saussure buscou encontrar na língua motivos para defini-la como objeto de estudo, Benveniste firmaria um novo domínio: o do discurso.

De acordo com Flores *et al.*, é possível insistir que a dicotomia língua/fala receba outro estatuto nos estudos da enunciação, uma vez que não se trata mais de opor a língua à fala, mas de constatar que a língua comporta a fala e vice-versa. Ao expor esse raciocínio, os estudiosos brasileiros asseveram que, independentemente da relação que o campo da enunciação postula com Saussure, “as teorias da enunciação constituem um novo objeto, que não encontra, ao menos não totalmente, abrigo na dicotomia língua/fala. Este novo objeto tem um nome: enunciação” (FLORES *et al.* 2013, p. 19).

A partir da ótica dos estudos de Benveniste, é possível perceber alguns aspectos não abordados por Saussure, mas que foram estudados pelo linguista francês; entre estes, pode-se destacar o olhar benvenistiano para o sujeito que enuncia, questão não abordada pelo mestre genebrino. Benveniste não estuda o sujeito do mundo, mas sim o locutor que, ao se apropriar da língua, se constitui como sujeito e deixa marcas de subjetividade; seu estudo focaliza, desse modo, as marcas linguísticas deixadas por esse locutor no momento da enunciação. Para Benveniste, a linguagem está no próprio homem, não havendo um momento específico que marca seu início; assim, ela é constitutiva da natureza humana, o homem nasce com ela.

Adicionalmente, ao sustentar a afirmativa de que o discurso é produzido a cada vez que se enuncia, Benveniste busca definir a enunciação no quadro formal de sua realização, com vistas a delinear seus caracteres formais no interior da língua, por meio da manifestação individual que ela atualiza. A enunciação passa a ser compreendida por Benveniste (1989, p.82) como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Em outra passagem de seu texto, a define como o “ato mesmo de produzir um enunciado (...) este consiste em o locutor mobilizar a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua é determinada pelos caracteres linguísticos da enunciação”.

A partir das ideias benvenistianas, nota-se que a subjetividade do indivíduo linguístico viabiliza a comunicação e atualiza o ato enunciativo, construindo, assim, a relação homem-mundo. Com isso, Benveniste vai além do mestre genebrino e passa a interrogar a língua do ponto de vista do sentido, segundo o apontamento de Claudine Normand:

Benveniste separa-se, sem o declarar, de Saussure. Ele nos diz que se trata somente de “ir além” no estudo da significação; na realidade, pode-se pensar que ele vai a outro lugar: retorno a uma fenomenologia que um estruturalismo metodológico não tinha recoberto, abertura para descrições integrando traços da subjetividade nos enunciados e sua presença ativa em toda enunciação. Nunca abandonar a língua, na sua matéria significante, em suas estruturas comuns, no seu aparelho “semiótico”, mas conciliar esse gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, com a comunicação sempre situada, com o “acontecimento inebriante” que é todo enunciado. Analisar “o semântico”: eis a aposta de Benveniste. (NORMAND, 2009, p.77).

Para Flores e Teixeira (2017), isso salienta a ideia de que Benveniste, mesmo tendo sido um exímio leitor de Saussure, não pode ser considerado um continuador *stricto sensu* do estudioso de Genebra.

Considerado como um “ponto de chegada” da teoria esboçada por Benveniste, seu artigo “O aparelho formal da enunciação” condensa mais de quarenta anos de reflexão linguística sobre a enunciação e permite entender que o que Benveniste adotou chamar de aparelho formal da enunciação é, ao mesmo tempo, geral, uma vez que é intrínseco a todas as línguas, e específico, visto que, segundo Flores *et al.* (2013), se delimita em dois planos distintos e interligados: a) no plano das línguas, pois cada língua possui o seu aparelho; b) no plano do sujeito, já que o aparelho é sempre novo a cada instância de uso, de tempo e de espaço.

A partir dos estudos de Benveniste, pode-se conceituar como o sentido primeiro da enunciação o próprio ato produtor do enunciado. A enunciação, assim, é a instância constitutiva do enunciado; instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado, o qual comporta seus traços e suas marcas. Flores *et al.* (2013) acrescentam ainda que essa instância pressuposta, a partir de Benveniste, passa a ser entendida como um conceito universal e particular a todas as línguas naturais.

Ao afirmar que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, Benveniste (1989, p.82) separa ao mesmo tempo o ato – objeto de estudo da linguística da enunciação – do produto, isto é, o discurso. Sob esse prisma, o ato individual pelo qual se utiliza a língua instaura, em primeiro lugar, o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Dessa forma, o ato de enunciar passa a ser compreendido como a ação de transformar individualmente a língua, mera virtualidade, em discurso.

Como produto da enunciação, o enunciado comporta elementos que remetem à instância de enunciação: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos, e

advérbios apreciativos, advérbios espaciais e temporais. Entretanto, esse conjunto de marcas enunciativas colocadas no interior do enunciado não é a enunciação propriamente dita, cujo modo de existência é ser o pressuposto do enunciado, mas a enunciação enunciada.

A enunciação deve ser analisada, desse modo, como a instância de instauração do sujeito: é na linguagem e por ela que o homem se constitui como sujeito; assim, ao produzir um ato de fala, ele se coloca como *eu*. Para Benveniste (1989, p. 261-262), esse *eu* não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, mas a algo linguístico, isto é, ao “ato de discurso individual em que *eu* é pronunciado e designa seu locutor”. A partir desse evento, o *eu* estabelece uma outra pessoa, aquela à qual ele diz *tu* e que lhe diz *tu*, quando, por sua vez, toma a palavra.

Dessa relação, emergem o enunciador e o enunciatário; aquele se refere ao *eu* pressuposto, não é o sujeito ontológico, mas sua imagem construída na totalidade do discurso, e este, ao *tu* pressuposto, sujeito para quem o enunciador se dirige. A enunciação, vista dessa perspectiva, é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, por meio dos elementos do aparelho formal da língua, estabelece como parâmetro um *tu*.

A partir desse quadro teórico, a noção de processo de referência faz-se presente como parte da enunciação, uma vez que, ao apropriar-se da língua e mobilizá-la, “o locutor estabelece relação com o mundo por meio do discurso de um sujeito, enquanto o alocutário correferê”, conforme explicam Flores e Teixeira (2017, p. 36). Por meio dos estudos de Benveniste, o sistema de referência é visto como um elemento integrante da língua na sua totalidade, o qual é mobilizado pelo sujeito e deste depende para ter sentido; assim,

na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de correferir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um colocutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Verifica-se que, para Benveniste, a atribuição da referência em sua teoria está ligada ao sujeito e à sua enunciação. Em vista disso, na proposta enunciativa desse linguista, pode-se evidenciar a essencialidade da categoria de pessoa para que a

linguagem se torne discurso. Quando produz um ato de fala, o enunciador apropria-se do seu conhecimento linguístico e, ao fazê-lo, institui-se como “*eu*”.

Ao focalizar a pessoalidade, Benveniste (1991) esclarece que as três pessoas – *eu*, *tu* e *ele* – não possuem o mesmo estatuto. Em seu clássico estudo “*Estrutura das relações de pessoa no verbo*”, o linguista francês elenca alguns traços pertencentes à relação constitutiva entre 1ª e 2ª pessoas, que as diferenciam da 3ª. Para o estudioso, enquanto *eu* e *tu* são sempre os participantes da comunicação, o *ele* faz referência a qualquer ser ou não designa nenhum ser, não é uma pessoa determinada; devido a isso, pode ser visto como uma expressão impessoal. *Eu* e *tu* são reversíveis e indissociáveis; *eu* pode se tornar *tu* e *tu* pode se tornar *eu*. No entanto, não há a possibilidade de reversibilidade com *ele* e, dada sua condição de impessoalidade, não é jamais instaurado como integrante da cena enunciativa. É a situação de enunciação que especifica o que é pessoa e o que não é pessoa, e a terceira pessoa é explicitada no contexto, e não na situação.

Por essas razões, Benveniste (1991, p. 250) questiona a legitimidade do *ele* como sendo da categoria de pessoa e entende que a terceira pessoa “comporta realmente uma indicação do enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma pessoa específica”. Em vista disso, a categoria de pessoa possui, para o linguista, duas correlações: a de *pessoalidade*, na qual há oposição entre pessoa (*eu-tu*) – participantes da enunciação, pessoas enunciativas – e não-pessoa (*ele*) – pertencente ao domínio do enunciado, pessoa enunciva –, e a da *subjetividade*, em que se contrapõem *eu* vs. *tu*; a primeira é a pessoa *subjetiva* e a segunda é a pessoa *não subjetiva*. O *tu*, segundo Benveniste, é uma pessoa *não-eu*; é uma quase pessoa, uma pessoa *não subjetiva* por oposição ao *eu*, que é a pessoa que carrega realmente a marca da subjetividade. Por subjetividade, compreende-se a capacidade de enunciador pôr-se como sujeito, é o fundamento que determina o estatuto linguístico da pessoa.

Dado o caráter central desse sujeito, o *eu*, ao enunciar em um dado espaço e em um determinado tempo, é tomado como ponto de referência para a organização das relações espaço-temporais; assim, o *aqui* é o espaço do *eu* e o *agora* corresponde ao momento da enunciação. A partir do marco espacial *aqui*, são estabelecidas todas as diferenças de espaço: por exemplo, em português, *aqui*, *ali*, *lá*, *acolá*. Benveniste (1989) ainda vai dizer que o tempo linguístico é radicalmente diferente do tempo físico e do tempo cronológico, porque o tempo linguístico se constitui na e pela linguagem, ou seja, o *agora* é o momento em que se toma a palavra, não importando em qual momento do tempo físico ele esteja colocado. Por conta de todas essas propriedades, ao ser analisada

como a instância de instauração do sujeito, a enunciação torna-se o lugar do *ego*, *hic* et *nunc*.

Diante disso, coloca-se em evidência a emergência das categorias de pessoa, de tempo e de espaço que compõem a instância da enunciação. Essas três categorias linguísticas são responsáveis pela transformação da língua em discurso e constituem o que Benveniste (1989) vai denominar como “o aparelho formal da enunciação”. Ao apropriar-se desse aparelho, o locutor produz uma enunciação nova e irrepetível, devido ao fato de a assunção das categorias fundamentais da enunciação – pessoa, tempo e espaço – serem sempre únicas.

Para Benveniste (1991), o que viabiliza a comunicação e a atualização da língua pela enunciação é a subjetividade, pois é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito. A linguagem, assim, funciona porque um locutor, apresentando-se como sujeito, remete-se como *eu*. A manifestação da subjetividade, entendida como uma capacidade do locutor colocar-se como sujeito, é vista como um ato individual de exercício de língua; o dizer de *eu* instaura, desse modo, a noção do caráter subjetivo da linguagem.

Para além da subjetividade, segundo Beth Brait (2006), pode-se pensar também na presença da intersubjetividade. Por meio dela, é possível olhar para a significação e para as marcas do sujeito da enunciação concebido, sobretudo, como uma instância em construção, sempre incompleta, transformável e parcial, segundo Bertrand (2003a). Sobre a intersubjetividade, Benveniste aborda a questão desde o ponto de vista linguístico, sem, contudo, encerrar-se em uma perspectiva idealista de sujeito; assim, a linguagem é vista como condição de existência do homem e, como tal, é sempre referida ao outro.

Com base nesses breves apontamentos, é possível pensar no homiliasta franciscano, como enunciador, que atesta suas convicções por meio de seu discurso que é, ao mesmo tempo, instrumento de instrução, conselho, ensinamento, reflexão e condição para se instaurar como sujeito e revelar sua subjetividade na linguagem. Ao enunciar, a personalidade do sujeito se instaura, atinge o outro e faz reconhecer um *eu* vinculado a um *tu*. É por meio desse ato individual que se insere em primeiro lugar o locutor como referência nas condições necessárias da enunciação, visto que, para Benveniste, antes da enunciação, a língua é meramente uma possibilidade de língua; após a enunciação, ela ganha a forma de uma instância de discurso. A partir desse momento, emana um locutor, o qual realiza um processo de apropriação do aparelho formal e implanta um outro diante de si, o ouvinte.

Ao realizar uma prévia análise da actorialização, verifica-se, no enunciado homilético franciscano, que há a instalação do *eu* pressuposto e sua imagem é estruturada a partir da totalidade do discurso, conforme os exemplos que seguem:

E3: ... eu lembro quando pequeno eu ia à aula e lá tinha aquelas letras p b q d... era tudo uma virada pra cima outra pra baixo pro um lado outra pro outro... pra mim era tudo igual... era uma bagunça toda... depois de muito tempo:: elas começaram a assumir forma... pensa que eu acreditava que iria conseguir LER histÓria sem fiGUra? de jeito nenhum... por que os outros acreditavam?... eu comecei a ler e a escrever... QUANTOS dias demorou ISSO? três dias... o dom da leitura JÁ estava dentro:: de MIM mas eu não acreditava... ASSIM como já estava dentro de vocês... ASSIM como muitos outros dons estão dentro de vocês... mas se vocês não acreditaram se alguém não empurrou:: incentivaram... eles não vão sair de dentro de vocês... NÃO adianta:: pedir os dons do Espírito Santo se a gente não fizer o exercício de transformá-los para que eles possam ser benéficos para a família para a comunidade... (LINHAS 58-68). (8º Domingo da Páscoa – Pentecostes).

E3: ... no meu modo de pensar vocês mulheres tem a dignidade maior que podem ter... como não se acreditavam nas mulheres não se acreditam em Maria... (LINHAS 14-16). (1º Domingo da Páscoa).

Cabe ressaltar que, nos enunciados do exemplo, certificam-se as marcas do homiliasta em seu discurso, pois, ao se posicionar como enunciador, realiza a instalação do simulacro do *ego* para atestar a sua subjetividade e, por meio do pronome *eu* projetado no interior do enunciado, atesta as suas experiências e as suas convicções.

A partir dessas considerações, no tópico seguinte, tendo como base os aprofundamentos advindos da semiótica discursiva, dedica-se um espaço à abordagem dos índices de pessoa, de tempo e de espaço, a fim de discorrer sobre as questões correlacionadas à sistematização, ao funcionamento e aos efeitos de sentido que essas três categorias engendram no enunciado a partir da enunciação.

2.3 Semiótica discursiva e Enunciação

Se Benveniste formula uma teoria que concebe a enunciação como uma instância de mediação entre a língua e a fala, Greimas, por sua vez, a reformula para explicitar a significação do discurso manifestado em textos. O estudioso lituano vai além das ideias benvenistianas e estabelece para os estudos enunciativos dois mecanismos responsáveis pela instauração dos índices de pessoa, de tempo e de espaço no enunciado: a *debreagem* e a *embreagem*.

Ao refletir sobre as condições pelas quais é viável um estudo científico da significação, as raízes epistemológicas da teoria semiótica desenvolvida por Greimas instauram um projeto de ciência, cuja indicação central incide sobre o sentido construído no âmbito do texto. O linguista lituano constrói, desse modo, uma semântica linguística que se volta à análise da significação assim como é fornecida pelo código da língua e sua organização em discurso.

O estudo dessa semântica, por sua vez, deve atender a três condições: ser *sintagmático*, pois seu escopo é estudar a produção e a interpretação dos textos; ser *gerativo*, visto que a proposta greimasiana concebe o texto como um percurso que vai do nível mais simples e abstrato ao mais complexo; e ser *geral*, uma vez que, no estudo da significação, a unicidade do sentido pode manifestar-se sob diversas configurações de texto, verbais, visuais ou sincréticas, por exemplo.

A semiótica discursiva ultrapassa os limites da frase e concebe o texto como unidade de sentido e considera, portanto, que o sentido da frase depende do sentido do texto. Tal teoria pretende, de maneira imanente, apreender o sentido no interior do próprio texto; procura, então, descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.

Nessa perspectiva, a proposta de Greimas situa sua intervenção no âmbito de uma teoria da linguagem e de sua realização em discurso e postula, sobretudo, que o texto forma um “todo de significação que comporta em si mesmo os princípios de sua própria completude: um mundo de representações vai se introduzindo ao longo das frases, abrindo-se desde a primeira e fechando-se após a última” (BERTRAND, 2003b, p.13).

Considerada a obra inaugural da semiótica discursiva, *Semântica estrutural*, de Greimas, foi publicada pela primeira vez em 1966, no mesmo ano do primeiro volume da obra *Problemas de Linguística Geral I*, de Benveniste. O problema da significação constitui-se como uma das preocupações nucleares da produção do teórico lituano, razão pela qual Greimas discorre acerca das dificuldades em precisar o objeto e os métodos que comporiam os processos analíticos necessários a uma teoria semântica. De acordo com o estudioso, uma semântica com teor científico só poderia ser elaborada a partir da união de uma linguagem descritiva, metodológica e epistemológica. No decorrer de quase três décadas, esse foi o desafio que Greimas propôs e a que se dedicou rigorosamente.

O projeto semiótico greimasiano conseguiu desenvolver um método de análise consistente e inaugurou novas perspectivas para a observação dos significados no texto, conseguindo realizar um estudo que aliasse o interno, a discursivização, e o externo, a

relação enunciado/enunciação. Segundo Maria Goreti Prado (2018, p. 55), Greimas amplia seu escopo de estudo, ou seja, atinge dimensões ainda maiores, “com os sintagmas e os enunciados, o estudioso demonstrou que essas diferentes unidades de comunicação, com diferentes dimensões e estruturas, estabeleciam relações que podiam ser descritas da mesma maneira”. É importante ressaltar que, em *Semântica estrutural*, Greimas empregou o termo “enunciado” como uma das delimitações do discurso, ou seja, como um “ato acabado de comunicação, bastando-se a si próprio” (GREIMAS, 1973, p. 50).

Ao focalizar, no plano do discurso, o enunciado, o estudioso evidencia a questão referente ao modo de manifestação das estruturas elementares da significação no ato da comunicação. De acordo com Greimas, é a partir dessa condição que o significante encontra o significado, ou seja, a significação agrupa os dois planos da linguagem (expressão e conteúdo, na terminologia de Hjelmslev), ato que determina a função semiótica.

Segundo Prado (2018), as considerações traçadas por Greimas em sua obra de 1966 são marcas de que havia uma organização responsável pelo processo de significação que, mais adiante, seria abordado, primeiramente, sob o primado do texto e, depois, na perspectiva da instância do discurso. Sobre essas duas dimensões – texto e discurso – posteriormente, dando continuidade a tais estudos, afirma Fontanille:

Do ponto de vista do discurso, o ato é um ato de enunciação que produz a função semiótica. Certamente a função semiótica pode ser examinada de um outro ponto de vista, como a reunião consumada do plano do conteúdo e do plano da expressão, mas se trataria, nesse caso, do texto. (FONTANILLE, 2007, p. 97).

A partir do esclarecimento de Fontanille, nota-se que, na década de 1960, Greimas começava a desenvolver uma semiótica que priorizava o enunciado e que estaria preocupada com a descrição dos estados e de suas transformações, estabelecendo, dessa forma, regras para uma sintaxe narrativa passível de examinar qualquer tipo de texto. Bertrand (2003a), ao expor uma abordagem de caráter historiográfico sobre os estudos enunciativos na semiótica, apresenta o seguinte comentário:

Longe de ser ignorado, o problema [as questões enunciativas] se apresentou a Greimas desde meados da década de 1960, em *Semântica estrutural*, onde ele foi resolvido categoricamente: a descrição semântica do texto enunciado deve ser feita expulsando de seu campo de pertinência a atividade enunciativa do sujeito falante. Tratava-se de construir a objetivação do texto. Isso implica, escreve ele [Greimas], “a

eliminação do parâmetro da subjetividade” e das principais categorias que o manifestam: a pessoa, o tempo da enunciação, os dêiticos espaciais, os elementos fáticos. Essa eliminação, estritamente metodológica, na verdade delineava, como num negativo fotográfico, o espaço de uma análise enunciativa da atividade do discurso. (BERTRAND, 2003a, p. 80).

Bertrand (2003a), mais uma vez, apresenta seu ponto de vista e explica que, no princípio, a semiótica fez abstração

[...] do sujeito enunciador para desvendar a organização interna dos dispositivos significantes: estruturas elementares tais como o quadrado semiótico, estruturas narrativas centradas no actante, estruturas discursivas tecidas em isotopias. Essa concepção semiótica deixa pouco espaço para a enunciação, e ainda menos para a interação. (BERTRAND, 2003, p. 79a).

Mesmo que Greimas pensasse, inicialmente, em uma semiótica voltada para o enunciado, focalizando a organização interna da significação, não dando espaço para pensar na investigação do conceito de enunciação, em *Semântica estrutural*, ele dá os primeiros passos rumo à expansão dos desdobramentos de sua proposta semiótica. Em *Sobre o sentido*, obra publicada em 1970, o pesquisador dá continuidade à preocupação em constituir uma disciplina científica em função da problemática da significação e apresenta uma minuciosa reflexão sobre o que é o sentido e quais são as condições essenciais para sua manifestação, tanto no nível da semiótica linguística quanto no da semiótica natural, isto é, tanto no que se refere ao verbal quanto ao gestual.

Ao abordar as condições para a validação do desenvolvimento de uma semiótica do mundo natural, não linguística, Greimas ressalta que essa prática podia ser examinada como um conjunto de operações de transcodificação se fosse identificada a existência de um destinador-codificador (sujeito destinador) e de um destinatário-decodificador (sujeito destinatário). Para o linguista, o ato de introduzir o sujeito na análise da significação poderia explicar diferentes formas de significação. Porém, conforme explica Prado (2018), a problemática referente ao conceito de sujeito da enunciação na semiótica era ainda nova naquela época.

Na tentativa de alguma solução, Greimas toma emprestado da linguística os princípios e procedimentos referentes ao assunto e remetendo, de maneira indireta, a Benveniste, salienta:

Trata-se de tomar aqui a já clássica distinção entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. Sabe-se que a nível da semiótica linguística, os dois sujeitos, ainda que originalmente distintos – o locutor pertencendo à ordem não-linguística do estatuto da comunicação, no papel de emissor de mensagens, e o sujeito verbal dependendo da ordem do discurso linguístico – podem sincretizar-se em enunciados do tipo “eu ando”, onde “eu” é simultaneamente sujeito do enunciado e sujeito da enunciação [...]. A nível da semiótica natural, os dois sujeitos são bem distintos: na prática gestual, o homem é sujeito do enunciado [...]; na gestualidade comunicativa, o homem é sujeito da enunciação [...]. (GREIMAS, 1975a, p. 62).

Diante desse fragmento, observa-se que, na semiótica linguística, é possível ocorrer sincretismo entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação; no entanto, na semiótica natural, não existe sincretismo entre os dois sujeitos da gestualidade comunicativa, pois eles estão localizados em um mesmo código de expressão, que é o corpo humano. A partir desse contexto, verifica-se que a investigação da problemática envolvendo a enunciação ganhava espaço e tornava-se urgente para os estudiosos da área.

Em 1972, com a obra *Ensaio de semiótica poética*, Greimas dá mais um passo em suas reflexões e destaca a necessidade de estabelecer o estatuto da enunciação e do sujeito da enunciação:

ao tempo em que se recusa uma nova mistificação, que permitiria a reintrodução, por portas travessas, da problemática do “inefável”, deve-se procurar determinar o estatuto e o modo de existência do sujeito da enunciação. A impossibilidade em que nos vemos de falar, em semiótica, em sujeito puro e simples, sem o conceber necessariamente como parte da estrutura lógico-gramatical da enunciação, da qual é actante-sujeito, revela ao mesmo tempo os limites dentro dos quais encerramos deliberadamente nossa reflexão semiótica e o quadro teórico no interior do qual o seu estatuto pode ser precisado. Ou a enunciação é um ato produtor não-linguístico e, como tal, escapa à competência do semiótico, ou então ela se acha presente, de uma maneira ou de outra, – como um pressuposto implícito no texto, por exemplo – e, neste caso, a enunciação pode ser formulada como um enunciado de um tipo particular, isto é, como enunciado dito enunciação, por comportar outro enunciado como seu actante-objeto, vendo-se portanto reintegrada na reflexão semiótica que vai procurar definir o estatuto semântico e gramatical de seu sujeito. (GREIMAS, 1975b, p. 26).

Nas palavras dessa citação, observa-se que, mesmo tratando-se de algumas ponderações preliminares sobre a definição do conceito de enunciação, há um indício da distinção que mais tarde resultaria na conceituação de dois tipos de enunciação: enunciação enunciada (eu/aqui/agora) e enunciação enunciva (ele/alhures/então). De todo

modo, seria necessário levar em consideração que a enunciação propriamente dita caracteriza-se por ser uma instância pressuposta, a enunciação enunciada define-se como o simulacro da enunciação e a enunciação enunciativa diz respeito ao enunciado enunciado. Bertrand (2003a), a partir do pensamento greimasiano, pontua que é possível verificar que

uma nova definição do estatuto da enunciação se apresenta, então, desenvolvida por Greimas por ocasião de uma reflexão sobre o discurso poético, em que o “parâmetro da subjetividade” pode ser considerado, mais que nos outros, como um elemento essencial. [...], o lugar da enunciação é reconhecido na medida, e somente na medida em que ela está logicamente pressuposta pela existência do enunciado. (BERTRAND, 2003a, p. 81-82).

É nesse cenário de investigação que, em julho de 1973, Greimas visita o Brasil e ministra o curso “Teoria Semio-Linguística do Discurso”, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá, em Ribeirão Preto/SP. Na ocasião, em resposta²⁷ aos questionamentos dos professores Edward Lopes e Inácio Assis Silva, referentes aos problemas envolvendo as dicotomias enunciado/enunciação e linguagem-objeto/metalinguagem e a questão da isotopia (coerência do discurso), Greimas define, inicialmente, enunciado como qualquer encadeamento sintagmático que transcende a frase e compõe o discurso. O linguista explica que, se existe um enunciado enquanto objeto do pensamento, isto é, da enunciação, existe um sujeito responsável por esse enunciado, que seria o sujeito da enunciação.

Por meio dessas explicações, o pesquisador lituano define a enunciação como um enunciado no qual apenas o actante-objeto é manifestado. Apresentando a mesma estrutura do enunciado, a enunciação só poderia ser apreendida pela forma de pressuposição lógica e o sujeito da enunciação também seria lógico, e não ontológico como considerava Benveniste ao postular a existência de um referente exterior à linguagem.

Greimas ressalta que, a partir do enunciado, seria possível reconhecer uma estrutura actancial da enunciação, implícita ou explícita, responsável pela produção de obras inteiras, sendo possível, assim, destacar também o processo de escrita. O autor postula ainda que o discurso comporta níveis isotópicos de enunciação que se delineiam

²⁷ Esta resposta pode ser lida na íntegra no texto “*A enunciação (uma postura epistemológica)*”, cuja tradução foi feita por Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, a partir da gravação do curso “Teoria Semio-linguística do Discurso”, ministrado por Greimas, em julho de 1973.

sob a forma implícita (nível do enunciado) ou sob a forma de enunciação explicitada (nível da enunciação enunciada), sendo que essa última se constitui como um domínio de pesquisa. Além desses dois níveis, o discurso pressupõe um terceiro nível, o da enunciação propriamente dita.

Adotando-se os devidos cuidados na exploração no campo dos estudos enunciativos, nas reflexões desenvolvidas por Greimas no curso que ministrou em território brasileiro, a enunciação parecia ser o lugar das embreagens – actancial, temporal e espacial – instância em que se instaura o *eu*, o *agora* e o *aqui* ou o *ele*, o *então* e o *alhures*. O semioticista asseverava ser a enunciação o lugar de instauração dos sistemas de valores e da veridicção, esta proposta por meio de um contrato enunciativo entre o sujeito da enunciação e o destinatário.

Verifica-se que, nessas circunstâncias, Greimas não chega a mencionar “debreagem”, termo que aparece na metalinguagem semiótica a partir de *Maupassant: a semiótica do texto*, publicado em 1976. Apesar de ressaltar a necessidade e a relevância do desenvolvimento dos estudos referentes à enunciação no conjunto teórico-epistemológico da semiótica, Greimas, cauteloso, advertia para que essa problemática ficasse restrita ao texto.

Motivada por uma rigorosa análise do conto “Dois amigos”, de Guy de Maupassant, essa obra greimasiana procurou confirmar os modelos teóricos estabelecidos até aquele momento referentes às organizações narrativa e discursiva. Os resultados das análises desse texto levaram Greimas a considerar que a discursivização ocorria de duas maneiras: pelo desenvolvimento da isotopia do conjunto das categorias espaciais, temporais e actoriais e pela figurativização dos papéis temáticos.

O estudioso começa, então, a observar a sequência da linearidade do texto e delinea as primeiras considerações sobre os mecanismos responsáveis pela instauração das categorias enunciativas: a debreagem e a embreagem. Inicialmente, a debreagem foi definida como “o mecanismo que permite a projeção fora de uma dada isotopia de alguns de seus elementos, a fim de instituir um novo “lugar” imaginário e, eventualmente, uma nova isotopia” (GREIMAS, 1993, p. 38). A embreagem, ao contrário, constituiu-se na recuperação, ou na reintegração, desses elementos – conhecidos como dêiticos espaciais e temporais – ao contínuo discursivo; dessa forma, tem-se debreagem e embreagem temporal e espacial. Contudo, tais definições ainda careciam de muitos estudos e aplicações analíticas para se solidificarem.

Os estudos efetuados na obra *Maupassant* revelaram o início de um desenvolvimento mais aprofundado dos estudos enunciativos na semiótica. Em *Semiótica e ciências sociais* (1976), ao tratar sobre o sujeito discursivo e suas *performances*, Greimas pontua que o sujeito da enunciação exerce um fazer persuasivo, compreendido como um tipo de contrato enunciativo determinado entre os dois participantes do discurso. Para o estudioso, “esse contrato enunciativo pressuposto, na medida em que é aceito pelo destinatário e mantido pelo destinador, garante as condições satisfatórias da transmissibilidade do discurso” (GREIMAS, 1981, p. 17). Em função disso, o linguista considera, no plano actorial, dois actantes que correspondem aos sujeitos da enunciação, enunciador e enunciatário, sendo este o sujeito que sanciona o enunciado produzido por aquele.

Com os estudos de Greimas, os princípios de organização do discurso foram ganhando forma e, aos poucos, solidificaram o complexo arcabouço teórico dos conceitos enunciativos propostos pelo estudioso, até chegar, em 1979, à publicação do *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, dicionário elaborado em parceria com Joseph Courtés. Esse trabalho apresenta-se como um divisor de águas no pensamento semiótico, pois concentra e explica conceitos que constituíram os princípios gerais da teoria semiótica desenvolvidos até aquele momento.

Greimas e Courtés explicam que a enunciação se definirá, inicialmente, a partir dos estudos de Benveniste, como instância de colocação em discurso; pelo viés da semiótica, passará a ser compreendida como a instância pressuposta pelo enunciado e de mediação entre as estruturas semionarrativas – que compreendem as estruturas semióticas do nível fundamental e do narrativo – e as discursivas – pertencentes a um nível mais superficial. As estruturas discursivas organizam-se a partir da enunciação e as estruturas semionarrativas, ao se atualizarem por meio do processo de enunciação, constituem a competência do sujeito da enunciação.

Os autores também apresentam uma definição para a debreagem e a embreagem. A debreagem passa ser entendida como

a operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso. Se se concebe, por exemplo, a instância da enunciação como um sincretismo de “eu-aqui- agora”, a debreagem, enquanto um dos aspectos constitutivos do ato de linguagem original, inaugura o enunciado, articulando ao mesmo

tempo, por contrapartida, mas de maneira implícita, a própria instância da enunciação. O ato de linguagem aparece, assim, por um lado, como uma fenda criadora do sujeito, do lugar e do tempo da enunciação e, por outro, da representação actancial, espacial e temporal do enunciado. (COURTÉS; GREIMAS, 2018, p.111).

Ao considerar que a instância da enunciação emprega as categorias de pessoa, de tempo e de espaço para construir o discurso, tem-se, então, a debreagem actancial, temporal e espacial. Existem dois tipos de debreagem distintos: a enunciativa e a enunciva; no primeiro caso, instalam-se no enunciado os actantes da enunciação *eu/tu*, o espaço do *aqui* e o tempo do *agora*. Por outro lado, ao instaurar no enunciado o *ele*, obtém-se o segundo caso de debreagem, o qual coloca em evidência o espaço do *alhures* e o tempo do *então* situados no enunciado.

Cabe lembrar que a debreagem enunciativa e a enunciva criam dois grandes efeitos de sentido: o de subjetividade e o de objetividade. De acordo com Fiorin (2016, p. 39), “a instalação dos simulacros do *ego-hic-nunc* enunciativos, com suas aparições dos fatos, constrói um efeito de subjetividade”; por outro lado, ao se eliminarem as marcas da enunciação enunciada, faz-se com que o discurso se estruture apenas com o enunciado enunciado e produza efeitos de sentido de objetividade.

Sendo o processo de debreagem entendido como um procedimento que instaura as categorias actanciais, temporais e espaciais no enunciado, a embreagem, por sua vez, produz um efeito contrário, isto é, o de aparente retorno dessas categorias à instância da enunciação. Os autores do *Dicionário* definem embreagem como:

o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria de pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado. Toda embreagem pressupõe, portanto, uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior. (COURTÉS; GREIMAS, 2018, p. 159-160).

Assim como a debreagem, a embreagem divide-se em enunciativa e enunciva. De acordo com Fiorin (2016), esta se constrói quando o termo debreante pode ser enunciativo ou enuncivo, mas o termo embreante é enuncivo; já aquela ocorre quando o termo debreante é tanto enunciativo como enuncivo, mas o embreante é enunciativo. Pode-se verificar que, para Greimas e Courtés, a enunciação é vista, como, aliás, já o fizera Benveniste a seu modo, como instância de mediação que assegura a discursivização da língua, que permite a passagem da competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma de discurso. Além disso, passa a ser

compreendida como a instância constitutiva do enunciado, ela é a “instância lingüística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que comporta seus traços e suas marcas)” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 168); o enunciado, por oposição à enunciação, deve ser concebido como o “estado que dela resulta, independentemente de suas dimensões sintagmáticas” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 168).

O enunciado, em função disso, comporta elementos que remetem à instância da enunciação: de um lado, pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbio apreciativos, dêiticos espaciais e temporais, em síntese, elementos cuja eliminação produz os chamados textos enuncivos, isto é, que tendem a apagar as marcas de enunciação; de outro, termos que descrevem a enunciação, enunciados e reportados no enunciado.

Ao considerar a proposta enunciativa benvenistiana, a partir dos estudos da enunciação desenvolvidos por pensadores da semiótica discursiva, em especial, Greimas e Courtés, Fiorin (2016) apresenta uma nova proposta para esses estudos, ao construir uma tipologia do funcionamento das categorias discursivas, em situações estáveis e instáveis, a partir do exame minucioso das instabilidades enunciativas. Como consequência de suas observações, o linguista demonstra que as instabilidades não são aleatórias, mas, ao contrário, obedecem a certas coerções, as quais garantem a existência do sentido; ele reitera ainda que a explicação das instabilidades não se encontra na ordem do sistêmico ou do frasal, mas no domínio do discurso.

Mantendo-se fiel ao pensamento de Greimas, segundo o qual a geração do sentido percorre um percurso que vai do nível fundamental (o mais simples e abstrato), passando pelo narrativo, chegando ao discursivo (o mais complexo e concreto), e reconhecendo a contribuição dos estudos benvenistianos para o desenvolvimento do conceito de enunciação na semiótica, Fiorin entende que tal conceito é definido como uma instância de mediação entre as categorias sêmio-narrativas (nível fundamental e narrativo), que constitui a competência do sujeito, e as discursivas (nível da manifestação), representando a *performance* desse sujeito.

Ao considerar a perspectiva semiótica da enunciação, Fiorin aprofunda alguns conceitos essenciais em sua obra, tais como o de *debreagem enunciativa* e *debreagem enunciva*. Por meio da noção desses dois mecanismos, o pesquisador explica que os elementos linguísticos que indicam pessoa, espaço e tempo dividem-se em dois conjuntos: os dêiticos (referentes à enunciação pressuposta ou explícita) e os anafóricos (que são elementos do enunciado), constituídos pelos pronomes pessoais, demonstrativos,

possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos. A presença desses elementos produz textos chamados enunciativos; sua ausência gera os textos denominados enuncivos.

Por via desse aparato teórico proveniente das contribuições de Greimas e Courtés, Fiorin elabora uma tipologia do funcionamento das categorias discursivas. Para a categoria de pessoa – centro discursivo que organiza o espaço e o tempo ao seu redor –, estabelece uma classificação em seis diferentes tipos: pessoa *demarcada*, *multiplicada*, *transformada*, *subvertida*, *transbordada* e *desdobrada*. Essa classificação representa as diferentes projeções da pessoa e constitui a sintaxe do índice dessa categoria.

Retomando as duas correlações presentes na categoria de pessoa, conforme as ideias benvenistianas – a da pessoalidade, em que se opõem pessoa (*eu/tu*) e não-pessoa (*ele*), e a da subjetividade, em que se contrapõem *eu vs. tu* –, ele explica que a categoria de pessoa pode ser *demarcada* na língua portuguesa pelos pronomes pessoais, retos, oblíquos e possessivos, bem como pelas formas em que ocorre a pluralização das pessoas, ora há, de fato, pluralização, ora amplificação. Devido ao fato de termos formas distintas de plural na língua portuguesa, Fiorin (2016) atesta que, na primeira e segunda pessoas do plural, não há uma simples pluralização; enquanto na terceira, isso ocorre. Assim apresenta os verdadeiros significados das pessoas:

eu: quem fala, *eu* é quem diz *eu*; *tu*: aquele com quem se fala, aquele a quem o *eu* diz *tu*; *ele*: substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência participante do enunciado; aquele de que *eu* e *tu* falam; *nós*: junção de um *eu* com um não *eu*. Há três tipos de *nós*: um *nós* inclusivo, em que um *eu* se acrescenta um *tu* (singular ou plural); um *nós* exclusivo, em que ao *eu* se juntam *ele* ou *eles* e um *nós* misto, em que ao *eu* se acrescenta *tu* (singular ou plural) e *ele* (s); *vós*: plural de *tu* e outro é um *vós*, em que ao *tu* se juntam *ele* ou *eles*; *eles*: pluralização de *ele*. (FIORIN, 2016, p. 52).

Em relação à demarcação da categoria de pessoa, de modo particular, considerando-se o uso do pronome *nós*, verifica-se que, nos enunciados homiléticos, o enunciador para conferir subjetividade à sua fala, faz uso do *nós* inclusivo (*eu+ você/tu = nós*, a comunidade religiosa). Ao fazer essa escolha, não só anula a distância entre enunciador e enunciatário, criando um efeito de sentido de proximidade, mas ressalta, sobretudo, o caráter franciscano da minoridade e da igualdade; mesmo sendo a autoridade maior no momento da celebração, o enunciador homiliasta frei não se coloca em uma posição superior diante dos fiéis, situando-se entre os membros da comunidade celebrativa. A seguir, apresentam-se alguns exemplos:

E2: (...) devemos acreditar verdadeiramente que com Jesus Cristo ressuscitado **nós** podemos vencer muitos obstáculos... mas para isso precisamos aprender o gesto de amor:: do amor misericordioso... que é difícil eu sei... para todos **nós** perdoAR até os inimigos até os que nos fazem mal... (LINHAS 38-42). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) ser capaz de amar até os próprio inimigos:: de dar a outra face... um amor incondicional... então esse é o mandamento novo... nisso consiste essa novidade desse mandamento amai uns aos outros da maneira que Jesus nos amou... será que **nós** hoje como igreja como cristãos temos essa capacidade de cumprir esse mandamento de Jesus? ou estamos ferindo matando essa nossa identidade de cristãos... é isso que nos diferencia das outras pessoas que não são cristãs... sermos capazes de amar incondicionalmente:: será que nós estamos sendo capazes de fazer isso?... (LINHAS 44-50). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) esse caminho pascal é para **nós** uma elevaÇÃO espiritual... creio que todos **nós** fazemos que esse caminho nos sentimos mais elevados em confronto com as nossas atividades do dia a dia com nossas atividades porque sabemos que não estamos fazendo um caminho solitário... nós estamos fazendo com aquele que é vencedor... (LINHAS 15-19). (7º Domingo da Páscoa).

Ainda no que se refere ao emprego do *nós*, a partir de uma reflexão preliminar sobre a totalidade discursiva do *corpus* de estudo, nota-se que esse pronome apresenta um traço amplo e abstrato que deve ser mais bem observado no desenvolvimento das análises específicas, uma vez que, em algumas ocorrências, esse *nós* revela-se como artifício retórico argumentativo, como uma espécie de plural de modéstia, que parece conter nuances que apontam para certa negação da subjetividade do enunciador homiliasta franciscano.

No que concerne à *pessoa multiplicada*, o pesquisador parte, em especial, dos conceitos de dialogismo (BAKHTIN, 2010) e de heterogeneidade mostrada e constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990) para detalhar a distinção entre autor real e autor implícito e abordar os níveis de hierarquia enunciativa: o primeiro nível, implícito, é o que recobre as posições do sujeito da enunciação propriamente dita, enunciador/enunciatário; o segundo patamar enunciativo corresponde aos actantes da enunciação enunciada, narrador/narratário, que diz respeito à debreagem do 1º grau; o terceiro nível dessa hierarquia ocorre quando o narrador dá voz a um actante do enunciado, representado pelo par interlocutor/interlocutário – esse nível é conhecido também como debreagem do 2º grau. Além desses três níveis, Fiorin aponta um outro, que ocorre quando a voz do outro é reconhecida em um enunciado do narrador ou do interlocutor; essa instância foi

denominada como a do locutor/alocutário. Cabe ressaltar que, ao final de sua explanação o linguista brasileiro, também resalta os efeitos de sentido do emprego das aspás, dialogando, sobretudo, com as ideias de Maingueneau.

Estudada a partir de uma minuciosa exploração do aspecto referente à pessoa do discurso reportado, *a pessoa transformada* é analisada por Fiorin, por meio do funcionamento dos discursos direto, indireto e indireto livre, assim como pela exploração das diversas possibilidades de efeitos de sentido por eles produzidos em situações de enunciação distintas, exemplificadas na obra com fragmentos de textos da literatura nacional.

Ao retomar a afirmação de que a embreagem actancial consiste na neutralização de oposições no interior da categoria de pessoa e a noção de pluralização da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular, Fiorin trabalha a ideia de *pessoa subvertida*, a qual é resultante do mecanismo de embreagem, isto é, o enunciador emprega determinada pessoa com o valor de outra. Diante disso, pontua que, por meio do levantamento das possibilidades de neutralizações da categoria de pessoa, a explicação de seus efeitos de sentido possui como base as oposições sêmicas *aproximação vs distanciamento* e *subjetividade vs objetividade*.

A *pessoa transbordada*, a que excede, por assim dizer, é apresentada por meio do exemplo clássico do modo de falar dos italianos no Brasil, a partir do estudo do dativo ético. Por fim, para abordar a categoria *pessoa desdobrada*, Fiorin (2016) faz um exame detalhado a respeito do estatuto do narrador, trazendo para discussão diversas tradições dos estudos da linguagem, baseando-se, em especial, nos trabalhos da crítica literária e da semiótica francesa. A disparidade entre narrador e observador ganha o primeiro plano de suas considerações; na sequência, seu foco é sobre as categorias do observador, como focalização parcial (interna ou externa) e focalização total, para chegar à distinção entre observador/narrador e focalização de narração. Nessa conjuntura, são destacadas as embreagens no nível macrotextual, as quais ocorrem quando, ao longo de uma narrativa, por exemplo, um *eu* se faz passar por um *ele* e vice-versa.

Dessa forma, o estudioso brasileiro demonstra as diversas formas como a categoria de pessoa pode ser debreada ou embreada no discurso. De maneira similar à análise da categoria de pessoa, o linguista elenca também sete desdobramentos referentes à temporalidade: tempo *dominado*, *demarcado*, *sistematizado*, *transformado*, *harmonizado*, *subvertido* e *desdobrado*. Esses diferentes processos constituem a sintaxe do tempo, isto é, a relação entre o tempo da enunciação e o do enunciado e suas projeções.

Porém, antes de discorrer sobre a tipologia do tempo constituída a partir dos aspectos temporais propostos por Fiorin (2016), cabe ressaltar que o sistema temporal, segundo a proposta enunciativa de Benveniste, faz referência ao tempo linguístico ligado ao exercício da fala e tem como centro norteador o presente da instância da fala. Ao tomar a palavra, o falante instaura um *agora*; em contraposição ao *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora*, momento da enunciação, é o fundamento das oposições temporais da língua. A noção de presente, enquanto função do discurso, não remete a uma localização no tempo cronológico. O tempo do *agora* indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da enunciação. Com efeito, Benveniste assinala que o *agora* é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia; é, a cada ato de fala, um tempo novo, ainda não vivido.

Em função disso, em relação ao *tempo dominado*, a reflexão apresentada pelo linguista busca uma definição para a noção de tempo, ou seja, compreender o significado da temporalidade linguística. Para tanto, vale-se da figura de Aristóteles, que concebe o tempo não como uma questão poética, mas física, e o considera como um fenômeno físico, natural, cósmico, bem como das ideias de Santo Agostinho que, no livro XI de suas *Confissões*, reflete acerca do tempo e infere que o único tempo que se pode medir é o presente, dividido em três partes: o presente das coisas passadas, a *memória*, o presente das coisas futuras, a *espera*, e o presente das coisas presentes, o *olhar*. A partir desse panorama, Fiorin (2016) conclui:

A marcha da reflexão sobre o tempo começa com o mito, dá lugar à filosofia, que estabelece as bases da compreensão do tempo físico, e, ao perceber a sutileza e a complexidade da experiência temporal humana, desemboca na análise linguística. O tempo é uma categoria da linguagem, pois é intrínseco à narração, mas cada língua manifesta-o diferentemente. (FIORIN, 2016, p. 125).

Remetendo a Benveniste, Fiorin denomina o *tempo demarcado* como aquele relacionado à enunciação. Nesse sentido, o autor postula que o tempo linguístico é o presente, pois ele indica a contemporaneidade entre o acontecimento e o momento da narração. Para o linguista, há três momentos significativos para determinar o tempo da língua: momento da enunciação (*agora*) (ME), momento de referência (presente, passado e futuro) (MR) e momento do acontecimento (concomitante, anterior e posterior a cada um dos momentos de referência) (MA). O *agora* constitui a base que ordena a categoria *concomitância vs não concomitância*; esta, por sua vez, articula-se em *anterioridade vs*

posterioridade. A partir dessas duas categorias – *concomitância vs não concomitância (anterioridade vs posterioridade)* –, criam-se três momentos de referência: um presente ancorado no *agora* que coincide com o momento da enunciação; um passado que indica uma anterioridade ao momento da enunciação; e um futuro que sinaliza uma posterioridade ao momento enunciativo.

Ao evidenciar essa peculiaridade da temporalidade linguística, Fiorin destaca a existência de dois sistemas temporais pertencentes ao tempo denominado pelo linguista como *sistemizado*: o primeiro relacionado ao MR presente e concomitante ao ME e o segundo ordenado em função de MR passado e futuro, instalados no enunciado. Em função disso, para ele, tem-se no primeiro caso um sistema enunciativo e um enuncivo no segundo.

De modo sucinto, pode-se sintetizar que os tempos enunciativos, ou seja, os do sistema do MR presente ordenam-se em: a) presente, o qual marca uma coincidência entre o MA e MR presente, havendo três casos de relações entre o MR e ME que podem ser elencados: presente pontual, quando existe coincidência entre MR e ME; presente durativo, quando o MR é mais longo do que o ME; e presente omnitemporal ou gnômico, quando o MR e ME são ilimitados; esse presente é utilizado para enunciar verdades eternas; b) pretérito perfeito 1 que marca uma relação de anterioridade entre o MA e o MR presente; e c) futuro do presente, tempo que indica uma posterioridade do MA em relação MR presente.

Ao observar os enunciados homiléticos que compõem o *corpus* do trabalho, atesta-se que eles se constroem dentro do sistema enunciativo, dado que sua temporalidade organiza-se em relação ao *agora*, em concomitância ao ME presente, e relaciona-se ao MR presente idêntico ao MA e operacionaliza, assim, uma debreagem temporal enunciativa, conforme os exemplos a seguir:

E2: (...) é Páscoa festa da vida e da vitória vida sobre a morte... Jesus vence a morte:... o grande acontecimento pascal onde Jesus muda a história muda os tempos... a história **hoje** nos recorda os fatos salvíficos da vinda do filho de Deus no meio da humanidade do povo escolhido do povo de Israel... (LINHAS 1-4). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) os textos sagrados de **hoje** fazem menção à história dos acontecimentos do tempo de Jesus... (LINHAS 1-2). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) o texto do evangelho de **hoje** tem sabor de testemunho... e ao mesmo tempo é herança... é a herança que nós recebemos de Jesus... (LINHAS 12-13). (6º Domingo da Páscoa).

Os tempos enuncivos, por sua vez, ordenam-se em dois subsistemas, um centrado no MR pretérito e outro, no MR futuro. O primeiro é composto pelo pretérito perfeito, o qual assinala um aspecto limitado, acabado e pontual, e pelo pretérito imperfeito, que possui valor aspectual não limitado, inacabado e durativo; ambos os tempos marcam a concomitância do MA em relação a um MR passado. O pretérito mais que perfeito também compõe esse subsistema e indica uma relação de anterioridade do MA e do MR passado, bem como o futuro do pretérito, o qual exprime uma relação de posterioridade do MA em relação a um MR passado.

O segundo subsistema, organizado em torno de um MR futuro, estrutura-se, por sua vez, a partir do presente do futuro, concomitante ao MR futuro, bem como por meio da noção do futuro anterior indicada pela anterioridade ao MR futuro e, por fim, a partir do futuro do presente simples, o qual sinaliza a posterioridade ao MR futuro. Vale ressaltar, por fim, que a temporalidade discursiva é vista como uma criação da linguagem, com a qual se torna possível transformar o futuro em presente, o presente em passado, e isso se articula também aos advérbios temporais, os quais assumem a função de indicar as marcas do tempo nos sistemas que foram apresentados.

Ainda sobre o *tempo sistematizado*, Fiorin (2016) ressalta que ele é representado pelas formas verbais e pelos elementos gramaticais, como é o caso dos advérbios e locuções adverbiais de tempo, das preposições e das conjunções. No primeiro caso, há também a articulação de um sistema enunciativo e um enuncivo; assim, os advérbios ou locuções adverbiais que pertencem ao sistema enunciativo estão centrados em torno de um momento de referência presente, e os que constituem o sistema enuncivo organizam-se ao redor de um momento de referência pretérito ou futuro. Da mesma maneira que ocorre com as formas verbais, esses dois sistemas consideram o eixo da concomitância e da não concomitância, essa última dividida em anterioridade e posterioridade.

No segundo caso, o das preposições temporais, não há a presença de um sistema enunciativo e um enuncivo; elas se organizam ao redor da categoria concomitância e da não concomitância (*anterioridade e posterioridade*). Já as conjunções temporais, assim como as preposições e locuções prepositivas, não apresentam o sistema enunciativo e o enuncivo, porém dividem-se em um sistema temporal, obedecendo ao eixo da

concomitância e da não concomitância (*anterioridade e posterioridade*), e em um sistema aspectual, ordenado em torno da categoria da *incoatividade e terminatividade*.

No que concerne ao *tempo transformado*, Fiorin faz uma análise das mudanças e das projeções temporais operadas na passagem do discurso direto para o discurso indireto e indireto livre, bem como das transformações dos advérbios na mudança de um sistema enunciativo para enuncivo ou vice-versa.

Por sua vez, o *tempo harmonizado* define-se como uma tipologia essencialmente temporal, pois não há correspondente na classificação da categoria de pessoa e de espaço. Como a própria denominação indica, esse tipo refere-se à harmonia dos tempos verbais, sendo, assim, considerado em um quadro mais amplo da enunciação, pois sua organização temporal depende do verbo da oração principal estar em um dos tempos do subsistema enunciativo (presente, pretérito perfeito¹ ou futuro do presente); ou em um dos tempos do subsistema enuncivo da anterioridade (pretérito perfeito², pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito simples ou composto); ou, ainda, se o verbo da oração principal estiver em um dos tempos do subsistema enuncivo da posterioridade (presente do futuro, futuro anterior e futuro do futuro).

Por outro lado, o *tempo subvertido* vincula-se à possibilidade de neutralização dos tempos verbais, ou seja, ao efeito de retorno à instância da enunciação resultante do mecanismo de embreagem temporal. Sobre isso, Fiorin esclarece que

a debreagem cria uma enunciação enunciada, em que os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação, ou um enunciado enunciado, em que se tem a ilusão de estar diante da temporalidade dos acontecimentos. Tem-se a impressão de estar sempre em presença de uma temporalidade não linguística: tempo do ato de dizer, no primeiro caso; tempo dos eventos, no segundo. Ora, quando se neutralizam termos da categoria do tempo, o efeito de sentido que se produz é o de que o tempo é pura construção do enunciador, que presentifica o passado, torna o futuro presente, etc. (FIORIN, 2016, p. 171-172).

No que se refere aos tempos verbais da língua portuguesa, Fiorin apresenta noventa possibilidades de embreagem, as quais são divididas em três grupos: neutralizações no interior de um mesmo sistema, neutralizações entre os mesmos termos da categoria topológica de subsistemas diferentes e neutralizações entre termos diferentes da categoria topológica de subsistemas distintos. Além de explicar e trazer diversos exemplos dessas possibilidades de neutralização do tempo, o linguista aborda também o uso da embreagem nos advérbios de tempo.

Em relação ao *tempo desdobrado*, este aborda as duas temporalizações linguísticas: tempo da enunciação, sempre pressuposto, mas que pode ser enunciado pela projeção do eixo da *concomitância* e da *não concomitância* (a *não concomitância* dividindo-se em *anterioridade* e *posterioridade*) em um momento de referência que coincide com o da enunciação, tempo que comanda a temporalização dos acontecimentos; e o tempo do enunciado, respeitando o eixo de *anterioridade* e de *posterioridade* ao momento da enunciação.

Da mesma maneira como fez com as duas categorias anteriormente apresentadas, Fiorin detalha a categoria de espaço linguístico, o qual se ordena a partir do *hic*, ou seja, do lugar do ego. Diferenciando-se da espacialidade física, o espaço da língua é analisado a partir do local em que se desenrola a cena enunciativa e pode ser expresso pelos pronomes demonstrativos e por certos advérbios. O autor considera seis tipos de espaço: *espaço dominado, demarcado, sistematizado, transformado, subvertido e desdobrado*. E, a partir disso, busca apresentar como pode ser constituída a sintaxe do espaço por meio da *debreagem* e da *embreagem*.

Por meio de alguns apontamentos acerca da questão do espaço nos primórdios de nossa civilização, Fiorin esclarece que, desde o início dos estudos enunciativos, a categoria da espacialidade é a que tem recebido menos atenção, uma vez que se pode falar sem determinar uma localização espacial. De acordo com o estudioso,

o esforço humano para dominar o espaço desemboca na Linguística. Dado que uma das funções da enunciação é localizar no espaço, todas as línguas devem conter uma categoria espacial e é preciso compreendê-la para perceber qual é a experiência de espacialidade presente na linguagem. (FIORIN, 2016, p.232).

Entre as particularidades do *espaço dominado*, pode-se destacar que ele se articula em torno das categorias *interioridade vs exterioridade, fechamento vs abertura, fixidez vs mobilidade*. Dando continuidade às questões espaciais, Fiorin procura estabelecer o *espaço demarcado*, no qual há a distinção entre espaço tópico, pertencente ao mundo físico, e espaço linguístico, instaurado pela enunciação; segundo o linguista, este se organiza a partir do *hic*, lugar do *ego*, que é o centro de referência espacial do discurso.

No que concerne ao *espaço sistematizado*, este é desenvolvido em função do estudo de alguns elementos gramaticais que se relacionam com a espacialização, como os pronomes demonstrativos, os advérbios de lugar, advérbios que exprimem

espacialidade e aspectualização do espaço e as preposições, a partir de um ponto de referência enunciativo ou enuncivo.

Presentes no ato enunciativo, os advérbios de lugar constituem-se em duas séries: uma dicotômica, *cá* e *lá*, e uma tricotômica, *aqui*, *aí* e *ali*. Assinalando o espaço do *tu* e do *eu*, *aqui* e *aí* marcam o espaço da cena enunciativa e *ali* remete ao espaço fora da cena da enunciação. Por sua vez, *cá* está no interior da enunciação e *lá* se encontra no exterior da situação enunciativa. Assim, o *aqui* é enunciativo, porque é o espaço do enunciador, e o *aí*, *ali*, *lá*, quando em função anafórica, retomam o espaço instaurado no enunciado. Entretanto, Fiorin esclarece que o *lá*, apesar de, na língua, indicar um espaço externo da cena enunciativa, no processo de discursivização, passa a ser determinado em função do *aqui* e torna-se um espaço enunciativo, do domínio da enunciação.

Quanto à categoria de espaço, a partir da totalidade do *corpus* da pesquisa, é possível pontuar, de modo geral, que a enunciação das homilias organiza-se ao redor da instância do *aqui*, simulando uma cena enunciativa por meio da instauração de um diálogo marcado pela intensidade da proximidade entre o enunciador sacerdote franciscano e seus enunciatários:

E1: (...) então venha com a gente nós estamos **aqui** e queremos incentivar para que continue nos pequenos gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... (LINHAS 64-66) (5º Domingo da Páscoa).

E1: (...) somos todos nós que estamos **aqui** hoje... não vimos mas também acreditamos naquilo que os apóstolos disseram e que a igreja traz até os nossos dias né?... (LINHAS 47-49). (2º Domingo da Páscoa).

De acordo com Fiorin, o ser é atualizado e situado no discurso pela classe dos pronomes que indicam os espaços da situação de enunciação. Assim, os demonstrativos possuem funções distintas: função dêitica, função anafórica e, ao lado destas, há também a função catafórica. Esses papéis desempenhados pelos pronomes demonstrativos indicam o espaço do enunciador e do enunciatário no momento da enunciação.

Na sequência, discordando de algumas questões referentes à transformação dos dêiticos espaciais na passagem do discurso direto para o indireto, equacionadas, de maneira não tão clara, em nossas gramáticas, Fiorin, na abordagem do *espaço transformado*, aponta que não é possível haver um modelo direto de transposição dos pronomes ou advérbios espaciais do discurso direto para o indireto.

Assim como as categorias de pessoa e de tempo, o espaço também produz neutralizações; a partir disso, o *espaço subvertido* é abordado a partir de dois grupos: embreagens entre lugares distintos do sistema enunciativo e embreagens entre espaços do sistema enunciativo e enuncivo.

Similar ao tempo, a categoria do espaço também se desdobra em espaço da enunciação, local onde ocorre a narração, e espaço do enunciado, onde acontecem os fatos narrados. Em decorrência disso, Fiorin discorre acerca do funcionamento e dos efeitos de sentido produzidos entre as instâncias espaciais por meio da abordagem do *espaço desdobrado*, o qual permite situar diferentes programas narrativos.

Diante do que foi exposto sobre as categorias da enunciação, pode-se observar que os índices de pessoa, de tempo e de espaço são criados pelo ato de enunciar. Além disso, é possível verificar que cada categoria postula um sistema enunciativo e um enuncivo e os mecanismos de debreagem e embreagem constituem uma sintaxe, a qual produz diferentes efeitos de sentido, conforme o ponto de vista que pretende o enunciador passar a seu enunciatário quando toma a palavra e instaura-se como um *eu*.

A partir dos propósitos enunciativos expostos no trabalho, procura-se traçar, no próximo capítulo, um percurso de análise sobre a sistematização dos elementos sintáticos e semânticos presentes nos enunciados da homilia franciscana, a fim de possibilitar um olhar linguístico sobre os efeitos de sentido que se engendram no discurso e na construção do ser homiliasta franciscano.

CAPÍTULO III – Enunciação e construção de sentidos do enunciado homilético do homiliasta franciscano

Tendo como base as propostas teóricas apresentadas nos capítulos anteriores, nesta parte da pesquisa, iremos nos dedicar às análises dos enunciados homiléticos proferidos por sacerdotes franciscanos.

Com o intuito de verificar os elementos constituintes e promovedores de sentidos nos enunciados da homilia, buscando depreender uma possível imagem e estilo do enunciador homiliasta franciscano, as análises serão divididas em duas partes: na primeira, consideraremos o exame da sintaxe e da semântica discursiva, por meio da investigação dos principais fatos enunciativos que contribuem para sistematização das categorias enunciativas nos enunciados homiléticos e dos investimentos temáticos e figurativos disseminados nos enunciados, procurando, ao longo do desenvolvimento das observações, apontar os efeitos de sentido presentes nos vinte e quatro enunciados homiléticos que compõem o *corpus*²⁸ do trabalho; na segunda, focalizaremos a imagem do enunciador homiliasta franciscano, reconstituído a partir de uma totalidade discursiva, a fim de depreendermos um possível *éthos* e estilo, enquanto efeito de identidade desse religioso enunciador.

Salientamos que, com base nos protocolos de pesquisa apreciados pelo CEP, faz-se necessário preservar a identidade dos participantes. Em função disso, os enunciadores sacerdotes franciscanos serão identificados apenas como E1, E2 e E3. Ressalta-se ainda que seus enunciados foram gravados e, posteriormente, transcritos a partir das normas previstas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) e das orientações de Preti (2010). Assim, no interior dos trechos das homilias que serão analisadas, será possível identificar a ocorrência de letras maiúsculas, indicando entonações enfáticas ocorridas durante a enunciação, bem como a presença de pontos, sinalizando pausas ou prolongamentos de vogais ou consoantes. Pontua-se também que, nos enunciados, grifamos palavras e expressões que exemplificam as considerações a serem apontadas em nossas observações sobre a identidade franciscana, a fim de facilitar a compreensão do que se pretende apresentar neste trabalho.

²⁸ A íntegra das transcrições desses enunciados encontra-se na seção Apêndices.

3.1 Entre enunciação e enunciado: análise das categorias enunciativas e dos investimentos temáticos e figurativos presentes no discurso homilético de freis franciscanos

3.1.1 Celebração do 1º Domingo da Páscoa

Pela presença de complexidade sintática e enriquecimento semântico, o nível discursivo está na estrutura superficial do percurso gerativo de sentido. A estrutura discursiva, em sua sintaxe, abrange as marcas da enunciação no enunciado e analisa a constituição das pessoas, do tempo e do espaço do discurso.

Compreendida como a instância de instauração do sujeito, a enunciação comporta fatos enunciativos que marcam a presença do locutor no seio de seu enunciado. Essa condição postula a essencialidade da categoria de pessoa para a linguagem instaurar-se como discurso. Só há possibilidade de emprego da língua quando o locutor apresenta-se como sujeito, podendo remeter a ele mesmo como *eu* no seu discurso.

Ao refletirmos sobre as projeções enunciativas nos enunciados da homilia, na celebração do 1º Domingo da Páscoa, verifica-se que os três enunciadoreis freis sacerdotes instalam-se por meio de um *eu* pressuposto a partir da enunciação enunciada, dada pela instauração de uma debreagem actancial enunciativa. Valendo-se da instalação do simulacro do *ego*, os enunciadoreis parecem conferir ao seu discurso um efeito de subjetividade, projetando a própria enunciação dentro do enunciado. Entretanto, ao examinar os indicativos de subjetividade dos enunciados desta celebração, nota-se que nos enunciados dos enunciadoreis 1 e 2 não há recorrência do pronome *eu* de maneira explícita; esse *eu* é projetado a partir do *nós inclusivo* (*eu + você/tu = nós*, esta comunidade religiosa). Por outro lado, no discurso do enunciadoreis 3, pode-se encontrar exemplos do pronome *eu* de forma explícita, conforme demonstram os trechos a seguir:

E1: Este é o dia que o senhor fez para **nós**... alegremos e nele exultemos... a alegria de reviver esse Mistério pascal... mais um ano **nós** celebramos a Ressurreição do senhor:: (LINHAS1-2) [...]... É o que Jesus na sua vida sempre quis que **nós** como discípulos vivêssemos como irmãos... e a Páscoa ela é isso... é uma vida nova para seguir sempre buscando melhorar conservando os ensinamentos de Jesus... (LINHAS 5-7) [...] se tivêssemos essa fé na Ressurreição de fato **nós** passaríamos pelo luto e nos refazíamos a nossa vida:: ... (LINHAS 24-25). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) a história hoje **nos** recorda os fatos salvíficos da vinda do filho de Deus no meio da humanidade do povo escolhido do povo de Israel...

(LINHAS 2-4) [...] Deus é Pai e esse ensinamento é próprio de Jesus que é filho e **nos** deixa também essa herança de sermos adotados como filhos e filhas... por isso **nós** somos batizados na água... (LINHAS 9-11) [...] nosso Deus é o Deus da vida da vitória não é o Deus da morte... convida a cada um de **nós** a superar a experiência de morte de cada dia... as decepções os sofrimentos... as coisas que carregamos a cada dia... Jesus não vem carregar para **nós** mas ele nos ajuda a carregar... se torna mais leve... (LINHAS 20-23). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) no **meu** modo de pensar vocês mulheres tem a dignidade maior que podem ter... como não se acreditavam nas mulheres não se acreditam em Maria... agora o que isso tem a ver conosco com os nossos dias? como é que devemos celebrar na Páscoa do senhor? **eu** diria de maneira muito simples... **nós** temos uma reação muito parecida... **nós** cristãos católicos muitas vezes saímos da igreja tentando entender o Mistério que estamos celebrando... (LINHAS 14-19). (1º Domingo da Páscoa).

De forma explícita ou não, a projeção do *eu* no enunciado 3 confere a ele um efeito de subjetividade. Por outro lado, o emprego do *nós* nessas ocorrências parece realçar-se não só pela relação "eu (enunciador) + vocês (fiéis presentes à celebração)", como também pela associação do "eu (enunciador) + vocês (fiéis presentes à celebração) + eles (todos os cristãos não presentes à celebração, ou seja, todos os demais cristãos)". Diante disso, o enunciador homilista franciscano, ao ser dotado de um fazer comunicativo e persuasivo, parece transmitir um saber que pretende ser verdadeiro. Para alcançar os seus ouvintes, busca criar um efeito de não-distanciamento, assumindo uma posição de alguém que não se coloca em superioridade diante dos fiéis, mas localiza-se em um patamar que é igual ao de todos os cristãos.

No âmbito da retórica, o homilista franciscano, para levar seu enunciatário a reflexão da mensagem do comentário da homilia, emprega em seu discurso perguntas retóricas, não pretendendo a obtenção de uma resposta, mas estimulando seu ouvinte a refletir sobre sua prática como cristão, de modo particular, sobre a experiência de crer em Jesus e naqueles que falam sobre Ele:

E1: (...) e nós como é para nós essa realidade da ressurreição? como é para você viver essa realidade?... (LINHAS 19-20). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) vocês não têm medo de morrer né? (LINHA 5) [...] será que as mulheres não falam a verdade sempre?... acontece que no tempo de Jesus as mulheres não tinham toda a dignidade que têm hoje... não é que toda essa dignidade de hoje seja suficiente... no meu modo de pensar vocês mulheres tem a dignidade maior que podem ter... como não se

acreditavam nas mulheres não se acreditam em Maria... agora o que isso tem a ver conosco com os nossos dias? como é que devemos celebrar na Páscoa do senhor?... (LINHAS 12-17). (1º Domingo da Páscoa).

Sendo uma solenidade dedicada ao Mistério da Ressurreição de Cristo, nota-se que, quando os homilistas franciscanos voltam-se aos eventos que ocorreram com os actantes do enunciado bíblico, no caso, os discípulos que presenciaram a imagem do túmulo vazio e o próprio Jesus, emprega-se o *ele*, designada por Benveniste (1966) como a *não-pessoa*, a qual se dirige a um sujeito não instaurado como participante da situação de enunciação, a uma pessoa enunciva que pertence ao domínio do enunciado. Realiza-se, assim, uma debragem actancial enunciva organizada em função do enunciado, deixando transparecer não um efeito de objetividade no discurso, mas de retorno aos actantes da narrativa bíblica, estabelecendo, dessa forma, coerência no enunciado da homilia:

E1: (...) o evangelho nos mostra essa narrativa da ressurreição... **Maria Madalena** que vai ao túmulo de Jesus... e constata o túmulo vazio:... é um sinal da Ressurreição que o próprio **Jesus** já falava para os seus discípulos... **ele** falava de sua Paixão e que **ele** ressuscitaria... mas não tinha caído ainda a ficha **ela** ainda não compreendia:: (LINHAS 7-11) [...] os **discípulos** que receberam a notícia foram correndo... para **Pedro** também é difícil acreditar é mais fácil acreditar que alguém entrou e levou o corpo de Jesus... **João** aquele discípulo amava... é o evangelho do próprio **João**... **João** corre vai a frente para saber o que aconteceu LÁ... e quando **ele** chega e vê o túmulo começa a pensar... e começa a acreditar sem analisar... **Maria Madalena e Pedro** analisam que alguém tirou o corpo dali... **João** **ele** acredita... (LINHAS 14-19) (...) (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **Jesus** não vem carregar para nós mas **ele** nos ajuda a carregar... se torna mais leve... **ele** diz “se vosso fardo está pesado demais eu vos aliviarei” (LINHAS 23-24) [...] Jesus Cristo quer que ninguém fique sentindo dor das feridas... dos sofrimentos... **ele** quer o sentido absoluto da vida... vida que é remédio que tira a dor... (LINHAS 51-52). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a alegria É tão grande que no primeiro momento **eles** ficam trancados com medo... também tem medo de morrer... (LINHAS 3-5) [...] os **discípulos** tinham medo de morrer:: por isso **eles** ficaram trancados MAS depois que descobriram a verdade anunciadas pelas mulheres... **Maria**... perceberam que Cristo era a razão de viver:: que aquilo que ele já tinha anunciado era a verdade... como a sua ressurreição... por que **Pedro e João** que foram ao túmulo não acreditaram nas mulheres? **elas** falaram a verdade ou não?... (LINHAS 5-10). (1º Domingo da Páscoa).

Com relação aos indicativos de tempo instaurados nos enunciados, nota-se que eles se constroem dentro do sistema enunciativo. Nos exemplos a seguir, reconhecemos uma temporalidade organizada em relação ao *agora*, em concomitância ao ME presente e que se relaciona com o MR presente idêntico ao MA e operacionaliza, dessa forma, uma debreagem temporal enunciativa:

E1: Este é o **dia** que o senhor fez para nós... alegremos e nele exultemos... a alegria de reviver esse Mistério pascal... mais um ano nós celebramos a Ressurreição do senhor:: ... (LINHAS 1-2) (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) a história **hoje** nos recorda os fatos salvíficos da vinda do filho de Deus no meio da humanidade do povo escolhido do povo de Israel... por isso **ontem** na celebração tivemos a oportunidade de recordar:: através das leituras os grandes feitos do senhor acompanhando o seu povo até a terra prometida...(LINHAS 2-6) [...] **hoje** Jesus Cristo quer que ninguém fique sentindo dor das feridas... dos sofrimentos... ele quer o sentido absoluto da vida... vida que é remédio que tira a dor... para nós **hoje** é dia de festa é dia de ALEGRIA precisamos participar dessa festa... dia que renovamos também o nosso Batismo... através da aspersão da água... (LINHAS 51-54). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) os textos sagrados de **hoje** fazem menção à história dos acontecimentos do tempo de Jesus... e aos acontecimentos logo em seguida à sua ressurreição... (LINHAS 1-2). (1º Domingo da Páscoa).

Percebe-se a projeção dos tempos para fora da instância da enunciação; os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação e se tem a ilusão de estar diante da temporalidade dos acontecimentos, que ocorrem no “Este é o dia (hoje)”, no “hoje”. Tais advérbios compõem o sistema temporal enunciativo, demonstrando concomitância com o MR presente.

Entretanto, ao longo do discurso da homilia, encontra-se a recorrência do tempo que Fiorin (2016) denomina de *tempo subvertido*, ou seja, há um efeito de retorno à enunciação, motivado pela neutralização da categoria de tempo. Por meio desse ato de neutralizar, de embrear os termos da temporalidade, cria-se o efeito de sentido de que o tempo é pura construção do enunciador, em uma presentificação do passado.

Nesse processo, verifica-se a presença de uma embreagem temporal que permite que um tempo verbal seja empregado com o valor de outro, ocorrendo neutralizações no interior de um mesmo sistema; neutralizações entre os mesmos termos da categoria topológica de subsistemas diferentes e neutralizações entre termos diferentes da categoria topológica de subsistemas distintos. Dentro das possibilidades teóricas de embreagens,

verifica-se a neutralização dos tempos no interior do mesmo sistema nos exemplos seguintes:

E1: (...) João **corre** vai à frente para saber o que aconteceu LÁ... e quando ele **chega** e vê o túmulo começa a pensar... e **começa** a acreditar sem analisar... Maria Madalena e Pedro **analisam** que alguém tirou o corpo dali... João... ele **acredita**... (LINHAS 16-19). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus ressuscitando **abre** o Túmulo e **entra** a luz e é esta luz que vai virar a vida dos cristãos... (LINHAS 15-16) [...] Jesus **consegue** com um gesto carinhoso de amor profundo perdoar os inimigos... (LINHA 43). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) através da Ressurreição Jesus **manifesta** a plenitude do AMOR de Deus... a plenitude de seu reino... (LINHAS 28-29). (1º Domingo da Páscoa).

Sabe-se que o relato das ações de Jesus e de seus apóstolos é anterior ao momento da enunciação do enunciado homilético, porém, o homilista franciscano, ao empregar verbos no presente, parece suscitar um “efeito de atualização” das palavras da Sagrada Escritura, apagando a anterioridade dos acontecimentos, instaurando um saber sobre o sentido, ou seja, produz-se, segundo Panier (1986), um comentário segundo produzido a partir de um primeiro discurso que tem como objeto a narrativa bíblica. Presentifica-se a ação anterior para destacar que ela tem uma ressonância no presente, que pesa mais que o passado da ação. Essa neutralização presente vs. pretérito perfeito 1 instaura, pois, uma ampliação do presente em direção ao passado. “O presente é, então, visto como continuidade lógica ou psicológica do passado”, conforme aponta Imbs (1968, p. 34 *apud* FIORIN, 2016, p. 177).

Em função disso, coloca-se em evidência na enunciação do homilista franciscano a busca pela atualização dos propósitos cristãos no *agora* de seus ouvintes. Observa-se que o uso do pretérito perfeito 2, denominado assim, conforme as tipologias temporais de Fiorin, parece conceder à mensagem sagrada não um aspecto de pontualidade, de algo acabado, mas o de colocar em evidência uma noção de verdade histórica, em que o MR e o MA estão inseridos no passado. Ao empregar esse tempo verbal, o enunciador franciscano torna ainda mais intensa a experiência de reviver o passado e, principalmente, manter na memória cristã a experiência da fé.

Entre os marcos temporais presentes nos enunciados proferidos pelos sacerdotes franciscanos, identifica-se a recorrência do pretérito imperfeito, em especial no discurso

do enunciador 1. Para Fiorin (2016), esse tempo verbal, assim como o pretérito perfeito 2, coincide com o acontecimento narrado e o momento de referência passado, ou seja, é anterior ao momento da enunciação. A diferença entre os dois é aspectual: o perfeito é perfectivo, produz efeito de pontualidade, dinamicidade, enquanto o imperfeito é imperfectivo, descreve as ações e estados como sendo inacabados, não-limitados; o pretérito imperfeito é o tempo que melhor atende aos propósitos da descrição. De fato, nos comentários da homilia, esta é a sua função principal: descrever as principais ações de Jesus antes de sua morte:

E1: (...) é um sinal da Ressurreição que o próprio Jesus já **falava** para os seus discÍpulos... ele **falava** de sua Paixão e que ele ressuscitaria... (LINHAS 9-10) [...] e não é uma ou duas vezes MAS sempre Jesus **vinha** avisando os seus discÍpulos desse momento da sua ressurreição... (LINHAS 12-14). (1º Domingo da Páscoa).

Ainda sobre a temporalidade dos enunciados homiléticos analisados, há recorrência do presente omnitemporal ou gnômico, fato que o recomenda a estar presente em um enunciado válido para qualquer lugar ou época histórica e o qualifica para os enunciados utilizados para a enunciação de verdades eternas:

E2: (...) Deus é Pai (LINHAS 9-10) [...] “eu sou o caminho a verdade e a vida... eu sou a luz e quem me segue não andarás nas trevas” (LINHAS 18-19) [...] “se vosso fardo está pesado demais eu vos aliviarei” (LINHA 24) [...] “eis que estou convosco em todos os dias até os fins dos tempos” ... (LINHAS 56-57). (1º Domingo da Páscoa).

Assim como o sistema verbal distingue formas para expressar, no âmbito de uma determinada relação temporal, os aspectos pontual e durativo, bem como o acabado e o inacabado, o sistema adverbial também apresenta unidades que expressam acontecimentos contínuos, como é o caso do *sempre*. Nos exemplos a seguir, o enunciador franciscano emprega esse advérbio para expressar aos seus enunciatários o desejo perene de Jesus e a ação contínua de conservar os princípios cristãos:

E1: (...) é o que Jesus na sua vida **sempre** quis que nós como discÍpulos vivêssemos como irmãos... e a Páscoa ela é isso... é uma vida nova para seguir **sempre** buscando melhorar conservando os ensinaMENTos de Jesus... (LINHAS 4-7). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) mas antes ele prepara a ceia aos seus discÍpulos para que cada vez que precisam celebram a vitória... vida e presença de Cristo... ele

sempre está conosco em nossas vidas... (LINHAS 59-61). (1º Domingo da Páscoa).

Em relação à categoria de espaço, verifica-se que o enunciado homilético, ao ser organizado ao redor da instância do *aqui*, simula uma cena enunciativa por meio da instauração de um diálogo de caráter proximal desenvolvido pelo enunciador sacerdote. Entretanto, o homiliasta, ao fazer referência ao espaço dos enunciados bíblicos ou mesmo a outros lugares fora da cena enunciativa, emprega advérbios enuncivos:

E1: (...) João corre vai a frente para saber o que aconteceu **LÁ**... e quando ele chega e vê o túmulo começa a pensar... e começa a acreditar sem analisar... (LINHAS 16-18). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) através das leituras dos grandes feitos do senhor acompanhando o seu povo até a terra prometida... e **LÁ**... na história sequencial... em que Deus intervém junto ao povo libertando e auxiliando os profetas a recuperar as alianças que muitas vezes o povo de Israel quebrou: ... (LINHAS 5-8). (1º Domingo da Páscoa).

É possível observar ainda que o advérbio *lá*, pertencente ao domínio do enunciado, indica o espaço fora da situação de enunciação, pois, em função anafórica, retoma um espaço escrito nos enunciados proferidos nas leituras bíblicas, recuperando o espaço bíblico. Em E1, identifica-se a menção ao ambiente do sepulcro, onde estava o túmulo de Jesus, espaço envolvido pelo Mistério da Ressurreição; Já em E2, reconhecemos o *lá* fazendo referência às passagens das ações de Deus sobre o povo de Israel, espaço em que eram anunciadas as promessas de Deus para o seu filho Jesus. Tais enunciadores não parecem criar um efeito de distanciamento, em suas falas, mas propõem trazer para o contexto dos fiéis e para o *aqui* da comunidade religiosa a atualização dos mistérios de Cristo e da vivência franciscana.

Ao examinarmos os elementos que constituem a enunciação da sintaxe discursiva, verifica-se que, para criar um efeito de realidade, garantindo a relação entre o discurso construído pela linguagem e o mundo natural, faz-se preciso considerar a construção de sentido da semântica discursiva por meio da disseminação dos temas e das figuras que viabilizam caminhos para a apreensão do *éthos* e do estilo do homiliasta franciscano.

Vale ressaltar que, nesse processo analítico, é possível identificar o vínculo entre a semântica discursiva e a categoria fundamental – etapa mais simples e abstrata do percurso gerativo do sentido –, pois as relações e os valores das estruturas fundamentais são atualizados no discurso como percursos temático-figurativos e geram a significação

do comentário homilético. Ao observarmos, por exemplo, os três enunciados proferidos na celebração do 1º Domingo da Páscoa, solenidade dedicada à Ressurreição de Jesus, percebe-se que os homilistas constroem o seu discurso a partir da oposição semântica /vida/ *versus* /morte/; a vida é qualificada euforicamente, enquanto a morte é vista como um valor disfórico. Diante dessa oposição, os enunciadores franciscanos assumem a responsabilidade de mensurar, no comentário da homilia, os vários contextos temáticos que podem ser revestidos por figuras associadas à avaliação positiva da vida, tendo como exemplo a passagem da vitória de Jesus sobre a morte.

Considerando o efeito de identidade de cada enunciador e suas escolhas temáticas e figurativas para construir um discurso que transmita um saber e que pareça ser verdadeiro, ao destacarmos o enunciador 1, identifica-se que em seu enunciado a vida recebe uma carga figurativa que se manifesta na ação de ter fé, acreditar na Ressurreição de Jesus:

E1: (...) mais um ano nós celebramos a Ressurreição do senhor:: que deve a cada ano que se celebra deve transformar a nossa vida::... (LINHAS 2-3) [...] se tivéssemos essa fé na Ressurreição de fato nós passaríamos pelo luto e nos refazíamos a nossa vida::... com mais facilidade acreditando nessa força da Ressurreição... há pessoas que têm essa fé há pessoas que reagem como João... que não precisam fazer uma análise MAS ao verem a experiência do túmulo vazio acreditam... isso é um processo da nossa vida para crer na Ressurreição ou melhor:: para VIVER na Ressurreição... é um Mistério que devemos FAZER que devemos cultivar:: através do princípio da fé... essa fé que deve reavivar em nosso coração... (LINHAS 24-31). (1º Domingo da Páscoa).

Esse homilista busca concretizar os sentidos da mensagem de esperança que deseja transmitir aos seus enunciatários, visando a um efeito de realidade por meio do fazer interpretativo que realiza perante a cena evangélica, conforme se verifica pelo emprego da figura do “túmulo vazio”, sinal do Mistério da Ressurreição de Cristo. Diante dessa perspectiva, no enunciado em questão, a alegria de reviver tematiza o tempo da Páscoa e aponta Jesus em conjunção com a “vida” que não mais se encerra, mas que se torna perene.

Para esse sacerdote franciscano, acreditar no “túmulo vazio” é crer na vida, base fundamental de todo o enunciado. Com a figura de João, o enunciador tematiza a fé, pois esse discípulo não duvida da vitória de Jesus sobre a morte. No enunciado, isso se confirma quando o enunciador buscar demonstrar que João afirma que Jesus é a realização

de tudo o que as Escrituras trataram até então, ou seja, a consumação das promessas de Deus:

E1: (...) João aquele discípulo amava... é o evangelho do próprio João... João corre vai à frente para saber o que aconteceu LÁ... e quando ele chega e vê o túmulo começa a pensar... e começa a acreditar sem analisar... Maria Madalena e Pedro analisam que alguém tirou o corpo dali... João... ele acredita... (LINHAS 16-19) [...] se tivéssemos essa fé na Ressurreição de fato nós passaríamos pelo luto e nos refazíamos a nossa vida:... com mais facilidade acreditando nessa força da ressurreição... há pessoas que têm essa fé há pessoas que reagem como João... que não precisam fazer uma análise MAS ao verem a experiência do túmulo vazio acreditam (LINHAS 24-28). (1º Domingo da Páscoa).

No enunciado proferido pelo enunciador 2, novamente a vida é classificada como um valor positivo e novos investimentos figurativos são relacionados euforicamente a ela. Um exemplo dessas figuras é a água carregada por traços isotópicos que remetem ao Batismo, considerado pelos católicos como o sacramento que inicia o cristão em sua caminhada de fé:

E2: (...) vir ao mundo e nos ensina a partir dos discípulos quem é Deus... Deus é Pai e esse ensinamento é próprio de Jesus que é filho e nos deixa também essa herança de sermos adotados como filhos e filhas... por isso nós somos batizados na água... símbolo que expressa o Batismo e se faz presente também o Espírito Santo... de modo especial a água significa a vida POR ISSO o Espírito Santo quer a vida... (LINHAS 9-13) [...] renovamos também o nosso Batismo... através da aspersão da água... (LINHAS 53-54) [...] alegremos também pelas crianças que serão batizadas novos filhos e filhas de Deus... que através do Batismo e da Páscoa traz essa alegria da vida nova:... (LINHAS 66-68). (1º Domingo da Páscoa).

Para esse franciscano, Jesus, por estar em conjunção soberana com a vida, é reconhecido como vitorioso. Isso se comprova por meio de qualificações que incidem sobre a figura de Jesus, tais como “senhor vitorioso”, “Deus da vida da vitória”, “Cristo senhor o vencedor”, “Deus vitorioso”. Ao empregar em seu enunciado diversos adjetivos que imprimem uma imagem positiva de Jesus, esse enunciador busca firmar-se pela veracidade de seu discurso exprimindo uma verdade sobre o seu fazer-interpretativo:

E2: (...) com estes sinais batismais somos convidados nessa Páscoa a renovar a nossa FÉ a nossa aliança com o senhor vitorioso... nosso Deus é o Deus da vida da vitória (LINHAS 19-21) [...] devemos confiar a ele o Deus vitorioso não um Deus derrotado... (LINHAS 30-31). (1º Domingo da Páscoa).

Assim como o primeiro enunciador, o segundo também recobre o Tempo Pascal com o tema da alegria reconhecida na presença do Cristo vivo. Seguindo nessa direção, o terceiro homiliasta franciscano, de maneira similar aos anteriores, reconhece na Páscoa a plenitude do amor de Deus:

E1: Este é o dia que o senhor fez para nós... alegremos e nele exultemos... a alegria de reviver esse Mistério pascal... mais um ano nós celebramos a Ressurreição do senhor:: (LINHAS 1-2). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) para nós hoje é dia de festa é dia ALEGRIA precisamos participar dessa festa (LINHAS 52-53) [...] através do Batismo e da Páscoa traz essa alegria da vida nova (LINHAS 67-68). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) essa data é MUITO importante é a plenitude dos tempos... através da Ressurreição Jesus manifesta a plenitude do AMOR de Deus... a plenitude de seu reino... a Ressurreição é um convite pleno para TODOS participarem do amor... o reino não é EGOÍSTA... o reino de Deus é presente... o reino de Deus é o grande presente do amor de Deus Pai... (LINHAS 27-31). (1º Domingo da Páscoa).

Na fala do enunciador 3, o termo vida, mais uma vez, recebe a qualificação da euforia. Entretanto, esse homiliasta coloca em evidência a figura da mulher, por meio da imagem de Maria Madalena, para tematizar a dignidade de falar a verdade e acreditar no “túmulo vazio”:

E3: (...) os discípulos tinham medo de morrer:: por isso eles ficaram trancados MAS depois que descobriram a verdade anunciada pelas muLHEres... Maria... perceberam que Cristo era a razão de viver:: que aquilo que ele já tinha anunciado era a verdade... como a sua ressurreição... por que Pedro e João que foram ao túmulo não acreditaram nas mulheres? elas falaram a verdade ou não? (LINHAS 5-10) [...] por que não acreditaram nas mulheres? será que as mulheres não falam a verdade sempre?... acontece que no tempo de Jesus as mulheres não tinham toda a dignidade que têm hoje... não é que toda essa dignidade de hoje seja suficiente... no meu modo de pensar vocês mulheres tem a dignidade maior que podem ter... (LINHAS 12-15). (1º Domingo da Páscoa).

Faz-se necessário apontar que o termo morte, nos três enunciados, é qualificado como disfórico. Para os três sacerdotes enunciadores, estar em conjunção com a morte é permitir a presença do medo e da dúvida na prática da vivência cristã. Assim, para esses

franciscanos, a superação da morte só ocorre quando se experimenta viver o significado da Ressurreição:

E1: (...) há pessoas ainda que não acreditam na Ressurreição de Jesus... mesmo participando de todo esse Mistério mesmo tendo todos os sacramentos que a igreja oferece:: ainda há pessoas que têm uma grande dificuldade de acreditar na ressurreição... isso fica bem evidente quando nos deparamos com a realidade da morte... que sempre culpamos a Deus... se tivéssemos essa fé na Ressurreição de fato nós passaríamos pelo luto e nos refazíamos a nossa vida:... com mais facilidade acreditando nessa força da ressurreição... (LINHAS 20-26). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) nosso Deus é o Deus da vida da vitória não é o Deus da morte... convida a cada um de nós a superar a experiência de morte de cada dia... as decepções os sofrimentos... as coisas que carregamos a cada dia... Jesus não vem carregar para nós mas ele nos ajuda a carregar... se torna mais leve... ele diz “se vosso fardo está pesado demais eu vos aliviarei”... esse é o convite de Jesus... para aprendermos para alimentar:: para nos abastecer espiritualmente para viver intensamente essa graça da vida... que não deixa a morte atrapalhar os nossos passos as nossas decisões... aquele que é de Deus não se deixa abater pelos desafios de cada dia pelas provações... MAS renova a si desse vigor extraordinário DAQUELE que tem vida:: (LINHAS 20-28) [...] JESUS venceu a cruz para também fazer a experiência da sepultura da morte:: mas venceu para dizer a cada um de nós “você precisa vencer você não pode ficar para a morte você nasceu para a vida”... (LINHAS 33-36). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a sua ressurreição... é alegria de fazer esse anúncio na certeza de que Cristo é o ressuscitado é o enviado de Deus... a alegria É tão grande que no primeiro momento eles ficam trancados com medo... também tem medo de morrer... vocês não têm medo de morrer né? só um pouquinho né... os discípulos tinham medo de morrer:: por isso eles ficaram trancados MAS depois que descobriram a verdade anunciada pelas mulheres... Maria... perceberam que Cristo era a razão de viver:: que aquilo que ele já tinha anunciado era a verdade... como a sua ressurreição... (LINHAS 2-8). (1º Domingo da Páscoa).

Para os três enunciadores franciscanos, a figura do “mistério” da Ressurreição de Jesus, bem como a imagem do “túmulo vazio” negam a morte e ocupam a base fundamental da tematização da fé. Para a tradição cristã, o sepulcro sem o corpo de Cristo aponta para o sinal maior da vida e da eternidade de Jesus. Aliado a isso, o *sempre*, apresentado na discussão da sintaxe dos enunciados, aparece também como um elemento figurativo, uma vez que “sempre” implica o que não tem começo nem fim, ressaltando assim a qualidade infinda de Cristo.

Em meio à reiteração da oposição /vida/ *versus* /morte/, notou-se a recorrência de figuras distintas que tematizavam, em especial, a vida. Ao pensarmos nas linhas isotópicas, as quais estabelecem um contínuo semântico fornecendo elementos indispensáveis no processo de formação de sentido no discurso, é possível verificar a presença de isotopias figurativas e isotopias temáticas: as primeiras apontam para o reconhecimento da vida após o Mistério da Ressurreição. A figura de Cristo passa a ser o sinal da salvação dos homens e de inauguração de um tempo novo da redenção; as segundas colocam em evidência os compromissos de fé e de esperança que devem estar presentes na vivência da vida religiosa.

3.1.2 Celebração do 2º Domingo da Páscoa

Dando continuidade às celebrações dedicadas ao tempo da Páscoa, no 2º Domingo Pascal, dedicado à profissão de fé de São Tomé e à Divina Misericórdia, identificam-se três enunciadores que se projetam na própria enunciação dentro de seus enunciados. Por meio da debreagem temporal enunciativa, os enunciados homiléticos são organizados em relação ao *agora* do momento da enunciação:

E1: Queridos irmãos... queridas irmãs... **hoje** celebramos o segundo domingo do tempo pascal... no **domingo passado** celebramos a Ressurreição do senhor no primeiro domingo do ciclo pascal... **hoje já** celebramos o segundo domingo... (LINHAS 1-3). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **já nesse domingo** temos as várias distinções das primeiras comunidades cristãs **hoje** no livro dos ATOS dos apóstolos... durante o tempo pascal que começou domingo passado e vai até o domingo de Pentecostes... (LINHAS 32-34). (2º Domingo da Páscoa).

E3: Os textos **deste domingo** celebram todos os acontecimentos que sucedem a Ressurreição do senhor... (LINHAS 1-2) (2º Domingo da Páscoa).

Nos três trechos apresentados, nota-se que o *agora* é o fundamento das oposições temporais dos enunciados, permitindo que os enunciadores façam referência ao passado, ou seja, retomem os comentários homiléticos proferidos no domingo anterior, mediante o emprego, em especial, de advérbios do sistema enunciativo que manifestam concomitância ao *agora*, como *já, nesse domingo, hoje, deste domingo*.

Tendo o momento de referência presente como eixo norteador da enunciação, nos enunciados da homilia dos sacerdotes franciscanos, encontramos marcas da temporalidade da narração, principalmente, quando se faz necessário estabelecer relações com o passado e comentá-lo. Vejamos os exemplos a seguir:

E1: (...) **agora** ele **envia** os seus apóstolos os seus discípulos... ele vai dizer “o bom Pai me enviou assim eu também os envio” e **SOLta** sobre eles o espírito santo... (LINHAS 19-21) [...] é essa autoridade que Jesus **dá** aos seus apóstolos na igreja e continua até os dias de **hoje** (LINHAS 32-33). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) é o novo jeito nova maneira de Jesus se apresentar... não mais fisicamente **MAS AGORA** no seio da comunidade... na Palavra (LINHAS 16-17) [...] Jesus **é** reconhecido na fração do pão... quando eles foram jantar... eles dão a benção do pão e percebem que **é** o ressuscitado... Jesus se **dá** a conhecer **agora** pela Palavra... (LINHAS 18-20) [...] por isso **agora**... nos momentos das várias aparições de Jesus **está** fortalecendo a fé dos apóstolos... para que a partir de **agora** ao redor:: dos apóstolos **constitua** a igreja de Jesus Cristo... portanto... aderiram ao senhor muitos fiéis em número cada vez maior como diz os Atos dos apóstolos... (LINHAS 45-48). (2º Domingo da Páscoa).

Nesses fragmentos, com o uso de um presente durativo, entendido como um tempo verbal que realça o aspecto contínuo e duradouro dos propósitos firmados por Cristo, os franciscanos parecem criar no comentário da homilia um efeito de duratividade das ações de Jesus. Mesmo não sendo realizadas ali, diante dos enunciatários, elas possuem duração maior do que o momento em que foram feitas e devem ser norteadoras da prática de todo cristão, visto que crer no Ressuscitado e o reconhecer eram os desafios enfrentados pelos discípulos. E, em sua segunda aparição, ele é reconhecido no seio da comunidade cristã, por meio do anúncio da paz.

Para realçar a atualização desse passado, observa-se que os homilistas franciscanos passam a empregar o *agora*, criando um efeito de sentido de proximidade com a nova era cristã iniciada após o Mistério da Ressurreição de Cristo. Em outros momentos, o efeito de atualização ocorre pela neutralização da diferença que se estabelecerá na relação presente vs. pretérito perfeito 1. O fato de haver essa substituição de um tempo por outro permite que os freis criem um efeito de presentificação do passado, como já apontamos na análise do 1º Domingo da Páscoa:

E1: (...) ele **mostra** também para os seus discípulos as mãos e o barco... prova que **é** ele **MESMO** não é um fantasma mas **é** o Cristo aquele que foi morto crucificado... (LINHAS 14-16). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus **é** reconhecido na fração do pão... quando eles foram jantar... eles **dão** a bênção do pão e percebem que **é** o ressuscitado... (LINHAS 18-20). (2º Domingo da Páscoa).

E3: L1: (...) o que ele **diz** aos apóstolos?
L2: “A paz esteja convosco” (LINHAS 7-8). (2º Domingo da Páscoa).

Assim como ocorre nos enunciados da celebração do domingo anterior, a recorrência do presente omnitemporal ou gnômico também é identificada nos comentários da homilia do 2º domingo pascal e sinaliza a permanência de Jesus e de seus valores através dos tempos:

E1: “aqueles que vocês perdoarem serão perdoados e aqueles que vocês não perdoarem não serão perdoados” (LINHAS 31-32) [...] “meu senhor e meu Deus” (LINHAS 43-44) [...] “eu sou o alfa e o ômega” (LINHA 61). (2º Domingo da Páscoa).

E2: “eu sou o primeiro e o último o vivente estive morto MAS eis que vivo pelo século dos séculos... eu tenho a chave da morte” (LINHAS 28-29). (2º Domingo da Páscoa).

Com relação às projeções da categoria de pessoa nos enunciados desse domingo, elas também se assemelham com as observações apresentadas na celebração anterior. Há novamente a presença de um *nós inclusivo*. Com o emprego desse pronome, os franciscanos parecem querer realçar o sentido de aproximação com seus enunciatários, criando uma esfera de reciprocidade, de identificação e anulação da distância entre enunciador e enunciatário, um efeito de proximidade:

E1: (...) **celebramos** o segundo domingo do tempo pascal... no domingo passado **celebramos** a Ressurreição do senhor no primeiro domingo do ciclo pascal... hoje já **celebramos** o segundo domingo... (LINHAS 1-3). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **nós vamos** ver no domingo no evangelho dos discípulos de Emaús... que Jesus é reconhecido na fração do pão... (LINHAS 17-19). (2º Domingo da Páscoa).

E3: (...) não estou falando que é fácil de perdoar MAS estamos fazendo a missão de Deus... isso é o que o evangelho de hoje **nos** propõe esse desafio... (LINHAS 46-47). (2º Domingo da Páscoa).

No entanto, em outros momentos, esse *nós* ganha uma nova nuance e passa a sinalizar uma espécie de “plural de enunciador” (FIORIN, 2016). Nesses casos, o

enunciador usa o *nós* para indicar que não é ele o indivíduo que fala em seu próprio nome, mas que ele tem junto de si o respaldo de toda a Igreja e dos enunciados da Sagrada Escritura:

E1: (...) Jesus de fato ressuscitou... somos todos **nós** que estamos aqui hoje... não **vimos** mas também **acreditamos** naquilo que os apóstolos disseram e que a igreja traz até os nossos dias né? (LINHAS 46-50) [...] nós **devemos** renunciar tudo aquilo que é contra a vida tudo aquilo que tira a vida das pessoas tudo aquilo que diminui a vida das pessoas... (LINHAS 70-71). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) portanto ele expira o novo sopro da vida sobre toda a comunidade cristã... então que a força do espírito de Jesus ressuscitado continue **nos** alinhando nos fortalecendo:: para que **possamos** viver plenamente no meio no SEIO de nossas comunidades... e que as nossas comunidade sejam o lugar privilegiado da presença de Jesus Cristo o:: ressuscitado:: para nos fortalecer no dia a dia de nossa caminhada... (LINHAS 52-57). (2º Domingo da Páscoa).

E3: (...) desde muito tempo **nós somos** o milagre de Deus... se olhar a ciência diante de tantas possibilidades **nós formos** os únicos as únicas a sobreviver os outros morreram todos ficaram pelo caminho né? a ciência nos dá toda essa dinâmica **nós somos** o milagre de Deus... (LINHAS 64-67). (2º Domingo da Páscoa).

Considerando o cerne da liturgia do 2º Domingo da Páscoa, a qual reconhece a comunidade cristã como um espaço de fraternidade, de partilha e, principalmente, de acolhida, pois recebe a todos sem distinção e oferece um ambiente privilegiado para o encontro com Jesus ressuscitado, os homilistas dessa celebração, ao evidenciarem em seus comentários marcas de narratividade, focalizam o domínio do enunciado e passam a empregar o *ele* nos momentos em que se retomam os actantes do enunciado bíblico:

E1: (...)os **discípulos** estavam de portas fechadas por medo... **eles** estavam com medo dos judeus... então **eles** estavam ali reunidos de portas fechadas... (LINHAS 9-11) [...] o primeiro desejo de **Cristo** ressuscitado foi a PAZ... depois **ele** vai desejar mais três vezes a paz nesse encontro que eles tiveram né? ... e ali **ele** mostra também para os seus discípulos as mãos e o barco... prova que é **ele** MESMO não é um fantasma mas é o Cristo aquele que foi morto crucificado e que agora está ali ressuscitado... (LINHAS 12-16). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) ToMÉ... **ele**... que duvidou da fé... que não estava na comunidade por isso não viu o senhor... e só... reconhece o senhor:: o ressuscitado:: quando está ou quando participa da comunidade... aí sim **ele** reconhece o senhor:: e faz uma das maiores profissões de fé que se encontra na bíblia... (LINHAS 4-8). (2º Domingo da Páscoa).

E3: L1: (...) Os textos deste domingo celebram todos os acontecimentos que sucedem a Ressurreição do senhor... no primeiro momento os **apóstolos** ainda esTÃO com MUITO...

L2: Medo

L1: Medo... **eles** não tinham certeza que as notícias trazidas pelas mulheres eRAM verdadeiras... **eles** estavam em dúvida e... a dúvida e o medo de serem mortos como Jesus os fazem ficar trancados dentro das casas... PORÉM este medo aos poucos vai se diluindo:... de modo especial que no dia de hoje **Jesus** diz... o que **ele** diz aos apóstolos?... (LINHAS 1-7). (2º Domingo da Páscoa).

Verifica-se, contudo, que, na enunciação dos três franciscanos, esse *ele* não parece conferir um total efeito de objetividade ao enunciado, mas sim uma espécie de retomada, de referência aos actantes que já foram apresentados ao longo da Liturgia da Palavra, o que lhes confere certos traços de intimidade para os enunciatários, pondo-se em questão, como referido, seu valor objetivo que poderia evocar um distanciamento.

Quanto às projeções espaciais presentes nos comentários, elas retomam os espaços inscritos nos enunciados bíblicos, de modo particular, os espaços em que Jesus faz suas aparições depois de vencer a morte. No 2º Domingo da Páscoa, por exemplo, Cristo encontra-se no seio das comunidades cristãs anunciando a paz e preparando os seus discípulos para a missão de testemunhar as suas palavras:

E1: (...) os discípulos estavam de portas fechadas por medo... eles estavam com medo dos judeus... então eles estavam **ali** reunidos de portas fechadas... então Jesus vem se coloca no meio deles... e deseja a paz né?... deseja a paz a todos eles que estão **ali**... ... e:: o primeiro:... como se diz... o primeiro desejo de Cristo ressuscitado foi a PAZ... depois ele vai desejar mais três vezes a paz nesse encontro que eles tiveram né? ... e **ali** ele mostra também para os seus discípulos as mãos e o barco... prova que é ele MESMO não é um fantasma mas é o Cristo aquele que foi morto crucificado e que agora está **ali** ressuscitado... (LINHAS 9-12) [...] depois nós vimos também no início da primeira leitura tirada dos Atos dos apóstolos que esse testemunho que os apóstolos dão do Cristo ressuscitado de ele ser acreditado né?... eles continuam fazendo sinais aqueles mesmos sinais que Jesus fazia... eles agora continuam fazendo curando os doentes... fazendo tantos milagres **ali** e::: com isso o povo se adepta a eles elogiam e::: vinha gente de muitos lugares **ali** próximos de **Jerusalém**... com isso o número dos adeptos cresce... (LINHAS 48-54) [...] João vai contar dar testemunho dessa experiÊNCIA dele com o Cristo ressuscitado e::: esse testemunho que ele dá também tem consequência... dessa sua atitude... o exílio... ficou exilado **lá** na **Ilha de Patmos** na Grécia... levaram ele para muito longe... e **lá** ele teve essa experiência pessoal com Cristo ressuscitado (LINHAS 56-60). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) é o novo jeito nova maneira de Jesus se apresentar... não mais fisicamente MAS AGORA no **seio da comunidade...** (LINHAS 16-17). (2º Domingo da Páscoa).

É possível observar que, no enunciado do primeiro sacerdote franciscano, os advérbios *ali* e *lá*, pertencentes ao domínio do enunciado, indicam um espaço fora da situação de enunciação, pois, em função anafórica, retomam o espaço do enunciado bíblico. No entanto, não parecem criar um efeito de distanciamento, mas de separação de diferentes realidades espaciais.

Após ser considerado o vencedor da morte e estar conjunto com a vida, nos enunciados da homilia do segundo domingo do tempo da Páscoa, Jesus adquire competência necessária à ação e à execução dos projetos de Deus. Mediante os procedimentos da semântica discursiva, encontra-se nessa celebração a tematização da autoridade divina revestida pela figura de Cristo que se apresenta competente, modalizado pelo *saber-fazer* e o *poder-fazer*:

E1: (...) Jesus ressuscitado envia os seus apóstolos para a missão... aquela mesma missão que o Pai havia enviado Jesus... agora ele envia os seus apóstolos os seus discípulos... ele vai dizer “o bom Pai me enviou assim eu também os envio” e SOLta sobre eles o espírito santo... (LINHAS 18-21) [...] receber o espírito santo significa receber a autorização o aval para eles saírem em missão... para missão... e DEU-lhes também autoridade... ao dizer que os pecados daqueles que eles perdoassem seriam perdoados... mas os pecados daqueles que eles não perdoassem não seriam perdoados... (LINHAS 24-27) [...] receber o espírito santo significa receber a autorização o aval para eles saírem em missão... para missão... e DEU-lhes também autoridade... ao dizer que os pecados daqueles que eles perdoassem seriam perdoados... mas os pecados daqueles que eles não perdoassem não seriam perdoados... (LINHAS 30-33). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) nos momentos das várias aparições de Jesus está fortalecendo a fé dos apóstolos... para que a partir de agora ao redor:: dos apóstolos constitua a igreja de Jesus Cristo... (LINHAS 45-47) [...] os apóstolos faziam aquilo que Jesus tinha ensinado pra eles... até mesmo Pedro... Jesus realizava inúmeros milagres e agora o próprio Pedro:: andando no meio do povo curava as pessoas em nome do ressuscitado em nome de Jesus Cristo... (LINHAS 49-52). (2º Domingo da Páscoa).

E3: (...) Jesus dá àqueles e àquelas que são portadores de Deus a missão... se vocês são portadores de Deus também são portadores do perdão... se vocês não são portadores de Deus vocês não vão perdoar de jeito maneira... não estou falando que é fácil de perdoar MAS estamos fazendo a missão de Deus... (LINHAS 43-47). (2º Domingo da Páscoa).

Constata-se que, nos três enunciados franciscanos, Jesus é qualificado para agir e ensinar os discípulos a missão de perdoar, porém a ação do perdão só acontece se estiverem em conjunção com a fé e com a luz do Espírito Santo. Por meio do comentário do enunciador 2, por exemplo, identificamos a figura do apóstolo Pedro que se mostra competente para dar continuidade aos ensinamentos de Cristo.

Para os enunciadores 1 e 2, formas do presente gnômico, apresentado na sintaxe discursiva, aparecem também como um elemento figurativo que reveste a eternidade da figura de Jesus, considerado o princípio e o fim de tudo:

E1: (...) Jesus disse a ele “não tenhais medo **eu sou o primeiro e o último**”... as vezes nós lemos em outros trechos “**eu sou o alfa e o ômega**” que são a primeira e a última letras do alfabeto grego... “**eu sou o primeiro e o último o alfa e o ômega**” e::: ele vai dizer “**estive morto mas agora estou vivo para sempre eu tenho as chaves da morte e da região dos mortos**” (LINHAS 61-64). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus ressuscitado é motivo de esperança e de alegria... por isso ele mesmo disse “**eu sou o primeiro e o último o vivente estive morto MAS eis que vivo pelo século dos séculos... eu tenho a chave da morte**”... esse senhor que vive pelos séculos (LINHAS 27-30). (2º Domingo da Páscoa).

Ainda para os três enunciadores franciscanos, o *agora* instaura-se como um elemento figurativo que reveste o novo tempo inaugurado com a Ressurreição de Jesus. Essa nova era é marcada pelas várias aparições de Cristo que, nesse 2º Domingo da Páscoa, surge no seio da comunidade cristã desejando a paz a seus discípulos. Faz-se preciso apontar que para os enunciadores, em especial os indicados como 1 e 3, o tema da paz adquire um novo sentido com a Ressurreição de Jesus; ao desejar a paz aos seus discípulos, sua intenção é libertá-los do medo, assegurando-lhes a sua vitória sobre o mal e a morte. Agora a paz associa-se à missão:

E1: (...) os discípulos estavam de portas fechadas por medo... eles estavam com medo dos judeus... então eles estavam ali reunidos de portas fechadas... então Jesus vem se coloca no meio deles... e deseja a paz né? deseja a paz a todos eles que estão ali... e:: o primeiro::... como se diz... o primeiro desejo de Cristo ressuscitado foi a PAZ... depois ele vai desejar mais três vezes a paz nesse encontro que eles tiveram né? ... e ali ele mostra também para os seus discípulos as mãos e o barco... prova que é ele MESMO não é um fantasma mas é o Cristo aquele que foi morto crucificado e que agora está ali ressuscitado... ENTÃO eles se alegraram muito em ver Jesus o Cristo ali no meio deles ressuscitado né?... e ele repetiu “a paz esteja com vocês e eu vos envio para missão”... então Jesus ressuscitado envia os seus apóstolos para a

missão... aquela mesma missão que o Pai havia enviado Jesus... (LINHAS 9-19). (2º Domingo da Páscoa).

E3: (...) de modo especial que no dia de hoje Jesus diz... o que ele diz aos apóstolos?

L2: “A paz esteja convosco”

L1: E de novo

L2: “A paz esteja convosco”

L1: E de novo

L2: “A paz esteja convosco”

L1: Mas o que mesmo que ele quer dizer quando ele diz “a paz esteja convosco”? o que mesmo ele está dizendo?

L2: (silêncio)

L1: O que mesmo que ele está dizendo?

L2: (silêncio)

L1: O que mesmo que ele está dizendo? se você... quando alguém deseja a paz para o outro ele está dizendo “olha... o Deus que mora dentro de mim faz a morada também em você em teu coração”... então Jesus diz “O DEUS QUE MORA DENTRO DE MIM FAÇA MORADA::: dentro do coração de vocês”... SE Deus faz morada dentro do coraÇÃO o que acontece com o medo? desaparece temos a certeza de que Deus está dentro de nós... (LINHAS 7-23). (2º Domingo da Páscoa).

Para os homilistas desse segundo domingo pascal, a fé é revestida pela figura do apóstolo Tomé, sujeito que passa de um estado de disjunção com o valor da crença no Mistério da Ressurreição para outro, de conjunção com Jesus vivo, que somente se dá quando toca nas chagas de Cristo. Para o enunciador 2, Tomé acredita em Jesus porque estava na comunidade, a qual, para esse franciscano, é considerada o lugar de encontro com Cristo vivo, uma vez que nela se encontram a Palavra e a Eucaristia:

E2: (...) aonde é que Tomé encontra Jesus? na comunidade... quando ele estava fora da comunidade... viu o senhor? não viu... portanto é o novo jeito nova maneira de Jesus se apresentar... não mais fisicamente MAS AGORA no seio da comunidade... na Palavra e:: nós vamos ver no domingo no evangelho dos discípulos de Emaús... que Jesus é reconhecido na fração do pão... quando eles foram jantar... eles dão a bênção do pão e percebem que é o ressuscitado... Jesus se dá a conhecer agora pela Palavra... pela::... pela Eucaristia que é a fração do pão e no SEIO da comunidade... por isso mesmo os próprios discípulos de Emaús quando reconheceram o senhor voltaram imediaTamente para a comunidade...é o lugar de encontro com o senhor... (LINHAS 14-23). (2º Domingo da Páscoa).

Considerando os apontamentos expostos e a identidade franciscana, pode-se inferir que, por meio de investimentos figurativos, o tema da fé no Ressuscitado, também focalizado no primeiro domingo, se desdobra a partir da relação de contrariedade entre o /crer/ e o /não-crer/ em Jesus. A ação de *crer* é qualificada positivamente, por meio dela

torna-se possível acreditar em milagres, perder o medo do anúncio da Palavra e, sobretudo, encontrar-se com Jesus. Ao contrário, o *não-crer* é negativo e se associa à dúvida sobre o Mistério da Ressurreição e ao medo de atuar como anunciador da missão de Jesus. Diante disso, é possível verificar a presença de isotopias figurativas que dão ênfase à figura de Jesus como aquele que venceu a morte e ressurgiu como a fonte de esperança da humanidade. O lugar de encontro com Ele acontece na comunidade cristã, espaço do serviço comunitário, da fraternidade e da irmandade.

3.1.3 Celebração do 3º Domingo da Páscoa

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir em relação à língua, como um processo de apropriação. O enunciador se apropria do aparelho formal da língua e enuncia a sua posição de locutor, assegurando a discursivização da língua. Ao considerarmos os três franciscanos enunciadorees do terceiro domingo da Páscoa, encontraremos três sujeitos que instauram seus discursos no *agora*, momento da enunciação. Esse *agora* é gerado pelo fio da linguagem e se desloca ao longo do comentário da homilia como o eixo ordenador dos tempos verbais presentes na enunciação destes homilistas. Vejamos que, assim como nas celebrações anteriores, no terceiro domingo pascal, a temporalidade do *agora* é demarcada pelo *hoje*, advérbio que se centra no momento de referência presente:

E1: Queridos irmãos e irmãs estamos **hoje já** celebrando o terceiro domingo do tempo da Páscoa... (LINHAS 1-2) [...] nesse evangelho de **hoje** a gente vê que os discípulos estavam abatidos desanimados éh... (LINHAS 5-6). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) essa é a terceira vez que Jesus aparece após a sua morte... do relato de **hoje** há também uma simbologia... (LINHAS 9-10). (3º Domingo da Páscoa).

E3: **Nesse domingo** se revelam os acontecimentos que se sucederam depois da ressurreição do senhor... (LINHAS 1-2). (3º Domingo da Páscoa).

Comunicando a narrativa da terceira aparição de Jesus ressuscitado, verifica-se que a noção do *agora* na enunciação da homilia franciscana, em especial para os enunciadorees 1 e 2, visa à instauração do efeito de sentido de atualização e de continuidade da nova era cristã, que se inicia após Cristo vencer a morte. No âmbito da semântica discursiva, poderíamos definir esse *agora* como um elemento que figurativiza

o caráter atualizador que se manifesta no comentário bíblico, que busca a atualização da narrativa evangélica.

Observa-se que, para E2, o *agora* remete aos lugares em que Jesus pode ser reconhecido, ou seja, onde o enunciador pode reconhecer a presença divina e encontrar os sinais do Ressuscitado. Já para E3, o *agora* relaciona-se com a missão que Jesus concede a Pedro e à prática dos propósitos de Cristo na atualidade dos cristãos. Consideremos como isso se manifesta nos fragmentos a seguir:

E2: (...) onde é que Jesus se dá a conhecer **agora**? (LINHAS 52-53) [...] Jesus se dá conhecer na EUCARISTIA... na co-um-ni-da-de:... e na Palavra de Deus.. (LINHAS 67-68) [...] é na comunidade que a gente encontra o senhor principalmente na Palavra e na Eucaristia... portanto se gente vai na comunidade encontra a Palavra a Eucaristia e encontra o ressuscitado... é a maior forma de presença do senhor **hoje agora** para nós.... (LINHAS 71-74). (3º Domingo da Páscoa).

E3: L1: (...) e o evangelho apresenta Jesus que aparece pela terceira vez aos seus apóstolos... por que Pedro vai pescar?

L2: Trabalho dele

L1: Era o trabalho dele antes... era o sustento dele... continua a vida... não se deu conta que **agora** a missão dele era... era evangelizar... ele não se deu conta e nem seus companheiros... ele já tinha recebido o mandato... (LINHAS 10-16) [...] vamos falar do reino de amor:: do reino da partilha do reino da igualdade do reino da justiça... não estou falando que é fácil mas é a nossa tarefa como discípulos e discípulas dos **dias de hoje**... (LINHAS 54-56). (3º Domingo da Páscoa).

Reconhecendo o comentário da homilia como um desempenho do fazer interpretativo do homiliasta diante do texto bíblico, nos enunciados da celebração do terceiro domingo da Páscoa, certifica-se, uma vez mais, a recorrência do tempo que Fiorin (2016) denomina de *tempo subvertido*, ou seja, há um efeito de retorno à enunciação, motivado pela neutralização da categoria de tempo. Os enunciadores franciscanos 1 e 2, por meio de uma embreagem temporal recorrem a um tempo verbal empregado com o valor de outro, permitem que se compreenda o tempo como pura construção do enunciador, o qual presentifica o passado e cria um efeito de sentido de atualização da narrativa bíblica:

E1: (...) nesta terceira aparição ele **aparece** assim como um pedinte né?... alguém que sai pedindo alguma coisa à beira do mar e... perguntando se os discípulos não tinham algo para comer... nesse evangelho de hoje a gente vê que os discípulos estavam abatidos desanimados éh... assim... desesperançados... ainda não tinham acreditado bem na Ressurreição do senhor... e eles decidem ir pescar...

mesmo assim desanimados né?... decidem ir pescar:: e... mas não conseguiram pescar nada... passaram a noite toda tentando ali pescar mas não conseguiram... e ao amanhecer Jesus o ressuscitado os esperam na margem do mar Tiberíades... os discípulos porém não o reconhece acharam que era uma pessoa qualquer que estava ali na beira do mar... Jesus **pergunta** se eles não tinham alguma coisa pra ele comer... eles respondem que não... tinham pescado a noite toda mas não tinham pegado nada né... (LINHAS 3-13). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus **constrói** a igreja sobre a fragilidade de Pedro MAS também sobre o amor:: de Pedro a coragem de Pedro... por isso que hoje Jesus o **estabelece** como o coordenador do mundo:: ... (LINHAS 21-23). (3º Domingo da Páscoa).

Quanto à pessoalidade que se instaura nos enunciados, é possível identificar na enunciação dos três sacerdotes franciscanos a presença do *nós inclusivo* que transmite a ideia de pluralização realçada pela relação "eu (enunciador) + vocês (fiéis presentes à celebração)", como também pela associação do "eu (enunciador) + vocês (fiéis presentes à celebração) + eles (todos os cristãos não presentes à celebração, ou seja, todos os demais cristãos)". Aliado a isso, nota-se que, nas falas de E1 e E2, é recorrente o uso do pronome *nosso* que surge com o efeito de sentido de não-distanciamento entre enunciador e enunciatário. Os padres franciscanos, dessa forma, se colocam em uma posição de igualdade com os membros da assembleia. Isto pode ser observado nos seguintes trechos:

E1: Queridos irmãos e irmãs **estamos** hoje já celebrando o terceiro domingo do tempo da Páscoa... (LINHAS 1-2) [...] **nós** vemos Pedro testemunhando aos outros apóstolos o Cristo ressuscitado com muita coragem né... (LINHAS 38-39) [...] então queridas irmãs e irmãos que o Cristo ressuscitado permaneça em **nosso** caminho nos dê força e coragem na **nostra** missão como cristãos para enfrentarmos os desafios que muitas vezes encontramos em **nostra** caminhada diária... renovemos a **nostra** fé... (LINHAS 48-51). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) é na comunidade que a gente encontra o senhor principalmente na Palavra e na Eucaristia... portanto se a gente vai na comunidade encontra a Palavra a Eucaristia e encontra o ressuscitado... é a maior forma de presença do senhor hoje agora para nós... muitas vezes o **nosso** modo de agir nesse mundo... se parece um pouco com o modo de agir e de pensar dos discípulos vamos preambulando nas escuridões da vida... sem nos encontrar com a luz do ressuscitado... por isso nós nos perdemos porque não vamos ao encontro do ressuscitado::... não vamos em busca do Ressuscitado... quando temos fé no ressuscitado **nosso** serviço é facilitado... **nostra** vida é facilitada.. para vivermos como cristãos precisamos portanto... ter a coragem dos apóstolos... (LINHAS 71-79). (3º Domingo da Páscoa).

E3: (...) aí vem novamente a grande pergunta que deixaria acho que cada um de **nós** meio tristonho ou furioso ou nem dava resposta já caia

fora se Jesus perguntasse três vezes se **nós** o amamos (LINHAS 18-20). (3º Domingo da Páscoa).

Como vimos nas considerações da sintaxe discursiva do 2º Domingo da Páscoa, em outros momentos, esse *nós* parece estabelecer um novo sentido e demarcar o que poderia ser chamado de “plural do enunciador”. Nesses casos, o enunciador usa o *nós* para sinalizar que não é ele o indivíduo que fala em seu próprio nome, mas que ele possui junto de si todo o respaldo da Igreja e dos enunciados bíblicos. Diante disso, parece que o enunciador sacerdote franciscano produz o efeito de uma leve neutralização da subjetividade presente em seu discurso:

E2: (...) vejam na escuridão sem a presença de Jesus... **nós** não temos sucesso::... (LINHAS 25-26) [...] sobre o martírio de JESUS e os apóstolos que nós construímos edificamos a igreja de Jesus Cristo... (LINHAS 85-86). (3º Domingo da Páscoa).

E3: (...) volta novamente aquela ideia que tem que circular dentro de **nós**... a que vai dar sentido em nossa vida... a que Jesus é o ressuscitado e ele revelou para cada um de **nós** a plenitude do amor de Deus... por que Deus **nos** ama? porque **somos** católicos né (LINHAS 21-24) [...] a proposta da igreja sempre foi o reino de Deus... **vamos** falar do reino de amor:: do reino da partilha do reino da igualdade do reino da justiça... (LINHAS 54-55) (3º Domingo da Páscoa).

Nota-se ainda que essa neutralização do *nós* é enfatizada quando, em vez dele, passam a ser empregadas formas indeterminadas, como, por exemplo, ocorre com o uso de *a gente*. Isto é recorrente no discurso dos três padres franciscanos que, mediante essa construção de uma embreagem actancial no interior da categoria de pessoa, conferem aos seus comentários homiléticos um efeito de neutralização da subjetividade e de coloquialidade, o que enaltece o caráter de não-distanciamento do discurso homilético franciscano:

E1: (...) hoje **a gente** vê que os discípulos estavam abatidos desanimados (LINHAS 5-6) [...] **a gente** vê mais uma vez que quem ama reconhece primeiro... quem ama vê primeiro reconhece a pessoa amada... (LINHAS 19-20) [...] **a gente** ver aí a solidariedade a partilha que Jesus provoca neles naquele momento né? (LINHAS 25-26) [...] **a gente** vê que Jesus faz essa tríplice pergunta a Pedro “Pedro tu me amas?” (LINHAS 29-30) [...] **a gente** ver na primeira leitura dos Atos dos apóstolos... nós vemos Pedro testemunhando aos outros apóstolos o Cristo ressuscitado com muita coragem né (LINHAS 37-39). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) por isso muita gente diz “eu sou cristão” MAS nunca foi à igreja:... vai fazer igual Tomé... não vai ver o senhor... é na comunidade que a **gente** encontra o senhor principalmente na Palavra e na Eucaristia... portanto se a **gente** vai na comunidade encontra a Palavra a Eucaristia e encontra o ressuscitado... (LINHAS 69-73). (3º Domingo da Páscoa).

E3: L1: (...) por que Deus nos ama? porque somos católicos né...

L2: ((risos))

L1: Porque fazemos o bem né?... então por que ele nos ama?

L2: **A gente** é filho dele... (LINHAS 24-27). (3º Domingo da Páscoa).

Em vários momentos da enunciação do comentário da homilia, os homilistas franciscanos, dotados de um fazer interpretativo que pretende enunciar um discurso que busca transmitir um saber sobre o *fazer* de Jesus, dão destaque à descrição das ações dos actantes dos enunciados bíblicos e passam a focalizar os elementos do enunciado. Como vimos nas considerações sobre a celebração do domingo anterior, ao empregarem a não-pessoa, o *ele*, podemos inferir que os três enunciadore não buscam a enunciação de um discurso objetivo, uma vez que esse *ele* parece ser um elemento de retorno aos actantes mencionados anteriormente na Liturgia da Palavra. Na celebração do 3º domingo, encontramos o *ele* retomando, principalmente, os discípulos que pescavam e a figura de Pedro, apóstolo que reconhece o Ressuscitado em mais uma de suas aparições:

E1: (...) nesse evangelho de hoje a gente vê que os **discípulos** estavam abatidos desanimados éh... assim... desesperançados... ainda não tinham acreditado bem na Ressurreição do senhor... e **eles** decidem ir pescar... mesmo assim desanimados né?... decidem ir pescar:: e... mas não conseguiram pescar nada... passaram a noite toda tentando ali pescar mas não conseguiram... e ao amanhecer Jesus o ressuscitado **os** esperam na margem do mar Tiberíades... os discípulos porém não o reconhece acharam que era uma pessoa qualquer que estava ali na beira do mar... Jesus pergunta se **eles** não tinham alguma coisa pra ele comer... **eles** respondem que não... tinham pescado a noite toda mas não tinham pegado nada né?... então Jesus pede que **eles** joguem a rede no lado direito... e que lá eles vão encontrar peixes e... **eles** poderiam ter até duvidado do que estavam ouvindo... mas **eles** obedecem e jogam a rede do lado direito e... eles obtêm ali um bom resultado... tantos peixes eles pegaram que não podiam nem arrastar a rede de tão pesado que ficou a rede... foi então que o discípulo amado de Jesus vai dizer “é Jesus é o senhor”... então **ele** reconhece que é o senhor aquele homem... (LINHAS 5-18). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) os **discípulos** pensavam... que Jesus tinha fracassado... POR ISSO desanimados... os apóstolos voltam... para as suas atividades... de pescadores... **eles** pensaram... rezamos com **Jesus** e agora **ele** é morto pelas autoridades judaicas... restavam voltar à vida de pescadores... aquilo que vivemos foi apenas um sonho pensavam **eles**... **eles** voltam

portanto às atividades normais de pescadores... (LINHAS 1-6). (3º Domingo da Páscoa).

E3: L1: (...) por que **Pedro** vai pescar?

L2: Trabalho dele

L1: Era o trabalho dele antes... era o sustento dele... continua a vida... não se deu conta que agora a missão dele era... era evangelizar... **ele** não se deu conta e nem seus companheiros... **ele** já tinha recebido o mandato... “Pedro sobre esta pedra edificarei a minha igreja” mas **ele** não entendeu nada:: ... (LINHAS 11-17). (3º Domingo da Páscoa).

Ainda sobre os indícios da categoria de pessoa que se evidencia nos enunciados dos freis, é pertinente pontuar que, no enunciado 3, encontramos em alguns momentos a neutralização desta categoria, por meio do uso de *daquela*, *daquele* *aquela* e *aquela*, que, no enunciado, fazem referências a uma pessoa indeterminada:

E3: (...) a depressão nasce **daquele** e **daquela** que não se sente amado acolhido valorizado na sua caminhada... a primeira reação que vai dar é a depressão ... todo **aquela** **aquela** que não se sente amado protegido... acaba se matando... uma reação natural nos dias de hoje... nunca foi tão necessário o anúncio do reino de Deus NÃO pela Palavra mas pelo testemunho... (LINHAS 43-47). (3º Domingo da Páscoa).

Situados no espaço do *aqui*, centro gerador dos espaços da enunciação, os três sacerdotes franciscanos, ao enunciarem o comentário da celebração do terceiro domingo pascal, em função anafórica, retomam o espaço dos enunciados bíblicos, que, nessa solenidade, traz como cenário a margem do mar Tiberíades, lugar onde ocorre uma das aparições de Jesus vivo. Ao observamos o enunciador 1, nota-se o uso de vários advérbios de lugar que marcam um espaço fora da cena enunciativa e que pertencem ao domínio do enunciado:

E1: (...) e ao amanhecer Jesus o ressuscitado os esperam na **margem do mar Tiberíades**... os discípulos porém não o reconhece acharam que era uma pessoa qualquer que estava **ali** na beira do mar... Jesus pergunta se eles não tinham alguma coisa pra ele comer... eles respondem que não... tinham pescado a noite toda mas não tinham pegado nada né?... então Jesus pede que eles joguem a rede no lado direito... e que **lá** eles vão encontrar peixes e... eles poderiam ter até duvidado do que estavam ouvindo... mas eles obedecem e jogam a rede do lado direito e... eles obtêm **ali** um bom resultado (LINHAS 9-16) [...] o discípulo amado Pedro se envergonha porque estava nu... e... se atira no mar:: para ir o quanto antes encontrar com Jesus... nada até a praia para ver Jesus... e eles quando pisaram em terra firme viram brasas acessas com peixe e pão... Jesus já estava **ali** assando preparando uma comida (LINHAS 20-23). (3º Domingo da Páscoa).

Tendo como cenário o mar de Tiberíades, o espaço linguístico manifestado nos comentários das homilias franciscanas também se evidencia por meio de pronomes demonstrativos que assumem a função de retomar os actantes presentes no enunciado bíblico, situando-os nesse espaço objetificado:

E1: (...) foi então que o discípulo amado de **Jesus** vai dizer “é Jesus é o senhor”... então ele reconhece que é o senhor **aquele** homem (LINHAS 17-18) no momento da refeição Jesus faz **aquele** gesto... repete aquele gesto eucarístico da/toma o pão distribui entre eles como ele fez na última ceia... (LINHAS 26-28). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) os **pescadores** de almas digamos assim... **aqueles** que estavam levando a mensagem de Jesus Cristo... portanto **aqueles** que estavam em busca de um feixe de luz no sentido figurado para ser discípulos de Jesus... (LINHAS 11-14) [...] na quinta-feira santa Jesus antecipa ritualmente **aquilo** que aconteceria com ele:: na sexta no sábado e no domingo da ressurreição... (LINHAS 40-42). (3º Domingo da Páscoa).

Observa-se que, em E1, o primeiro *aquele* que aparece pode ser considerado como um elemento de coesão textual, porém o segundo *aquele* marca algo que foi dito em um outro contexto – no caso, faz menção ao gesto eucarístico que Jesus realizou durante a última ceia. De modo semelhante, na enunciação de E2, o *aquilo* também surge com a função de retorno ao rito de instituição da Eucaristia realizado por Cristo antes de sua morte.

Diante do exame das projeções enunciativas no discurso da homilia, é possível perceber que os sacerdotes franciscanos buscam nas celebrações pascais a atualização do valor do Mistério da Ressurreição e da crença no Ressuscitado. Assim como verificamos nos comentários do primeiro domingo pascal, os valores da categoria fundamental são transformados em elementos temáticos que sustentam a enunciação dos homilistas; no 3º Domingo da Páscoa, por exemplo, identificamos como base fundamental dos comentários homiléticos a oposição /coragem/ *versus* /medo/. Para os três enunciadores, a coragem é qualificada euforicamente, pois aquele que a tem reconhece o Ressuscitado, acredita em suas palavras e mostra-se perseverante no enfrentamento dos obstáculos que impedem o anúncio da missão cristã. O medo, por sua vez, é negativo, possui um valor disfórico, uma vez que, ao estar em conjunção com este sentimento, não é possível reconhecer o Cristo vivo e suas palavras.

Para o enunciador 1, a figura de Pedro reveste a coragem cristã. Considerado o discípulo amado de Jesus, ele aparece na celebração do terceiro domingo pascal como um

sujeito disjuncto do medo e da dúvida. Em conjunção com a coragem, Pedro reconhece Jesus na margem do mar de Tiberíades e lá é questionado sobre seu amor por Cristo. Para E1, a tríplice pergunta a Pedro (“Pedro tu me amas?”) figurativiza a responsabilidade de Pedro de seguir na missão do anúncio e edificar a Igreja de Jesus, como também o amor pleno e de total comprometimento que todo cristão deve experimentar ao se encontrar com o Ressuscitado:

E1: (...) os discípulos porém não o reconhece acharam que era uma pessoa qualquer que estava ali na beira do mar (LINHAS 10-11) [...] foi então que o discípulo amado de Jesus vai dizer “é Jesus é o senhor”... então ele reconhece que é o senhor aquele homem... então a gente vê mais uma vez que quem ama reconhece primeiro... quem ama vê primeiro reconhece a pessoa amada (LINHAS 17-20) [...] Jesus faz essa tríplice pergunta a Pedro “Pedro tu me amas?”... Pedro responde três vezes e fica até constrangido porque ele insiste nessa/nesse refrão aí “Pedro tu me amas?”... certamente Jesus com essa pergunta dá uma responsabilidade muito grande a Pedro... de apascentar seu rebanho as ovelhas apascentar o cordeiro... é uma responsabilidade muito grande que ele vai dar a Pedro e ele tem que ter essa certeza se Pedro o ama... porque só quem ama é capaz de fazer e também de enfrentar as dificuldades que ele iria encontrar nessa missão... (LINHAS 30-36). (3º Domingo da Páscoa).

É possível verificar que, para os três enunciadores franciscanos, Pedro se apresenta como um sujeito modalizado pelo *poder* e pelo *saber* que o qualificam como competente para executar o projeto de Cristo. Para o enunciador 2, as três vezes que Pedro negou Jesus antes de o reconhecer na sua terceira aparição reveste, como figura, o tema da fragilidade do cristão. E é sobre a fraqueza do discípulo que Jesus constrói a sua Igreja:

E2: (...) a coragem de Pedro que contrasta com o evangelho... ou melhor que contrasta com as três negações de Pedro:... lembra que quando Jesus foi preso... agora de propósito que Jesus pergunta três vezes “tu me amas?” “te amo” “tu me amas?” “te amo” “tu me amas?” “te amo”... Pedro ficou triste... Jesus constrói a igreja sobre a fragilidade de Pedro... (LINHAS 18-22). (3º Domingo da Páscoa).

Ainda para esse franciscano, na terceira aparição de Jesus, o mar de Tiberíades e os pescadores respondem por sua forte carga figurativa. Enquanto o mar figurativiza o mundo, os pescadores remetem aos apóstolos, aqueles que estavam anunciando a Palavra em busca do encontro com o Ressuscitado. Isto só acontece quando avistam Jesus e o reconhecem:

E2: (...) e essa é a terceira vez que Jesus aparece após a sua morte... do relato de hoje há também uma simbologia... o mar significa o mundo... significa a sociedade... os pescadores são os apóstolos... os pescadores de almas digamos assim... aqueles que estavam levando a mensagem de Jesus Cristo... portanto aqueles que estavam em busca de um feixe de luz no sentido figurado para ser discípulos de Jesus... vejam que... SEM a presença de Jesus eles não pescam nada::: (LINHAS 9-14). (3º Domingo da Páscoa).

Dando ênfase novamente à comunidade, no comentário de E2, esse espaço está atribuído à fraternidade, à coragem e, sobretudo, ao encontro com o Ressuscitado. Aliado ao novo momento que se inicia nas comunidades cristãs, esse enunciador reveste essa nova era com a figurativização do período do dia em que Jesus aparece aos pescadores:

E2: (...) no amanhecer Jesus aparece na praia... e isso quer dizer... com Jesus se inicia um novo dia... com Jesus ressuscitado se inicia um novo tempo... e a comunidade:::... ganha vida fraterna e com a coragem... a vivência fraterna... a presença do ressuscitado e a coragem de testemunhar o ressuscitado... isso é o que se cria o que se estabelece nas novas comunidades cristãs... (LINHAS 26-30). (3º Domingo da Páscoa).

Para E2, o amanhecer indica o início de um novo tempo, uma nova comunidade se constrói alicerçada na presença e no amor de Cristo vivo. Enfatizando a essencialidade da plenitude do amor de Jesus na caminhada do cristão, o enunciador franciscano 3 apresenta, em seu comentário, que a aceitação desse amor permite a partilha e ação de fazer o bem, porém sua negação favorece males que assolam a atualidade, como a depressão:

E3: (...) quem se descobre profundamente amado por Deus vai amar com intensidade... é o que aconteceu com os apóstolos... eles se sentiram profundamente amados por Deus através de Jesus Cristo o ressuscitado que não tem medo de ninguém e de nada... então somente quem se sente amado por Deus vai poder amar vai poder partilhar vai fazer o bem gratuitamente::: (LINHAS 28-32) [...] Qual é o mal que mais assola os adultos e as crianças nos dias hoje?

L2: Internet... celular...

L1: Não sei mas a coisa que mais assola e com isso vem o uso das drogas... chama-se... DE-PRES-SÃO... a depressão nasce daquele e daquela que não se sente amado acolhido valorizado na sua caminhada... a primeira reação que vai dar é a depressão... todo aquele aquela que não se sente amado protegido... acaba se matando... uma reação natural nos dias de hoje... (LINHAS 39-46). (3º Domingo da Páscoa).

Diante dos temas e figuras que revestem os enunciados do 3º Domingo da Páscoa, verificamos uma isotopia figurativa da fé em Jesus construída a partir da figura de Pedro, dos discípulos e da comunidade cristã. O estabelecimento desse percurso figurativo parece enaltecer o significado do Mistério da Ressurreição na realidade cristã. Quanto às isotopias temáticas, elas aparecem com a função de explicar os fatos e as coisas do mundo, conduzindo, assim, à interpretação da realidade da Ressurreição, por meio da recorrência da temática do amor cristão, da crença em Jesus e da coragem em anunciar a Palavra. Por meio desses temas, reconhecemos a esperança cristã, firmada a partir da Ressurreição de Cristo. A segunda das três virtudes teológicas, ao lado da fé e da caridade, a esperança, como um ato de espera e de fé, é confirmada com a confiança dos discípulos em Jesus Ressuscitado que é reconhecido como a promessa de Deus que se cumpriu e começa a ser revelada aos cristãos dispostos a vivenciar a missão da atividade apostólica.

A identificação dessas isotopias contribui para a instauração do contrato de veridicção que se estabelece entre o enunciador franciscano e a comunidade celebrativa, uma vez que “o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade”, conforme salienta Barros (2005, p. 66).

3.1.4 Celebração do 4º Domingo da Páscoa

Como a pessoa enuncia em um dado espaço e em um determinado tempo, todas as relações espaciais e temporais tomam o sujeito da enunciação como ponto de referência. Na medida em que, como mostra Benveniste, a constituição da categoria de pessoa é essencial para construir o discurso. Em função disso, verifica-se que, nos comentários da homilia do 4º Domingo da Páscoa, há três padres franciscanos que se instalam por meio de um *eu* pressuposto a partir da enunciação enunciada, dada pela instauração de uma *debreagem* actancial enunciativa:

E1: (...) como depois **eu** vou falar sobre isso quando eu for comentar sobre o evangelho... (LINHAS 16-17). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Corinto é ali pertinho de Atenas **eu** passei dez dias ali em Atenas e Corinto::: uma das poucas férias que eu tive em três anos... (LINHAS 41-42). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) ninguém se candidata? **eu** não tô com muita pressa não... vamos esperar um pouquinho né... (LINHAS 38-39). (4º Domingo da Páscoa).

A partir da instalação do simulacro do *ego*, os homilistas franciscanos parecem conferir ao seu discurso um efeito de subjetividade, projetando a própria enunciação dentro do enunciado. Observamos que, de modo especial, nessa celebração, E1, E2 e E3 deixam transparecer o *eu* em seus enunciados: o primeiro informa como organizará o seu comentário, o segundo conta uma experiência que vivenciou e o terceiro expõe o seu ponto de vista. Na medida em que enunciam, esses três franciscanos parecem criar um enunciado que visa à aproximação com seus enunciatários e com seus valores:

E1: (...) como depois **eu** vou falar sobre isso quando **eu** for comentar sobre o evangelho... (LINHAS 16-17). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Corinto é ali pertinho de Atenas **eu** passei dez dias ali em Atenas e Corinto:: uma das poucas férias que **eu** tive em três anos (LINHAS 41-42) [...] nós/ **eu** fiz uma experiência nas noites em que **eu** fiquei ali em Jerusalém nós irmos na periferia aguardar os pastores chegando da caminhada do dia com as ovelhas... (LINHAS 83-85). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) e **ao meu modo de ver** e por aquilo que **conheço** nunca tivemos um/um papa tão iluminado tão inteligente tão humilde tão sincero naquilo que ele diz e TÃO caTivante:: junto de toda comunidade... nunca **ouvi** falar de um papa que tivesse tantos dons TANTAS qualidades numa só pessoa... (LINHAS 51-54). (4º Domingo da Páscoa).

Ainda como indicativo de subjetividade, nota-se a recorrência do *eu* projetado no *nós inclusivo*. De modo similar aos enunciados proferidos nas celebrações analisadas anteriormente, observa-se que os franciscanos do quarto domingo operam com a passagem de um saber dado por meio da anulação da distância entre enunciador e enunciatário, estabelecendo, em função disso, um efeito de sentido de não-distanciamento:

E1: (...) depois eu vou falar sobre isso quando eu for comentar sobre o evangelho... MAS antes **nós ouvimos** a primeira leitura né? tirada do livro dos Atos dos apóstolos que narra é... a história das primeiras comunidades cristãs dos apóstolos...saindo/pregando a Palavra de Deus levando o evangelho a todas/aquela região né?... (LINHAS 16-20). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) ele está sempre cuidando das ovelhas de seu rebanho que **somos nós** discípulos e discípulas dele... (LINHAS 97-98). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) L1: ... **nós temos** a graça de celebrar... no mesmo dia... a festa dedicada ao Bom pastor e.. a festa dedicada à...

[

L2: nossa senhora de Fátima... mães... (LINHAS 1-4). (4º Domingo da Páscoa).

Assim como ocorreu nos comentários das homilias anteriores, esse *nós* também surge no enunciado de E1 e E2 com a noção de um “plural do enunciador”, ou seja, amplia-se a pluralização do enunciador que não só fala a partir da junção do *eu + você/tu*, mas que passa a englobar nesse plural todos os cristãos católicos, e não somente os que estivessem presentes naquela solenidade:

E1: (...) o BOM pasTOR ele deve ser TODos **nós que somos** batizados que está em busca da ovelha que CONDUZ essa ovelha para o redil ou seja buscar para a igreja essas ovelhas que fazem parte/são da nossa igreja mas por um motivo ou outro as vezes são afastadas né? então buscar conduzir DAR assistência a essas ovelhas que estão afastadas né? e também uma coisa muito importante que **nós devemos** dar atenção na comunidades é o ACOLHIMENTO das nossas comunidades fazer uma BOA acolhida das pessoas que vem na nossa comunidade né?... (LINHAS 65-71). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **nós cristãos**... colocamos Cristo e ele é NOSSO messias o NOSSO enviado de deus o NOSSO ungido de Deus aquele que veio e morreu na cruz para nos trazer a sal-va-ção... portanto é nos testemunhos de seus discípulos... que Jesus continua a SER... o BOM pastor. (LINHAS 60-63). (4º Domingo da Páscoa).

Como vimos nos comentários do 3º Domingo da Páscoa, em alguns momentos do enunciado homilético franciscano, o *nós* é substituído pelo *a gente* e cria-se um efeito de neutralização da subjetividade e de coloquialidade no comentário da homilia desses religiosos. O mesmo acontece no enunciado do franciscano E1 no quarto domingo pascal:

E1: (...) **a gente** precisa ir atrás dessas pessoas que as vezes por um motivo ou outro afastou da comunidade então é obrigação NOSSa para que sejamos também esses BOM pasTOres né? (LINHAS 57-59) [...] quantas pessoas **a gente** pergunta você é batizado? sou batizado na igreja católica... vai na igreja? éh não vou né? não participo...então **a gente** deve ir em busca dessas pessoas para que eles possam na equipe participar tomar parte na comunidade né? (LINHAS 62-62). (4º Domingo da Páscoa).

Já E3, ao apresentar a mensagem do evangelho em que a imagem do pastor resume a atuação de Jesus, a qual pode salvar ou incomodar quem se abre à ação da Graça, bem como levar à compreensão da natureza essencial do convite que o Pai estende a todos sem distinção, emprega *você/vocês* para dirigir-se aos seus enunciatários:

E2: (...) então o texto apresenta os apóstolos de modo especial Paulo e Barnabé que VÃO reZAR e **vocês?** (LINHAS 7-8) [...] como **vocês** fazem se colocam na mão de Deus agradecendo pedindo força para levar adiante a caminhada nas dificuldades assim por diante (LINHAS 28-29) [...] **vocês** no dia a dia falam bem da igreja de Jesus Cristo? falam bem do papa? falam bem de seus sacerdotes? falam bem de seu esposo de sua esposa? porque se **vocês** não fizerem isso:: alguma coisa tá errada... (LINHAS 61-64). (4º Domingo da Páscoa).

Ao empregar esse pronome, o sacerdote franciscano faz referência, de acordo com Benveniste (1976), a um *tu*, um *não-eu*, que é quase pessoa, a uma pessoa *não subjetiva* por oposição ao *eu* que é a pessoa que carrega realmente a marca da subjetividade e, assim, parece criar um efeito de sentido de não-proximidade, se comparamos ao sentido decorrente do uso do *nós*. Em função disso, pode-se refletir que o enunciador pretende que os fiéis sejam levados à reflexão profunda de sua atuação nos passos da vida cristã, pois, ao serem orientados pelos ensinamentos de Jesus, o Bom pastor, devem ser cristãos que vivam atentos à voz do pastor, dispostos a se arriscar e a segui-lo, deixando de lado o comodismo instalado em suas certezas.

Vale ressaltar que, nos enunciados do 4º Domingo da Páscoa, a recorrência do pronome possessivo *nosso/nossa* é significativa. Este pronome aparece reforçando o reconhecimento do pertencimento de Cristo como aquele que se apresenta como a salvação a todos os homens por meio do anúncio de uma proposta universal que deve ser disseminada na comunidade cristã:

E1: (...) o cordeiro será **nosso** pastor que nos conDUZ as fontes da (árdua) vida... “Deus enxugará todas as nossas lágrimas todos os **nostros** prantos”... então queridos irmãos e irmãs que nós possamos viver **nosso** Batismo sermos **BONS** pastores buscar as ovelhas para **nostra** comunidade... (LINHAS 88-91). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) colocamos Cristo e ele é **NOSSO** messias o **NOSSO** enviado de deus o **NOSSO** ungido de Deus aquele que veio e morreu na cruz para nos trazer a sal-va-ção... (LINHAS 60-62). (4º Domingo da Páscoa).

Ainda no âmbito da categoria de pessoa, cabe pontuar o emprego do pronome *ele* nos comentários franciscanos como um elemento de coesão que permite o retorno aos actantes mencionados no comentário dos enunciados bíblicos proferidos nas leituras da Liturgia da Palavra do 4º Domingo da Páscoa. Nesse sentido, podemos considerar os seguintes fragmentos:

E1: (...) o bom pastor a gente lembra de **Deus**... **ele** que é o pastor principal Jesus é também/o pastor das ovelhas como ele mesmo disse... e todos nós também em Jesus devemos ser pastores né? (LINHAS 14-16) [...] então fala aí de **Paulo e Barnabé** né? nesse trecho que nós ouvimos... **eles** anulam com tanta convicção que **eles** atraem né?... muitos...éh::: muitas pessoas... muitos adeptos ao cristianismo... e a estes **eles** insistem que continuem fiéis a graça de Deus porque aceitar o cristianismo segundo Paulo e Barnabé não significa só ter coisas boas só ter alegria paz... (LINHAS 21-25). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **Paulo e Barnabé** buscam anunciar o evangelho em outras realidades... **eles** foram em alguns lugares e o primeiro lugar a ser anunciado o reino de Deus era exatamente na sinagoga... portanto **eles** iam chegavam na cidade iam na sinagoga pregavam o evangelho (LINHAS 26-29) [...] **BOM pas-tor** e **ele** É capaz e FOI capaz de dar a vida ele cuida das ovelhas **ele** cuida das feridas **ele** pega no colo as que estão doentes **ele** dá água aos que não tem que beber **ele** dá comida... portanto **ele** está sempre cuidando das ovelhas de seu rebanho que somos nós discípulos e discípulas dele... (LINHAS 95-98). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) o texto apresenta os apóstolos de modo especial **Paulo e Barnabé** que VÃO reZAR e vocês? só que em invés de domingo **eles** foram no sábado que era o dia da oração dos judeus os judeus rezam no sétimo dia o dia em que Deus descansou... e o sétimo dia da semana é? é sábado por isso que **eles** rezavam no sábado... e o primeiro sábado quando foram lá não tinha muita gente no templo e **eles** voltaram no sábado seguinte **eles** foram de novo... (LINHAS 7-12). (4º Domingo da Páscoa).

Quanto à categoria temporal dos enunciados franciscanos, verifica-se que seus comentários sobre a homilia se constroem dentro do sistema enunciativo e se organizam em relação ao *agora* da comunidade celebrativa. Mediante o mecanismo da debreagem temporal enunciativa, os tempos da enunciação são marcados e demonstram concomitância com o MR presente.

Em oposição ao momento presente, os sacerdotes embreiam os termos da temporalidade, principalmente, quando desejam presentificar o passado para realçar as ações dos actantes dos enunciados bíblicos, por meio de uma neutralização que se constrói na relação presente *versus* pretérito 1:

E1: (...) então fala aí de Paulo e Barnabé né? nesse trecho que nós ouvimos... eles **anulam** com tanta convicção que eles atraem né?... muitos...éh::: muitas pessoas... muitos adeptos ao cristianismo... e a estes eles **insistem** que continuem fiéis a graça de Deus (LINHAS 21-24) [...] vimos no evangelho/no evangelho de hoje... **fala** da voz do BOM pastor né... da voz do pastor que **é** ouvida pelas OVELhas né... as ovelhas OUVEM a voz do pastor e elas o SEGUE né... elas RECONHECEM seguem o bom pastor... as ovelhas se **identificam** com a voz do pastor **mostra** também que o pastor CONhece as suas ovelhas... (LINHAS 44-48). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) BOM pas-tor e ele **É** capaz e FOI capaz de dar a vida ele **cuida** das ovelhas ele **cuida** das feridas ele **pega** no colo as que estão doentes ele **dá** água aos que não tem que beber ele dá comida... portanto ele está sempre cuidando das ovelhas de seu rebanho que somos nós discípulos e discípulas dele... (LINHAS 95-98). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) então o texto apresenta os apóstolos de modo especial Paulo e Barnabé que **VÃO** rezar (LINHAS 7-8) [...]e esses novos missionários falavam de Jesus o RESSUSCITADO que **traz** a noTÍcia que TODOS todas pessoas junto com a natureza **têm** direito de participar do reino de Deus... (LINHAS 14-16). (4º Domingo da Páscoa).

Ao empregar verbos no presente, parece que os enunciadores franciscanos desejam suscitar um “efeito de atualização” das palavras da Sagrada Escritura, apagando a anterioridade dos acontecimentos. Observa-se ainda que, no comentário do enunciador 2, há uma considerável recorrência do pretérito perfeito 2, o qual, contudo, parece conceder às ações dos discípulos não um aspecto de pontualidade, relativo a um evento acabado, mas visa a colocar em evidência uma noção de verdade que deve ser continuada, em que o MR e o MA são inseridos do passado:

E2: (...) esse dar voz ao pastor guiar-se por sua Palavra portanto... e segui-lo em sua prática na vivência do anúncio no cuidado com a vida do próximo... e por fim se for necessário até a doação da própria vida como **foram** capazes de fazer os apóstolos os primeiros discípulos todos eles morreram na priSÃO quer dizer deram a vida pela causa... **assumiram** de fato o compromisso cristão (LINHAS 10-15) [...] muitos cristãos são assim muitos de nós somos assim não vivemos a fé pra VALER porque não nos comprometemos principalmente com o próximo com o próprio Cristo... como o próprio Cristo se **comprometeu** e depois **transmitiu** isso... e... foi isso que os apóstolos viveram... os apóstolos não se **acomodaRAM** vejam o exemplo... (LINHAS 21-25) (4º Domingo da Páscoa).

No que concerne aos índices da categoria de espaço, verifica-se que os três enunciadores organizam seus enunciados ao redor da instância do *aqui*, espaço da

assembleia reunida. No entanto, os enunciadores 2 e 3, ao fazerem referência ao espaço dos enunciados bíblicos ou mesmo a outros lugares fora da cena enunciativa, passam a empregar advérbios enuncivos, pertencentes ao domínio do enunciado:

E2: (...) Corinto é **ali pertinho** de Atenas eu passei dez dias **ali** em Atenas e Corinto::: uma das poucas férias que eu tive em três anos - - e em Corinto encontrou uma comunidade - - Corinto uma cidade portuária como é o caso de Santos no Brasil - - e **lá** encontrou gente de todas as espécies de todas as raças gentios pagãos e... encontrou a Palavra de Jesus a Palavra de Deus anunciada por Paulo e Barnabé encontraram ressonância e **ali** começou a comunidade de Corinto fizeram várias cartas **ali** enviadas a Corinto:: (LINHAS 41-47) [...] a ovelha não consegue descer em uma cisterna para tomar água então o pastor tirava a água com um balde com uma corda e dava o de beber as ovelhas ora se não tivesse o pastor as ovelhas morreriam de sede portanto a vida das ovelhas dependem totalmente do pastor ... além do mais as pastagens são poucas coisas coisinhas de nada então os pastores procuravam as melhores pastagens e levavam o seu rebanho pra **lá** depois de noite dava água quando precisava e depois trazia de volta... (LINHAS 77-83). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) o texto apresenta os apóstolos de modo especial Paulo e Barnabé que **VÃO rezAR** e vocês? só que em invés de domingo eles foram no sábado que era o dia da oração dos judeus os judeus rezam no sétimo dia o dia em que Deus descansou... e o sétimo dia da semana é? é sábado por isso que eles rezavam no sábado... e o primeiro sábado quando foram **lá** não tinha muita gente no **templo** e eles voltaram no sábado seguinte eles foram de novo... só que a fofoca começou a espalhar “olha tem gente nova tem missionário NOVO” e foram **lá** para escutar o que esses missionários novos tinham para transmitir e esses novos missionários falavam de Jesus o RESSUSCITADO que traz a noTÍcia que TODOS todas pessoas junto com a natureza têm direito de participar do reino de Deus... (LINHAS 7-16). (4º Domingo da Páscoa).

É possível observar que os advérbios *ali* e *lá* indicam o espaço fora da situação de enunciação, pois, em função anafórica, retomam os espaços inscritos nos enunciados proferidos nas leituras bíblicas, como a cidade de Corinto, um dos lugares em que Paulo e Barnabé transmitiram o anúncio de Jesus, e o templo, espaço em que anunciam a Palavra aos judeus. Sob a ótica da semântica discursiva, no início do segundo enunciado, o advérbio *ali* (“ali pertinho de Atenas”) parece assumir um caráter figurativo, reforçando a ideia de certa identificação e proximidade entre o enunciador franciscano e o lugar a que se refere.

Com efeito, percebemos que os valores assumidos pelos enunciados dos sacerdotes franciscanos são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos temas e a

figurativização desses percursos possibilitam a criação de efeitos de sentido, sobretudo de realidade. Diante disso, na celebração do quarto domingo do tempo pascal, reconhecemos a recorrência de traços semânticos que constituem a figura de Jesus como o “Bom pastor” que prepara seus discípulos para a missão de anunciar o Evangelho:

E1: (...) nesse quarto domingo da Páscoa nós também celebramos o dia do pasTOR... o dia do Bom pastor... como nós vimos nas leituras principalmente no evangelho que hoje fala sobre o Bom pasTOR né... o Bom pastor a gente lembra de Deus... ele que é o pastor principal Jesus é também/o pastor das ovelhas (LINHAS 11-15) [...] nós vimos no evangelho/no evangelho de hoje... fala da voz do BOM pastor né... da voz do pastor que é ouvida pelas OVELhas né... as ovelhas OUVEM a voz do pastor e elas o SEGUE né... elas RECONHECEM seguem o Bom pastor... as ovelhas se identificam com a voz do pastor mostra também que o pastor CONhece as suas ovelhas não é só as ovelhas que conhece o pastor mas o pastor também conhece as suas ovelhas... (LINHAS 44-49). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) JESUS se apresenta como o BOM pastor e diz mais... “minhas ovelhas me escutam”... ou escutam a minha voz”... “elas conhecem”... “e elas me seguem”... “e eu lhes dou a vida eterna”... aqui estão os dois traços fundamentais de quem quer ser cristão... esse dar voz ao pastor guiar-se por sua Palavra portanto... e segui-lo em sua prática na vivência do anúncio no cuidado com a vida do próximo... e por fim se for necessário até a doação da própria vida como foram capazes de fazer os apóstolos os primeiros discípulos todos eles morreram na prisÃO quer dizer deram a vida pela causa... assumiram de fato o compromisso cristão... (LINHAS 7-15). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) Jesus vem dizer “EU sou o BOM PASTOR e conduZO as MINHAS oveLHAS para os prados e terra:: conduzo minhas ovelhas para a PRESENÇA de DEUS” então ele apresenta AQUELE que conduz com seguRANça as ovelhas para a presença de Deus já não é mais o pastor que tem interesse de lapidar o perdão mas o pastor que quer plenitude para os seus... aqueles aquelas que aderem... e hoje a igreja vive também essa mesma experiência de pessoas humanas que exercem esse ministério de conduzir a igreja que é de Jesus Cristo... (LINHAS 44-50). (4º Domingo da Páscoa).

Com base nesses três comentários, identificamos na enunciação franciscana que a figura do Bom pastor reveste o percurso temático referente à proposta de anunciar a Palavra. Como elemento figurativo, o Bom pastor retoma a imagem de Jesus como aquele que conhece suas ovelhas e sua grande meta é conduzi-las nos caminhos da fé. No contexto bíblico, Cristo na figura do pastor enfatiza um gesto messiânico, pois manifesta o ápice de seu cuidado e da sua doação aos seus filhos; ao se identificar como o Bom pastor, Jesus cumpre as profecias do Antigo Testamento sobre um pastor que iria liderar e restaurar o povo de Deus e revela, sobretudo, a catequese de sua missão. Na condição

de rebanho, os fiéis juntamente com a Igreja são os responsáveis pela disseminação dos cuidados do Pastor.

Observa-se que, para os três sacerdotes, Cristo se coloca na posição daquele que governa, dirige e protege a sua Igreja. Para E3, a figura do Papa Francisco reveste o tema da autoridade do Bom pastor, pois se apresenta como um líder religioso competente na ação de dirigir a Igreja:

E3: (...) hoje recordamos o dia dedicado ao pastor dos pastores na pessoa do Papa Francisco... e ao meu modo de ver e por aquilo que conheço nunca tivemos um/um papa tão iluminado tão inteligente tão humilde tão sincero naquilo que ele diz e TÃO caTivante:: junto de toda comunidade... nunca ouvi falar de um papa que tivesse tantos dons TANTAS qualidades numa só pessoa... tanto que ele é MUITO:: mais estimado fora da igreja caTÓlica:: do que dentro da igreja católica... (LINHAS 50-55). (4º Domingo da Páscoa).

Ao analisarmos a totalidade discursiva dos enunciados, nota-se que, na homilia dos três franciscanos, a temática da atuação dos cristãos na comunidade religiosa é revestida pela figura das ovelhas. Para eles, os fiéis devem ser atuantes na busca pelo acolhimento, pelo trabalho fraternal e pela doação ao próximo. Associado à figura do cristão atuante, os religiosos abordam também o tema do comodismo dentro da religião por meio das figuras de Paulo e Barnabé. Esses apóstolos, disjuntos da acomodação, saem anunciando os ensinamentos de Jesus, não concebendo a religiosidade como algo estático, mas como uma realização dinâmica que precisa ser alimentada e difundida para/entre todos os povos:

E1: (...) antes nós ouvimos a primeira leitura né? tirada do livro dos Atos dos apóstolos que narra é... a história das primeiras comunidades cristãs dos apóstolos...saindo/pregando a Palavra de Deus levando o evangelho a todas/aquela região né? no início ali na região de Jerusalém da Judéia e depois também nos outros lugares fora da/da Judéia fora da ilha de Israel... então fala aí de Paulo e Barnabé né? nesse trecho que nós ouvimos... eles anulam com tanta convicção que eles atraem né?... muitos...êh:: muitas pessoas... muitos adeptos ao cristianismo... e a estes eles insistem que continuem fiéis a graça de Deus porque aceitar o cristianismo segundo Paulo e Barnabé não significa só ter coisas boas só ter alegria paz... mas vai encontrar também muitas dificuldades vai encontrar também muitos obstáculos nesta caminhada então por isso eles falam da fidelidade de continuar firmes né... (LINHAS 17-27). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) diante da rejeição do anúncio de Jesus... por parte de alguns fariseus e de alguns judeus...Paulo e Barnabé buscam anunciar o

evangelho em outras realidades... eles foram em alguns lugares e o primeiro lugar a ser anunciado o reino de Deus era exatamente na sinagoga... portanto eles iam chegavam na cidade iam na sinagoga pregavam o evangelho... de Jesus Cristo (LINHAS 25-29) [...] Paulo foi o grande responsável do anúncio do evangelho aos pagãos... (LINHAS 33-34). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) então o texto apresenta os apóstolos de modo especial Paulo e Barnabé que VÃO reZAR e vocês? só que em invés de domingo eles foram no sábado que era o dia da oração dos judeus os judeus rezam no sétimo dia o dia em que Deus descansou... e o sétimo dia da semana é? é sábado por isso que eles rezavam no sábado... e o primeiro sábado quando foram lá não tinha muita gente no templo e eles voltaram no sábado seguinte eles foram de novo... só que a fofoca começou a espalhar “olha tem gente nova tem missionário NOVO” e foram lá para escutar o que esses missionários novos tinham para transmitir e esses novos missionários falavam de Jesus o RESSUSCITADO que traz a noTícia que TODOS todas pessoas junto com a natureza têm direito de participar do reino de Deus... e esse Jesus ressuscITado é a PROva de que Cristo é verdade... (LINHAS 7-17). (4º Domingo da Páscoa).

Observa-se que, para esses padres franciscanos, ao deixar de lado a comodidade, emerge na vida do cristão o desafio de buscar novos caminhos, vencer os obstáculos e, em especial, acolher o convite feito pelo próprio Jesus: o de dar continuidade à sua missão. Ainda relacionado à figura de Paulo e Barnabé, o tema da universalidade do catolicismo se manifesta na enunciação dos comentários da homilia franciscana.

Para os enunciadores, com a atuação desses apóstolos, torna-se possível reconhecer que as palavras e o caminho de Jesus se destinam a todos, judeus e não judeus, gentios, pagãos, libertos e escravos. Paulo e Barnabé rompem o confinamento cultural da mensagem de Jesus e a espalham por todos os povos. Nesse percurso, o *nosso* e o *todos*, elementos abordados na sintaxe discursiva, podem ser vistos também como elementos figurativos que contribuem para enfatizar o caráter universal do amor de Jesus e de sua religião.

3.1.5 Celebração do 5º Domingo da Páscoa

Benveniste mostra que a enunciação é a instância do *ego, hic et nunc*. O *eu* e o *tu* são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. O *eu* realiza o ato de dizer em um determinado tempo e espaço. O *aqui* é o espaço do *eu*, a partir do qual todos os espaços são ordenados; o *agora* é o momento em que o *eu* toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística se organiza. A enunciação, em função disso, é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços.

É nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e se apreendem os valores de um discurso. Diante disso, ao considerarmos as projeções da enunciação franciscana, na celebração do 5º Domingo da Páscoa, identificamos três enunciadores que projetam suas homilias no *agora* da comunidade celebrativa, buscando manifestar um fazer interpretativo sobre a narrativa bíblica que, nessa solenidade, tem como temática o amor, novo e definitivo mandamento de Jesus ressuscitado.

Na medida em que pretendem transmitir um saber sobre Jesus, os enunciadores sacerdotes franciscanos parecem criar um efeito de atualização da narrativa evangélica, o qual se constrói pelo recurso ao mecanismo da debreagem temporal. Diferentemente dos enunciados dos domingos anteriores, nota-se que, nos três comentários do quinto domingo, o que se destaca é a grande recorrência de verbos no tempo do presente, os quais parecem contribuir para o efeito de atualização da necessidade de dar, sobretudo, continuidade ao mandamento do amor nos dias atuais:

E1: (...) Jesus nesse evangelho de hoje centro da nossa meditação dá continuidade ao serviço que nos é importante na vida comunitária... servir uns aos outros e não coloca-se em atitude de superioridade que precisa e QUER ser servido como rei e seus escravos... ao contrário a vida cristã é chamada a ser serviço fraTERno com Jesus nos dando exemplo:: Jesus logo após celebrar com os discípulos a CEIA onde parte o pão **distribui** o vinho abençoado dizendo que “este é o sinal da presença dele” aos que o seguiram e foram fiéis até aquele momento... ele faz isso para que eles possam disfrutar do significado maior:: da presença do filho de Deus... que promete estar sempre com eles e conosco e com aqueles que vão herdar essa fé até o fim dos tempos... essa é a forma que Jesus encontrou para permanecer presente:: (LINHAS 5-14) [...] Jesus nos **dá** acima de tudo a partir dos discípulos um mandamento novo... segundo Jesus é o AMOR... (LINHAS 22-23). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus **enfrenta** a situação da traição de Judas... para Jesus isso foi muito difícil um amigo que o traiu::... amigo do grupo que ele escolheu... as vezes a gente fala “hoje em dia na igreja aquele líder lá ou aquele bispo se desviou traiu né”... a gente as vezes fica admirado “como pode um bispo um padre trair?” dos doze discípulos que Jesus escolheu um traiu::... a gente não **deve** se admirar disso... PORÉM Jesus não se **deixa** abater pela traição de Judas... ele **continua** FIRme não **abandona** a missão:: por ter sido traído por um de seus amigos né... então Jesus **ensina** aos seus discípulos que é enfrentando o sofrimento que chegamos à glorificação por isso ele vai dizer “aGora eu vou ser glorificado o Pai me glorificará”... diante das dificuldades diante dos problemas que a gente enfrenta e vence é que a gente vai ser glorificado... é percebendo a brevidade do tempo/do pouco tempo que ele **tem** com seus discípulos ele **dá** aos seus discípulos o mandamento do amor::... só com muito amor **podemos** superar o sofrimento a traição

e as dificuldades que nós encontramos... o mandamento de Jesus **é** um mandamento novo... (LINHAS 27-39). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) nós já estamos no final do tempo pascal... logo vem a ascensão do senhor e Jesus se despede para voltar para casa do Pai... vejam que... **é** nessa entrega total e ao mesmo tempo radical que se cumpre:: a vocação de ser cristão... e que se **dá** o... testemunho ao mundo do amor de Deus para conosco... do amor de Cristo que **é** um amor de entrega total... Jesus... esvaziou-se totalmente de si mesmo... esvaziou-se da sua condição divina:... para assumir a autoridade... doando a sua vida por amor:... e ao mesmo tempo sendo fiel a Deus... FOI ISSO que Deus quis e ele **cumpre**... desse modo:... ao despedisse dos discípulos... Jesus **fala** em “filhinhos amai uns aos outros como eu vos amei”... o fato de **chamá-los** de filhinhos aos discípulos... **revela** o afeto e o carinho que ele tinha por eles... esse amor pleno... esse amor incomensurável... o que Jesus **tem** **é** a marca mensurada da vivência cristã... (LINHAS 14-24). (5º Domingo da Páscoa).

Nesse percurso enunciativo sobre o significado do amor proposto por Jesus, os franciscanos recorrem aos actantes dos enunciados bíblicos para tentar dar ainda mais credibilidade aos seus discursos e, principalmente, tornar mais concretos os gestos fraternais do Ressuscitado. Contudo, o *ele*, pessoa enunciativa pertencente ao domínio do enunciado, aparece nos enunciados, não como a pessoa de que *eu* e *tu* falamos, fora da cena enunciativa, mas como um elemento de referência, de retorno aos actantes da narrativa sagrada, assim como já observado nos comentários homiléticos dos domingos anteriores:

E1: (...) **Deus** sabe disso **ele** nos conhece... por isso João usa a expressão “filhinhos” porque assim como um avô/avó que tem um coração grande:: Deus nos ama com seu amor grande e generoso:: **ele** entende nossos limites nossas fraquezas e **ele** quer nos ajudar a superar as nossas fraquezas... (LINHAS 41-44). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **Jesus** não se deixa abater pela traição de Judas... **ele** continua firme não abandona a missão:: por ter sido traído por um de seus amigos né... então **Jesus** ensina aos seus discípulos que **é** enfrentando o sofrimento que chegamos à glorificação por isso **ele** vai dizer “aGora eu vou ser glorificado o Pai me glorificará”... (LINHAS 31-35). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) **Jesus** fala em “filhinhos amai uns aos outros como eu vos amei”... o fato de chamá-los de filhinhos aos **discípulos**... revela o afeto e o carinho que **ele** tinha por **eles**... esse amor pleno... esse amor incomensurável... o que Jesus tem **é** a marca mensurada da vivência cristã... (LINHAS 21-24). (5º Domingo da Páscoa).

Pretendendo criar um discurso menos objetivo e com um caráter que preza pela proximidade entre enunciativo e enunciatários, verificamos que os enunciativos

franciscanos, em várias ocasiões, trazem, para o interior da assembleia, indicativos de subjetividade em seus comentários. Por exemplo, no enunciado de E1, identificamos a presença do *eu* de forma explícita no seio de sua homilia:

E1: (...) **queria** dar um destaque especial à oração pelas vítimas daquela doença terrível da imunidade... do HIV... que não se fala mais se evita falar isso MAS que ainda está presente na sociedade e que muitas são as vítimas dessa terrível doença... precisamos aprender a não ser aqueles que julgam porque não cabe a nós o julgamento das pessoas se erram se fizeram estripulias ou não... hora de oração na comunidade que reza para aqueles que são vítimas... precisamos rezar pelo coração generoso rezar por aqueles que precisam da nossa oração e não ter vergonha de tratar e de falar sobre esse assunto:: graças a Deus a nossa paróquia/**eu acho** que é a única paróquia que tem a pastoral da AIDS no estado do Mato Grosso do Sul... então venha com a gente nós estamos aqui e queremos incentivar para que continue nos pequenos gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... mesmo que não se fala não desista:... os jovens acham que podem tudo que não tem mais esse problema... as pessoas de mais idade também acham que não tem mais problemas e acabam se infectando por esse vírus... consciência e oração... continuemos sempre firmes e perseverantes para sempre renovar a lembrança desse mal que tirou muitas vidas... um dos **meus** irmãos também faleceu dessa doença bem no início que não sabiam o que era essa doença... hoje **quero** rezar por ele... (LINHAS 56-72). (5º Domingo da Páscoa).

Por meio de um exemplo pessoal, esse franciscano tenta concretizar a mensagem do amor sem distinção que Jesus deixa à sua Igreja e que deve ser estendido aos novos tempos da humanidade. Vale pontuar que, ainda sobre indicativos de personalidade, há a incidência do *nós* inclusivo nos comentários dos três franciscanos:

E1: (...) o AMOR desperta muitas:: perguntas/questionamentos... “o que é amor?” “o que é amar as pessoas?”... o que significa isso pra mim... cada um de **nós** vai ter uma resposta pessoal... porque cada um de **nós** temos os nossos desafios pessoais... quais são as dificuldades que **temos** em amar as pessoas? quais são os pontos mais fracos que **temos** que não me deixam amar e deixam as minhas relações não cristãs?... nas atitudes do dia a dia sabemos quais são as nossas fraquezas e essa busca de superação é o que **nos** desafia a cada dia... é um desafio... não **podemos** desanimar... (LINHAS 27-34). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Queridos irmãos queridas irmãs hoje **celebramos** o quinto domingo do tempo da Páscoa... parece que o tempo está passando mais rápido... nesses dias **nós** estávamos acendendo o círio pascal e agora **nós** já estamos no quinto domingo na quinta semana do tempo da Páscoa... e nesse quinto domingo o tema principal da liturgia dessas leituras que **ouvimos** é o amor:... (LINHAS 1-5). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) então todas as vezes que **nós** queremos recordar de Jesus mais autêntico e completo é na celebração da Eucaristia:... e o trecho do evangelho de hoje faz parte dessa despedida de Jesus... **nós** já estamos no final do tempo pascal... logo vem a Ascensão do senhor e Jesus se despede para voltar para a casa do Pai... (LINHAS 12-15). (5º Domingo da Páscoa).

De maneira similar aos enunciados anteriores, aqui também encontramos evidências do “plural do enunciador”, em que o *nós* se amplia à entidade Igreja e a todos os que seguem a religião cristã:

E1: (...) cada um de **nós** sejamos perseverantes e amemos uns aos outros como Ele **nos** amou até a morte de cruz... Ele venceu e ressuscitou para que **nós** possamos ressuscitar novas criaturas... renovemos a nossa fé nosso compromisso cristão... (LINHAS 77-80). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **nós** somos capazes de dar a vida pelo nosso próximo pelo nosso irmão? **somos** capazes de perdoarmos de amarmos os nossos inimigos? **somos** capazes de perdoarmos de amarmos as pessoas que não são simpáticas as pessoas que as vezes nos ofende? **somos** capazes desse amor? se não **somos** capazes disso nós estamos traíndo a nossa identidade cristã... e **estaremos** longe do reino dos céus de **construímos** aqui nesse mundo o novo céu e a nova terra... (LINHAS 51-57). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) **nós** como igreja temos a tarefa de construir uma comunidade de IRMÃOS... essa é a nossa tarefa... **precisamos** construir uma comunidade de amor:... esse amor portanto **nos** leva como diz o próprio João no livro do Apocalipse... ao caminho para Jerusalém celeste onde **veremos** Deus com a sua misericórdia... (LINHAS 34-37). (5º Domingo da Páscoa).

Enfatizando a presença do amor na prática cristã e no *aqui* da comunidade, no enunciado de E1, observamos a presença do *aqui* marcando o espaço da paróquia em se encontra o enunciador franciscano:

E1: (...) a nossa **paróquia**/eu acho que é a única paróquia que tem a pastoral da AIDS no estado do Mato Grosso do Sul... então venha com a gente nós estamos **aqui** e queremos incentivar para que continue nos pequenos gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... mesmo que não se fala não desista:... (LINHAS 63-67). (5º Domingo da Páscoa).

O uso desse *aqui* parece demarcar ainda mais a importância da paróquia e, principalmente, das ações que ela desenvolve para o acolhimento daqueles que possuem

o vírus causador da AIDS. Já em E2 e E3, a espacialização retoma os espaços fora da cena enunciativa. No comentário do primeiro franciscano, veremos que o *ali* remete às comunidades fundadas por Paulo e Barnabé durante seus trabalhos apostólicos. Por outro lado, o segundo religioso, em sua enunciação, emprega o espaço enuncivo *lá* para referenciar a Jerusalém celestial, a partir da cidade que simboliza a restauração com a plenitude de Jesus após sua Ressurreição e recebe a áurea divina, segundo o enunciado desse franciscano:

E2: (...) Paulo e Barnabé formavam e organizavam as **comunidades** formando lideranças porque eles não iam permanecer **ali** para sempre MAS eles formavam pessoas líderes para que continuassem à frente dessas comunidades depois que eles partissem... (LINHAS 15-18). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) esse amor portanto nos leva como diz o próprio João no livro do Apocalipse... ao caminho para **Jerusalém celeste** onde veremos Deus com a sua misericórdia... é **LÁ** na **Jerusalém celeste** portanto **lá** no CÉU que se revelará a plenitude de tudo aquilo que Jesus Cristo fez e da vivência nossa como cristão em nosso dia a dia... vejam que... **LÁ** na **Jerusalém celeste** É o lugar de encontro definitivo com o senhor... (LINHAS 35-40). (5º Domingo da Páscoa).

Diante desses fatos enunciativos, os enunciadores sacerdotes disseminam seus valores na leitura que fazem sobre a temática do amor. Para os três religiosos, a vida comunitária, a doação ao próximo e aos necessitados, a fraternidade e a entrega total a Deus podem ser considerados elementos temáticos relacionados ao valor do amor. Observamos que, em função disso, os enunciadores parecem evidenciar traços do carisma de São Francisco, colocando em destaque o espírito missionário e fraternal presente nos membros daqueles que participam da família franciscana:

E1: (...) Jesus nesse evangelho de hoje centro da nossa meditação dá continuidade ao serviço que nos é importante na **vida comunitária**... servir uns aos outros e **não coloca-se em atitude de superioridade** que precisa e QUER ser servido como rei e seus escravos... (LINHAS 5-8) [...] Jesus nos dá acima de tudo a partir dos discípulos um mandamento novo... segundo Jesus é o AMOR... “amai uns aos outros”... Jesus a partir do testemunho de seu amor pelos discípulos... vai se **doar** se oferecer aceitar ser morto:: por amor:: ... (LINHAS 22-25). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) como Jesus nos amou? se **doando** dando a sua vida por nós... esse é o mandamento novo ser capaz de dar a vida... ser capaz de **amar até os próprio inimigos**:: de dar a outra face... um amor incondicional... então esse é o mandamento novo... nisso consiste essa novidade desse

mandamento amar uns aos outros da maneira que Jesus nos amou... (LINHAS 42-46). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) este amor... supõe a **entrega total...** em **serviço...** em **doação à Deus e ao próximo...** principalmente aos mais **necessitados...** (LINHAS 3-4). (5º Domingo da Páscoa).

Reconhecemos que, na ressignificação do mandamento do amor, há a relação de oposição entre /superioridade/ *versus* /inferioridade/, uma vez que, na perspectiva franciscana, o amor é reconhecido na ação de não colocar-se em posição superior na relação com o outro. O sujeito que entra em conjugação com o valor do amor torna-se competente para dar testemunho do projeto de Jesus; no entanto, a vivência desse sentimento é desafiadora e questiona a performance do cristão, conforme se verá no fragmento de E1:

E1: (...) o AMOR desperta muitas:: perguntas/questionamentos... “o que é amor?” “o que é amar as pessoas?”... o que significa isso pra mim... cada um de nós vai ter uma resposta pessoal... porque cada um de nós temos os nossos desafios pessoais... quais são as dificuldades que temos em amar as pessoas? quais são os pontos mais fracos que temos que não me deixam amar e deixam as minhas relações não cristãs?... nas atitudes do dia a dia sabemos quais são as nossas fraquezas e essa busca de superação é o que nos desafia a cada dia... é um desafio... não podemos desanimar... mesmo que uns aspectos ou outros sejam mais difíceis para nós... são esses que nós devemos enfrentar:: para lutar para superar... as vezes uma pessoa que não suporta:: uma pessoa que não consigo dialogar que não consigo nem ver... pessoas que machucaram e que eu guardo rancor:: guardo a ferida no meu coração... pessoas que as vezes me fizeram mal e eu nunca consegui perdoar:: pessoas que as vezes eu julGUEI que não são dignas da Eucaristia ou da amizade ou do amor... tantas circunstâncias que cada um nós sabe quais são... esses são os desafios MAS não se angustia demais não... somos frágeis e somos pecadores... (LINHAS 27-41). (5º Domingo da Páscoa).

Para E2 e E3, o tema do amor perpassa a identidade cristã, de modo que, ao entrar em conjugação com esse sentimento/dom, os fiéis estarão aptos para participar do reino celeste e de dar testemunho de seu agir cristão:

E2: (...) se não somos capazes disso nós estamos traindo a nossa identidade cristã... e estaremos longe do reino dos céus de construirmos aqui nesse mundo o novo céu e a nova terra... (LINHAS 55-57). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a carTEIra de identidade a marca é... justamente o amor:: aos irmãos... somente o AMOR um para com outro revelará o verdadeiro

agir:: cristão... se nós de fato estamos agindo como cristãos... o revelamos na ocorrência de nosso testemunho... (LINHAS 25-28). (5º Domingo da Páscoa).

Se o amor é enriquecido pelo ato de doação ao próximo, nota-se que, no discurso de E1, o tratamento desse tema é figurativizado pelo serviço de apoio e acolhimento às pessoas portadoras do vírus da AIDS realizado pela paróquia desse sacerdote. A partir desse exemplo, o enunciador franciscano busca exemplificar a abrangência do novo mandamento de Jesus que não se restringe, mas que acolhe a todos sem distinção:

E1: (...) é a única paróquia que tem a pastoral da AIDS no estado do Mato Grosso do Sul... então venha com a gente nós estamos aqui e queremos incentivar para que continue nos pequenos gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... mesmo que não se fala não desista:... os jovens acham que podem tudo que não tem mais esse problema... as pessoas de mais idade também acham que não tem mais problemas e acabam se infectando por esse vírus... consciência e oração... continuemos sempre firmes e perseverantes para sempre renovar a lembrança desse mal que tirou muitas vidas... (LINHAS 63-70). (5º Domingo da Páscoa).

Com base nesses apontamentos, observamos, nos comentários homiléticos do 5º Domingo da Páscoa, a recorrência de uma isotopia temática do amor cristão. Nos três discursos, a interpretação do mandamento de Jesus se dissemina a partir do reconhecimento do amor como um ato de doação, de caridade e de afeto ao próximo. Uma das razões para o desencadeamento dessa isotopia pode estar no fazer-discursivo dos religiosos, uma vez que percebemos, ao longo das homilias, uma enunciação que busca realçar os valores da caridade franciscana no *agora* e no *aqui* da comunidade celebrativa.

3.1.6 Celebração do 6º Domingo da Páscoa

Na sequência das solenidades do tempo pascal, no 6º Domingo, reconhecemos três sacerdotes franciscanos que se colocam como responsáveis pela enunciação de um discurso que leve seu enunciatário a um crer e a um fazer (a adesão) diante da Palavra de Jesus. Reafirmando os valores da vivência da fé no Ressuscitado e preparando os fiéis para a celebração de Pentecostes, os enunciadores projetam-se no *agora* da comunidade e, recorrendo a uma embreagem temporal no discurso, promovem uma neutralização em torno das projeções da temporalidade no interior do enunciado da homilia:

E1: (...) Jesus **envia** o Espírito Santo... o defensor::... no grego vai dizer que é o paRÁclito:: o paráclito é aquele que cuida que é o nosso guia... Jesus **deixa** o Espírito Santo como o motor promotor da igreja (LINHAS 4-6) [...] ele **pede** que os discípulos guarde a SUA PaLAvra::... guardar a sua Palavra no sentido de ter... sempre em mente... e colocar em prática:: ... (LINHAS 9-11). (6º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Cristo nos **apresenta** na relação dele com o Pai... e nos **prepara** para enviar o Espírito Santo... liturgicamente para celebramos os grandes acontecimentos da salvação que Deus preparou para os seus... para aqueles que creem... e assim renovar em nós... aquela vida que nasce em nós através do Batismo:: a cada vez que celebramos os sacramentos... a oração buscamos estar intimamente ligados com Deus... um Deus que o filho nos **apresenta** como um Pai:: um Pai que **está** ligado comprometido que **está** atento aos filhos... como filho amou e **ama** a todos aqueles que acreditam creem e o segue:: porque a estes ele prometeu o Espírito Santo... (LINHAS 3-10). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a função do Espírito Santo é ensinar e recordar tudo aquilo que Jesus tinha dito::... e diante de toda essa situação de medo... Jesus **anuncia** a PAZ... ele **está** para morrer e **dá** a paz aos seus disCÍpulos... (LINHAS 29-32). (6º Domingo da Páscoa).

Com base nesses comentários, nota-se que a anterioridade (passado) é amenizada e a atualidade (presente) dos fatos é realçada, fazendo com que o cerne da mensagem de Jesus, já preparando os seus discípulos para a sua Ascensão e para a vinda do Espírito Santo, seja colocado em prática na comunidade cristã e na missão dos discípulos. Mesmo com a intenção de atualizar o enunciado bíblico, observa-se que, no comentário de E3, é recorrente o uso do pretérito perfeito 2, em especial, nos momentos de contextualização das passagens de Jesus, as quais foram apresentadas ao longo de celebrações anteriores:

E3: (...) na quinta-feira santa... ele **reuniu** os apóstolos para celebrar a Páscoa judaica... mas ali... ele **acabou** instituindo a Eucaristia e... instituindo o sacerdócio também... com isso ele estava prevendo o que iria acontecer na sexta... ele estava prevendo também o que iria acontecer no domingo... ele seria ressuscitado... então... ele **percebeu** que estava chegando a hora da sua morte... a hora em que ele daria... glórias a Deus Pai... Jesus glorificaria o Pai através de sua morte entregando a sua morte para a salvação da humanidade... e por outro lado o Pai glorificaria o filho... ressuscitando:: esse filho que **morreu**... (LINHAS 4-11) [...] **aquilo** que **aconteceu** na quinta-feira santa... e na quinta-feira santa Jesus **celebrou** ritualmente **aquilo** que iria acontecer com ele concretamente na sexta... que foi a morte... no sábado que **foi** a sepultura e domingo que **foi** a ressurreição... então na quinta ele **celebrou** ritualmente aquilo que iria acontecer com ele depois e nesse rito:: ele **mandou** que a gente repetisse para recordá-lo... e para recordar tudo **aquilo** que ele fez por nós durante os três meses de

caminhada pregando o evangelho:: a palavra de Deus... a boa notícia... a boa notícia é que Deus **mandou** ao seu filho para que ele possa nos trazer a salvação... (LINHAS 16-23). (6º Domingo da Páscoa).

Ao empregar esse tempo do subsistema do pretérito, o enunciador franciscano parecer realçar o conhecimento que possui a respeito de Jesus e, sobretudo, promover um reconhecimento da veridicção de seu comentário por parte dos enunciatários. Ao analisarmos a fala desse enunciador, observamos a recorrência do demonstrativo neutro *aquilo* que, em sua homilia, passa a remeter a uma situação específica, o anúncio da morte de Jesus proferido no momento da instituição da Eucaristia, momento que deve marcar a memória do cristão, segundo esse enunciador franciscano.

Na celebração desse domingo, quanto à espacialidade, pode-se pontuar que os três enunciadores situam-se no *aqui* da comunidade, porém retomam os espaços bíblicos para atualizá-los em seus discursos. Isso pode ser identificado no comentário de E1 que, ao mencionar o espaço do *lá*, a cidade de Jerusalém, busca compará-lo e criar um efeito de proximidade com o espaço da cena enunciativa o *cá*, a comunidade celebrativa:

E1: L1: (...)“o anjo que leva a uma montanha alta e me faz chegar a Jerusalém”... o que significa Jerusalém para aquele povo?... Jesus sempre ia a **Jerusalém** por causa do templo:: do templo de Deus... para... nós entendermos vamos trazer essa reflexão para a atualidade... todos os domingos nós vamos/temos o encontro marcado às oito e meia aonde?...

L2: Na missa...

L1: Na comunidade?

L2: Santíssima Trindade

L1: Santíssima Trindade... nessa vinda nossa para **cá** nós encontramos com Deus... nossa intenção é a de encontrar com Deus... assim também o povo de Israel iam a Jerusalém para encontrar com Deus... pelo menos uma vez no ano eles tinham que ir para lá... a Páscoa era celebrada em Jerusalém... e a Jerusalém celeste ela é o CÉU... essa Jerusalém celeste messiânica... que não tem luz e não tem sol... é o próprio senhor... e o cordeiro... quem é o cordeiro?... Jesus Cristo... então para que possamos chegar a essa comunidade da Santíssima Trindade santa e perfeita:: nós devemos seguir aquilo que Jesus nos pede... guardar as suas palavras... pôr em prática os seus ensinamentos e viver o AMOR assim nós vamos viver essa nova Jerusalém ou melhor essa nossa comunidade Santíssima Trindade em uma forma plena no encontro com Deus... (LINHAS 51-68).

Observamos que, uma vez mais, a comunidade é vista como o lugar de encontro com Jesus e, em função disso, reconhecemos na enunciação dos três franciscanos o efeito de sentido de diminuição da distância entre os membros da assembleia, por meio dos

índices de pessoalidade que se manifestam em seus comentários. Nos três comentários, o *nós* inclusivo é identificado em vários trechos, como veremos nos exemplos a seguir:

E1: Caríssimos irmãos e irmãs... já há alguns dias... **nós**... estamos escutando no evangelho... Jesus preparando os seus discípulos (LINHAS 1-2) [...] ele pede que os discípulos guarde a SUA PaLAvra:... guardar a sua Palavra no sentido de ter... sempre em mente... e colocar em prática:... essa despedida de Jesus... também... deixa para **nós** discípulos e discípulas da atualidade... o dever de guardar essa Palavra... a ter sempre essa Palavra VIVA nas nossas ações... com isso **nós** vamos demonstrando... o amor que temos por Jesus... guardando no coração essas palavras... e assim... ele e o Pai irão fazer morada em nós... é um convite para **nós** deixarmos que o Pai e o filho na unidade do Espírito Santo possam fazer morada em **NÓS**... conduzir a nossa vida... isso significa também renúncia de muitas coisas que nos impede de... aproximar de Deus... que nos impede de ser cristão... este é o espírito que o senhor deixa aos seus discípulos... (LINHAS 9-18). (6º Domingo da Páscoa).

E2: (...) a Palavra de Deus se torna atual pela ação do Espírito Santo... assim **podemos** ler e ouvir muitas vezes a mesma Palavra e por vezes não **entendemos** ou não modifica nada em **nós** por outros momentos ela pode ser definitiva ela pode ser importante:: para resgatar em **nós** a confiança e motivação de viver:... por isso a Palavra de Deus é atualizada renovada pelo Espírito Santo em nós... (LINHAS 40-44) [...] todos **nós** somos chamados a sermos vitoriosos diante dos conflitos das adversidades das dificuldades que **enfrentamos** a cada dia... assim perseverando na fé **viveremos** a vitória de Deus o Pai em nossas vidas até a eternidade... (LINHAS 50-53). (6º Domingo da Páscoa).

E3: Meus irmãos e minhas irmãs... como comunidade cristã... **nós** nos reunimos... para celebrar... o memorial... a Memória... a Morte e Ressurreição de Jesus... (LINHAS 1-2). (6º Domingo da Páscoa).

Nos três comentários, também há a presença da ampliação da pluralização do *nós*, o qual passa a englobar, além do enunciador e dos enunciatários, toda comunidade cristã que deve ter como base de seus fundamentos os princípios de Jesus e de sua Igreja:

E1: (...) **nós** devemos seguir aquilo que Jesus nos pede... guardar as suas palavras... pôr em prática os seus ensinamentos e viver o AMOR assim **nós** vamos viver essa nova Jerusalém ou melhor essa nossa comunidade Santíssima Trindade em uma forma plena no encontro com Deus... que **nós** possamos seguir esses ensinamentos de Jesus e assim ele fazendo morada em **nós**... **possamos** também junto com ele na eternidade ter esse prazer de estar sobre uma luz eterna sobre coisas que não se acabam sobre a nossa felicidade... (LINHAS 65-71). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) é a herança que **nós** recebemos de Jesus... por isso que no final da celebração no final do encontro ele fez a despedida ele disse “faizei

isso em memória de MIM” é isso que **nós** fazemos quando **celebramos** a Eucaristia é isto que estamos fazendo agora... recordamos a Memória **trazemos** para o hoje... (LINHAS 13-16). (6º Domingo da Páscoa).

Contribuindo para a concretização dos sentidos dos elementos sintáticos, identificamos que, no 6º Domingo da Páscoa, os três franciscanos trazem como elementos semânticos figuras que revestem o tema do fazer-memória cristão. Para E1, a atualização e a continuidade da Palavra de Jesus são revestidas com a figura do Espírito Santo, que será considerado o guia e promotor da Igreja, após a Ascensão de Jesus, solenidade celebrada no 7º Domingo do tempo da Páscoa. Além disso, para o mesmo franciscano, a ação de guardar a Palavra, no sentido de atualizar e anunciá-la, também recobre a temática da memória cristã:

E1: (...) Jesus preparando os seus discípulos e no evangelho de São João começa aí uma despedida... a despedida de Jesus... de seus discípulos e a preparação para que os discípulos possam DAR continuidade à missão:... por isso Jesus envia o Espírito Santo... o defensor:... no grego vai dizer que é o paRÁclito:: o paráclito é aquele que cuida que é o nosso guia... Jesus deixa o Espírito Santo como o motor promotor da igreja... quando Jesus sobe ao Pai... o Espírito Santo é quem vai conduzindo a igreja... (LINHAS 2-7) [...] ele pede que os discípulos guarde a SUA PaLAvra:... guardar a sua Palavra no sentido de ter... sempre em mente... e colocar em prática:... essa despedida de Jesus... também... deixa para nós discípulos e discípulas da atualidade... o dever de guardar essa Palavra... (LINHAS 9-12). (6º Domingo da Páscoa).

Em E2, o percurso temático da memória cristã também é figurativizado pelo Espírito Santo. Em seu contexto discursivo, esse franciscano emprega termos que reforçam o campo semântico da noção de atualização da Palavra, tais como “recordar”, “torna atual”, “resgatar”, “atualizada” e “renovada”:

E2: (...) Jesus nos promete o Espírito Santo na função de... primeiro recordar o que o próprio Jesus nos ensinou... segundo ensinarmos o que ainda não sabemos... e esse ensinamento e esse recordar nos faz aprendermos cada vez mais o caminho... e a Palavra de Deus se torna atual pela ação do Espírito Santo... assim podemos ler e ouvir muitas vezes a mesma Palavra e por vezes não entendemos ou não modificamos nada em nós por outros momentos ela pode ser definitiva ela pode ser importante:: para resgatar em nós a confiança e motivação de viver:... por isso a Palavra de Deus é atualizada renovada pelo Espírito Santo em nós... (LINHAS 37-44). (6º Domingo da Páscoa).

Já E3, usa a imposição de Jesus, no ato da instituição da Eucaristia na última ceia – “Fazei isso em memória de mim” – para figurativizar o memorial cristão. Para esse padre franciscano, no Rito da Consagração da Eucaristia, há o maior sinal de atualização do Mistério de Cristo, e o Espírito Santo, como já vimos nos comentários anteriores, assume a função de recordar o Evangelho:

E3: (...) é a herança que nós recebemos de Jesus... por isso que no final da celebração no final do encontro ele fez a despedida ele disse “faça isso em memória de MIM” é isso que nós fazemos quando celebramos a Eucaristia é isto que estamos fazendo agora... recordamos a Memória trazemos para o hoje... (LINHAS 13-16) [...] a função do Espírito Santo é ensinar e recordar tudo aquilo que Jesus tinha dito: ... (LINHAS 29-30). (6º Domingo da Páscoa).

Ao longo da extensão dos acontecimentos pascais enunciados nos comentários dos homilistas franciscanos, nota-se que o Mistério da Ressurreição é recoberto por diversos percursos temáticos e percursos figurativos que enaltem a isotopia temática do fazer-memória cristão. Diante disso, observa-se que, em quase todos os comentários, o efeito de atualização da Palavra de Cristo se evidencia de maneiras diferentes, mas possui em comum o lugar de sua realização, o seio da comunidade celebrativa, espaço de fraternidade, segundo os sacerdotes franciscanos.

3.1.7 Celebração do 7º Domingo da Páscoa

Entre as festividades da Páscoa, a celebração do sétimo domingo desse tempo litúrgico dedica-se à Ascensão de Jesus. Nessa solenidade, celebra-se o momento em que Jesus ressuscitado foi elevado ao céu com seu corpo físico, na presença de onze de seus apóstolos. Esse evento ocorreu no quadragésimo dia após a sua Ressurreição e é considerado como um dos cinco marcos da narrativa evangélica sobre a vida de Jesus, juntamente com o Batismo, a Transfiguração, a Crucificação e a Ressurreição.

Nos comentários homiléticos dessa celebração, identificamos, mais uma vez, a reafirmação do fazer-memória cristão. Os três enunciadore franciscanos, ao se instalarem no *agora* da comunidade, parecem criar o efeito de proximidade em vista da atualização daquilo que Jesus deixou aos seus seguidores. Observamos que, em vários momentos dos comentários, o *hoje/agora*, além de marcar uma referência temporal, passa a ser empregado para enfatizar a necessidade de dar continuidade à missão e tornar atual a Palavra no Rito Eucarístico:

E2: (...) é **hoje** a nossa vitória que precisamos viver e precisamos ser sinais... sinais da presença de Deus daqueles que acreditam nos fatos... somos motivados para os caminhos de Deus para viver a alegria... nós não fomos chamados para viver a tristeza mas a alegria do ressuscitado... então confiamos naquele que foi ao Pai e com ele fazemos o caminho ao Pai e quando ele nos chamar estejamos preparados e que possa acontecer a grande festa anunciada pelo profeta Isaías... (LINHAS 50-55). (7º Domingo da Páscoa).

E3: (...) **hoje** a Memória... nós... atualizamos e celebramos todas as vezes que celebramos a Eucaristia... toda vez que celebramos a Eucaristia fazemos/recordamos não é só recordar é atualizar aquilo que aconteceu através de um RITO:: por isso nós trazemos para **hoje** a vida a Morte a Paixão a Ressurreição de Jesus... onde é que se atualiza a vida a Paixão a Morte e Ressurreição de Jesus? a VIDA doa-se aos sofrimentos da cruz e à igreja e à comunidade que está participando... por isso que aquilo que Jesus viveu se atualiza **nos dias de hoje** na comunidade celebrante:: que somos todos nós... celebrando a Eucaristia isto É fazendo memória daquilo que Jesus viveu...(LINHAS 4-12) [...] **agora** Jesus faz a sua Páscoa... a Páscoa quer dizer passagem mudança... a Páscoa de Jesus é da morte para a vida... **agora** chegou a nossa páscoa **agora** é a nossa Páscoa... é passar de um estado de vida menos longa para um estado de vida na graça de Deus... celebrar a Páscoa de Jesus é celebrar a Eucaristia como eu disse antes para trazer para o **hoje** a Páscoa cristã que é a nossa Páscoa... (LINHAS 50-54). (7º Domingo da Páscoa).

Na medida em que analisamos esses comentários, nota-se a ocorrência de tempos enuncivos que retomam a temporalidade dos enunciados da narrativa bíblica, porém, em especial, nessa celebração, o presente pontual é utilizado com certa recorrência. A partir da debragem temporal, os enunciadores franciscanos empregam esse tempo enunciativo para expressar e realçar o efeito de atualização dos enunciados bíblicos e dos sentidos da Páscoa na vivência cristã:

E1: (...) essa subida de Jesus não é para afastar não é para ficar longe dos seus discípulos... mas é necessária para que aconteça a nossa salvação... celebrar a Ascensão é celebrar:: a vitória de Jesus Cristo sobre a morte e sobre o pecado... também nós **somos** convidados nessa celebração a REPENSAR o nosso BaTISmo em que/é nesse momento do Batismo que nós recebemos sobre nós o Espírito Santo... através do óleo através da unção nós recebemos o Espírito Santo... nós **devemos** dar conTInuidade a esse projeto de Jesus... este é o compromisso que recebemos no Batismo... recebendo o Espírito Santo nós **somos** convidados a trilhar o caminho de Jesus... assim **fazemos** que nossa caminhada seja uma expressão de Jesus Cristo para o mundo... (LINHAS 25-33). (7º Domingo da Páscoa).

E2: (...) nós que **fazemos** esse caminho nos sentimos mais elevados em confronto com as nossas atividades do dia a dia com nossas atividades porque **sabemos** que não estamos fazendo um caminho solitário... nós **estamos** fazendo com aquele que **é** vencedor... ele nos convidou a fazer esse caminho com ele e ele nos **mostra** a vitória que leva o filho de Deus de volta à casa do Pai... (LINHAS 16-20). (7º Domingo da Páscoa).

E3: (...) hoje a Memória... nós... **atualizamos** e **celebramos** todas as vezes que **celebramos** a Eucaristia... toda vez que **celebramos** a Eucaristia **fazemos/recordamos** não é só recordar é atualizar aquilo que aconteceu através de um RITO:: por isso nós **trazemos** para hoje a vida a Morte a Paixão a Ressurreição de Jesus... (LINHAS 4-8) [...] agora Jesus faz a sua Páscoa... a Páscoa quer dizer passagem mudança... a Páscoa de Jesus **é** da morte para a vida... agora chegou a nossa Páscoa agora **é** a nossa Páscoa... **é** passar de um estado de vida menos longa para um estado de vida na graça de Deus... celebrar a Páscoa de Jesus **é** celebrar a Eucaristia como eu disse antes para trazer para o hoje a Páscoa cristã que **é** a nossa Páscoa... (LINHAS 50-54). (7º Domingo da Páscoa).

Com base nesses três trechos, identifica-se no discurso dos homilistas franciscanos o emprego de um *nós* inclusivo (eu + você/tu = nós, esta comunidade religiosa), assim como já observamos em comentários analisados anteriormente. Vale ressaltar que, na homilia de E2, ao comentar sobre a dificuldade de aceitação da morte, a pluralização não fica somente entre enunciador e enunciatário reunidos na assembleia, mas amplia-se a todos os brasileiros:

E2: (...) uma compreensão também da morte **é** que **nós brasileiros somos** muito chorões né ((risos)) nós diante da morte nos debulhamos como diz a linguagem popular ((risos)) nós não compreendemos achamos que devemos seguir eternamente... esse aspecto **é** bom **é** um desejo de lutar contra os empecilhos da vida... por outro lado devemos também preparar para que seja um acontecimento realmente pascal de ressurreição... **é** preciso compreender que uma pessoa que viveu e está com noventa anos ela está preparada para ir para casa do Pai e devemos alegrar com ela... (LINHAS 22-28) [...] claro que somos afetivos **nós brasileiros somos** sentimentais tudo isso **é** normal seria ruim... se nós não tivéssemos nenhum sentimento... **PORÉM** a nossa fé tinha que ser maior:: ... (LINHAS 33-35). (7º Domingo da Páscoa).

Já nos comentários de E2 e E3, reconhecemos dois franciscanos que parecem conferir aos seus comentários efeito de subjetividade, a partir da projeção do *eu* na própria enunciação. Na homilia de E1, seu caráter subjetivo se manifesta na sua convicção sobre a fé em Cristo. Em E3, os traços subjetivos de seu discurso são reconhecidos nos fatos de sua experiência pessoal:

E2: (...) **creio** que todos nós que fazemos esse caminho nos sentimos mais elevados em confronto com as nossas atividades do dia a dia com nossas atividades porque sabemos que não estamos fazendo um caminho solitário... nós estamos fazendo com aquele que é vencedor... (LINHAS 16-19). (7º Domingo da Páscoa).

E3: (...) quando **eu** estava em Roma... **eu** tinha aula de ecumenismo... isto significa... curso de diálogo ecumênico... diálogo ecumênico:: é com as nossas igrejas cristãs com os evangélicos com os ortodoxos... diálogo ecumênico é dentro da religião cristã... quando nós falamos de diálogo interreligioso aí e com outra religião... **eu** estava em Roma e foi feito o encontro internacional das igrejas cristãs... o nosso professor de ecumenismo que organizou... ali ele envolveu nós alunos na preparação desse encontro... **eu** levei um susto... nós ficamos uma semana suspenderam as aulas nas faculdades e nós fomos para o encontro... sabe quantas igrejas presentes tinham?... quantas denominações cristãs tinham?... mais de duzentos e cinquenta... **eu** levei um susto... “tudo isso?” **eu** vi as inscrições eu passei uma por uma... mais ou perto de duzentos e cinquenta não tô lembrado... duzentos e cinquenta arredondando... DUZENTOS E CINQUENTA igrejas cristãs... (LINHAS 76-87) [...] **eu** nasci no Rio Grande do Sul mas moro perto de Chapecó mas quando fui para uma cidadezinha perto de Santa Catarina chamada de Maravilha... (LINHAS 95-97). (7º Domingo da Páscoa).

Assim como vimos nos comentários do 3º Domingo da Páscoa, observa-se que, nessa celebração, há um número significativo das formas pronominais *nosso/nossa* nos três comentários. Esse pronome parece criar na enunciação dos sacerdotes franciscanos um efeito de unidade e de não-distanciamento entre enunciador e enunciatário, sujeitos que parecem compartilhar dos mesmos valores:

E1: (...) nós podemos perceber isso na **nossa** vida no dia a dia... como **nossos** pais que se dedicam para que não falte nada para nós... (LINHAS 12-13) [...] na **nossa** vida temos uma dificuldade em lidar com essa questão de despedida... dos **nossos** entes queridos (LINHAS 20-21) [...] somos convidados nessa celebração a REPENSAR o **nosso** Batismo (LINHAS 27-28) [...] assim fazemos que **nossa** caminhada seja uma expressão de Jesus Cristo para o mundo (LINHAS 32-33) [...] para que nós possamos nesse silêncio aproveitar e rezar por todos aqueles que contribuíram na **nossa** fé cristã... (LINHAS 47-48). (7º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **creio** que todos nós que fazemos esse caminho nos sentimos mais elevados em confronto com as **nossas** atividades do dia a dia com nossas atividades porque sabemos que não estamos fazendo um caminho solitário... (LINHAS 16-18) [...] que todos nós seguimos verdadeiramente em comunhão preparando também para celebrar a festa do Espírito Santo no próximo domingo... renovemos juntos a **nossa** fé... (LINHAS 55-57). (7º Domingo da Páscoa).

E3: (...) agora chegou a **nossa** Páscoa agora é a nossa Páscoa... é passar de um estado de vida menos longa para um estado de vida na graça de Deus... celebrar a Páscoa de Jesus é celebrar a Eucaristia como eu disse antes para trazer para o hoje a Páscoa cristã que é a **nossa** Páscoa... (LINHAS 51-54) [...] e agora somos convidados não só anunciar a sua Palavra mas dar testemunho em **nosso** dia a dia isto É fazer que a **nossa** Páscoa... a Páscoa cristã a Páscoa de cada um de nós aconteça (LINHAS 59-61) [...] agora sobrou a tarefa aos apóstolos e temos também a **nossa** tarefa de continuar a caminhada (LINHAS 65-66) [...] renovemos a **nossa** fé... (LINHAS 113-114). (7º Domingo da Páscoa).

Nesse sentido, observa-se, de modo particular, que, no comentário de E3, os espaços de sua experiência pessoal são suscitados em sua enunciação, assumindo um caráter figurativo que reforça a ideia da homilia como uma espécie de diálogo familiar que pretende simular o não-distanciamento entre enunciador e enunciatário:

E3: (...) eu estava em **Roma** e foi feito o encontro internacional das igrejas cristãs... o nosso professor de ecumENismo que organizou... **ali** ele envolveu nós alunos na preparação desse encontro (LINHAS 80-82) [...] eu nasci no **Rio Grande do Sul** mas moro perto de **Chapecó** mas quando era pequeno quando fui para uma cidadezinha perto de **Santa Catarina** chamada de **Maravilha**... o que que tem **lá**? a colonização de alemão e poloneses... antes da missa todo mundo **lá** fora batendo papo aí você ouve o italiano ouve o polonês ouve o alemão ouve o português e aí... parece uma Suíça brasileira:: o que que acontece **lá**? muitas famílias vieram da Alemanha divididas em metade católico e metade evangélico... mas aqueles evangélicos originais não aqueles que apareceram **aqui** e que é difícil de dialogar::... então o que acontece na nossa comunidade? domingo passado teve a festa dos católicos Nossa Senhora do Caravaggio... Caravaggio da Itália dia vinte e seis é a festa de Nossa Senhora do Caravaggio... no domingo passado a nossa comunidade estava em festa minha família inteira estava **LÁ**... quem é escalado para trabalhar na festa? os evanGÉlicos... na cozinha você vai **lá** tem católico e evangélico trabalhando junto na festa católica... nesse mês tem a festa evangélica... na lista de distribuir as tarefas... quem vai para a cozinha... quem faz a cuca... dona Maria da igreja católica... tem lugar que é assim... como tem poucos evangélicos... o pastor vai **lá** a cada cinco meses... então eles vão todos em nossa celebração... no domingo eles estão todos **lá** na frente... (LINHAS 95-110). (7º Domingo da Páscoa).

No comentário desse franciscano, reconhecemos o *ali* e o *lá* indicando espaços fora da situação de enunciação, tais como a cidade de Roma e as do sul do Brasil por onde ele viveu durante a infância. O espaço do *aqui* também surge no meio do comentário e remete ao espaço do Brasil, uma vez que, no comentário, o enunciador retoma fatos da história da chegada dos evangélicos no país para explicar a união entre as religiões em

sua cidade natal. Aliado a questão do diálogo ecumênico, o mesmo franciscano fala sobre a atuação do Papa Francisco no *aqui* e no *agora*, não só da comunidade celebrativa, mas da Igreja Católica:

E3: (...) recordando aquilo que São Francisco JÁ FEZ... faz quase mil anos que São Francisco foi falar com o sultão... naquele tempo era impossível... e agora quase quinhentos anos depois o papa recorda o fato e diz “estou **aqui**... mais um Francisco que está aqui com vocês um já esteve Francisco de Assis”... (LINHAS 89-93). (7º Domingo da Páscoa).

Reconhecemos no comentário desse franciscano o percurso temático da unidade cristã revestida pela ação ecumênica de São Francisco de Assis que, no ano de 1219, durante a quinta Cruzada, vai ao Egito e promove um diálogo com o sultão muçumano Malik al Kamil. Os dois acabam se unindo em favor da paz e da tolerância em meio à atmosfera de guerra e conflito, dando à Igreja um dos primeiros exemplos de diálogo inter-religioso e compreensão recíproca entre religiões com fundamentos distintos.

Ainda no comentário de E3, identificamos o percurso temático do memorial cristão, revestido pela imagem da Ascensão de Jesus e também pelas incidências de verbos relacionados ao campo semântico de tornar presente os mistérios de Cristo:

E3: (...) hoje a Memória... nós... **atualizamos** e celebramos todas as vezes que celebramos a Eucaristia... toda vez que celebramos a Eucaristia fazemos/recordamos não é só **recordar** é **atualizar** aquilo que aconteceu através de um RITO:: por isso nós **trazemos** para hoje a vida a morte a Paixão a Ressurreição de Jesus... onde é que se **atualiza** a vida a Paixão a morte e Ressurreição de Jesus? a VIDA doa-se aos sofrimentos da cruz e à igreja e à comunidade que está participando... por isso que aquilo que Jesus viveu se **atualiza** nos dias de hoje na comunidade celebrante:: que somos todos nós... celebrando a Eucaristia isto É **fazendo memória** daquilo que Jesus viveu...(LINHAS 4-12) [...] agora Jesus faz a sua Páscoa... a Páscoa quer dizer passagem mudança... a Páscoa de Jesus é da morte para a vida... agora chegou a nossa Páscoa agora é a nossa Páscoa... é **passar** de um estado de vida menos longa para um estado de vida na graça de Deus... celebrar a Páscoa de Jesus é celebrar a Eucaristia como eu disse antes para **trazer** para o hoje a Páscoa cristã que é a nossa Páscoa... (LINHAS 50-54). (7º Domingo da Páscoa).

Para esse franciscano, com a Ascensão de Jesus termina o tempo de Cristo e inicia-se o tempo da Igreja, pois o Ressuscitado é reconhecido positivamente por sua

performance e volta-se para junto de Deus, seu Pai. Por sua vez, para os enunciadores 1 e 2, a Ascensão figurativiza a vitória de Jesus sobre a morte e sobre o pecado.

Observa-se que os valores de E1 sobre a Ascensão possuem como base a oposição /amparo/ *versus* /desamparo/, uma vez que, para esse sacerdote franciscano, a subida de Jesus ao céu não é uma ação de afastamento, mas um ato necessário para colocar a fé cristã em prática:

E1: (...) Jesus falava aos seus discípulos que iria para o PAI... isso causava o que nos discípulos quando Jesus falava abertamente que ele iria para o Pai:: que ele iria morrer::?... o que causava nos discípulos isso? ((silêncio))... alegria?... tristeza:: MAS o que Jesus queria era que eles ficassem... ALEGRES por isso... porque ele ia voltar para o Pai porque ele/era necessário que ele voltasse para o Pai para que o Espírito Santo:: o paráclito o consolador viesse... era necesSÁRIO... mas os discípulos ainda estavam muito apegados à pessoa de Jesus e não queriam isso... estavam também muitas vezes acomodados COM a presença de Jesus... porque ele fazia milagres porque ele estava sempre:: próximo deles... sempre servindo às suas necessidades::... isso é bom... nós podemos perceber isso na nossa vida no dia a dia... como nossos pais que se dedicam para que não falte nada para nós... e quando eles se vão nós nos sentimos desamparados::... isso acontecia com os discípulos... e é o que acontece quando nós escutamos a primeira leitura... o autor que é São Lucas narra tudo como aconteceu... desde o início até o final até a Ascensão do Senhor... essa subida de Jesus ao Pai... quando ele começa a contar... ele nos fala que... que com essa subida de Jesus... os discípulos ficaram alegres quando viram o senhor subindo:: ... (LINHAS 3-18). (7º Domingo da Páscoa).

Já para o enunciador franciscano 2, a Ascensão reveste positivamente o tema da morte, pois, para ele, a morte é o reconhecimento da trajetória do cristão, é a celebração de sua passagem na Terra:

E2: (...) nós diante da morte nos debulhamos como diz a linguagem popular ((risos)) nós não compreendemos achamos que devemos seguir eternamente... esse aspecto é bom é um desejo de lutar contra os empecilhos da vida... por outro lado devemos também preparar para que seja um acontecimento realmente pascal de ressurreição... é preciso compreender que uma pessoa que viveu e está com noventa anos ela está preparada para ir para casa do Pai e devemos alegrar com ela... pela passagem pela Páscoa que ela vai fazer:: éh... nem sempre isso acontece em nossas vidas... algumas pessoas reclamam do amor de Deus... Deus prepara os seus filhos e ele disse “vou para casa do Pai lá têm muitas moradas e eu vou preparar uma pra vocês”... sentimos convidados a fazer esse caminho vitorioso com JESUS... devemos viver cada dia... porque cada dia é uma vitória... cada dia é pra ser celebrado uma Ressurreição realmente... (LINHAS 23-33). (7º Domingo da Páscoa).

A partir desses indicativos semânticos, nota-se que a Ascensão de Jesus para os três padres franciscanos é relacionada à isotopia temática da memória cristã. A elevação de Cristo não está aliada à ideia de desamparo, mas realça a certeza de sua imortalidade, de acordo com o que verificamos nos comentários analisados. A partir dessa leitura, identificamos nos comentários da homilia franciscana o efeito de atualização e de proximidade com aquilo que Jesus deixa de testemunho aos seus seguidores e à sua Igreja.

3.1.8 Celebração do 8º Domingo da Páscoa

Finalizando o ciclo pascal, a solenidade de Pentecostes é celebrada no oitavo domingo da Páscoa e nela se comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. Por meio da enunciação enunciada, os sacerdotes franciscanos celebram a concretização das promessas de Cristo e trazem para o seio da comunidade um comentário atualizador sobre a missão deixada por Cristo e que é agora guiada pelos sete dons do Espírito Santo (Ciência, Inteligência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus). Os três enunciadores se instalam como sujeitos da enunciação e deixam as marcas de pessoalidade no emprego do *nós inclusivo* (homiliasta franciscano + fiéis enunciatários = *nós* da comunidade celebrativa):

E1: (...) como **ouvimos** no evangelho eles receberam como herança:: a vivência da paz ao mesmo tempo são chamados a ser testemunhas e realizam os sinais de Jesus a partir do Espírito Santo (LINHAS 28-30) [...] para **nós** cada dia que acordamos é uma bênção é uma graça mesmo se tiver com dores doenças todas as coisas que nos impeça de viver a plenitude da vida (LINHAS 64-66) [...] cabe **nós** hoje abrirmos o nosso coração e dizer a ele todas as verdades... como **nós** sentimos... quais as dores... quais as feridas que **nós** temos... quais as esperanças... quais os sonhos que ainda nos motivam... para **nós** não desaminarmos e nunca desistir porque a vida é dom e graça de Deus... **sejamos** hoje gratos a DEUS pela presença do Espírito Santo e **acreditemos** no que podemos fazer mesmo nos limites que o tempo nos condiciona... que o Espírito Santo faça novo o seu coração nova a sua esperança para **celebrarmos** a festa da vida e da gratidão... hoje **digamos** a Deus obrigado por todas as graças por todos os dons que cada um de **nós** recebe todos os dias... **permitamos** o Espírito Santo ungir e **demos** um instante de silêncio para que ele nos toque nos motive nos abençoe... (LINHAS 84-93). (8º Domingo da Páscoa).

E2: (...) **celebramos** essa realização a concretização da promessa de Jesus... **somos** convidados também a nos alegrar com essa realização... (LINHAS 5-6). (8º Domingo da Páscoa).

E3: (...) **temos** a graça de celebrar:: a grande festa da vinda do Espírito Santo (LINHA 1) [...] na segunda leitura São Paulo diz sobre os dons para dizer que são infinitos... eles estão em cada um de **nós** e devem estar a serviço da família e a serviço da comunidade::... NÃO existe nenhum dom que esteja a serviço da família a serviço da comunidade que venha de Deus... os dons exigem algumas coisas de **nós**... (LINHAS 52-56). (8º Domingo da Páscoa).

Em outros momentos, verificamos uma ampliação desse caráter pluralizante do *nós*, pela qual esse plural passa a englobar toda a Igreja Católica e seus fiéis, não se restringindo apenas aos enunciadores franciscanos e a seus enunciatários. Observa-se que, por meio desse recurso sintático, os padres realçam a dimensão do enunciado bíblico e a necessidade de dar continuidade à missão de Jesus:

E1: (...) antes de Jesus não **sabíamos** que Deus era PAI... em Jesus assumindo o fato se apresenta e revela para **nós** quem é Deus Pai... **nos** ensina verdadeiramente:: a prática dos mandamentos... do mandamento do amor a Deus e ao próximo... e ensina aos discípulos toda a verdade do reino (LINHAS 11-14) [...] o Espírito Santo veio para **recordarmos** o que já tínhamos aprendido... e para nos ensinar algo novo que **nós** não sabemos... (LINHAS 33-35). (8º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Deus com a pessoa humana... veio... reconciliar com o mundo::... agora:: a tarefa quem deve exercer agora somos **NÓS**... ela deve ser feita por **nós**... **devemos** fazer reconhecer no mundo essa reconciliação... que Jesus fez e que ele pediu para que os discípulos fizessem e que HOJE cabe a **nós**... no Espírito Santo... (LINHAS 29-33). (8º Domingo da Páscoa).

E3: (...) se **nós** somos portadores de Deus se Deus está dentro de **nós** não tem mais motivo de ter medo:: (LINHAS 31-32). (8º Domingo da Páscoa).

Em E3, diferenciando-se dos outros homilistas dessa celebração, identificamos sua subjetividade marcada de forma explícita por meio da presença de indicativos da 1ª pessoa. Assim como vimos nas homilias anteriores, os traços subjetivos ocorrem, principalmente, quando o sacerdote franciscano traz para o seu discurso relatos de sua vida, tentando aproximação com seus enunciatários:

E3: (...) **eu** lembro quando pequeno **eu** ia à aula e lá tinha aquelas letras p b q d... era tudo uma virada pra cima outra pra baixo pro um lado outra pro outro... pra **mim** era tudo igual... era uma bagunça toda... depois de muito tempo:: elas começaram a assumir forma... pensa que **eu** acreditava que iria conseguir LER história sem figura? de jeito nenhum... por que os outros acreditavam?... **eu** comecei a ler e a escrever... QUANTOS dias demorou ISSO? três dias... o dom da leitura

JÁ estava dentro:: de **MIM** mas **eu** não acreditava... (LINHAS 58-64).
(8º Domingo da Páscoa).

Cabe destacar que o comentário de E3 também apresenta uma particularidade em relação ao seu desenvolvimento; observa-se que nele se evidencia uma espécie de diálogo, pelo qual se traçam perguntas e respostas com os fiéis ouvintes, exigindo deles uma certa reflexão daquilo que foi enunciado na Liturgia da Palavra, bem como se cria um efeito de não-distanciamento entre os sujeitos participantes da cena enunciativa:

E3: (...) L1: na primeira leitura os apóstolos estão trancafiados dentro de uma casa... por que que eles estão trancados? ((silêncio)) o que que eles estão fazendo lá? ((silêncio)) o que eles estão fazendo lá dentro?
L2: Estão com medo...
L1: É isso mesmo... estão cheios de...
L2: Medo (LINHAS 3-9) [...] L1: qual é a tarefa que Jesus concede aos apóstolos?
L2: Reconciliação... perdoar
L1: Mais pra frente... “aqueles que vocês perdoarem os pecados...”
L2: Serão perdoados...
L1: “Aqueles que vocês não perdoarem:: serão retidos” e de quem é a graça de perdoar os pecados?
L2: Padre...
L1: De Deus (frase exclamativa) se Deus está dentro de nós de quem é a graça? é minha:: e se Deus está dentro de nós eu também posso perdoar aquele e aquela que me machuca que me ofende que me agride que me desonra que me tira do sério... (LINHAS 39-48). (8º Domingo da Páscoa).

Outra questão que se realça no comentário desse franciscano é a recorrência da forma de tratamento *você/vocês*. As evidências desse pronome no interior do enunciado homilético parece suscitar nos ouvintes um momento de reflexão sobre suas práticas pessoais:

E3: (...) **você** já perguntou pra ele quantas horas quantos dias quantos meses quanto tempo ele se dedicou para tocar com quase perfeição ou perfeição aquele violão? (LINHAS 56-58) [...] o dom da leitura **JÁ** estava dentro:: de **MIM** mas eu não acreditava... **ASSIM** como já estava dentro de **vocês**... **ASSIM** como muitos outros dons estão dentro de **vocês**... mas se **vocês** não acreditaram se alguém não empurrou:: incentivaram... eles não vão sair de dentro de **vocês**... (LINHAS 63-66). (8º Domingo da Páscoa).

Também em E3, reconhecemos a embreagem da terceira pessoa pela primeira do singular. Esse sacerdote franciscano refere-se a si mesmo não com o *eu*, mas com o *ele*,

criando um efeito de neutralização. Ao fazer essa embreagem, o enunciador parece apresentar-se apenas como papel social:

E3: (...) o que significa dizer para alguém “a paz esteja contigo ou a paz esteja convosco”? o **padre diz** no início da missa e depois ele diz de novo... (LINHAS 21-22). (8º Domingo da Páscoa).

Em conformidade com as recorrências da categoria de pessoa que já analisamos em outros comentários, identifica-se, nas homilias dessa celebração, o uso do *ele* retomando os actantes dos enunciados bíblicos e aproximando-os da cena enunciativa. Além disso, esse pronome também assume a função de um elemento coesivo no discurso dos franciscanos:

E1: (...) antes de Jesus não sabíamos que Deus era PAI... em Jesus assumindo o fato se apresenta e revela para nós quem é Deus Pai... nos ensina verdadeiramente:: a prática dos mandamentos... do mandamento do amor a Deus e ao próximo... e ensina aos **discÍpulos** toda a verdade do reino... **eles** que são simples humildes pessoas do povo galileu... **eles** que sonharam com o renio de Deus fonte do mundo:: foram decepcionados com a crucificação e morte de Jesus MAS **Jesus** lhes havia prometido que **ele** ressuscitaria dos mortos... no entanto essa compreensão não existiu na cabeça dos discípulos... que acharam muito estranho MAS segundo a sua promessa ressuscitou ao terceiro dia... e para provar que **ele** ressuscitou **ele** aparece aos discípulos reunidos conFIRmando:: o seu amor:: com a saudação shalom a paz para aqueles que o amam... confirmando aquilo que **ele** prometeu... (LINHAS 11-21). (8º Domingo da Páscoa).

E2: (...) o **Espírito Santo** é concebido ao grupo de discípulos que estavam reunidos com as portas fechadas... este acontecimento está bem situado no tempo **ele** fala “acontece no primeiro dia da semana”... (LINHAS 11-13). (8º Domingo da Páscoa).

E3: (...) **Jesus Cristo** tinha forma... a forma humana ele se fez homem... - - no evangelho... o que Jesus Cristo diz quando entra no cenáculo onde estão os **apóstolos** reunidos trancafiados... o que **ele** diz para **eles**? ... (LINHAS 17-19). (8º Domingo da Páscoa).

Quanto à temporalidade desses comentários, observamos que o *hoje* e o *agora* são recorrentes e, assim como vimos nas homilias do domingo anterior, eles aparecem reafirmando o dever cristão de tonar atual e vigente a Palavra de Jesus, além de marcarem o momento da enunciação. Verifica-se que, em especial, na festa de Pentecostes, o efeito de atualização ressalta a adequação da fé aos dias atuais, a compreensão das diferenças e a confiança no Espírito Santo, como veremos nos comentários de E1 e E2:

E1: (...) o desafio é como **hoje** vamos nos adequar vamos nos posicionar:: para dar uma resposta a esse desafio e pensar em que testemunho devemos dar para as novas gerações... a FÉ não deve desaparecer:: a FÉ é o que nos sustenta:: nos dá a dinâmica da vida e da história e sempre a meta é a que o Espírito Santo nos leve ao Pai... ele que está no mundo para fazer as coisas ele que conduz a igreja... é o templo do Espírito Santo (LINHAS 78-83) [...] cabe nós **hoje** abriremos o nosso coração e dizer a ele todas as verdades... como nós sentimos... quais as dores... quais as feridas que nós temos... quais as esperanças... quais os sonhos que ainda nos motivam... para nós não desaminarmos e nunca desistir porque a vida é dom e graça de Deus... sejamos **hoje** gratos a DEUS pela presença do Espírito Santo e acreditemos no que podemos fazer mesmo nos limites que o tempo nos condiciona... que o Espírito Santo faça novo o seu coração nova a sua esperança para celebrarmos a festa da vida e da gratidão... **hoje** digamos a Deus obrigado por todas as graças por todos os dons que cada um de nós recebe todos os dias... permitamos o Espírito Santo ungir... (LINHAS 84-92). (8º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Deus com a pessoa humana... veio... reconciliar com o mundo::... **agora**:: a tarefa quem deve exercer **agora** somos NÓS... ela deve ser feita por nós... devemos fazer reconhecer no mundo essa reconciliação... que Jesus fez e que ele pediu para que os discípulos fizessem e que **HOJE** cabe a nós... no Espírito Santo... é espírito de amor espírito de humildade... espírito de entendimento... é somente pelo espírito de amor que faz o entendimento entre as pessoas... superamos até... superamos até como diz a leitura... superando até todo o problema de línguas...quer dizer o Espírito Santo nos ajuda a superar todas as barreiras a entendermos tudo mesmo que haja uma limitação (LINHAS 29-37). (8º Domingo da Páscoa).

Associada à questão da atualização dos sentidos da Páscoa na vivência cristã, identificamos a recorrência de tempos enunciativos, como o presente pontual. Por meio da debreagem temporal, reconhecemos a atualização da mensagem que diz respeito aos deveres daqueles que seguem a religião:

E1: (...) em cada sacramento que **realizamos** o Espírito Santo nos faz novas criaturas... **precisamos** permitir que ele nos ensine a viver:: o NOVO de cada dia de nossa vida:: (LINHAS 60-62). (8º Domingo da Páscoa).

E2: (...) é somente pelo espírito de amor que **faz** o entendimento entre as pessoas (LINHA 34). (8º Domingo da Páscoa).

E3: (...) QUEM é portador da paz QUEM é portador de Deus não **tem** mais ME-DO... (LINHAS 29-30). (8º Domingo da Páscoa).

Em outros momentos, a partir do mecanismo da embreagem temporal, reconhecemos a neutralização que ocorre entre o presente e o pretérito perfeito 1,

instaurando uma ampliação do presente em direção ao passado. Em função disso, os sacerdotes franciscanos, em seus enunciados, reforçam o sentido de atualização da mensagem evangélica:

E1: (...) o Espírito Santo **é** o enviado de Deus e **vem** anunciar à jovem Maria que ela será mãe do filho:: e assim nascendo Jesus... o menino **crece** no meio da comunidade simples e humilde dos povos de Javé... e Deus **conta** com a sabedoria a luz divina para ensinar:: (LINHAS 5-8) [...] os discípulos **superam**... o medo... **superam**... toda a... vergonha de anunciar... **abrem-se** as portas para o novo:: e para a missão e eles... **abrem** as portas anunciando o reino anunciando Jesus ressuscitado::... **realizam** os mesmos sinais que o próprio Jesus realizava (LINHAS 24-27). (8º Domingo da Páscoa).

E2: (...) o Espírito Santo **é** concebido ao grupo de discípulos que estavam reunidos com as portas fechadas... este acontecimento **está** bem situado no tempo ele **fala** “acontece no primeiro dia da semana”... o primeiro dia da semana passou a ser o domingo:: Jesus **ressuscita** no primeiro dia da semana... Jesus **aparece** aos discípulos no primeiro dia da semana::... por isso aos primeiros dias da semana depois os cristãos deram o nome de dies dominica isto é DIA do senhor... (LINHAS 11-17). (8º Domingo da Páscoa).

E3: (...) Jesus **diz** “paz esteja convosco” duas vezes... **concede** aos apóstolos uma tarefa... ser portador de Deus não **é** ficar parado não... não **é** ficar trancado... qual **é** a tarefa que Jesus concede aos apóstolos? ... (LINHAS 37-39). (8º Domingo da Páscoa).

Quanto aos indicativos da categoria de espaço, identificamos que os três enunciadores enunciam no espaço do *aqui*, valorizando o ambiente em que se encontra a comunidade celebrativa. Em E3, sobretudo, há o reconhecimento desse espaço como o lugar em que os fiéis devem, como exercício primeiro, colocar em prática os seus dons nos serviços fraternais:

E3: (...) na segunda leitura São Paulo diz sobre os dons para dizer que são infinitos... eles estão em cada um de nós e devem estar a serviço da família e a serviço da comunidade::... **NÃO** existe nenhum dom que esteja a serviço da família a serviço da comunidade que venha de Deus... os dons exigem algumas coisas de nós (LINHAS 52-56) [...] **NÃO** adianta:: pedir os dons do Espírito Santo se a gente não fizer o exercício de transformá-los para que eles possam ser benéficos para a família para a comunidade... cabe a nós incentivar:: nós mesmos... nossos filhos nossos irmãos nossos cônjuges para viver a plenitude dos dons do Espírito Santo... já estão dentro de nós **é** preciso colocá-los a serviço **é** preciso nos educarmos para que ele se torne:: um precioso dom... para a família para a comunidade... (LINHAS 66-71). (8º Domingo da Páscoa).

Em função disso, na homilia desse franciscano, os dons concedidos aos discípulos pelo Espírito Santo Sabedoria – Ciência, Inteligência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus – parecem revestir o percurso temático da atuação do cristão na comunidade e nos serviços fraternais.

Culminando o período do tempo da Páscoa, a festa de Pentecostes para os três sacerdotes franciscanos é a celebração do cumprimento das promessas de Cristo, sujeito sancionado positivamente por Deus. Para E1, Deus reveste o tema da autoridade divina. Ele é qualificado como um sujeito dotado de sabedoria, capaz de ensinar ao povo de Israel a vivência da lei e dos mandamentos e, acima de tudo, enviar Jesus para anunciar a Palavra aos discípulos, os quais figurativizam o mundo como um todo, conforme se depreende do compromisso que aceitam de levar a mensagem cristã a toda parte:

E1: (...) Deus conta com a sabedoria a luz divina para ensinar:: ao povo de Israel o caminho do Pai... Israel acreditava que a sua realização:: que o testemunho maior era a vivência da lei MAS somente em Jesus é que se torna plena a revelação de Deus porque é nele que o Pai revela quem ele é... antes de Jesus não sabíamos que Deus era PAI... em Jesus assumindo o fato se apresenta e revela para nós quem é Deus Pai... nos ensina verdadeiramente:: a prática dos mandamentos... do mandamento do amor a Deus e ao próximo... e ensina aos disCÍpulos toda a verdade do reino... (LINHAS 7-14). (8º Domingo da Páscoa).

Para esse franciscano, a figura do Espírito Santo reveste o percurso temático da eternidade de Cristo. Disjuntos do medo, os discípulos iniciam o novo tempo que se inaugura após a Ressurreição e começam a missão do anúncio e do perdão. Ainda no comentário desse homiliasta, reconhecemos o tema da atualização e do fazer-memória cristão figurativizados pela vinda do Espírito Santo:

E1: (...) então terminado o tempo histórico de Jesus... tudo **recomeça**... é o Pai que envia o Espírito Santo... assim segundo o evangelho de João que vimos... acontece logo após a Ressurreição esse envio do Espírito Santo e assim os discípulos superam... o medo... superam... toda a... vergonha de anunciar... **abrem-se as portas** para o **novo**:: e para a missão e eles... abrem as portas anunciando o reino anunciando Jesus ressuscitado::... realizam os mesmos sinais que o próprio Jesus realizava... as curas as libertações... enfim tudo aquilo que Jesus realizava eles continuavam a sua missão... como ouvimos no evangelho eles receberam como herança:: a vivência da paz ao mesmo tempo são chamados a ser testemunhas e realizam os sinais de Jesus a partir do Espírito Santo e **também** tem a missão de perdoar... aqueles que perdoarem serão perdoados e aqueles que não perdoarem serão retidos... assim é a igreja... ela **nasce** com a missão de estar no meio do mundo ajudando as pessoas aprender o caminho do Pai aprender a

bondade que ele ensinou... o Espírito Santo veio para recordamos o que já tínhamos aprendido... e para nos ensinar algo novo que nós não sabemos... NÃO terminou o acontecimento histórico de Jesus mas ele continua anunciando a igreja às pessoas... ensinando... renovando em cada um de nós a verdadeira vida... e celebrar Pentecostes para nós significa celebrar a verdade de que Jesus continua sendo presente no meio de nós na Palavra:: atualizada pelo Espírito Santo e na Eucaristia... porque ele mesmo disse “eis que estou convosco em todos os dias até os fins dos tempos”... (LINHAS 21-40). (8º Domingo da Páscoa).

Com base no trecho apresentado, na homilia desse franciscano, encontramos uma isotopia temática da atualização do tempo que se inicia com o Ressuscitado e é continuado com a presença do Espírito Santo. Por meio de termos como “recomeça”, “novo”, “abrem as portas”, “nasce”, reconhecemos um campo semântico-discursivo que remete à nova Igreja que se inaugura com o Cristo ressuscitado.

Observa-se que, para E2, a solenidade de Pentecostes é encarada sob a temática da unidade. Diferentemente do que aconteceu no episódio da Torre de Babel, em que não havia comunicação entre os povos, no acontecimento da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo, há um fortalecimento da união que deve marcar os povos cristãos:

E2: (...) somos portanto:: chamados a sermos reconciliaDOres... a fim de que... cessem o ódio a injustiça o abuso a corrupção moral a corrupção política a TUDO isso somos chamados a nos esforçar como Jesus o FEZ... a missão de Cristo é reconciliar:: (LINHAS 24-26) [...] Pentecostes reúne a todos... exatamente ao contrário da Torre de Babel... na Torre de Babel ninguém se entendia... na Torre de Babel houve confusão... em Pentecostes é exatamente o contrário houve entendimento:: todos se entediam... mesmo sendo de nações diferentes:: com a presença do Espírito Santo são superadas todas as dificuldades de entendimento:: por quê? é o Espírito Santo que nos faz nos fortalece nos orienta nos anima nos une promove a unidade que promove o amor que promove a paz... (LINHAS 37-43). (8º Domingo da Páscoa).

Em síntese, na celebração de Pentecostes, reconhecemos nos comentários homiléticos franciscanos a reafirmação de tudo aquilo que Jesus vinha anunciado até a sua Ascensão. Observa-se que, de modo geral, por meio dos elementos semântico-discursivos, os seguidores do carisma de São Francisco de Assis, ao longo do Tempo Pascal, deixam manifestar em seus discursos isotopias temáticas e figurativas que realçam os sete dons que o Espírito Santo concederia aos discípulos.

A partir da totalidade discursiva dos comentários da homilia dos enunciadores franciscanos, verifica-se o reconhecimento do Cristianismo como a religião da vida, uma

vez que o período da Páscoa passa a ter como base fundamental o valor da vida, figurativizando a redenção cristã que se inaugura com a vitória de Jesus Cristo sobre a morte. Durante as celebrações pascais, a Igreja conhece os novos tempos cristãos; a era anterior a Jesus fica, de fato, para trás e se inicia o reconhecimento de Jesus no seio da comunidade. Em função disso, nota-se que, para esses sacerdotes, a ação de tornar atual a Palavra é necessária e deve ser enfatizada na enunciação da homilia. Além disso, observou-se que, a partir da sistematização das categorias enunciativas, os enunciadores franciscanos criam efeitos de sentido de aproximação entre enunciador e enunciatário, de subjetividade e, sobretudo, de atualização do memorial da fé cristã, essencial para a realização do projeto missionário proposto por Jesus.

A partir da análise dos investimentos sintáticos e semânticos que se manifestam no discurso da homilia dos sacerdotes franciscanos, no próximo tópico, abordaremos uma reflexão sobre a possível construção do *éthos* e do estilo desses religiosos, (re)construído da totalidade discursiva do *corpus* dessa pesquisa.

3.2 *Éthos* e estilo: a imagem do homiliasta frei franciscano

A relação entre as noções de estilo e *éthos* permite a investigação de determinados sistemas de coerções semânticas que fundam o corpo do sujeito da enunciação, pressuposto a uma totalidade de enunciados. Para descrever um estilo, é necessária a busca pelo efeito de identidade depreendido de uma totalidade discursiva, vista como um modo recorrente de tematizar o mundo e de se apresentar perante ele.

Para Discini (2008, p. 35), na descrição de um estilo, é possível examinar as “representações como sistemas sociais e texto como enunciado, ou seja, em relação à enunciação, sempre pressuposta”. Em função disso, torna-se válido considerar um conjunto de enunciados vistos segundo semelhanças do ato de dizer, para que se confirme o estilo e caráter do enunciador.

É na imanência discursiva que se depreende o estilo, como efeito de individuação de uma totalidade, ou seja, o estilo está no conteúdo de uma totalidade discursiva, sendo esse conteúdo considerado na sua relação com a expressão; deve-se, portanto, encontrar o estilo na configuração interdiscursiva de uma totalidade de discursos enunciados. Segundo Discini (2004, p. 27), “essa configuração interdiscursiva reúne núcleos temáticos e figurativos, em torno dos quais gravitam variações temáticas e figurativas, na confirmação de um estoque de figuras e temas de uma totalidade”. Os investimentos

figurativos e temáticos potencializam o sujeito da enunciação de um estilo. Em decorrência disso, para a estudiosa, o estilo pode ser entendido como um percurso do objeto (o enunciado) ao sujeito (da enunciação).

Discini articula o conceito de *éthos* com o de estilo na perspectiva da semiótica discursiva. O estilo assinala “um conjunto de características da expressão e do conteúdo que criam um *éthos*” (DISCINI, 2008, p. 7); o *éthos* é a imagem do autor que objetiva persuadir e fazer crer em seu caráter.

Encarando o estilo como efeito de sentido que constitui o *éthos*, produzido no e pelo discurso, reconhecido pelo fazer interpretativo de um enunciatário, cúmplice de um sujeito da enunciação, para que, juntos, construam um efeito de individuação, propomos analisar as particularidades da construção do caráter do sacerdote homiliasta franciscano, procurando apontar a sua individualidade dentro do contexto dos discursos religiosos. Ressalta-se que, neste trabalho, não pretendemos abordar o estilo do gênero homilia, razão pela qual focalizaremos a apreensão da imagem do padre homiliasta seguidor do carisma de São Francisco de Assis.

Na celebração do 1º Domingo da Páscoa, reconhecemos imagens de sujeitos que acreditam no Mistério da Ressurreição. Para os enunciatários homiliastas franciscanos, o túmulo vazio e o Mistério da Ressurreição constroem os sentidos da fé cristã e manifestam a qualidade infinda de Jesus. Com a Ressurreição, segundo o comentário franciscano, se reconhece o amor de Cristo aos que não tinham voz, como é o caso das mulheres:

E3: (...) os discípulos tinham medo de morrer:: por isso eles ficaram trancados MAS depois que descobriram a verdade anunciada pelas muLHEres... Maria... perceberam que Cristo era a razão de viver:: que aquilo que ele já tinha anunciado era a verdade... como a sua ressurreição... por que Pedro e João que foram ao túmulo não acreditaram nas mulheres? elas falaram a verdade ou não? (LINHAS 5-10) [...] por que não acreditaram nas mulheres? será que as mulheres não falam a verdade sempre?... acontece que no tempo de Jesus as mulheres não tinham toda a dignidade que têm hoje... não é que toda essa dignidade de hoje seja suficiente... no meu modo de pensar vocês mulheres tem a dignidade maior que podem ter... (LINHAS 12-15). (1º Domingo da Páscoa).

A partir desse comentário, identifica-se no discurso franciscano um *éthos* de compaixão e de acolhimento. A disseminação desse caráter também ocorre no comentário do 5º Domingo da Páscoa, quando um dos franciscanos menciona em seu discurso os portadores do vírus da AIDS:

E1: (...) é a única paróquia que tem a pastoral da AIDS no estado do Mato Grosso do Sul... então venha com a gente nós estamos aqui e queremos incentivar para que continue nos pequenos gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... mesmo que não se fala não desista:... os jovens acham que podem tudo que não tem mais esse problema... as pessoas de mais idade também acham que não tem mais problemas e acabam se infectando por esse vírus... consciência e oração... continuemos sempre firmes e perseverantes para sempre renovar a lembrança desse mal que tirou muitas vidas... (LINHAS 63-70). (5º Domingo da Páscoa).

O cultivo da espiritualidade franciscana parece propiciar, nos comentários dos freis enunciadores, um caráter equilibrado e harmonioso disposto a lidar com situações diversas e adversas; identifica-se um desejo de paz associado à ação do bem. Aliado a isso, observa-se que, para esses religiosos, a paz é acolhida como um desejo individual e coletivo que deve ser vigente no seio da comunidade. Em sua orientação, o próprio São Francisco de Assis aconselhava aos que o seguiam: “A paz que desejam aos outros, brote espontânea do coração de vocês”. (RnB 14,2 *apud* TEIXEIRA, 2014, p. 175). Os freis enunciadores apontam que a paz é ressignificada com a Ressureição e torna-se base para o desenvolvimento da missão deixada por Jesus. Em função disso, é possível reconhecer nesses franciscanos um *éthos* pacificador, missionário e comunitário:

E1: (...) os discípulos estavam de portas fechadas por medo... eles estavam com medo dos judeus... então eles estavam ali reunidos de portas fechadas... então Jesus vem se coloca no meio deles... e deseja a paz né? deseja a paz a todos eles que estão ali... e:: o primeiro::... como se diz... o primeiro desejo de Cristo ressuscitado foi a PAZ... depois ele vai desejar mais três vezes a paz nesse encontro que eles tiveram né? ... e ali ele mostra também para os seus discípulos as mãos e o barco... prova que é ele MESMO não é um fantasma mas é o Cristo aquele que foi morto crucificado e que agora está ali ressuscitado... ENTÃO eles se alegraram muito em ver Jesus o Cristo ali no meio deles ressuscitado né?... e ele repetiu “a paz esteja com vocês e eu vos envio para missão”... então Jesus ressuscitado envia os seus apóstolos para a missão... aquela mesma missão que o Pai havia enviado Jesus... (LINHAS 9-19). (2º Domingo da Páscoa).

E3: (...) de modo especial que no dia de hoje Jesus diz... o que ele diz aos apóstolos?
L2: “A paz esteja convosco”
L1: E de novo
L2: “A paz esteja convosco”
L1: E de novo
L2: “A paz esteja convosco”
L1: Mas o que mesmo que ele quer dizer quando ele diz “a paz esteja convosco”? o que mesmo ele está dizendo?

L2: (silêncio)

L1: O que mesmo que ele está dizendo?

L2: (silêncio)

L1: O que mesmo que ele está dizendo? se você... quando alguém deseja a paz para o outro ele está dizendo “olha... o Deus que mora dentro de mim faz a morada também em você em teu coração”... então Jesus diz “O DEUS QUE MORA DENTRO DE MIM FAÇA MORADA:: dentro do coração de vocês”... SE Deus faz morada dentro do coraÇÃO o que acontece com o medo? desaparece temos a certeza de que Deus está dentro de nós... (LINHAS 7-23). (2º Domingo da Páscoa).

Observa-se que a forma de vida franciscana inspira a compreensão da condição humana e o sentido da vida e, diante disso, reconhece-se a construção de um *éthos* comprometido e corajoso, disjunto do medo de anunciar o Evangelho, de quem se sente amado por Deus. Isso é perceptível nos comentários da terceira celebração pascal, na qual E1 e E2 focalizam o comprometimento e a coragem do discípulo Pedro e E3 dá ênfase à partilha e ação do bem, a partir da aceitação do amor divino:

E1: (...) os discípulos porém não o reconhece acharam que era uma pessoa qualquer que estava ali na beira do mar (LINHAS 10-11) [...] foi então que o discípulo amado de Jesus vai dizer “é Jesus é o senhor”... então ele reconhece que é o senhor aquele homem... então a gente vê mais uma vez que quem ama reconhece primeiro... quem ama vê primeiro reconhece a pessoa amada (LINHAS 17-20) [...] Jesus faz essa tríplice pergunta a Pedro “Pedro tu me amas?”... Pedro responde três vezes e fica até constrangido porque ele insiste nessa/nesse refrão aí “Pedro tu me amas?”... certamente Jesus com essa pergunta dá uma responsabilidade muito grande a Pedro... de apascentar seu rebanho as ovelhas apascentar o cordeiro... é uma responsabilidade muito grande que ele vai dar a Pedro e ele tem que ter essa certeza se Pedro o ama... porque só quem ama é capaz de fazer e também de enfrentar as dificuldades que ele iria encontrar nessa missão... (LINHAS 30-36). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) a coragem de Pedro que contrasta com o evangelho... ou melhor que contrasta com as três negações de Pedro:... lembra que quando Jesus foi preso... agora de propósito que Jesus pergunta três vezes “tu me amas?” “te amo” “tu me amas?” “te amo” “tu me amas?” “te amo”... Pedro ficou triste... Jesus constrói a igreja sobre a fragilidade de Pedro ... (LINHAS 18-22). (3º Domingo da Páscoa).

E3: (...) quem se descobre profundamente amado por Deus vai amar com intensidade... é o que aconteceu com os apóstolos... eles se sentiram profundamente amados por Deus através de Jesus Cristo o ressuscitado que não tem medo de ninguém e de nada... então somente quem se sente amado por Deus vai poder amar vai poder partilhar vai fazer o bem gratuitamente:: (LINHAS 28-32). (3º Domingo da Páscoa).

Esse amor divino é a base para a experiência franciscana e, diante dele, manifesta-se a imagem de religiosos com caráter missionário e justo, pois, na compreensão franciscana, a justiça está relacionada à prática do bem e se manifesta nas relações interpessoais, segundo Teixeira (2014).

No contexto litúrgico do 4º Domingo da Páscoa, é possível depreender o caráter altruísta e ativo dos enunciadores franciscanos em relação ao compromisso com o próximo. Com a figura da ovelha e do Bom pastor, reconhecemos nesses religiosos a prática do anúncio como uma realização dinâmica e de doação, uma vez que “a forma de vida religiosa de estar com as pessoas, como propõe Francisco de Assis, resulta de sua maneira de compreender o evangelho e de acolhê-lo como norma de vida”, conforme ressalta Rupolo (2009, p. 11). Também é possível depreender a imagem de um ser conhecedor da universalidade de Cristo, que apresenta uma proposta válida em toda parte de amor e de fraternidade no seio da comunidade:

E1: (...) o cordeiro será nosso pastor que nos conDUZ às fontes da (árdua) vida... “Deus enxugará todas as nossas lágrimas todos os nossos prantos”... então queridos irmãos e irmãs que nós possamos viver nosso Batismo sermos BONS pastores buscar as ovelhas para nossa comunidade... (LINHAS 88-91). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) colocamos Cristo e ele é NOSSO messias o NOSSO enviado de Deus o NOSSO ungido de Deus aquele que veio e morreu na cruz para nos trazer a sal-va-ção... (LINHAS 60-62). (4º Domingo da Páscoa).

Salienta-se ainda que, no comentário de E3, é perceptível a imagem de um ser reconhecedor da competência de pastorear do atual chefe da Igreja Católica, o Papa Francisco. Reconhecemos, a partir disso, a construção de um *éthos* que se regozija no respeito e na estima pela figura dessa autoridade evangélica:

E3: (...) hoje recordamos o dia dedicado ao pastor dos pastores na pessoa do Papa Francisco... e ao meu modo de ver e por aquilo que conheço nunca tivemos um/um papa tão iluminado tão inteligente tão humilde tão sincero naquilo que ele diz e TÃO caTivante:: junto de toda comunidade... nunca ouvi falar de um papa que tivesse tantos dons TANTAS qualidades numa só pessoa... tanto que ele é MUITO::: mais estimado fora da igreja caTÓlica::: do que dentro da igreja católica... (LINHAS 50-55). (4º Domingo da Páscoa).

Nesse percurso de demonstração do *éthos* franciscano, nota-se que, no conjunto de enunciados homiléticos destinados ao comentário do novo mandamento instaurado com Jesus Ressuscitado, os homilistas freis capuchinhos apontam o amor como a renovação da vida e, sobretudo, como a base da identidade cristã, colocando em destaque um caráter responsável por garantir a vivência e a prática desse sentimento:

E2: (...) se não somos capazes disso nós estamos traindo a nossa identidade cristã... e estaremos longe do reino dos céus de construirmos aqui nesse mundo o novo céu e a nova terra... (LINHAS 55-57). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a carTEIra de identidade a marca é... justamente o amor:: aos irmãos... somente o AMOR um para com outro revelará o verdadeiro agir:: cristão... se nós de fato estamos agindo como cristãos... o revelamos na ocorrência de nosso testemunho... (LINHAS 25-28). (5º Domingo da Páscoa).

Aliado a isso, encontra-se a presença de um *éthos* de compaixão, em que se reconhece a abrangência do amor de Jesus, a qual se estende até mesmo aos próprios inimigos. Assim, reforça-se que esse sentimento não deve ser seletivo, pois deve configurar-se como o exemplo maior da doação da vida:

E2: (...) como Jesus nos amou? se doando dando a sua vida por nós... esse é o mandamento novo ser capaz de dar a vida... ser capaz de amar até os próprio inimigos:: de dar a outra face... um amor incondicional... então esse é o mandamento novo... nisso consiste essa novidade desse mandamento amar uns aos outros da maneira que Jesus nos amou... (LINHAS 42-46). (5º Domingo da Páscoa).

Na perspectiva dos enunciadores do carisma franciscano, os valores do mandamento do amor fazem reconhecer o caráter fraternal e solícito dos sacerdotes que pertencem à Ordem de Francisco:

E1: (...) Jesus nesse evangelho de hoje centro da nossa meditação dá continuidade ao serviço que nos é importante na vida comunitária... servir uns aos outros e não coloca-se em atitude de superioridade que precisa e QUER ser servido como rei e seus escravos... (LINHAS 5-8) [...] Jesus nos dá acima de tudo a partir dos discípulos um mandamento novo... segundo Jesus é o AMOR... “amai uns aos outros”... Jesus a partir do testemunho de seu amor pelos discípulos... vai se doar se oferecer aceitar ser morto:: por amor:: ... (LINHAS 22-25). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) como Jesus nos amou? se doando dando a sua vida por nós... esse é o mandamento novo ser capaz de dar a vida... ser capaz de amar

até os próprios inimigos:: de dar a outra face... um amor incondicional... então esse é o mandamento novo... nisso consiste essa novidade desse mandamento amar uns aos outros da maneira que Jesus nos amou... (LINHAS 42-46). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) este amor... supõe a entrega total... em serviço... em doação à Deus e ao próximo... principalmente aos mais necessitados... (LINHAS 3-4). (5º Domingo da Páscoa).

Nos escritos de São Francisco, o trabalho é uma graça divina: “Os irmãos, a quem Deus deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção” (2RB 51 apud TEIXEIRA, 2004, p. 161). Para o religioso, a fraternidade constitui-se como um compromisso a ser seguido na construção do cotidiano da comunidade.

Reconhecendo o Espírito Santo como o guia que conduzirá os discípulos de Jesus na nova era da comunidade cristã, os enunciadores franciscanos deixam manifestar, em suas totalidades discursivas, um *éthos* atualizador das promessas de Cristo vivo, recordado todas as vezes em que se celebra o Rito da Eucaristia. A apreensão dessa imagem ocorre, em especial, nas celebrações do 6º e 7º Domingo da Páscoa:

E2: (...) Jesus nos promete o Espírito Santo na função de... primeiro recordar o que o próprio Jesus nos ensinou... segundo ensinarmos o que ainda não sabemos... e esse ensinamento e esse recordar nos faz aprendermos cada vez mais o caminho... e a Palavra de Deus se torna atual pela ação do Espírito Santo... assim podemos ler e ouvir muitas vezes a mesma Palavra e por vezes não entendemos ou não modificamos nada em nós por outros momentos ela pode ser definitiva ela pode ser importante:: para resgatar em nós a confiança e motivação de viver:... por isso a Palavra de Deus é atualizada renovada pelo Espírito Santo em nós... (LINHAS 37-44). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) é a herança que nós recebemos de Jesus... por isso que no final da celebração no final do encontro ele fez a despedida ele disse “faça isso em memória de MIM” é isso que nós fazemos quando celebramos a Eucaristia é isto que estamos fazendo agora... recordamos a Memória trazemos para o hoje... (LINHAS 13-16) [...] a função do Espírito Santo é ensinar e recordar tudo aquilo que Jesus tinha dito:: ... (LINHAS 29-30). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) hoje a Memória... nós... atualizamos e celebramos todas as vezes que celebramos a Eucaristia... toda vez que celebramos a Eucaristia fazemos/recordamos não é só recordar é atualizar aquilo que aconteceu através de um RITO:: por isso nós trazemos para hoje a vida a Morte a Paixão a Ressurreição de Jesus... onde é que se atualiza a vida a Paixão a Morte e Ressurreição de Jesus? a VIDA doa-se aos sofrimentos da cruz e à igreja e à comunidade que está participando... por isso que aquilo que Jesus viveu se atualiza nos dias de hoje na comunidade celebrante:: que somos todos nós... celebrando a Eucaristia

isto É fazendo memória daquilo que Jesus viveu... (LINHAS 4-12). (7º Domingo da Páscoa).

Com a solenidade de Pentecostes, o homilista franciscano reconhece o cumprimento das promessas de Cristo e a inauguração de uma nova era para a Igreja. No conjunto dos comentários dessa celebração, é possível depreender um *éthos* instruído e ciente da unidade cristã promovida com a descida do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus:

E2: (...) somos portanto:: chamados a sermos reconciliaDOres... a fim de que... cessem o ódio a injustiça o abuso a corrupção moral a corrupção política a TUDO isso somos chamados a nos esforçar como Jesus o FEZ... a missão de Cristo é reconciliar:: (LINHAS 24-26) [...] Pentecostes reúne a todos... exatamente ao contrário da Torre de Babel... na Torre de Babel ninguém se entendia... na Torre de Babel houve confusão... em Pentecostes é exatamente o contrário houve entendimento:: todos se entediam... mesmo sendo de nações diferentes:: com a presença do Espírito Santo são superadas todas as dificuldades de entendimento:: por quê? é o Espírito Santo que nos faz nos fortalece nos orienta nos anima nos une promove a unidade que promove o amor que promove a paz... (LINHAS 37-43). (8º Domingo da Páscoa).

Na totalidade discursiva dos comentários dos freis capuchinhos, é possível também depreender um *éthos* alegre, o qual realça o valor da alegria franciscana. São Francisco recomendava aos irmãos “viverem alegres, como pessoas satisfeitas e amáveis” (RNB 7, 15 apud TEIXEIRA 2004, p. 171). Esse sentimento, segundo a espiritualidade de Francisco, deve ser espontâneo e se manifestar no convívio simples com as pessoas:

E1: Este é o dia que o senhor fez para nós... alegremos e nele exultemos... a alegria de reviver esse Mistério pascal... mais um ano nós celebramos a Ressurreição do senhor:: ... (LINHAS 1-2) (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus Cristo quer que ninguém fique sentindo dor das feridas... dos sofrimentos... ele quer o sentido absoluto da vida... vida que é remédio que tira a dor... para nós hoje é dia de festa é dia de ALEGRIA precisamos participar dessa festa... dia que renovamos também o nosso Batismo... através da aspersão da água... (LINHAS 51-54) [...] alegremos também pelas crianças que serão batizadas novos filhos e filhas de Deus... que através do Batismo e da Páscoa traz essa alegria da vida nova::... (LINHAS 66-68). (1º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a alegria É tão grande que no primeiro momento eles ficam trancados com medo... também tem medo de morrer... (LINHAS 3-5) [...] os discípulos tinham medo de morrer:: ... (LINHAS 5-6). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) é hoje a nossa vitória que precisamos viver e precisamos ser sinais... sinais da presença de Deus daqueles que acreditam nos fatos... somos motivados para os caminhos de Deus para viver a alegria... nós não fomos chamados para viver a tristeza mas a alegria do ressuscitado... então confiamos naquele que foi ao Pai e com ele fazemos o caminho ao Pai e quando ele nos chamar estejamos preparados e que possa acontecer a grande festa anunciada pelo profeta Isaías... (LINHAS 50-55). (7º Domingo da Páscoa).

Com uma linguagem fácil e com um estilo simplista de se apresentar diante de seus enunciatários, o homilista franciscano constrói uma imagem de um ser que busca proximidade com seu ouvinte, que não se coloca em posição superior e, acima de tudo, pretende atualizar o valor da narrativa bíblica. Observa-se que o caráter de proximidade com seu ouvinte se apresenta com maior intensidade e isso se manifesta, de modo particular, no emprego da forma de tratamento irmão/irmão, um dos principais modos de se constituir o vocativo apresentado nos comentários:

E1: (...) mais um ano nós celebramos a Ressurreição do senhor:: que deve a cada ano que se celebra deve transformar a nossa vida:... devemos busCAR sermos pessoas melhores... respeitando os outros... nos unindo vivendo como **irmãos**... é o que Jesus na sua vida sempre quis que nós como discípulos vivêssemos como **irmãos**... (LINHAS 2-5). (1º Domingo da Páscoa).

E2: (...) nós como comunidade acolhemos essas crianças para que elas sejam **irmãos** e **irmãs** nossos... (LINHAS 68-69). (1º Domingo da Páscoa).

E1: Queridos **irmãos**... queridas **irmãs**... hoje celebramos o segundo domingo do tempo pascal... (LINHAS 1-2). (2º Domingo da Páscoa).

E1: Queridos **irmãos** e **irmãs** estamos hoje já celebrando o terceiro domingo do tempo da Páscoa... (LINHAS 1-2) [...] então queridas **irmãs** e **irmãos** que o Cristo ressuscitado permaneça em nosso caminho nos dê força e coragem na nossa missão como cristãos para enfrentarmos os desafios que muitas vezes encontramos em nossa caminhada diária... (LINHAS 48-50) (3º Domingo da Páscoa).

E1: Queridos **irmãos**...queridas **irmãs**...hoje...com muita alegria...nós já antecipamos... né?...o dia de amanhã...celebrando esse quarto domingo do tempo da Páscoa segundo domingo também do mês de maio nós já antecipamos celebrando o dia de nossas queridas mães... (LINHAS 1-4) [...] então queridos **irmãos** e **irmãs** que nós possamos viver nosso Batismo sermos BONS pastores buscar as ovelhas para nossa comunidade... (LINHAS 89-91). (4º Domingo da Páscoa).

E1: **Irmãos** e **irmãs** no quinto domingo pascal depois da grande festa da padroeira:: somos chamados ainda a continuar o nosso caminho

espiritual porque sempre precisa ser refeito... (LINHAS 1-3). (5º Domingo da Páscoa).

E2: Queridos **irmãos** queridas **irmãs** hoje celebramos o quinto domingo do tempo da Páscoa... parece que o tempo está passando mais rápido (LINHAS 1-2) [...] então queridos **irmãos** e queridas **irmãs** que Jesus nos ajude na capacidade de amar... (LINHAS 60-61). (5º Domingo da Páscoa).

E3: Meus **irmãos** e minhas **irmãs** celebramos hoje o domingo do mandamento novo:... o mandamento do amor:: ... (LINHAS 1-2). (5º Domingo da Páscoa).

E1: Caríssimos **irmãos** e **irmãs**... já há alguns dias... nós... estamos escutando no evangelho... Jesus preparando os seus discípulos e no evangelho de São João começa aí uma despedida... (LINHAS 1-3). (6º Domingo da Páscoa).

E2: **Irmãos** e **irmãs** nesse sexto domingo pascal... somos chamados a dar um passo a mais na/no aprofundamento da nossa fé no ressuscitado:: ... (LINHAS 1-2). (6º Domingo da Páscoa).

E3: Meus **irmãos** e minhas **irmãs**... como comunidade cristã... nós nos reunimos... para celebrar... o memorial... a Memória... a Morte e Ressurreição de Jesus... (LINHAS 1-2). (6º Domingo da Páscoa).

E1: Caríssimos **irmãos** e **irmãs**... celebramos a Ascensão do senhor... essa subida de Jesus Cristo para junto do Pai... (LINHAS 1-2) [...] então neste momento **irmãos** e **irmãs** peço um instante de silêncio para que nós possamos nesse silêncio aproveitar e rezar por todos aqueles que contribuíram na nossa fé cristã... (LINHAS 46-48). (7º Domingo da Páscoa).

E2: **Irmãos** e **irmãs** estamos celebrando a festa de Ascensão do senhor:: ... (LINHA 1). (7º Domingo da Páscoa).

E3: Meus **irmãos** minhas **irmãs**... neste domingo... fazemos memória da subida de Jesus para o céu:: ... (LINHAS 1-2). (7º Domingo da Páscoa).

A partir desses exemplos, torna-se possível depreender a imagem fraternal e de irmandade dos membros da família franciscana. Na proposta de Francisco, a fraternidade está na compreensão de que Deus é Pai e os seres terrenos são seus filhos, assim, todos devem ser tratados como irmãos. Segundo Rupolo (2009, p. 11), a fraternidade franciscana é uma forma relacional e afetiva entre as pessoas em seu ambiente familiar, de trabalho e na sociedade. Por meio desse ideal, o religioso italiano cria uma nova dinâmica de relação: a irmandade; a forma de vida religiosa de estar com as pessoas, como propõe Francisco de Assis, resulta de sua maneira de compreender o Evangelho e de acolhê-lo como norma de vida. O tratamento de Francisco de Assis aos seus seguidores

é de irmão (*frater!*). Em suas fontes, encontramos recomendações para a vivência dessa irmandade: “Todos se chamem irmãos ou frades menores” (RnB Cap. VI, 2004, p. 170); “Quero que se mostrem filhos de uma mesma mãe (...) Os livros e outras coisas sejam comuns entre eles sem que ninguém faça violência ao outro para arrebatá-los” (II CEL 180, 2004, p. 412-413).

De modo panorâmico, a partir da totalidade discursiva dos homilistas freis capuchinhos, torna-se possível construir a imagem de um *éthos* responsável pela transmissão dos valores da Palavra e comprometido com a construção da identidade cristã; como portadores do Evangelho, deixam manifestar a imagem de seres de compaixão, instruídos e cientes da unidade da Igreja de Cristo. Encontramos, sobretudo, um *éthos* atualizador da narrativa bíblica mediante um estilo simples e acessível de se expressar, o qual preza pela proximidade com seus enunciatários.

Observa-se ainda que, por meio do simulacro dos enunciadores homilistas seguidores de Francisco, constata-se a projeção de um *éthos* cuja voz fala em defesa do acolhimento, da fraternidade, da doação ao próximo. Dotado de convicções, de exortações ético-religiosas, o *éthos* dos seguidores de São Francisco de Assis, como efeito e sentido de uma totalidade enunciada, permite pensarmos na imagem de *éthos* que pretende defender e difundir as bases de uma vida em irmandade, acolhendo a todos sem distinção, como fizera Francisco. Além disso, deixa evidenciar um *éthos* de um homem de vivências marcado por um estilo fraternal e caridoso.

Diante dessas considerações, no próximo tópico, abordaremos a relação de veridicção estabelecida pelo *éthos* do homilista franciscano, a fim de verificarmos como esse enunciatário religioso coloca-se como responsável pelos valores do discurso e leva o seu enunciatário a crer e a fazer, a partir do comentário da homilia.

3.2.1 O ser e o parecer ser verdadeiro do *éthos* do homilista franciscano

Na busca por uma possível identidade do homilista seguidor de São Francisco, podemos, ao longo da pesquisa, reconhecer que esse religioso traz consigo traços que marcam a sua imagem e suas práticas discursivas no cenário religioso, conferindo-lhe um caráter próprio para interpretar o mundo e agir sobre ele. Por meio de alguns elementos da identidade franciscana, os quais já mencionamos no primeiro capítulo do trabalho e têm sido retomados na etapa das análises da pesquisa, torna-se possível reconhecer um *éthos* dotado de carisma fraternal, que busca, a partir de seu discurso, atualizar a narrativa

bíblica no seio da comunidade celebrativa. Movido pela ânsia de uma Igreja sem desigualdade, promotora da paz cristã e do acolhimento, o homilista franciscano é marcado por um estilo modesto, procurando proximidade com o seu enunciatário e com o espaço em que profere o seu discurso.

Para que possamos compreender, dentro do contexto da celebração litúrgica, a relação entre o *éthos* do homilista seguidor do carisma de São Francisco e seus enunciatários, é necessário refletirmos sobre o estatuto veridictório do discurso desses religiosos, a fim de analisarmos os traços que contribuem para a construção da verdade do fazer-intepretativo e da identidade desses enunciadores.

Sabe-se que enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação e, no seio da cena enunciativa, cumprem os papéis actanciais de destinador e destinatário do objeto-discurso. Para apreender o fazer persuasivo do enunciador e o interpretativo do enunciatário, é preciso recorrer à investigação da totalidade discursiva em todas as instâncias propostas.

No nível das estruturas discursivas, as relações entre enunciador e enunciatário se expõem e são apreendidas com maior facilidade. Em função disso, nesse patamar, torna-se possível identificar o que determina o estatuto veridictório do discurso, ou seja, como se estabelece o contrato de veridicção entre os sujeitos da enunciação. Conforme a explicação de Barros (2001),

O contrato de veridicção determina as condições para o discurso ser considerado verdadeiro, falso, mentiroso ou secreto, ou seja, estabelece os parâmetros, a partir dos quais o enunciatário pode reconhecer as marcas da veridicção que, como um dispositivo veridictório, permeiam o discurso. A interpretação depende, assim, da aceitação do contrato fiduciário e, sem dúvida, da persuasão do enunciador, para que o enunciatário encontre as marcas de veridicção do discurso e as compare com seus conhecimentos e convicções, decorrentes de outros contratos de veridicção, e creia, isto é, assuma as posições cognitivas formuladas pelo enunciador. (BARROS, 2001, p. 93).

A veridicção deve ser definida como o modo do dizer verdadeiro de um discurso. Na perspectiva semiótica, essa noção se constitui por meio das modulações das categorias do ser e do parecer e é estabelecida pelo contrato de fidúcia, construído a partir da coordenação de mecanismos epistêmicos instalados tanto para o enunciador quanto o enunciatário. Sobre a veridicção discursiva, Greimas e Courtés (2018, p. 531) ressaltam que não é possível imaginar que o enunciador produza discursos verdadeiros, mas que enunciem discursos que produzem um efeito de sentido de “verdade”; nesse sentido, “a

produção da verdade corresponde ao exercício de uma fazer cognitivo particular, de um fazer parecer verdadeiro que se pode chamar, sem nenhuma pejorativa, de fazer persuasivo”.

Segundo Greimas e Courtés (2018, p. 533), a categoria da veridicção é constituída pela colocação em relação de dois esquemas: “o esquema *parecer/não parecer*, chamado de manifestação, e o esquema do *ser/não ser*, de imanência. Entre essas duas dimensões da existência ocorre o ‘jogo da verdade’ ”. Essas marcas são modalizações das categorias do *ser* e do *parecer* e encontram-se projetadas no quadrado semiótico:



Figura 3 – Quadrado semiótico da veridicção

Face a tais considerações sobre a veridicção, podemos dizer que, na construção da totalidade discursiva do *éthos* do homiliasta franciscano, é possível identificar determinados procedimentos discursivos que contribuem para produzir um efeito de verdade sobre os valores que desejam compartilhar com os fiéis ouvintes. No contexto do conjunto de enunciados proferidos no Tempo Pascal, observa-se que o fazer-interpretativo dos freis franciscanos mobiliza os seus enunciatários à medida que, ao comentar a narrativa de Cristo ressuscitado, qualifica Jesus como o principal objeto da fé cristã, como aquele que se faz presente a todo tempo e que não abandonará a humanidade em nenhum momento.

Nessa percepção sobre o parecer ser verdadeiro discursivo, os homiliastas franciscanos determinam a veridicção do seu enunciado, sobretudo, por meio dos investimentos temáticos e figurativos de seus comentários, os quais parecem reafirmar e materializar a realidade e os valores sobre o Mistério da Ressurreição propugnados pela axiologia religiosa católica.

Ao observarmos o conjunto de enunciados do ser franciscanos, o contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário se dá a partir do valor da vida que recebe uma carga figurativa e se manifesta na ação de ter fé, ou seja, de acreditar na Ressurreição de Jesus, na sua vitória sobre a morte. Nesse percurso, os enunciadores franciscanos potencializam seu *saber* sobre a narrativa bíblica e passam a qualificar Jesus como um sujeito competente para agir e ensinar aos discípulos a missão de perdoar e anunciar a paz e a Palavra. Conforme a construção da imagem do homilista franciscano se desenvolve no discurso, o fazer persuasivo desse enunciador se caracteriza pelo *fazer-criar* na realização do plano divino de salvação, na ação do Espírito Santo por intermédio dos discípulos, na salvação da humanidade e no triunfo dos ideais do cristianismo.

Ao interpretar o enunciado bíblico que tomam por objeto, os enunciadores franciscanos buscam transmitir um *saber* que se pretende verdadeiro para alcançar a aceitação de seus ouvintes. Verifica-se que, em alguns comentários, o processo de construção da veridicção acontece com a enunciação de verdades eternas, calcadas no texto e na tradição bíblica, recorrendo ao emprego do presente omnitemporal, a fim de se ressaltar a perpetuação dos ideais cristãos:

E2: (...) Deus é Pai (LINHAS 9-10) [...]“eu sou o caminho a verdade e a vida... eu sou a luz e quem me segue não andarás nas trevas” (LINHAS 18-19) [...] “se vosso fardo está pesado demais eu vos aliviarei” (LINHA 24) [...] “eis que estou convosco em todos os dias até os fins dos tempos” ... (LINHAS 56-57). (1º Domingo da Páscoa).

E1: (...)“eu sou o alfa e o ômega” que são a primeira e a última letras do alfabeto grego... “eu sou o primeiro e o último o alfa e o ômega” ... (LINHAS 61-62). (2ª Domingo da Páscoa).

Nesse processo de simulacro da verdade, nota-se também a presença de várias ocorrências do discurso direto inserindo-se no enunciado, procedimento que parece criar um efeito de realidade e realizar uma justificação daquilo que se manifesta no comentário da homilia, concedendo maior credibilidade ao saber dos enunciados franciscanos, conforme se verifica nos fragmentos seguintes:

E1: (...) ele repetiu “a paz esteja com vocês e eu vos envio para missão” (LINHAS 17-18) [...] ele vai dizer “o bom Pai me enviou assim eu também os envio” (LINHAS 20-21) [...] e Jesus vai dizer “você acreditou porque viu feliz ou bem-aventurados aqueles que acreditaram sem ter visto”.... (LINHAS 44-45). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus ressuscitado é motivo de esperança e de alegria... por isso ele mesmo disse “eu sou o primeiro e o último o vivente estive morto MAS eis que vivo pelo século dos séculos... eu tenho a chave da morte” ... (LINHAS 27-29). (2º Domingo da Páscoa).

E1: (...) foi então que o discípulo amado de Jesus vai dizer “é Jesus é o senhor”... (LINHAS 17-18). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) hoje Jesus o estabelece como o coordenador do mundo:: por isso em outro momento ele diz “tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja::”... (LINHAS 23-24). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus anunciou “ide a todos os povos batizados em nome do Pai do Filho e do Espírito santo”... (LINHAS 53-54). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Jesus ensina aos seus discípulos que é enfrentando o sofrimento que chegamos à glorificação por isso ele vai dizer “aGora eu vou ser glorificado o Pai me glorificará”... (LINHAS 33-35). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a sexta-feira santa no sábado no domingo da ressurreição... então Jesus antecipa/Jesus se despede e antecipa através de um rito que é o Rito da Eucaristia... aquilo que iria acontecer com ele e diz “faizei isso em memória de mim”... (LINHAS 9-12). (5º Domingo da Páscoa).

E1: (...) Jesus também diz o seguinte “eu e o Pai somos um”... (LINHA 46). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a boa notícia é que Deus mandou ao seu filho para que ele possa nos trazer a salvação... por isso o filho diz “eu cumpro a vontade do Pai eu faço aquilo que o Pai me manda e o Pai quis que eu entregasse a vida pela causa e eu fiz”... (LINHAS 22-25). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) Jesus disse “eu ressuscitado estarei presente na vida de vocês através do Espírito Santo ensinando aquilo que vocês não aprenderam aprofundando ou até ensinando outras coisas através da ação do Espírito Santo”... (LINHAS 29-32). (7º Domingo da Páscoa).

E1: (...) ele mesmo disse “eis que estou convosco em todos os dias até os fins dos tempos”... (LINHAS 39-40). (8º Domingo da Páscoa).

Ao julgar o discurso do homiliasta franciscano como verdade, os enunciatários se movem no quadro epistêmico da probabilidade para a certeza. O *saber* e/ou *dever* comunicados são estabelecidos a partir das crenças dos enunciatários cristãos. A performance e a competência do sujeito homiliasta franciscano é mobilizada, em especial, pela exploração de seu *saber* sobre a teologia e a vivência cristã, que se apresenta nos momentos de explicação dos contextos litúrgicos e nas exposições sobre o significado de termos recorrentes nos enunciados bíblicos:

E2: (...) durante o tempo pascal que começou domingo passado e vai até o domingo de Pentecostes... somente no tempo pascal... a primeira leitura também é do novo testamento... durante o ano a primeira leitura é do antigo testamento e a segunda do novo testamento... (LINHAS 33-36). (2º Domingo da Páscoa).

E2: (...) quando o evangelho de João foi escrito lá pelo ano de 90... foi o último a ser escrito dos evangelhos... a comunidade cristã estava sendo perseguida forteMENTe::: (LINHAS 16-17) [...] o que é um rito? algo que se repete... nós temos o rito da missa... não começamos a missa de trás pra frente é um esquema... isto significa riTO:: (LINHAS 42-44) [...] a palavra senhor:: na bíblia sempre significa o ressuscitado... sempre que se fala de senhor fala de Jesus ressuscitado... (LINHAS 57-58). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) aliás a religião cristã das grandes religiões... é a única que é UNIVERSAL aliás a palavra caTÓlico que dizer universal... (LINHAS 49-51). (4º Domingo da Páscoa).

E1: (...) no grego vai dizer que é o paRÁclito:: o paráclito é aquele que cuida que é o nosso guia... (LINHAS 5-6). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) trinta e três... trinta e cinco... tem dúvidas ainda sobre o ano... historicamente dizem... a gente fala que Jesus morreu aos trinta e três anos... MAS tem documento aí dizendo que ele teria nascido dois anos antes... então teria morrido com trinta e cinco... a história fala trinta e três ou trinta e cinco... (LINHAS 64-67) [...] eu estava olhando hoje em uma página lá... foram vinte e dois concílios que teve a igreja... as vezes ficava cem anos duzentos trezentos anos sem... outras vezes aconteciam logo em seguida porque o concílio não conseguia terminar determinados assuntos e assim reuniam novamente em dois dez quinze anos depois mas enfim foram vinte e dois... esse de Jerusalém foi o primeiro e o concílio do vaticano segundo que aconteceu de sessenta e dois a sessenta e cinco foram os papas que foram canonizados a pouco tempo... João vinte e três que é agora São João vinte e três e o papa São Paulo sexto... que coordenaram o concílio... de sessenta e dois a sessenta e cinco... que promulgou coisas importantes... inclusive a missa celebrada em vernáculo isto é na língua do povo... por muito tempo celebrava-se em latim sem o povo entender nada:: agora o povo entende o que se fala... (LINHAS 73-83). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) na verdade a festa da Ascensão do senhor deveria ser/é celebrada no quadragésimo dia após a Páscoa quarenta dias depois da Páscoa... como aqui no Brasil não é feriado... a gente celebra no Brasil no dia seguinte que seria hoje o sétimo domingo da páscoa... no lugar do sétimo domingo nós celebramos a Ascensão do senhor... (LINHAS 21-25). (7º Domingo da Páscoa).

E2: (...) Pentecostes... era a festa judaica que celebrava/que era celebrada cinquenta:: dias depois da Páscoa:: também era chamada de festa das semanas ou festa das colheitas::... marcava o início:: da colheita... e era celebrada SETE semanas após a colheita do primeiro feixe... de trigo de cevada... sete semana depois da colheita do primeiro feixe (LINHAS 6-10) [...] isso aos primeiros dias da semana depois os cristãos deram o nome de dies dominica isto é DIA do senhor... a

palavra domingo quer dizer dia do senhor... (LINHAS 15-17). (8º Domingo da Páscoa).

Na busca pelo parecer ser verdadeiro, no contrato com seu enunciatório, o homilista franciscano procura demonstrar a trajetória de Jesus, da sua Ressurreição à sua Ascensão, pretendendo sempre levar o seu ouvinte a crer na experiência da fé e no Mistério da divindade de Cristo. Essa motivação parece ocorrer em vários momentos de retomada e reafirmação dos valores propagados durante a liturgia da Páscoa. Observa-se que os enunciadores fazem uma espécie de contextualização e de rememoração da mensagem a ser enunciada, buscando aproximar a assembleia do contexto litúrgico da celebração e, sobretudo, prepará-la para o momento destinado à atualização da Memória de Cristo, o Rito da Eucaristia:

E1: (...) esse tempo pascal é especificamente sobre o Cristo... a igreja que inicia a sua missão... o espírito santo passa pela igreja:: e faz novas coisas... Jesus nesse evangelho de hoje centro da nossa meditação dá continuidade ao serviço que nos é importante na vida comunitária... servir uns aos outros e não coloca-se em atitude de superioridade... (LINHAS 3-7). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) nesse quinto domingo o tema princIPAL da liturgia dessas leituras que ouvimos é o amor::... não o amor como uma simples recomendação que Jesus nos faz mas o amor:: como um mandamento... (LINHAS 4-6). (5º Domingo da Páscoa).

E1: (...) Caríssimos irmãos e irmãs... já há alguns dias... nós... estamos escutando no evangelho... Jesus preparando os seus discípulos e no evangelho de São João começa aí uma despedida... a despedida de Jesus... (LINHAS 1-3). (6º Domingo da Páscoa).

E2: (...) assim vamos nos preparando para o Pentecoste e no próximo domingo celebraremos a Ascensão do Senhor:: nesses grandes acontecimentos celebrados durante toda a extensão do período pascal... nós reavivamos a FÉ no ressuscITAdo... (LINHAS 10-13). (6º Domingo da Páscoa).

E3: (...) a Ascensão... é chamada de a plenitude da Páscoa... hoje a Memória... nós... atualizamos e celebramos todas as vezes que celebramos a Eucaristia... toda vez que celebramos a Eucaristia fazemos/recordamos não é só recordar é atualizar aquilo que aconteceu através de um RITO:: por isso nós trazemos para hoje a vida a morte a Paixão a Ressurreição de Jesus... (LINHAS 4-8). (7º Domingo da Páscoa).

Na pretensão de um discurso verdadeiro, nota-se que os homilistas, ao manifestarem um caráter reconhecedor das necessidades do próximo e da sociedade como

um todo, abordam em seus comentários questões presentes no cotidiano da comunidade celebrativa, tais como a depressão, a atuação das autoridades brasileiras, os riscos do HIV e a importância do diálogo ecumênico, o que propicia uma maior aproximação entre enunciatador e enunciário. Além disso, todas essas questões são relacionadas ao contexto litúrgico e aparecem com a função criar um efeito de verdade ao comentário da homilia:

E3: (...) a depressão nasce daquele e daquela que não se sente amado acolhido valorizado na sua caminhada... a primeira reação que vai dar é a depressão... todo aquele aquela que não se sente amado protegido... acaba se matando... uma reação natural nos dias de hoje... nunca foi tão necessário o anúncio do reino de Deus NÃO pela Palavra mas pelo testemunho... nunca tivemos tantos recursos como hoje para nos deslocar nos comunicar:: possuir bens... medicina avançou a tecnologia avançou.. um monte de coisa avançaram não é extraordinário? deveríamos vibrar com tantas maravilhas que nós temos nos dias de hoje MAS falta a maravilha mais importante... falta a presença do senhor falta-nos sentir profundamente amados e queridos por Deus... (LINHAS 43-51). (3º Domingo da Páscoa).

E3: (...) por que os judeus ficaram tão magoados? se a notícia era para to::DOS... acontece que eles acreditavam assim como muitas autoridades brasileiras acreditam que somente eles são brasileiros e os outros que se lasQUEM o Brasil É DELES e não de nós... então os judeus acreditavam que... os pobres iam pro inferno as prostitutas iam pro inferno os cobradores de impostos iam pro inferno e QUEM não era JUdeu já estava no inFERno... salvam-se poucos né? que nem as elites brasileiras né... e vem a notícia que é justamente o contrário que diz que o reino de Deus é para os pobres para os humildes para as prostitutas para aqueles e aquelas que vivem na justiça:: aqueles e aquelas que vivem na partilha:: aqueles e aquelas que se colocam nas mãos de Deus... (LINHAS 19-28). (4º Domingo da Páscoa).

E1: (...) hoje queria dar um destaque especial à oração pelas vítimas daquela doença terrível da imunidade... do HIV... que não se fala mais se evita falar isso MAS que ainda está presente na sociedade e que muitas são as vítimas dessa terrível doença... precisamos aprender a não ser aqueles que julgam porque não cabe a nós o julgamento das pessoas se erram se fizeram estripulias ou não... (LINHAS 56-60). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) quantas igrejas cristãs há? tem uma a cada esquina... só que muitas vezes nós confundimos a gente fala assim “minha irmã era católica e mudou de religião” o que ela é “evangélica”... é a mesma coisa... continua cristão mudou de igreja::... nós cristãos há três divisões maiores do cristianismo da religião cristã... igreja:: caTÓlica... religião cristã Igreja evanGÉlica... religião:: cristã igreja ortodoxa::... são os três grupos maiores... agora os evangélicos têm mais de duzentas terminações (LINHAS 71-76) [...] como é que o papa está fazendo? MAS ele está trabalhado muito bem o ecumenismo... recordando aquilo que São Francisco JÁ FEZ... faz quase mil anos que São Francisco foi falar com o sultão... naquele tempo era impossível... e agora quase

quinhentos anos depois o papa recorda o fato e diz “estou aqui... mais um Francisco que está aqui com vocês um já esteve Francisco de Assis”.... (LINHAS 88-93). (7º Domingo da Páscoa).

Vale ressaltar que a interpretação do discurso dependerá da aceitação do contrato fiduciário por parte dos fiéis enunciatários; estes buscarão as marcas de veridicção do discurso e as compararão com seus conhecimentos e convicções, decorrentes de outros contratos. É com base nesse contrato entre enunciador e enunciatário que, cada vez mais, o conceito da divindade de Jesus é incorporado, a partir da mobilização do corpo sensível do enunciador franciscano. Esse homiliasta sensibiliza e modaliza o enunciatário, entendido como um corpo que sente e faz emergir o sentido da nova era que se inicia com a Ressurreição de Cristo.

Para Cardoso (2017, p.17), “a mobilização do corpo sensível pode ser homologada como o elemento que promove a emergência do sentido no discurso, em particular, no discurso religioso”. No caso do *éthos* do homiliasta franciscano, observamos um corpo actorial que pode ser mobilizado diante do enunciatário não somente pelo aspecto do *crer*, mas também pelo do *fazer*, ou seja, do colocar em prática os preceitos cristãos da fé, da fraternidade e da irmandade:

E2: (...) muitas vezes o nosso modo de agir nesse mundo... se parece um pouco com o modo de agir e de pensar dos discípulos vamos preambulando nas escuridões da vida... sem nos encontrar com a luz do ressuscitado... por isso nós nos perdemos porque não vamos ao encontro do ressuscitado::... não vamos em busca do ressuscitado... quando temos fé no ressuscitado nosso serviço é facilitado... nossa vida é facilitada.. para vivermos como cristãos precisamos portanto... ter a coragem dos apóstolos... (LINHAS 74-79). (3º Domingo da Páscoa).

E2: (...) precisamos construir nesse mundo o novo céu e a nova terra promovendo justiça paz e enxugar as lágrimas dos que sofrem... irmos ao encontro dos que estão excluídos dos que sofrem só assim estaremos ajudando a construir esse novo céu e essa nova terra... então queridos irmãos e queridas irmãs que Jesus nos ajude na capacidade de amar... (LINHAS 57-61). (5º Domingo da Páscoa).

E2: (...) busquemos a cada dia a nossa Ressurreição enquanto seres humanos no mundo queremos crer verdadeiramente que o senhor prepara e acompanha o nosso caminho:: ao lado do Pai... essa confiança de Jesus com o Pai revelada através dessas afirmações que ele faz com os discípulos é o que nos motiva:: a perseverar:: na FÉ... e é importante estarmos bem preparados nessa perseverança:: nesse seguimento de Jesus que vai ao Pai para podermos ter forças para enfrentar os desafios de cada dia... (LINHAS 13-18). (6º Domingo da Páscoa).

Tanto para os enunciadores quanto para os enunciatários, no processo de veridicção do comentário da homilia, o mundo e a presença divina são fundamentos para a emergência do sentido da Palavra atualizada. Ao analisar o *éthos* do enunciador homiliasta franciscano, na qualidade de ator da enunciação, ele se constitui como um sujeito que busca, por um lado, levar os fiéis ouvintes a *querer-fazer* a missão proposta por Cristo e, por outro, conceder a eles as modalizações cognitivas necessárias para tanto.

No campo sensível, nota-se que o enunciador franciscano estrutura seu comentário pela organização dos elementos da realidade dos ouvintes e, desse modo, direciona-os rumo à percepção da universalidade do pastoreio de Cristo, do fazer-memória cristão e da atualização do anúncio do Evangelho e da fé no seio da comunidade celebrativa:

E2: (...) colocamos Cristo e ele é NOSSO messias o NOSSO enviado de deus o NOSSO ungido de Deus aquele que veio e morreu na cruz para nos trazer a sal-va-ção... portanto é nos testemunhos de seus discípulos... que Jesus continua a SER... o BOM pastor e continua a SER... anunciado a TODOS os povos... JESUS o BOM pastor CONDUZ as ovelhas para Deus... e esse pastoreio é feito HOJE por toda igreja Jesus transmitiu isso para toda igreja... (LINHAS 60-65). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) todas as vezes que nós queremos recordar de Jesus mais autêntico e completo é na celebração da Eucaristia (LINHAS 12-13) [...] nós como igreja temos a tarefa de construir uma comunidade de IRMÃOS... essa é a nossa tarefa... precisamos construir uma comunidade de amor:: ... (LINHAS 34-35). (5º Domingo da Páscoa).

E1: (...) o desafio é como hoje vamos nos adequar vamos nos posicionar:: para dar uma resposta a esse desafio e pensar em que testemunho devemos dar para as novas gerações... a FÉ não deve desaparecer:: a FÉ é o que nos sustenta:: nos dá a dinâmica da vida e da história e sempre a meta é a que o Espírito Santo nos leve ao Pai... ele que está no mundo para fazer as coisas ele que conduz a igreja... é o templo do Espírito Santo... (LINHAS 72-83). (8º Domingo da Páscoa).

Considerando, especificamente, a totalidade discursiva dos comentários da homilia franciscana, verifica-se que, no estabelecimento do contrato de veridicção, o religioso operacionaliza duas categorias de performance que buscam construir um *éthos* de um ser de vivências e de saberes: o fazer comunicativo ou persuasivo, no qual o comentário opera com a transmissão de um saber que se pretende como a verdade (*fazer-saber*); e um fazer interpretativo, no qual o “comentário interpreta a narrativa que toma por objeto” (Panier, 1986, p. 268).

As noções de modo de presença relativas ao enunciador homiliasta franciscano levantam a questão da modulação tensiva do espaço, o qual é ocupado pelo corpo sensível desse sujeito religioso durante a enunciação da homilia. A partir das evidências das marcas enunciativas da totalidade discursiva em análise, é possível inferir que o corpo actorial do enunciador franciscano, no momento da homilia, se movimenta sob o parâmetro da tonicidade da proximidade com seus ouvintes. Isto ocorre no momento em que os freis, no interior da igreja, deixam o presbitério, espaço de sacralidade, e seguem em direção aos fiéis dispostos na nave, ambiente mais amplo do templo e com menor sacralidade, e lá promovem uma espécie de diálogo com a assembleia, conforme se pode verificar nos fragmentos a seguir:

E3: L1: (...) qual é a missão que deu aos apóstolos no evangelho?
L2: Anunciar o evangelho
L1: No evangelho de hoje...
L2: O Pai enviou...
L1: “Como o Pai me enviou também os envio” qual é a missão?
L2: (silêncio)
L1: Qual a missão?
L2: Ide evangelizar
L1: Então no evangelho de hoje... “como o Pai me enviou eu também os envio:::” qual é a missão?
L2: Evangelizar
L1: Acho que não li direito...
L2: [perdoar os pecados
L1: [como é que é?
L2: Perdoar os pecados
L1: Perdoai os pecados... na lição de hoje A QUEM vocês perdoarem...
L2: Serão perdoados
L1: QUEM vocês não perdoarem
L2: Não serão perdoados ... (LINHAS 23-42). (2º Domingo da Páscoa).

E3: L1: (...) por que Deus nos ama? porque somos católicos né...
L2: ((risos))
L1: Porque fazemos o bem né?... então por que ele nos ama?
L2: A gente é filho dele... (LINHAS 24-27). (3º Domingo da Páscoa).

E1: L1: (...) todos os domingos nós vamos/temos o encontro marcado às oito e meia aonde?...
L2: Na missa...
L1: Na comunidade?
L2: Santíssima Trindade ... (LINHAS 54-58). (6º Domingo da Páscoa).

E3: L1: (...) por que que eles estão trancados? ((silêncio)) o que que eles estão fazendo LÁ? ((silêncio)) o que eles estão fazendo lá dentro?
L2: Estão com medo...
L1: É isso mesmo... estão cheios de...
L2: Medo...

L1: Mas medo de quem? ou de quê? ou por que? de quem é que eles têm medo? ((silêncio))... eles têm medo de morrer: (LINHAS 4-11) [...]
L1: qual é a tarefa que Jesus concede aos apóstolos?
L2: Reconciliação... perdoar
L1: Mais pra frente... “aqueles que vocês perdoarem os pecados...”
L2: Serão perdoados...
L1: “Aqueles que vocês não perdoarem:: serão retidos” e de quem é a graça de perdoar os pecados?
L2: Padre... (LINHAS 39-45). (8º Domingo da Páscoa).

Esse caráter proximal se revela no espaço tensivo da celebração e faz transparecer o estilo de um *éthos* que se coloca em uma posição de igualdade com seus enunciatários. Ao sair no presbitério, o caráter corporal do homilista franciscano pode ser acentuado pela intensidade de afeto, de proximidade e também pela subjetividade que se evidencia em seu discurso, por meio das incidências do *eu*, nos momentos de relatos de experiências pessoais:

E2: (...) Corinto é ali pertinho de Atenas eu passei dez dias ali em Atenas e Corinto::: uma das poucas férias que eu tive em três anos - - e em Corinto encontrou uma comunidade - - Corinto uma cidade portuária como é o caso de Santos no Brasil - - e lá encontrou gente de todas as espécies de todas as raças gentios pagãos e... encontrou a palavra de Jesus a palavra de Deus anunciada por Paulo e Barnabé encontraram ressonância e ali começou a comunidade de Corinto fizeram várias cartas ali enviadas a Corinto:: ... (LINHAS 41-47). (4º Domingo da Páscoa).

E2: (...) eu fiz uma experiência nas noites em que eu fiquei ali em Jerusalém nós irmos na periferia aguardar os pastores chegando da caminhada do dia com as ovelhas... e eles iam colocando todas as ovelhas juntas todos os pastores colocavam lá e aí um deles ficava cuidando das ovelhas para que não fossem roubadas não aparecesse lobos cachorros etc... de manhã cedo nós íamos esperar o pastor chegar para conduzir o rebanho o pastor chegava dava um grito ou dava uma assoviada as:: ovelhas vinham saindo uma por uma as outras nem se mexiam do lugar que dizer elas conheciam a VOZ do pasTOR elas saíam e uma atrás da outra atrás do pastor... (LINHAS 83-91). (4º Domingo da Páscoa).

E3: (...) eu estava em Roma e foi feito o encontro internacional das igrejas cristãs... o nosso professor de eCuMENismo que organizou... ali ele envolveu nós alunos na preparação desse encontro... eu levei um susto... nós ficamos uma semana suspenderam as aulas nas faculdades e nós formos para o encontro... sabe quantas igrejas presentes tinham?... quantas denominações cristãs tinham?... mais de duzentos e cinquenta... eu levei um susto... “tudo isso?” eu vi as inscrições eu passei uma por uma... mais ou perto de duzentos e cinquenta não tô lembrado... duzentos e cinquenta arredondando... DUZENTOS E CINQUENTA igrejas cristãs... entre elas a católica a maior delas a mais expressiva... imaginem tudo isso (LINHAS 80-88) [...]. eu nasci no Rio Grande do Sul mas moro perto de Chapecó mas quando era pequeno quando fui

para uma cidadezinha perto de Santa Catarina chamada de Maravilha... o que que tem lá? a colonização de alemão e poloneses... antes da missa todo mundo lá fora batendo papo aí você ouve o italiano ouve o polonês ouve o alemão ouve o português e aí... parece uma Suíça brasileira:: o que que acontece lá? muitas famílias vieram da Alemanha divididas em metade católico e metade evangélico... mas aqueles evangélicos originais não aqueles que apareceram aqui e que é difícil de dialogar:... então o que acontece na nossa comunidade? domingo passado teve a festa dos católicos Nossa Senhora do Caravaggio... Caravaggio da Itália dia vinte e seis é a festa de Nossa Senhora do Caravaggio... no domingo passado a nossa comunidade estava em festa minha família inteira estava LÁ... quem é escalado para trabalhar na festa? os evanGÉlicos... na cozinha você vai lá tem católico e evangélico trabalhando junto na festa católica... nesse mês tem a festa evangélica... na lista de distribuir as tarefas... quem vai para a cozinha... quem faz a cuca... dona Maria da igreja católica... tem lugar que é assim... como tem poucos evangélicos... o pastor vai lá a cada cinco meses... então eles vão todos em nossa celebração... no domingo eles estão todos lá na frente... nós pedimos para o bispo e ele autorizou “são cristãos”... (LINHAS 95-111). (7º Domingo da Páscoa).

E3: (...) eu lembro quando pequeno eu ia à aula e lá tinha aquelas letras p b q d... era tudo uma virada pra cima outra pra baixo pro um lado outra pro outro... pra mim era tudo igual... era uma bagunça toda... depois de muito tempo:: elas começaram a assumir forma... pensa que eu acreditava que iria conseguir LER hisTÓria sem fiGUra? de jeito nenhum... por que os outros acreditavam?... eu comecei a ler e a escrever... QUANTOS dias demorou ISSO? três dias... o dom da leitura JÁ estava dentro:: de MIM mas eu não acreditava... (LINHAS 58-64). (8º Domingo da Páscoa).

Com esses exemplos, podemos refletir que, ao sair do altar, espaço central da igreja, e se colocar diante da assembleia, o corpo actorial do homilista franciscano busca por uma espécie de diálogo próximo que permite a enunciação de exemplos da sua própria vida.

Ao considerarmos a dimensão da homilia, no momento do rito da missa enquanto uma “prática significativa” (BLANCO, 2008), é possível pontuar que o acontecimento do enunciado homilético remete a um acento maior de intensidade do caráter proximal do homilista franciscano que é reconhecido na extensidade do comentário da homilia. Vejamos o diagrama a seguir:

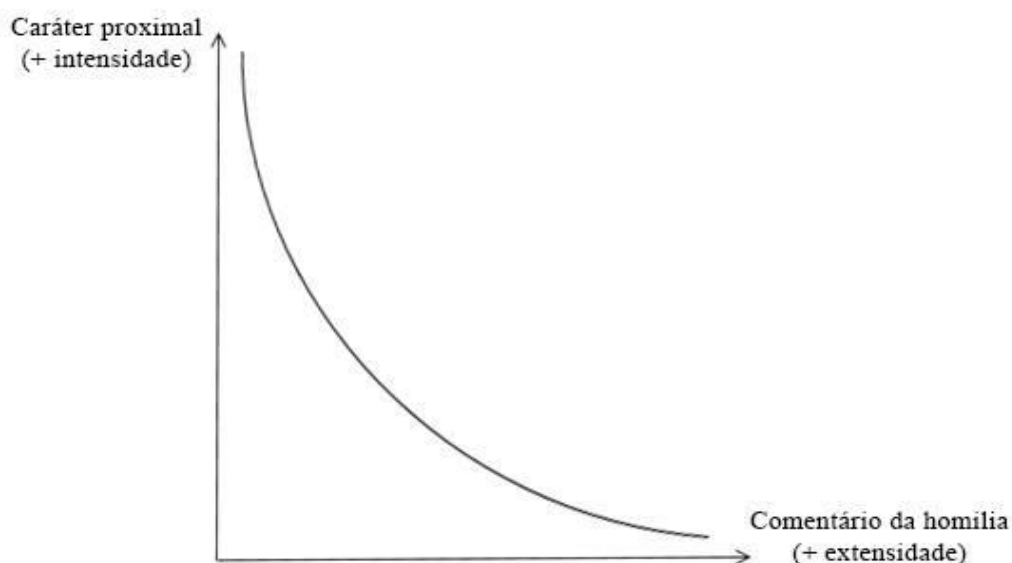


Figura 4 – Tensividade entre o caráter proximal do ser homiliasta franciscano e o comentário da homilia

Potencializando esse caráter de não-distanciamento, o sacerdote franciscano intensifica a veracidade de seu discurso, transmitindo a imagem de um ser dotado de *saber* e competente para instruir e incentivar os fiéis ouvintes a atualizarem o Mistério da Ressurreição e a seguirem os parâmetros da prática religiosa católica. Na medida em que procura estabelecer uma relação com os enunciatários, apresenta um *éthos* dotado de um *saber-fazer* e de um *fazer-creer* que parece envolver certa confiança entre enunciador e enunciatário.

O ser homiliasta franciscano pode ser compreendido como a imagem do autor que objetiva persuadir e fazer crer em seu caráter por meio de um sistema de estratégias que marcam a sua individualidade e o seu estilo. Esse sujeito, para buscar adesão ao seu discurso, desempenha um fazer-interpretativo que lhe dá competência para atualizar a narrativa evangélica para o *agora* e o *aqui* da comunidade e recategorizar, sobretudo, os papéis temáticos e os percursos figurativos próprios ao seu comentário e ao contexto da celebração litúrgica.

Ao longo desta pesquisa, procuramos explorar uma proposta linguístico-discursiva que possibilitasse não somente o estudo dos componentes sintáticos e semânticos das estruturas discursivas da enunciação do homiliasta sacerdote franciscano, mas também a apreensão de traços que marcassem a imagem e o caráter do *éthos* e estilo desses atores no cenário religioso.

Em síntese, destacamos que a enunciação dos homilistas franciscanos é marcada pelo efeito de subjetividade recorrente no emprego do *eu* e do *nós*. A ideia de pluralização realçada pela relação com o *eu*, a partir do *nós inclusivo* e do “plural do enunciador”, manifestou a proximidade do comentário da homilia do ser franciscano com a comunidade celebrativa. Tendo como referência o momento do *agora* e o espaço do *aqui*, o discurso do homilista franciscano vai em busca da atualização da Palavra e da missão cristã no seio da comunidade, fortalecendo a importância do fazer-memória cristão na prática e na vivência da vida religiosa. O caráter atualizador do comentário desses enunciadores parece ser reafirmado nos elementos figurativos e temáticos que recobrem os seus valores, as suas convicções e, sobretudo, a crença no Ressuscitado e em suas promessas. Dotado de um *saber-fazer* e de um *fazer-crer*, o ser homilista franciscano se apresenta como um *éthos* de homem de vivências que deixa transparecer um estilo fraternal e visa à proximidade com o seu ouvinte, que, ao aprofundar o efeito de não-distanciamento, intensifica a veracidade de seu discurso e acentua a intensidade dos afetos presentes na constituição do ser do homilista franciscano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, na ação de pesquisar, as considerações finais não delimitam o fim de um projeto, mas a tentativa de responder aos questionamentos que surgem no momento de busca pelo conhecimento sobre um determinado objeto de pesquisa.

De forma modesta, propomos com esta pesquisa desvendar alguns traços que integram uma possível construção do enunciado homilético e do *éthos* do homilista franciscano, a partir de uma proposta linguístico-discursiva alicerçada nos princípios advindos dos estudos da enunciação de Benveniste e de seus desdobramentos no âmbito da semiótica discursiva, sobretudo, no que diz respeito à sintaxe e a semântica do nível do discurso. Aliado a isso, como base necessária para que pudéssemos apontar as marcas da identidade da totalidade discursiva do ser homilista franciscano, dentro do cenário religioso da Igreja Católica, recorreremos ao conceito de *éthos*, enquanto parte constitutiva da cena da enunciação, associando-o à noção de estilo, tal como propõe Discini (2004).

Compreender o discurso religioso, em especial, o comentário da homilia proferida por religiosos do carisma de São Francisco de Assis, é uma tarefa que exige empenho e dedicação, uma vez que os domínios da prática religiosa são amplos e complexos. Com o reconhecimento das inúmeras possibilidades de questionamentos sobre a enunciação da homilia e sobre o *éthos* do homilista franciscano, buscamos trazer respostas às três perguntas que motivaram o desenvolvimento dessa pesquisa: como acontece a projeção das categorias de pessoa, tempo e espaço na enunciação do homilista franciscano? A partir do exame dos enunciados homiléticos, qual *éthos*, como efeito de individualização de uma totalidade, poderia ser apreendido por meio do estudo de um *corpus* composto por 24 homilias proferidas por freis Menores Capuchinhos de Ordem Franciscana, no Tempo da Páscoa? Os investimentos figurativos e temáticos dos comentários homiléticos estariam relacionados aos traços que marcam a identidade do religioso franciscano?

Tendo como referência tais perguntas, no labor das análises, quanto à primeira indagação, verificou-se que as categorias da enunciação projetadas na totalidade discursiva dos comentários da homilia franciscana funcionam, de fato, como um recurso para estabelecer um discurso subjetivo e atualizador da Palavra e da fé cristã, conferindo ao ato de enunciar a perspectiva de um estreitamento da relação estabelecida entre o enunciador e o enunciatário.

Com a sistematização dos indícios da pessoalidade, os enunciadores franciscanos deixam transparecer um comentário marcado pelo efeito de subjetividade, por meio do uso do *eu* explícito e do *nós*, sinalizando uma ideia de *plural inclusivo*. Com esses investimentos de pessoa, os seguidores de Francisco podem ser reconhecidos como sujeitos que prezam por um comentário homilético mais intimista e próximo dos fiéis enunciatários, uma vez que não se colocam em uma posição de superioridade com relação ao outro, mas localizam-se em um patamar que é igual ao de todos os cristãos, enfatizando, também nessa prática, a vivência em irmandade.

Como enunciador de um discurso de fidelização religiosa, pertencentes às práticas discursivas de uma determinada comunidade de fé, o homiliasta franciscano estabelece, em várias ocorrências apresentadas no decorrer das análises, um novo sentido à pluralização do *nós*, ao empregar o “plural do enunciador” e produzir o efeito de uma leve neutralização da subjetividade de seu discurso, a qual parece não interferir na relação de caráter proximal entre enunciador e enunciatário.

Atestando suas convicções por meio de um discurso de interpretação do enunciado bíblico, o enunciador frei preza, constantemente, por um discurso subjetivo. Notou-se que, até mesmo ao empregarem o *ele*, a não-pessoa, não conferem ao comentário da homilia um total efeito de objetividade, mas sim uma espécie de retomada, de referência aos actantes que já foram apresentados ao longo da Liturgia da Palavra, pondo-se em questão seu valor objetivo que poderia evocar um distanciamento.

Quanto aos aspectos temporais e espaciais projetados na enunciação do homiliasta franciscano, observou-se que se trata de um tempo e de um espaço que buscam atualizar os enunciados bíblicos para criar um efeito de sentido de proximidade entre o *ontem* e o *lá* e o *hoje* e o *aqui* dos seguidores e dos preceitos sagrados. Isso conduz à reflexão sobre o fazer memória cristão, o qual não se apresenta no sentido de deixar guardadas as reminiscências dos ensinamentos de Jesus, mas permitir que elas sejam perpetuadas ao longo de toda jornada da vida cristã. Na imagem de um sujeito responsável pelo pastoreio da comunidade celebrativa, o homiliasta franciscano parece, dessa forma, reforçar o caráter atual de seu fazer interpretativo, a partir da presentificação daquilo que foi anunciado nos tempos de Jesus, mas que deve ser vigente na nova era da Igreja cristã, como ação habitual e cotidiana.

Com os apontamentos da sintaxe discursiva da totalidade de enunciados investigados, tornou-se possível confirmarmos a primeira hipótese defendida nesta pesquisa, pois reconheceu-se que as projeções das categorias da enunciação funcionam,

de fato, como um recurso para criar diferentes efeitos de sentidos, conferindo ao ato de enunciar do homiliasta franciscano um não-distanciamento entre enunciador e enunciatário, como também entre os cristãos e a Palavra.

Ao refletirmos sobre o segundo questionamento da pesquisa, o qual se volta para o possível *éthos* do ser franciscano, como efeito de individualidade, que poderia ser depreendido a partir da totalidade dos enunciados homiléticos, identificou-se, por efeito de comparação e demonstração com um *éthos* não franciscano, a construção de um *éthos* de um homem de vivências que deixa transparecer um estilo fraternal e caridoso. Marcado pelo traço da igualdade, não é um ser que pretende colocar-se em posição superior aos demais membros da comunidade, mas busca primar pela igualdade e pelo respeito a todos.

Enunciador de um discurso que carrega traços do efeito de subjetividade, o homiliasta franciscano, a partir da perspectiva tensiva, é marcado por um *éthos* de atenuação da categoria de pessoa, o qual evidencia o perfil de um sujeito conciliador e, sobretudo, a imagem de um ser que se distancia dos extremos e opta pelas valências do menos mais. Depreende-se, diante disso, o *éthos* de um religioso que cria condições de confiança e compartilhamento de suas crenças no interior do discurso e potencializa sua experiência religiosa por meio de um comentário homilético que se distancia dos excessos e se aproxima da afetividade.

Dotado de um *saber-fazer* e de um *fazer-criar*, o que confere ao seu discurso uma certa fidúcia perante o enunciatário, o homiliasta franciscano, ao interpretar o enunciado bíblico que toma por objeto, busca transmitir um *saber* que pretende a verdade para alcançar a aceitação de seus ouvintes, mediante a afirmação de seu conhecimento sobre a axiologia religiosa católica e sobre sua vivência cristã.

Nessa percepção, sobre o *éthos* do homiliasta franciscano, reconheceu-se um ser marcado por um discurso simplista e afetuoso, por um corpo sensível que deseja compartilhar com o seu enunciatário um mesmo espaço e suas experiências de vida. Depreendeu-se ainda a imagem de um sujeito convicto do Mistério da Ressurreição, confiante na redenção e no amor universal de Deus e atuante na disseminação de uma Igreja ecumênica.

A partir destas constatações e do exame da semântica discursiva presente na totalidade dos enunciados, notou-se que o *éthos* do homiliasta da irmandade franciscana deixa transparecer em seu discurso temas e figuras relacionados aos traços que marcam a sua identidade no contexto religioso, o que concede resposta ao terceiro questionamento

da pesquisa e atesta a segunda hipótese deste estudo, a qual propunha que o estilo depreendido dos enunciados homiléticos proferidos por freis franciscanos corresponderia a um *éthos* dotado de convicções, de exortações ético-religiosas, construído a partir de um caráter baseado na fraternidade, no gesto de partilha e de irmandade, o que teria implicação para as relações entre os investimentos temáticos e figurativos desses discursos.

Sistematizadas as informações das análises, verificou-se ainda que, mesmo alterando o número de participantes envolvidos no estudo de três para cinco freis e não sendo sempre os mesmos indivíduos a enunciarem os comentários da homilia, a cada final de semana, não houve mudanças substanciais na organicidade dos resultados que obtivemos. Acreditamos que esse fato contribuiu ainda mais para a comprovação e demonstração dos propósitos da pesquisa, pois aponta, de modo efetivo, para a existência de uma identidade franciscana, nos termos em que a pesquisa pode ocupar-se dessa questão.

Mediante essas considerações, concluímos esse trabalho, ou melhor, colocamos apenas um ponto final, mas que não determina, de fato, seu fim, com o desejo de que possamos ter contribuído para a ampliação dos estudos sobre o discurso religioso, em especial, o discurso do homiliasta franciscano a partir de uma ótica enunciativa e semiótica, que permite refletir sobre a fé e o sentido na enunciação, no enunciado, no *éthos* e no estilo.

REFERÊNCIAS

- AGUD, Ana. Prólogo. *In*: HUMBOLDT, Wilhelm von. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad**. Traducción y prólogo: Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.
- ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições Ediouro, 1991.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: Fundamentos semióticos**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2001.
- _____. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BATISTOTE, Maria Luceli Faria. **Semiótica francesa: busca de sentido em narrativas místicas**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.
- BECKHÄUSER, Alberto, OFM. **Comunicação homilética, em Comunicação litúrgica: Presidência, Homilia, Meios Eletrônicos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **Devocionário Franciscano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. **O jeito franciscano de celebrar: guia da celebração litúrgica franciscano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. E. Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. M. G. Novak e L. Neri. 3ª Ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003a.
- _____. Narratividade e discursividade: pontos de referência e problemáticas. **Significação – Revista Brasileira de Semiótica**, São Paulo, Editora Annablume, n. 19, p. 9-50, 2003b.
- BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BINDÁ, Thirza Maria Bezerra; FROTA, Alexandre Gonçalves. A espiritualidade franciscana: sua contribuição para a educação. *In*: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ECHE), 11; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO (ENHIME), 1., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Imprece, 2012. p. 1-10.
- BISCONTIN, Chino. **Pregar a palavra: A ciência e a arte da pregação**. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- BLANCO, Desiderio. **El rito de la Misa como práctica significativa**. Topicos del Seminario, n. 20, Puebla/ México, p. 43-70, 2008.
- BRAIT, Beth. Enunciação e intersubjetividade. **Revista Letras**, Santa Maria, n. 33, p. 37-50, jul./dez. 2006.

BRØNDAL, Viggo. **Omnis et totus**. Actes Sémiotiques – Documents VIII, 72. Paris: Groupe de Recherches sémio-linguistiques; École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1986, p. 11-18.

CÂMARA JR., Joaquim, Mattoso. **O estruturalismo**. Alfa: Revista de Linguística. São Paulo, v. 11. 1967, p. 43-88.

CARDOSO, Dario de Araújo. **Corpo e presença na Bíblia Sagrada**. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CHABROL, Claude; MARIN, L. **Semiótica narrativa dos textos bíblicos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

CREMONESE, Lia Emília. **Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Linguística da Enunciação**. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DEMARCHI, Guilherme. **Da paixão à ressurreição: uma análise semiótica**. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Ethos e estilo. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 33-54.

_____. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.

DOSSE, François. O corte saussuriano. In: **História do estruturalismo I e II**. São Paulo: Editora Ensaio; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 81-91.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação. **Letras de hoje: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, Edipucrs, v.36, n.4, p.7-67, dez. 2001.

_____. *et al.* **Enunciação e gramática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto 2013.

_____; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto 2017.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. Tradução Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

FUCHS, Catherine. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Tradução Leticia M. Rezende. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 29, p. 11-129, 1985.

GOMES, Catiuce Carniel. **De Saussure a Benveniste: um percurso teórico** que proporciona uma leitura crítica. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Paris : Éditions du Seuil, 1970.

_____. **Semântica estrutural**. Tradução de Haquira Osakabe e de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. A enunciação (uma postura epistemológica). Tradução Maria Lúcia Vissoto de Paiva. **Significação: Revista Brasileira de Semiótica**, Ribeirão Preto, n. 1, p. 09-25, 1974. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/200421413/Enunciacao-uma-postura-epistemologica-Greimas>. Acesso em: 27 set. 2019.

_____. **Sobre o sentido I - Ensaio semiótico**. Tradução Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/EDUSP, 1975a.

_____. **Ensaio de semiótica poética**. Tradução Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975b.

_____. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.

_____. **Maupassant - A semiótica do texto: exercícios práticos**. Tradução Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Geriach. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

_____; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2018.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad**. Traducción y prólogo: Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

LATOURELLE, Rene. **Teologia, Ciência da Salvação**. São Paulo: Paulinas, 1981.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

LYRA, Sophia A. **São Francisco de Assis e o Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Discurso Literário**. Editora Contexto: São Paulo, 2006.

_____. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 13- 29.

MARTINS, Sandra Eleutério Campos. A Homilia: conceituação e caracterização de um gênero oral da comunidade discursiva Católica Apostólica Romana. **Revista Olhares & Trilhas**, Uberlândia, vol. 19, n. 2, jul./dez. 2017, p. 265 -290.

MATOS, Marcelo Fróes de. **O Mistério Pascal na Homilia: Um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra**. Dissertação de Mestrado (Teologia Sistemática com área em Liturgia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

MENDIA, Maria Cecília. **Êxodo como caminho espiritual: um estudo da homilia A saída dos filhos de Israel**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. São Paulo: contexto, 2009.

PAIVA, Neide da Silva. **Valores, religião e cultura:** as diferentes concepções religiosas na Paróquia Nossa Senhora das Graças. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

PANIER, Louis. O discurso de interpretação no comentário bíblico. *In:* GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Eric. **Análise do discurso em ciências sociais.** São Paulo: Global, 1986.

_____. Sémiotique et études bibliques. Évolutions méthodologiques et perspectives épistemologiques. **EC – Rivista dell'Associazione Italiana Studi Semiotici**, 28 febr. 2008. Disponível em: <www.ec-aiss.it>. Acesso em: 04 mar. 2020.

PERI, Monsenhor Vittorio. **Homilia:** não lançar palavras ao vento. Trad. José J. Queiro. São Paulo: Ave Maria, 2014.

POSTAL, Jairo. **Uma imagem caleidoscópica de Jesus:** o éthos de Cristo depreendido dos evangelhos canônicos. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

PRADO, Maria Goreti Silva. **A enunciação na semiótica discursiva:** um estudo historiográfico. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018.

PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais.** São Paulo, FFLCH/USP: Humanitas, 2010.

RIGO, Enio José. **Homilia:** a comunicação da palavra. 3º ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

RUPOLO, Iraní. **Espiritualidade e valores franciscanos: contribuições para a educação.** Revista Vidya, Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 9-18, jul/dez. 2009.

SANCHES, Sidney de Moraes. **Tão grande salvação! - o discurso de salvação na epístola aos hebreus.** Tese (Doutorado em Teologia) Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2005.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. O Rito da Missa enquanto Prática Sacramental Católica. *In:* **SIGNUM:** Estudos Linguísticos, Londrina, n.16/1, p. 171-199, jun. 2013.

_____. A semiótica greimasiana no quadro epistemológico das teorias da linguagem e dos estudos da religião. *In:* **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n 51, p. 1066-1084, set/dez. 2018.

_____. A operacionalização do conceito de *éthos* no domínio religioso: a proposição de uma tipologia calcada no enunciatário. *In:* **Estudos semióticos**, São Paulo, vol. 1, n. 2, p. 25-32, dez 2015. Disponível em: < http://revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SPOTO, Donald. **Francisco de Assis, o santo relutante.** Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

TATIT, Luiz. **Análise semiótica através das letras.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas.** Petrópolis: Vozes/FFB, 2014.

TELES, Francisco Gonçalves. Teologia Franciscana da pobreza evangélica. **Âncora Revista Digital de Estudos em Religião**, v.1, maio, 2006, p. 62-82.

THÉRIAULT, Jean-Yves. Quand la bible s'ouvre à la lecture sémiotique. **Proteé:** revue internationale de théories et de pratiques sémiotiques, v. 34, n. 1, p. 67-75, 2006.

TRUDEL, Jacques. **Homilia**: formação e arte de comunicar. São Paulo: Paulus, 2015.

VALVERDE, Jose Maria. **Guillermo de Humboldt y la filosofía del lenguaje**. Madrid: Editorial Gredos, 1955.

VIEIRA, Padre Antonio. **Sermões escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 1º DOMINGO DA PÁSCOA

ENUNCIADOR 1

1 L1: ...este é o dia que o senhor fez para nós... alegremos e nele exultemos... a alegria de
2 reviver esse Mistério pascal... mais um ano nós celebramos a Ressurreição do senhor::
3 que deve a cada ano que se celebra deve transformar a nossa vida:... devemos busCAR
4 sermos pessoas melhores... respeitando os outros... nos unindo vivendo como irmãos... é
5 o que Jesus na sua vida sempre quis que nós como discípulos vivêssemos como irmãos...
6 e a Páscoa ela é isso... é uma vida nova para seguir sempre buscando melhorar
7 conservando os ensinaMENTos de Jesus... o evangelho nos mostra essa narrativa da
8 Ressurreição... Maria Madalena que vai ao túmulo de Jesus... e constata o túmulo
9 vazio:... é um sinal da Ressurreição que o próprio Jesus já falava para os seus
10 disCÍpulos... ele falava de sua Paixão e que ele ressuscitaria... mas não tinha caído ainda
11 a ficha ela ainda não compreendia:: e ainda envolvida com a tristeza da morte:: não
12 consegue compreender esse processo lembrar daquilo que Jesus tinha falado da sua
13 Ressurreição... e não é uma ou duas vezes MAS sempre Jesus vinha avisando os seus
14 discípulos desse momento da sua Ressurreição... os discípulos que receberam a notícia
15 foram correndo... para Pedro também é difícil acreditar é mais fácil acreditar que alguém
16 entrou e levou o corpo de Jesus... João aquele discípulo amava... é o evangelho do próprio
17 João... João corre vai a frente para saber o que aconteceu LÁ... e quando ele chega e vê o
18 túmulo começa a pensar... e começa a crediTAR sem analisar... Maria Madalena e Pedro
19 analisam que alguém tirou o corpo dali... João ele acredita... e nós como é para nós essa
20 realidade da Ressurreição? como é para você viver essa realidade?... há pessoas ainda que
21 não acreditam na Ressurreição de Jesus... mesmo participando de todo esse Mistério
22 mesmo tendo todos os sacramentos que a igreja oferece:: ainda há pessoas que têm uma
23 grande dificuldade de acreditar na Ressurreição... isso fica bem evidente quando nos
24 deparamos com a realidade da morte... que sempre culpamos a Deus... se tivéssemos essa
25 fé na Ressurreição de fato nós passaríamos pelo luto e nos refazíamos a nossa vida:...
26 com mais facilidade acreditando nessa força da Ressurreição... há pessoas que têm essa
27 fé há pessoas que reagem como João... que não precisam fazer uma análise MAS ao verem
28 a experiência do túmulo vazio acreditam... isso é um processo da nossa vida para crer na
29 Ressurreição ou melhor:: para VIVER na Ressurreição... é um Mistério que devemos
30 FAZER que devemos cultivar:: através do princípio da fé... essa fé que deve reavivar em
31 nosso coração... a segunda leitura nos convida a viver uma vida nova através da morte e
32 do pecado... algo que começamos na sexta-feira da Paixão e em toda a quaresma mas
33 mais forte na sexta-feira em que todos aqueles que têm FÉ buscam a reconciliação através
34 do sacramento da confissão... e agora em diante temos que buscar a viver mais próximos
35 de Cristo fugindo do pecado... que o senhor nos ajude nessa caminhada... louvado seja o
36 nosso senhor Jesus Cristo...

ENUNCIADOR 2

1 L1: É Páscoa festa da vida e vitória vida sobre a morte... Jesus vence a morte:... o grande
2 acontecimento pascal onde Jesus muda a história muda os tempos... a história hoje nos

3 recorda os fatos salvíficos da vinda do filho de Deus no meio da humanidade do povo
4 escolhido do povo de Israel... por isso ontem na celebração tivemos a oportunidade de
5 recordar:: através das leituras os grandes feitos do senhor acompanhando o seu povo até
6 a terra prometida... e LÁ... na história sequencial... em que Deus intervém junto ao povo
7 libertando e auxiliando os profetas a recuperar as alianças que muitas vezes o povo de
8 Israel quebrou:: Deus é fiel ao seu povo e como gesto de amor envia o seu filho Jesus
9 Cristo e aceita... vir ao mundo e nos ensina a partir dos discípulos quem é Deus... Deus é
10 Pai e esse ensinamento é próprio de Jesus que é filho e nos deixa também essa heRANça
11 de sermos adotados como filhos e filhas... por isso nós somos batizados na água... símbolo
12 que expressa o Batismo e se faz presente também o Espírito Santo... de modo especial a
13 água significa a vida POR ISSO o Espírito Santo quer a vida... o túmulo aberto após três
14 dias de o filho de Deus permanecer na escuridão... o seio da terra supera a morte também
15 corporal e nela expressa a vida que ele quer oferecer a toda humanidade... Jesus
16 ressuscitando abre o TÚmulo e entra a luz e é esta luz que vai virar a vida dos cristãos...
17 com o círio pascal nós expressamos a nossa fé no Cristo ressuscitado luz de nossos
18 passos... ele mesmo diz “eu sou o caminho a verdade e a vida... eu sou a luz e quem me
19 segue não andarás nas trevas”... com estes sinais batismais somos convidados nessa Páscoa
20 a renovar a nossa FÉ a nossa aliança com o senhor vitoriOso... nosso Deus é o Deus da
21 vida a vitória não é o Deus da morte... convida a cada um de nós a superar a experiência
22 de morte de cada dia... as decepções os sofrimentos... as coisas que carregamos a cada
23 dia... Jesus não vem carregar para nós mas ele nos ajuda a carregar... se torna mais leve...
24 ele diz “se vosso fardo está pesado demais eu vos aliviarei”... esse é o convite de Jesus...
25 para aprendermos para alimentar:: para nos abastecer espiritualmente para viver
26 intensamente essa graça da vida... que não deixa a morte atrapalhar os nossos passos as
27 nossas decisões... aquele que é de Deus não se deixa abater pelos desafios de cada dia
28 pelas provações... MAS renova a si desse vigor extraordinário DAQUELE que tem vida::
29 para nos dar em abundância... é Jesus o Cristo senhor o venceDOR que nos oferece na
30 sua Palavra na sua Eucaristia... o seu espírito de amor... devemos confiar a ele o Deus
31 vitorioso não um Deus derrotado... sei que muitas pessoas param na sexta-feira santa
32 porque se identificam tão forte com esse sentimento que não conseguem ressuscitar o
33 senhor porque a dor que vive é tão forte... nós precisamos passar da cruz... JESUS venceu
34 da cruz para também fazer a experiência da sepultura da morte:: mas venceu para dizer a
35 cada um de nós “você precisa venCER você não pode ficar para a morte você nasceu para
36 a vida”... por isso nós rezamos para os nossos mortos... celebramos porque acreditamos
37 na vida... sinal que acreditamos verdadeiramente na vida... a Páscoa precisa nos dá
38 enerGIa coragem esperança... fortificar os nossos passos... devemos acreditar
39 verdadeiramente que com Jesus Cristo ressuscitado nós podemos vencer muitos
40 obstáculos... mas para isso precisamos aprender o gesto de amor:: do amor
41 misericordioso... que é difícil eu sei... para todos nós perdoAR até os inimigos até os que
42 nos fazem mal... lembramos que Jesus perdoou “eles não sabem o que fazem”... MAS
43 Jesus consegue com um gesto carinhoso de amor profundo perdoar os inimigos... essa
44 meta é que precisamos alcançar para sermos misericordiosos... e não precisamos olhar
45 inimigos distantes não... as vezes nós tratamos como inimigos dentro de nossas casas de
46 nossos lares próximos a nós... somos incapazes muitas vezes de perdoar... as vezes ficam
47 diferentes mágoas diferentes feridas... essas demoram cicatrizar... misericórdia é aquilo
48 que apesar da DOR é capaz de perdoar... não significa que devemos voltar a mesma
49 amizade a mesma confiança que tínhamos antes MAS o perdão é capaz de ir além dos
50 próprios limites... perdoar os inimigos que lhes machucaram que lhes causaram feridas...
51 hoje Jesus Cristo quer que ninguém fique sentindo dor das feridas... dos sofrimentos... ele
52 quer o sentido absoluto da vida... vida que é remédio que tira a dor... para nós hoje é dia

53 de festa é dia ALEGRIA precisamos participar dessa festa... dia que renovamos também
54 o nosso Batismo... através da aspersão da água... celebramos a presença eterna de Jesus
55 de sua Palavra que nos ensina os laços da misericórdia do amor da fraternidade... e
56 participamos do banquete que ele escolheu para dizer “eis que estou convosco em todos
57 os dias até os fins dos tempos”... por isso nós cristãos católicos temos a santíssima
58 Eucaristia... é Cristo que ofereceu... não mais o cordeiro animal que era sacrificado para
59 celebrar a celebração judaica... MAS ele se oferece o cordeiro... mas antes ele prepara a
60 ceia aos seus discípulos para que cada vez que precisam celebram a vitória... vida e
61 presença de Cristo... ele sempre está conosco em nossas vidas... trazendo trabalho...
62 trazendo as dores os sofrimentos mas também trazendo esperanças... precisamos
63 alimentar a esperança... a vida é glorioso é dom presente de Deus... e hoje queremos ser
64 gratos a Deus... porque além de nos amar ele realiza o gesto máximo de regaste de todos
65 os seus filhos e filhas purificando do pecado... para que sejamos dignos de participar do
66 banquete de seu reino já aqui na terra... hoje nós alegremos também pelas crianças que
67 serão batizadas novos filhos e filhas de Deus... que através do Batismo e da Páscoa traz
68 essa alegria da vida nova::... nós como comunidade acolhemos essas crianças para que
69 elas sejam irmãos e irmãs nossos... membros da comunidade dos filhos e filhas de Deus...
70 renovemos a nossa fé...

ENUNCIADOR 3

1 L1: Os textos sagrados de hoje fazem menção à história dos acontecimentos do tempo de
2 Jesus... e aos acontecimentos logo em seguida à sua Ressurreição... é alegria de fazer esse
3 anúncio na certeza de que Cristo é o Ressuscitado é o enviado de Deus... a alegria É tão
4 grande que no primeiro momento eles ficam trancados com medo... também tem medo
5 de morrer... vocês não têm medo de morrer né? só um pouquinho né... os discípulos
6 tinham medo de morrer:: por isso eles ficaram trancados MAS depois que descobriram a
7 verdade anunciadas pelas mulHERes... Maria... perceberam que Cristo era a razão de
8 viver:: que aquilo que ele já tinha anunciado era a verdade... como a sua Ressurreição...
9 por que Pedro e João que foram ao túmulo não acreditaram nas mulheres? elas falaram a
10 verdade ou não?

11 L2: ... falaram

12 L1: ... então por que não acreditaram nas mulheres? será que as mulheres não falam a
13 verdade sempre?... acontece que no tempo de Jesus as mulheres não tinham toda a
14 dignidade que têm hoje... não é que toda essa dignidade de hoje seja suficiente... no meu
15 modo de pensar vocês mulheres tem a dignidade maior que podem ter... como não se
16 acreditavam nas mulheres não se acreditam em Maria... agora o que isso tem a ver
17 conosco com os nossos dias? como é que devemos celebrar na Páscoa do senhor? eu diria
18 de maneira muito simples... nós temos uma reação muito parecida... nós cristãos católicos
19 muitas vezes saímos da igreja tentando entender o Mistério que estamos celebrando...
20 como igreja católica a qual vocês fazem parte celebra duas vezes... a mesa da Palavra...
21 MUITAS e muitas igrejas celebram fazem uma mesa encantadora MAS também a
22 seGUNda mesa:: qual a segunda mesa?

23 L2:... a da Eucaristia

24 L1: ... a Eucaristia:: participamos da Palavra e da Eucaristia de Jesus... é importante que
25 todos os católicos participem da missa da Páscoa da Ressurreição do senhor... porque é
26 uma missa como se fosse um único DIA... na quinta-feira se celebra o primeiro dia... o
27 padre deu a benção pra vocês no final da missa? receberam? essa data é MUITO
28 importante é a plenitude dos tempos... através da Ressurreição Jesus manifesta a plenitude
29 do AMOR de Deus... a plenitude de seu reino... a ressurreição é um convite pleno para
30 TODOS participarem do amor... o reino não é EGOÍSTA... o reino de Deus é presente...
31 o reino de Deus é o grande presente do amor de Deus Pai... e TODO aquele e aquela que
32 se sente amado amada é capaz de fazer o bem... não como obrigação mas como um direito
33 sagrado... aquele e aquela que se sente amado por Deus vai ser doce vai ser gentil vai ser
34 prestativo vai ser comunidade... vai ser família vai ser presença:: mas todo aquele e aquela
35 que NÃO se sente aMado ou aMada vai ser rabugento vai ser fofoqueiro vai ser
36 mentiroso vai ser trapaceiro... então essa é a grande diferença celebrada na Ressurreição
37 do senhor... ver o amor o grande amor infinito de Deus para conosco:: fazemos criaturas
38 novas criaturas cheias do amor de Deus... criatura que transforma... criatura que tem
39 alegria... hoje nós teremos batizados e queremos que Deus coloque essa graça na família...
40 que vocês pais mães padrinho e madrinha vivam o amor de Deus... sintam-se amados e
41 amadas por Deus... então hoje celebremos essa ação maravilhosa do amor do
42 Ressuscitado... abaixamos a nossa cabeça agradecendo a Deus ((silêncio))... e renovamos
43 a nossa fé rezando juntos...

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 2º DOMINGO DA PÁSCOA

ENUNCIADOR 1

1 L1: Queridos irmãos... queridas irmãs... hoje celebramos o segundo domingo do tempo
2 pascal... no domingo passado celebramos a Ressurreição do senhor no primeiro domingo
3 do ciclo pascal... hoje já celebramos o segundo domingo...e... nesses dias nessa chamada
4 oitava da Páscoa nós vimos Jesus aparecendo aos seus apóstolos... aparecendo às pessoas
5 de várias formas né?... para Maria Madalena apareceu em primeiro lugar como um
6 jardineiro... depois apareceu para os discípulos de Emaús como se fosse um viajante
7 também... e hoje... no evangelho de hoje no evangelho de João... nos fala que o primeiro
8 dia da semana é o dia em que Jesus ressuscitou... é o primeiro dia que ele ressuscitou no
9 domingo né? foi chamado esse dia de domingo dia do senhor... - - os discípulos estavam
10 de portas fechadas por medo... eles estavam com medo dos judeus... então eles estavam
11 ali reunidos de portas fechadas... então Jesus vem se coloca no meio deles... e deseja a
12 paz né? deseja a paz a todos eles que estão ali... e:: o primeiro::... como se diz... o primeiro
13 desejo de Cristo ressuscitado foi a PAZ... depois ele vai desejar mais três vezes a paz
14 nesse encontro que eles tiveram né? ... e ali ele mostra também para os seus discípulos as
15 mãos e o barco... prova que é ele MESMO não é um fantasma mas é o Cristo aquele que
16 foi morto crucificado e que agora está ali ressuscitado... ENTÃO eles se alegraram muito
17 em ver Jesus o Cristo ali no meio deles ressuscitado né?... e ele repetiu “a paz esteja com
18 vocês e eu vos envio para missão”... então Jesus ressuscitado envia os seus apóstolos para
19 a missão... aquela mesma missão que o Pai havia enviado Jesus... agora ele envia os seus
20 apóstolos os seus discípulos... ele vai dizer “o bom Pai me enviou assim eu também os
21 envio” e SOLta sobre eles o espírito santo... então é interessante ver no evangelho de João
22 que aqui já acontece o Pentecostes mesmo na Páscoa já acontece o envio do espírito santo

23 sobre os seus apóstolos né?... então João une a Páscoa e o Pentecostes no mesmo dia...
24 então receber o espírito santo significa receber a autorização o aval para eles saírem em
25 missão... para missão... e DEU-lhes também autoridade... ao dizer que os pecados
26 daqueles que eles perdoassem seriam perdoados... mas os pecados daqueles que eles não
27 perdoassem não seriam perdoados... então... isso daqui éh::: como se diz... é o que o
28 sacerdote faz até os dias de hoje continuando essa missão dos apóstolos no sacramento
29 da confissão... muita gente fala “ah eu não vou confessar com o padre porque eu confesso
30 com Deus”... mas é Jesus que dá essa autoridade para os seus apóstolos para eles
31 perdoarem os pecados... “aqueles que vocês perdoarem serão perdoados e aqueles que
32 vocês não perdoarem não serão perdoados”... então é essa autoridade que Jesus dá aos
33 seus apóstolos na igreja e continua até os dias de hoje... - - o evangelho mostra também
34 que Tomé um dos onze... ele não estava presente por isso ele não acreditou naquilo que
35 os outros contaram pra ele... ele duvidou... como se diz... daquilo que seus companheiros
36 contaram... POR ISSO Jesus faz questão de provar a Tomé de que ele de fato ressuscitou...
37 e apareceu... depois ele aparece a eles em um outro momento né? em um outro dia também
38 no primeiro dia da semana seguinte Jesus vem e se põe no meio deles e... Tomé estava
39 com eles... então Jesus vai chamar Tomé e vai dizer “vem cá coloca as suas mãos aqui
40 nas marcas dos pregos das minhas mãos coloca sua mão no meu barco” para poder provar
41 de fato que era ele mesmo... aquele que foi ressuscITAdo que foi cravado na cruz e agora
42 está ressuscitado... então é o mesmo Jesus né?... ENTÃO diante disso Tomé acreditou e
43 faz uma profissão de fé que uma das mais belas da sagrada escritura ele vai dizer “meu
44 senhor e meu Deus” então de fato ele acredita no Jesus... e Jesus vai dizer “você acreditou
45 porque viu feliz ou bem-aventurados aqueles que acreditaram sem ter visto”... ou seja
46 aqueles que acreditam no testemunho dos apóstolos né?... que Jesus de fato ressuscitou...
47 somos todos nós que estamos aqui hoje... não vimos mas também acreditamos naquilo que
48 os apóstolos disseram e que a igreja traz até os nossos dias né? e:::... depois nós vimos
49 também no início da primeira leitura tirada dos Atos dos apóstolos que esse testemunho
50 que os apóstolos dão do Cristo ressuscitado de ele ser acreditado né?... eles continuam
51 fazendo sinais aqueles mesmos sinais que Jesus fazia... eles agora continuam fazendo
52 curando os doentes... fazendo tantos milagres ali e::: com isso o povo se adepta a eles
53 elogiam e::: vinha gente de muitos lugares ali próximos de Jerusalém... com isso o número
54 dos adeptos cresce... MAS também tudo isso junto com as oposições junto também as
55 perseguições que houve desde o início... tanto é que João nessa segunda leitura que nós
56 ouvimos tirada do livro do Apocalipse... João vai contar dar testemunho dessa
57 experiÊNcia dele com o Cristo ressuscitado e:::... esse testemunho que ele dá também
58 tem consequência... dessa sua atitude... o exílio... ficou exilado lá na Ilha de Patmos na
59 Grécia... levaram ele para muito longe... e lá ele teve essa experiência pessoal com Cristo
60 ressuscitado né?... Jesus disse a ele “não tenhais medo eu sou o primeiro e o último”... as
61 vezes nós lemos em outros trechos “eu sou o alfa e o ômega” que são a primeira e a última
62 letras do alfabeto grego... “eu sou o primeiro e o último o alfa e o ômega” e::: ele vai dizer
63 “estive morto mas agora estou vivo para sempre eu tenho as chaves da morte e da região
64 dos mortos” é aquilo que a gente reza no Credo... Jesus desceu a região dos mortos ele
65 foi ressuscitado... no antigo Credo a gente dizia “desceu aos infernos” de fato ele desceu
66 aos infernos na região dos mortos... ele também tem agora uma chave da região dos
67 mortos... PORTANTO também... nós como seus seguidores não tenhamos MEDO assim
68 como Jesus pede para João não ter MEDo também cada um de nós não tenhamos medo
69 de testeMUnhar... testemunhar com a nossa vida com a Palavra “Cristo ressuscitado” ele
70 que dá vida abundante para todos... nós devemos renunciar tudo aquilo que é contra a
71 vida tudo aquilo que tira a vida das pessoas tudo aquilo que diminui a vida das pessoas
72 né?... PORTANTO lembrando a campanha da fraternidade desse ano... promovamos

73 políticas PÚBLICAS para uma melhor qualidade de vida PARA todos para que todos tenham
74 acesso a uma boa qualidade de vida... então vamos continuar a nossa celebração
75 renovando a nossa fé..

ENUNCIADOR 2

1 L1: Por sua Paixão Morte e Ressurreição Jesus inaugura uma nova criação... ele se
2 manifesta... no primeiro dia da semana... anunciando a paz.. e comunicando o espírito aos
3 discípulos... para serem esses discípulos... ministros da reconciliação e ministros da paz...
4 no segundo domingo da Páscoa... também é chamado o domingo de ToMÉ... ele... que
5 duvidou da fé... que não estava na comunidade por isso não viu o senhor... e só...
6 reconhece o senhor:: o Ressuscitado:: quando está ou quando participa da comunidade...
7 aí sim ele reconhece o senhor:: e faz uma das maiores profissões de fé que se encontra na
8 bíblia... “meu senhor e meu Deus” ele reconhece Jesus como o senhor... a Palavra senhor
9 na bíblia significa o Ressuscitado portanto ele diz “MEU senhor e MEU Deus”... ele
10 reconhece Jesus como Deus como filho de Deus como o Ressuscitado... como o senhor...
11 portanto apesar de ter duvidado no primeiro momento fez uma caminhada na fé... se ele
12 não vê as marcas das chagas dos peitos dos pés e das mãos não acreditaria... Jesus dá um
13 prazo pra ele dá uma semana de prazo pra ele pensar pra ele repensar... e depois quando
14 ele volta::... aí sim ele encontra Jesus e aí lhe reconhece... vejam que::...aonde é que Tomé
15 encontra Jesus? na comunidade... quando ele estava fora da comunidade... viu o senhor?
16 não viu... portanto é o novo jeito nova maneira de Jesus se apresentar... não mais
17 fisicamente MAS AGORA no seio da comunidade... na Palavra e:: nós vamos ver no
18 domingo no evangelho dos discípulos de Emaús... que Jesus é reconhecido na fração do
19 pão... quando eles foram jantar... eles dão a benção do pão e percebem que é o
20 Ressuscitado... Jesus se dá a conhecer agora pela Palavra... pela::... pela Eucaristia que é
21 a fração do pão e no SEIO da comunidade... por isso mesmo os próprios discípulos de
22 Emaús quando reconheceram o senhor voltaram imediaTAMENTE para a comunidade...é
23 o lugar de encontro com o senhor... vejam também o trecho do livro do Apocalipse que
24 nós proclamamos hoje que nós ouvimos... constitui um grande cântico ao cordeiro
25 imolado e glorioso... é um verdadeiro cântico ao cordeiro... Jesus... imolado mas glorioso
26 glorificado... mostra os poderes de Jesus Cristo ressuscitado e vitorioso presente e
27 atuando nas comunidades cristãs... ele Jesus ressuscitado é motivo de esperança e de
28 alegria... por isso ele mesmo disse “eu sou o primeiro e o último o vivente estive morto
29 MAS eis que vivo pelo século dos séculos... eu tenho a chave da morte”... esse senhor
30 que vive pelos séculos transmite... pelo seu espírito... seus poderes para a igreja::... que
31 vai se formando... e se expandindo pelo mundo::: conforme nós vemos nos ATOS dos
32 apóstolos... que já nesse domingo temos as várias distinções das primeiras comunidades
33 cristãs hoje no livro dos ATOS dos apóstolos... durante o tempo pascal que começou
34 domingo passado e vai até o domingo de Pentecostes... somente no tempo pascal... a
35 primeira leitura também é do novo testamento... durante o ano a primeira leitura é do
36 antigo testamento e a segunda do novo testamento... mas nesse tempo aqui a primeira
37 leitura também é do novo testamento isto é ATOS DOS APÓSTOLOS exatamente
38 conTANdo e descrevendo o que os primeiros cristãos fizeram como se reuniam
39 principalmente a partir das aparições de Jesus... Jesus aparece inúmeras vezes...
40 ressuscitado isso para provar que tinha ressuscitado... que ele venceu a morte... e:: por
41 isso ao redor:: dos apóstolos que caminharam com Jesus durante três anos anunciando a
42 boa-nova do reino de DEUS... agora Jesus passou pelos o seu sofrimento pela morte MAS
43 ressuscitou e agora ele... anteriormente os apóstolos andavam todos desanimados...
44 porque eles esperavam um messias diferente:: um messias político e Jesus não vem pra

45 isso É muito mais que isso e::: por isso agora... nos momentos das várias aparições de
46 Jesus está fortalecendo a fé dos apóstolos... para que a partir de agora ao redor:: dos
47 apóstolos constitua a igreja de Jesus Cristo... portanto... aderiram ao senhor muitos fiéis
48 em número cada vez maior como diz os Atos dos apóstolos... inúmeras conversões
49 aconteciam principalmente por aquilo que os apóstolos realizavam... os apóstolos faziam
50 aquilo que Jesus tinha ensinado pra eles... até mesmo Pedro... Jesus realizava inúmeros
51 milagres e agora o próprio Pedro:: andando no meio do povo curava as pessoas em nome
52 do ressuscitado em nome de Jesus Cristo... portanto ele expira o novo sopro da vida sobre
53 toda a comunidade cristã... então que a força do espírito de Jesus ressuscitado continue
54 nos alinhando nos fortalecendo:: para que possamos viver plenamente no meio no SEIO
55 de nossas comunidades... e que as nossas comunidade sejam o lugar privilegiado da
56 presença de Jesus Cristo o:: Ressuscitado:: para nos fortalecer no dia a dia de nossa
57 caminhada... pensemos nisso em um instantezinho de silêncio...

ENUNCIADOR 3

- 1 L1: Os textos deste domingo celebram todos os acontecimentos que sucedem a
2 Ressurreição do senhor... no primeiro momento os apóstolos ainda esTÃO com MUITO...
- 3 L2: Medo
- 4 L1: Medo... eles não tinham certeza que as notícias trazidas pelas mulheres eRAM
5 verdadeiras... eles estavam em dúvida e... a dúvida e o medo de serem mortos como Jesus
6 os fazem ficar trancados dentro das casas... PORÉM este medo aos poucos vai se
7 diluindo::... de modo especial que no dia de hoje Jesus diz... o que ele diz aos apóstolos?
- 8 L2: “A paz esteja convosco”
- 9 L1: E de novo
- 10 L2: “A paz esteja convosco”
- 11 L1: E de novo
- 12 L2: “A paz esteja convosco”
- 13 L1: Mas o que mesmo que ele quer dizer quando ele diz “a paz esteja convosco”? o que
14 mesmo ele está dizendo?
- 15 L2: (silêncio)
- 16 L1: O que mesmo que ele está dizendo?
- 17 L2: (silêncio)
- 18 L1: O que mesmo que ele está dizendo? se você... quando alguém deseja a paz para o
19 outro ele está dizendo “olha... o Deus que mora dentro de mim faz a morada também em
20 você em teu coração”... então Jesus diz “O DEUS QUE MORA DENTRO DE MIM
21 FAÇA MORADA::: dentro do coração de vocês”... SE Deus faz morada dentro do
22 coraçãO o que acontece com o medo? desaparece temos a certeza de que Deus está
23 dentro de nós... e:: quem tem Deus dentro de si recebe a missão... qual é a missão que deu
24 aos apóstolos no evangelho?

- 25 L2: Anunciar o evangelho
- 26 L1: No evangelho de hoje...
- 27 L2: O Pai enviou...
- 28 L1: “Como o Pai me enviou também os envio” qual é a missão?
- 29 L2: (silêncio)
- 30 L1: Qual a missão?
- 31 L2: Ide evangelizar
- 32 L1: Então no evangelho de hoje... “como o Pai me enviou eu também os envio:::” qual é
33 a missão?
- 34 L2: Evangelizar
- 35 L1: Acho que não li direito...
- 36 L2: [perdoar os pecados
- 37 L1: [como é que é?
- 38 L2: Perdoar os pecados
- 39 L1: Perdoai os pecados... na lição de hoje A QUEM vocês perdoarem...
- 40 L2: Serão perdoados
- 41 L1: QUEM vocês não perdoarem
- 42 L2: Não serão perdoados
- 43 L1: De quem é o poder de perdoar os pecados? é de Deus e:: Jesus dá àqueles e àqueles
44 que são portadores de Deus a missão... se vocês são portadores de Deus também são
45 portadores do perdão... se vocês não são portadores de Deus vocês não vão perdoar de
46 jeito maneira... não estou falando que é fácil de perdoar MAS estamos fazendo a missão
47 de Deus... isso é o que o evangelho de hoje nos propõe esse desafio... por isso acontece o
48 que foi narrado na primeira leitura:: os apóstolos se reuniam todos tinham estima por ele
49 e através disso aconteciam os...
- 50 L2: Milagres
- 51 L1: Os milagres... hoje continua acontecendo milagres?
- 52 L2: Sim
- 53 L1: Tem até igreja dos milagres... e os milagres só acontecem pra quem tem...
- 54 L2: Fé
- 55 L1: Pra quem tem fé MAS no meio da gente tem muita gente que não tem fé vai atrás só
56 dos milagres... “Tomé você acreditou porque viu felizes aqueles e aquelas que acreditou
57 sem terem visto” dá uma puxada de orelha na gente né? quando não acredita quando
58 duvida de Deus quando desamina quando as coisas estão difíceis... “Deus por que você

59 me abandonou?” “o que eu fiz de errado?” Deus nunca abandona a gente:: a gente pode
60 abandonar Deus MAS ele nunca nos abandona... então hoje é o domingo da misericórdia...
61 essa capacidade que era só de Deus de perdoar os pecados agora é de TODOS aqueles e
62 aquelas que trazem Deus no coração e vivem essa dinâmica de Deus na vida no dia a dia...
63 E vamos fazer os milagres que Jesus faz não aqueles que a gente pede MAS aqueles que
64 Deus sabe que nós precisamos na nossa caminhada... desde muito tempo nós somos o
65 milagre de Deus... se olhar a ciência diante de tantas possibilidades nós formos os únicos
66 as únicas a sobreviver os outros morreram todos ficaram pelo caminho né? a ciência nos
67 dá toda essa dinâmica nós somos o milagre de Deus... e depois tantos outros
68 acontecimentos que vocês sabem que FORAM os verdadeiros milagres de Deus... é
69 preciso apenas abrir os olhos abrir o coração abrir a mente para perceber as maraVilhas
70 de Deus em nossa vida e quem se sente amado querido de Deus vai ver tudo isso e o
71 próprio Jesus diz “e MUITO... e muito mais vão fazer todos os milagres que eu faço e
72 maiores ainda” tudo depende de nós... quantos Tomé tem aqui dentro?

73 L2: (silêncio)

74 L1: Ninguém que ser Tomé não? de vez enquanto um pouquinho né?

75 L2: (risos)

76 L1: Vamos caprichar para que Tomé não fique dentro de nós para termos essa capacidade
77 essa alegria de manifestar a presença de Deus em nossa vida pela Palavra pelo testemunho
78 pela alegria pela presença pela gratidão a Deus... e renovemos a nossa fé...

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 3º DOMINGO DA PÁSCOA

ENUNCIADOR 1

1 L1: Queridos irmãos e irmãs estamos hoje já celebrando o terceiro domingo do tempo da
2 Páscoa... e neste terceiro domingo... da Páscoa temos aí também a terceira aparição de
3 Jesus aos seus discípulos e... aqui nesta terceira aparição ele aparece assim como um
4 pedinte né?... alguém que sai pedindo alguma coisa à beira do mar e... perguntando se os
5 discípulos não tinham algo para comer... nesse evangelho de hoje a gente vê que os
6 discípulos estavam abatidos desanimados éh... assim... desesperançados... ainda não
7 tinham acreditado bem na Ressurreição do senhor... e eles decidem ir pescar... mesmo
8 assim desanimados né?... decidem ir pescar:: e... mas não conseguiram pescar nada...
9 passaram a noite toda tentando ali pescar mas não conseguiram... e ao amanhecer Jesus o
10 Ressuscitado os esperam na margem do mar Tiberíades... os discípulos porém não o
11 reconhece acharam que era uma pessoa qualquer que estava ali na beira do mar... Jesus
12 pergunta se eles não tinham alguma coisa pra ele comer... eles respondem que não...
13 tinham pescado a noite toda mas não tinham pegado nada né?... então Jesus pede que eles
14 joguem a rede no lado direito... e que lá eles vão encontrar peixes e... eles poderiam ter
15 até duvidado do que estavam ouvindo... mas eles obedecem e jogam a rede do lado direito
16 e... eles obtêm ali um bom resultado... tantos peixes eles pegaram que não podiam nem
17 arrastar a rede de tão pesado que ficou a rede... foi então que o discípulo amado de Jesus
18 vai dizer “é Jesus é o senhor”... então ele reconhece que é o senhor aquele homem... então

19 a gente vê mais uma vez que quem ama reconhece primeiro... quem ama vê primeiro
20 reconhece a pessoa amada... e diante do reconhecimento... o discípulo amado Pedro se
21 envergonha porque estava nu... e... se atira no mar:: para ir o quanto antes encontrar com
22 Jesus... nada até a praia para ver Jesus... e eles quando pisaram em terra firme viram brasas
23 acessas com peixe e pão... Jesus já estava ali assando preparando uma comida ali pra
24 eles... MAS Jesus também pede para que eles partilhem dos peixes que eles pegaram...
25 para completar a refeição e eles trazem... então a gente ver aí a solidariedade a partilha
26 que Jesus provoca neles naquele momento né?... no momento da refeição Jesus faz aquele
27 gesto... repete aquele gesto eucarístico da/toma o pão distribui entre eles como ele fez na
28 última ceia... então a partir daquele momento eles não têm mais dúvida de que é Jesus...
29 pelos seus sinais e gestos que Jesus faz naquele momento... e depois em seguida a gente
30 vê que Jesus faz essa tríplice pergunta a Pedro “Pedro tu me amas?”... Pedro responde
31 três vezes e fica até constrangido porque ele insiste nessa/nesse refrão aí “Pedro tu me
32 amas?”... certamente Jesus com essa pergunta dá uma responsabilidade muito grande a
33 Pedro... de apascentar seu rebanho as ovelhas apascentar o cordeiro... é uma
34 responsabilidade muito grande que ele vai dar a Pedro e ele tem que ter essa certeza se
35 Pedro o ama... porque só quem ama é capaz de fazer e também de enfrentar as dificuldades
36 que ele iria encontrar nessa missão... por isso é preciso ter muito amor para poder
37 enfrentar essas dificuldades... as coisas que ele iria passar... coisas que a gente ver na
38 primeira leitura dos Atos dos apóstolos... nós vemos Pedro testemunhando aos outros
39 apóstolos o Cristo ressuscitado com muita coragem né... mesmo sendo perseguidos sendo
40 caluniados sendo açoitados... eles estavam ali porque de fato amam a Jesus têm essa
41 certeza que o Cristo ressuscitado está com eles caminha com eles... está com eles nessa
42 missão... a certeza de Cristo presente na nossa vida é que nos faz enfrentar os obstáculos
43 as dificuldades que nós encontramos em nossa caminhada... depois em São João nessa
44 segunda leitura que mostra o testemunho... não o testemunho daqui da terra mas o
45 testemunho lá no céu... no reino celeste os anjos os santos que reconhecem exaltam
46 louvam o Cristo... então o rebanho que foi confiado aos apóstolos à Pedro... agora já está
47 junto de Deus louvando ao senhor... louvam ao senhor pastor que está lá nas alturas
48 celestes... então queridas irmãs e irmãos que o Cristo ressuscitado permaneça em nosso
49 caminho nos dê força e coragem na nossa missão como cristãos para enfrentarmos os
50 desafios que muitas vezes encontramos em nossa caminhada diária... renovemos a nossa
51 fé..

ENUNCIADOR 2

1 L1: Após todos os acontecimentos ocorridos com Jesus... sua Paixão e Morte... os
2 discípulos pensavam... que Jesus tinha fracassado... POR ISSO desanimados... os
3 apóstolos voltam... para as suas atividades... de pescadores... eles pensaram... rezamos
4 com Jesus e agora ele é morto pelas autoridades judaicas... restavam voltar à vida de
5 pescadores... aquilo que vivemos foi apenas um sonho pensavam eles... eles voltam
6 portanto às atividades normais de pescadores... trabalhavam a noite inteira sem pescar
7 nada... obedecendo a ordem de um desconhecido lançam a rede e pegam uma grande
8 quantidade de peixes... diante do sucesso... da pescaria no caso... o discípulo amado diz
9 que esse tal de desconhecido é o Ressuscitado::: é Jesus... e essa é a terceira vez que Jesus
10 aparece após a sua morte... do relato de hoje há também uma simbologia... o mar significa
11 o mundo... significa a sociedade... os pescadores são os apóstolos... os pescadores de
12 almas digamos assim... aqueles que estavam levando a mensagem de Jesus Cristo...
13 portanto aqueles que estavam em busca de um feixe de luz no sentido figurado para ser
14 discípulos de Jesus... vejam que... SEM a presença de Jesus eles não pescam nada:::...

15 naquela noite que nada pescaram... lembram do tempo difícil que a igreja estava
16 passando... quando o evangelho de João foi escrito lá pelo ano de 90... foi o último a ser
17 escrito dos evangelhos... a comunidade cristã estava sendo perseguida forteMente:: é
18 possível ver na primeira leitura a coragem de Pedro que contrasta com o evangelho... ou
19 melhor que contrasta com as três negações de Pedro::... lembra que quando Jesus foi
20 preso... agora de propósito que Jesus pergunta três vezes “tu me amas?” “te amo” “tu me
21 amas?” “te amo” “tu me amas?” “te amo”... Pedro ficou triste... Jesus constrói a igreja
22 sobre a fragilidade de Pedro MAS também sobre o amor:: de Pedro a coragem de Pedro...
23 por isso que hoje Jesus o estabelece como o coordenador do mundo:: por isso em outro
24 momento ele diz “tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja::” e hoje pelo
25 amor incondicional de Pedro Jesus constrói a sua igreja... vejam na escuridão sem a
26 presença de Jesus... nós não temos sucesso::... no amanhecer Jesus aparece na praia... e
27 isso quer dizer... com Jesus se inicia um novo dia... com Jesus ressuscitado se inicia um
28 novo tempo... e a comunidade:::... ganha vida fraterna e com a coragem... a vivência
29 fraterna... a presença do Ressuscitado e a coragem de testemunhar o Ressuscitado... isso
30 é o que se cria o que se estabelece nas novas comunidades cristãs... tendo a presença do
31 Ressuscitado diziam eles “nós somos testemunhas de todos estes fatos nós e o espírito
32 santo”... e por causa dessa firmeza... os apóstolos foram açoitados torturados por causa
33 dessa firmeza e dessa coragem... Pedro na primeira leitura enfrenta o Sinédrio... o
34 Sinédrio diz “nós proibimos vocês falarem em nome de Jesus” e Pedro diz “é preciso
35 obedecer a Deus antes que aos homens... Deus ressuscitou Jesus, a quem vós mataram,
36 pregando-o numa cruz”... observe é ter muita coragem... POR fim Jesus estabelece uma
37 nova presença... ele está na beira da praia... ele assa peixe e pão e depois convida todos
38 os apóstolos para participar do café da manhã::... o que isso recorda? recorda a eu-ca-ris-
39 ti-a... vejam só... vejam na quinta-feira santa quando Jesus instituiu a Eucaristia... pão e
40 vinho e depois disse “faça isto em memória de mim”... na quinta-feira santa Jesus
41 antecipa ritualmente aquilo que aconteceria com ele:: na sexta no sábado e no domingo
42 da Ressurreição... então Jesus celebra com eles um rito... o que é um rito? algo que se
43 repete... nós temos o rito da missa... não começamos a missa de trás pra frente é um
44 esquema... isto significa riTO::... e Jesus constitui um rito para celebrar:: a primeira missa::
45 e institui a Eucaristia... o milagre do mar de Tiberíades... recorda a Eucaristia... faz
46 paralelo com a multiplicação dos pães e lembra também os discípulos de EmaÚS quando
47 Jesus é reconhecido na fração do pão::... vejam quando é que Jesus se faz presente agora?
48 não mais fisicamente como antes de sua morte e depois como corpo glorificado::... ele
49 apareceu vários vezes ressuscitAdo e você vê que o corpo dele não é igual ao corpo físico
50 porque ele não era reconhecido... só em um segundo momento que o pessoal percebe que
51 é Jesus... mas então significa que ele tem o corpo transformado é um corpo/é tão verdade
52 que ele passava pelas paredes sem abrir as portas... então onde é que Jesus se dá a
53 conhecer agora? primeiro na eu-ca-ris-ti-a... segundo é só lembrar domingo passado a
54 história de ToMÉ... Tomé não estava na comunidade não viu o senhor... estava na
55 comunidade viu o senhor.. ele ainda duvida de Jesus né? percebendo que era Jesus o
56 Ressuscitado... Tomé faz uma das maiores profissões da bíblia “meu senhor e meu
57 Deus”... a Palavra senhor:: na bíblia sempre significa o Ressuscitado... sempre que se fala
58 de senhor fala de Jesus ressuscitado... portanto ele diz “meu senhor” reconhece Jesus
59 como senhor e “meu Deus” o enviado filho de Deus... a maior profissão de fé que temos
60 do novo testamento sai justamente de Tomé:: e o terceiro::... a terceira coisa portanto onde
61 é que Jesus se dá a conhecer ainda? é só lembrar os discípulos de EmaÚS... os discípulos
62 estavam caminhando para Emaús oito quilômetros de Jerusalém... e ali um estranho se
63 junta a eles... um estranho que não reconheceram... quer dizer... era Jesus com um corpo
64 transformado... Jesus perguntou o que estava acontecendo em Jerusalém e eles

65 começaram a contar e Jesus começou a contar tudo aquilo que falava o Messias no antigo
66 testamento... depois o que acontece? Jesus é reconhecido na fração do pão... quer dizer...
67 Jesus é reconhecido das escrituras isto quer dizer... Jesus se dá conhecer na
68 EUCARISTIA... na co-um-ni-da-de::... e na Palavra de Deus... na Palavra... na Eucaristia
69 e no seio da comunidade... quem não está na comunidade não verá o senhor::... por isso
70 muita gente diz “eu sou cristão” MAS nunca foi à igreja::... vai fazer igual Tomé... não
71 vai ver o senhor... é na comunidade que a gente encontra o senhor principalmente na
72 Palavra e na Eucaristia... portanto se a gente vai na comunidade encontra a Palavra a
73 Eucaristia e encontra o Ressuscitado... é a maior forma de presença do senhor hoje agora
74 para nós... muitas vezes o nosso modo de agir nesse mundo... se parece um pouco com o
75 modo de agir e de pensar dos discípulos vamos preambulando nas escuridões da vida...
76 sem nos encontrar com a luz do Ressuscitado... por isso nós nos perdemos porque não
77 vamos ao encontro do Ressuscitado::... não vamos em busca do Ressuscitado... quando
78 temos fé no Ressuscitado nosso serviço é facilitado... nossa vida é facilitada.. para
79 vivermos como cristãos precisamos portanto... ter a coragem dos apóstolos... ter a
80 coragem que Pedro demonstrou ter... veja como a presença do Ressuscitado transforma a
81 pessoa... eu estava dizendo... vejam Pedro de fraco e frágil negando Jesus e agora com a
82 presença do espírito com a presença do Ressuscitado... Pedro se transforma... além de ter
83 coragem de enfrentar o Sinédrio... agora na frente do senhor confessa que o ama e que É
84 capaz e assim foi... foi CAPAZ de doar a sua vida pela causa... os apóstolos todos foram
85 martirizados... é sobre o martírio de JESUS e os apóstolos que nós construímos
86 edificamos a igreja de Jesus Cristo... pensemos nisso em um instantezinho de silêncio...

ENUNCIADOR 3

1 L1: Nesse domingo se revelam os acontecimentos que se sucederam depois da ressurreição
2 do senhor... um dos acontecimentos relatado pelo Atos dos apóstolos... é que os apóstolos
3 ficam contentes por receberem uma surra... vocês ficariam também contentes né? de jeito
4 nenhum né?... MAS eles tinham uma razão muito grande muito importante... por que eles
5 mereceram uma surra? por que eles foram surrados? por falar que iam acreditar em Jesus
6 o res-sus-ci-ta-do... e avisando aqueles que o mataram “vocês mataram o autor da vida:”
7 MAS ele ressuscitou e o texto é claro e diz “não falem desse homem”... eles não falam
8 do nome de Jesus na frente dos apóstolos por quê? não interessa nome de inimigo não
9 fala pra ninguém... assim que funciona... era a pedagogia da época... nome de inimigo e
10 nome de Deus não podiam ser pronunciados pela boca da pessoa humana... e o evangelho
11 apresenta Jesus que aparece pela terceira vez aos seus apóstolos... por que Pedro vai
12 pescar?

13 L2: Trabalho dele

14 L1: Era o trabalho dele antes... era o sustento dele... continua a vida... não se deu conta
15 que agora a missão dele era... era evangelizar... ele não se deu conta e nem seus
16 companheiros... ele já tinha recebido o mandato... “Pedro sobre esta pedra edificarei a
17 minha igreja” mas ele não entendeu nada::... então com a aparição de Jesus sobre as águas
18 foi mandado lançar as redes... aí vem novamente a grande pergunta que deixaria acho que
19 cada um de nós meio tristonho ou furioso ou nem dava resposta já caia fora se Jesus
20 perguntasse três vezes se nós o amamos... foi uma situação muito difícil e complicada e
21 a resposta de Pedro:: na última pergunta “senhor tu sabes tudo”... volta novamente aquela
22 ideia que tem que circular dentro de nós... a que vai dar sentido em nossa vida... a que

- 23 Jesus é o Ressuscitado e ele revelou para cada um de nós a plenitude do amor de Deus...
 24 por que Deus nos ama? porque somos católicos né...
- 25 L2: ((risos))
- 26 L1: Porque fazemos o bem né?... então por que ele nos ama?
- 27 L2: A gente é filho dele...
- 28 L1: Porque somos os seus filhos::: ele nos ama por aquilo que nós somos... e quem se
 29 descobre profundamente amado por Deus vai amar com intensidade... é o que aconteceu
 30 com os apóstolos... eles se sentiram profundamente amados por Deus através de Jesus
 31 Cristo o Ressuscitado que não tem medo de ninguém e de nada... então somente quem se
 32 sente amado por Deus vai poder amar vai poder partilhar vai fazer o bem gratuitamente::
 33 vai fazer tudo que está em seu alcance tudo em nome de Deus MAS quem não se sente
 34 amado por Deus não vai fazer uma caminhada de fé... vai vir para a igreja forçado... nem
 35 pelo sétimo dia, nem pelo Batismo, nem pela primeira Eucaristia do neto do filho... não
 36 vem por causa da fé... não vem porque não se sente amado por Deus... primeiro
 37 precisamos sentir profundamente amados e queridos por Deus NÃO pelo BEM que
 38 fazemos NÃO pelo MAL que fazemos mas porque somos seus filhos e filhas queridos...
 39 - - qual é o maior mal nos dias de hoje? Qual é o mal que mais assola os adultos e as
 40 crianças nos dias hoje?
- 41 L2: Internet... celular...
- 42 L1: Não sei mas a coisa que mais assola e com isso vem o uso das drogas... chama-se...
 43 DE-PRES-SÃO... a depressão nasce daquele e daquela que não se sente amado acolhido
 44 valorizado na sua caminhada... a primeira reação que vai dar é a depressão... todo aquele
 45 aquela que não se sente amado protegido... acaba se matando... uma reação natural nos
 46 dias de hoje... nunca foi tão necessário o anúncio do reino de Deus NÃO pela Palavra mas
 47 pelo testemunho... nunca tivemos tantos recursos como hoje para nos deslocar nos
 48 comunicar:: possuir bens... medicina avançou a tecnologia avançou.. um monte de coisa
 49 avançaram não é extraordinário? deveríamos vibrar com tantas maravilhas que nós
 50 temos nos dias de hoje MAS falta a maravilha mais importante... falta a presença do
 51 senhor falta-nos sentir profundamente amados e queridos por Deus... e esta mensagem
 52 que gostaria que vocês partilhassem fazer com que as pessoas se sintam profundamente
 53 queridas e amadas por Deus... não façam a proposta do inferno nunca foi a proposta da
 54 igreja... a proposta da igreja sempre foi o reino de Deus... vamos falar do reino de amor::
 55 do reino da partilha do reino da igualdade do reino da justiça... não estou falando que é
 56 fácil mas é a nossa tarefa como discípulos e discípulas dos dias de hoje...

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 4º DOMINGO DA PÁSCOA

ENUNCIADOR 1

- 1 L1: Queridos irmãos...queridas irmãs...hoje...com muita alegria...nós já antecipamos...
 2 né?...o dia de amanhã...celebrando esse quarto domingo do tempo da Páscoa segundo
 3 domingo também do mês de maio nós já antecipamos celebrando o dia de nossas queridas
 4 mães... agradecendo a Deus... né?... pelas nossas mães... pelo carinho...né?...dedicação

5 das mães a todos os seus filhos...e nesse dia nós dedicamos todo nosso amor todo nosso
6 carinho às nossas queridas mães e... pedimos a Deus por elas... pela saúde... pela paz...
7 principalmente a paz na família... que eu acho que é uma maior alegria que uma mãe
8 possa ter... éh... uma família bem constituída... a paz a harmonia na família... né? não
9 existe coisa melhor pra uma mãe do que ter uma família em paz... harmoniosa... os
10 filhos... né... os Pais em casa... na família... então isso é a maior alegria das mães... então
11 desejamos né... todas as famílias... esta:: harmonia para as vossas mães - - e:: nesse quarto
12 domingo da Páscoa nós também celebramos o dia do pasTOR... o dia do Bom pastor...
13 como nós vimos nas leituras principalmente no evangelho que hoje fala sobre o Bom
14 pasTOR né... o Bom pastor a gente lembra de Deus... ele que é o pastor principal Jesus é
15 também/o pastor das ovelhas como ele mesmo disse... e todos nós também em Jesus
16 devemos ser pastores né?... depois eu vou falar sobre isso quando eu for comentar sobre
17 o evangelho... MAS antes nós ouvimos a primeira leitura né? tirada do livro dos Atos dos
18 apóstolos que narra é... a história das primeiras comunidades cristãs dos
19 apóstolos...saindo/pregando a Palavra de Deus levando o evangelho a todas/aquela região
20 né? no início ali na região de Jerusalém da Judéia e depois também nos outros lugares
21 fora da/da Judéia fora da ilha de Israel... então fala aí de Paulo e Barnabé né? nesse trecho
22 que nós ouvimos... eles anulam com tanta convicção que eles atraem né?... muitos...éh::
23 muitas pessoas... muitos adeptos ao cristianismo... e a estes eles insistem que continuem
24 fiéis a graça de Deus porque aceitar o cristianismo segundo Paulo e Barnabé não significa
25 só ter coisas boas só ter alegria paz... mas vai encontrar também muitas dificuldades vai
26 encontrar também muitos obstáculos nesta caminhada então por isso eles falam da
27 fidelidade de continuar firmes né... porque vão encontrar muitos obstácuLOS né?... nessa
28 leitura destaca também as resistências da parte dos judeus que eles não aceitavam
29 assim/todos/muitos judeus não aceitavam o cristianismo... nem todos somente os chefes
30 lá... os sacerdotes... os anciões do povo então eles foram contra... e... ameaçavam os
31 apóstolos né? então eles sofreram muito com essa perseguição pela parte dos seus
32 próprios contrterrâneos que seriam os judeus né... então ali quando eles viram que
33 muitos/muitas pessoas éh::...éh... converteram ao cristianismo eles começaram a ter
34 inveja dos apóstolos né... quando eles viram que aumentou muito o número de cristãos
35 começou a ter muita inveja deles principalmente de Paulo e Barnabé devido ao êxito que
36 eles tiveram na sua pregação... então isso daí resultou em muitas injúrias e eles sofreram
37 por parte dos judeus né... então os apóstolos sofreram muito com isso MAS eles não
38 desistiram eles continuaram FIRmes como nós vimos sacodiram a poeira dos calçados
39 dos pés foram para outros lugares né? pregar a Palavra né? foram os princiPais
40 destinatários do anúncio do evangelho mas como eles não aceitaram (estender as mãos)
41 então eles vão para os pagãos... levar a mensagem do evangelho aos pagãos... e segundo
42 os apóstolos os pagãos ficaram muito alegres então esta...éh::... esse é o destino que os
43 apóstolos deram a Palavra de Deus... então eles ficaram muito alegres muito felizes e
44 aceitaram a Palavra de Deus converteram bastante os pagãos né... depois nós vimos no
45 evangelho/no evangelho de hoje... fala da voz do BOM pastor né... da voz do pastor que
46 é ouvida pelas OVELhas né... as ovelhas OUVEM a voz do pastor e elas o SEGUE né...
47 elas RECONHECEM seguem o Bom pastor... as ovelhas se identificam com a voz do
48 pastor mostra também que o pastor CONhece as suas ovelhas não é só as ovelhas que
49 conhece o pastor mas o pastor também conhece as suas ovelhas... e::... mostra aí... tá aí a
50 necessidade do pastor que vai ao encontro das suas ovelhas... principalmente ir atrás
51 daquelas ovelhas que são mais afastadas né? que estão mais LONge do retiro então é uma
52 obrigação...o Bom pastor é que VAI atrás dessas ovelhas né?... então por isso é muito
53 interessante a igreja hoje/nos dias de hoje... éh:: nós criarmos equipes né? mesmo de
54 leigos não deixar isso só por conta do padre as vezes o padre só não consegue MAS a

55 gente criar equipes de leigos na igreja para que elas VÃO visiTAR VÃO atrás daquelas
56 pessoas que as vezes se afastaram saber o motivo né? as vezes falta uma conversinha falta
57 uma VIsta então ne? a gente precisa ir atrás dessas pessoas que as vezes por um motivo
58 ou outro afastou da comunidade então é obrigação NOssa para que sejamos também esses
59 BOM pasTOres né? ir atrás das ovelhas que estão afastadas por isso diz o Papa Francisco
60 né? ele fala até de uma igreja em saída uma igreja que vai que não fica ACOMODADA
61 só com aqueles que estão ali só com aqueles que participam MAS ir atrás em BUSca
62 daqueles que não vem daqueles que estão afastados... quantas pessoas a gente pergunta
63 você é batizado? sou batizado na igreja católica... vai na igreja? éh não vou né? não
64 participo...então a gente deve ir em busca dessas pessoas para que eles possam na equipe
65 participar tomar parte na comunidade né? o BOM pasTOR ele deve ser TODos nós que
66 somos batizados que está em busca da ovelha que CONDUZ essa ovelha para o redil ou
67 seja buscar para a igreja essas ovelhas que fazem parte/são da nossa igreja mas por um
68 motivo ou outro as vezes são afastadas né? então buscar conduzir DAR assistência a essas
69 ovelhas que estão afastadas né? e também uma coisa muito importante que nós devemos
70 dar atenção na comunidades é o ACOLHIMENTO das nossas comunidades fazer uma
71 BOA acolhida das pessoas que vem na nossa comunidade né? quantas pessoas se afastam
72 porque NÃO foram bem acolhidas na nossa igreja na nossa comunidade então a gente
73 tem que saber acolher as pessoas para que elas se sintam BEM na nossa comunidade...
74 DAR também atividades para que elas possam participar por exemplo dar uma leitura
75 para elas ler dar uma atividade para a pessoa fazer para ela sentir também valorizada né?
76 participar também da equipe de liturgia participar em outras equipes/em outros
77 movimentos da igreja né? convidar as pessoas para que elas também possa se sentir bem
78 valorizada isso é claro na medida possível que elas esteJAM disponíveis para participar
79 de alguma coisa que as vezes muitas pessoas só podem vir a missa só podem particiPAR
80 em condições de fazer alguma coisa então a gente convida não só pra FAZER as coisas
81 mas quem está disponível pode também FAZER alguma coisa na nossa comunidade... e
82 a segunda leitura que nós vimos tirada do apocalipse de São João mostra aí que nós
83 agimos assim como BONS pastores boas ovelhas...então João mostra aí que os
84 verdadeiros pastores um dia poderia está de pé diante do trono e diante do cordeiro né?
85 as vestes brancas e as palmas nas mãos como sinal de vitória né...o sinal da vitória de já
86 estar lá participando da liturgia celeste junto de Deus de sermos abrigados na tenda do
87 cordeiro onde não teremos mais nem sede nem fome nem sol que nos queima qualquer
88 calor ardente e o cordeiro será nosso pastor que nos conDUZ às fontes da (árdua) vida...
89 “Deus enxugará todas as nossas lágrimas todos os nossos prantos”... então queridos
90 irmãos e irmãs que nós possamos viver nosso Batismo sermos BONS pastores buscar as
91 ovelhas para nossa comunidade...então vamos continuar agora a nossa celebração fazendo
92 a nossa profissão de fé...

ENUNCIADOR 2

1 L1: O quarto domingo... da Páscoa... vem marcado pelo evangelho...do Bom pasTOR...
2 ao mesmo tempo... nesse quarto domingo... reza-se pelas vocações... vocações aos vários
3 ministérios... do sacerdote do padre... do bispo enfim as vocações relígiu/religiosas
4 sacerdotais... as vocações também não como compromisso MAS na comunidade na
5 coordenação da comunidade... portanto... pra essas vocações somos convidados a rezar
6 no domingo de hoje... para que sejam essas pessoas VERdadeiros pastores que SAIBam
7 conduzir a comunidade... para que saibam conduZIR o povo de Deus... JESUS se
8 apresenta como o BOM pastor e diz mais... “minhas ovelhas me escutam”... ou escutam

9 a minha voz"... "elas conhecem"... "e elas me seguem"... "e eu lhes dou a vida eterna"...
10 aqui estão os dois traços fundamentais de quem quer ser cristão... esse dar voz ao pastor
11 guiar-se por sua Palavra portanto... e segui-lo em sua prática na vivência do anúncio no
12 cuidado com a vida do próximo... e por fim se for necessário até a doação da própria vida
13 como foram capazes de fazer os apóstolos os primeiros discípulos todos eles morreram
14 na priSÃO quer dizer deram a vida pela causa... assumiram de fato o compromisso
15 cristão... além de escutar a sua voz...é tanto necessário SEGUIR os passos de Jesus... não
16 ficarmos em uma religião... do conforto... de uma religião do conformismo... que
17 acalma... as consCIÊNcias e que busca em Deus fazer vantagens próPRIAS... muitas
18 vezes nós construímos em nossa cabeça um Deus que se enquadra ao nosso pensamento
19 e NÃO ao Deus de Jesus Cristo... é um Deus inventado... compreendemos Jesus Cristo
20 como compromisso... compromisso certo... como o reino de Deus sem misericórdia para
21 com o próximo... sem viver a fé pra VALER... muitos cristãos são assim muitos de nós
22 somos assim não vivemos a fé pra VALER porque não nos comprometemos
23 principalmente com o próximo com o próprio Cristo... como o próprio Cristo se
24 comprometeu e depois transmitiu isso... e... foi isso que os apóstolos viveram... os
25 apóstolos não se acomodaRAM vejam o exemplo... diante da rejeição do anúncio de
26 Jesus... por parte de alguns fariseus e de alguns judeus...Paulo e Barnabé buscam anunciar
27 o evangelho em outras realidades... eles foram em alguns lugares e o primeiro lugar a ser
28 anunciado o reino de Deus era exatamente na sinagoga... portanto eles iam chegavam na
29 cidade iam na sinagoga pregavam o evangelho... de Jesus Cristo... muitos aceitaram MAS
30 grande parte não aceitavam o que os apóstolos estavam dizendo... o que que Paulo e
31 Barnabé fizeram? foram para outra comunidade... fora da sinagoga e aí foram recebidos
32 com alegria... e aí a comunidade cristã começou a crescer... muitos eram os convertidos
33 os que não pertenciam digamos que era pagãos... Paulo foi o grande responsável do
34 anúncio do evangelho aos pagãos... mesmo em outra comunidade ele chegou em Atenas
35 e caminhando na praça por aí encontrou uma placa escrito "ao Deus desconhecido" ele
36 falou "áh:::"... Paulo era muito inteligente... foi na sinagoga no dia de sábado e pediu a
37 Palavra para falar e disse "andado pela praça encontrei uma placa 'ao Deus desconhecido'
38 pois é esse Deus que eu vim aqui anunciar para vocês" para os judeus na sinagoga... falou
39 sobre Jesus Cristo com muito entusiasmo e no final de tudo alguns fariseus disseram
40 "escute... deixe para um outro momento em outro momento a gente escuta você" cortaram
41 ele e ele falou "áh é?" foi para Corinto - - Corinto é ali pertinho de Atenas eu passei dez
42 dias ali em Atenas e Corinto::: uma das poucas férias que eu tive em três anos - - e em
43 Corinto encontrou uma comunidade - - Corinto uma cidade portuária como é o caso de
44 Santos no Brasil - - e lá encontrou gente de todas as espécies de todas as raças gentios
45 pagãos e... encontrou a Palavra de Jesus a Palavra de Deus anunciada por Paulo e Barnabé
46 encontraram ressonância e ali começou a comunidade de Corinto fizeram várias cartas ali
47 enviadas a Corinto::... Vejam a intuição principalmente de Paulo o grande apóstolo Paulo
48 o grande anunciador do reino de Deus... por isso que eles NÃO se acomodaram... vejam
49 que... assim levaram a salvação a toda terra a TODA região a TODOS os povos... aliás a
50 religião crisTÃ das grandes religiões... é a única que é UNIVERSAL aliás a Palavra
51 caTÓlico que dizer universal... todas as religiões são... ou eram ou continuam sendo
52 triBAIS... famiLIARES... onde o povo judaísmo o povo judeu povo hebreu... eram
53 limitadas de pôr quem não pertencia ao povo não pertencia a religião... Jesus anunciou
54 "ide a todos os povos batizados em nome do Pai do filho e do espírito santo" quer dizer
55 que Jesus fez toda essa abertura para que o evangelho fosse anunciado a TODOS os povos
56 e não somente a um povo... determinado... aliás teve muitos apóstolos contra os judeus
57 tradicionais... os primeiros a perseguirem a igreja cristã foram exatamente os judeus
58 porque não concordaram com aquilo que os apóstolos fizeram e... ainda hoje reconhecem

59 Jesus como um dos grandes profetas mas não o messias o filho de Deus o enviado de
60 Deus eles ainda estão aguardando para que venha esse... nós cristãos... colocamos Cristo
61 e ele é NOSSO messias o NOSSO enviado de Deus o NOSSO ungido de Deus aquele que
62 veio e morreu na cruz para nos trazer a sal-va-ção... portanto é nos testemunhos de seus
63 discípulos... que Jesus continua a SER... o BOM pastor e continua a SER... anunciado a
64 TODOS os povos... JESUS o BOM pastor conDUZ as ovelhas para Deus... e esse
65 pastoreio é feito HOJE por toda igreja Jesus transmitiu isso para toda igreja... aquilo que
66 Jesus Cristo fazia ele pediu para que toda a igreja o fizesse... e os apóstolos entenderam
67 isso... após todos os fatos das aparições de Jesus ressuscitado animaram de tal maneira
68 os apóstolos que eles foram capazes de enfrentar TODAS as dificuldades todas essas
69 perseguições para anunciar Jesus Cristo o BOM pastor... a igreja constitui portanto sinais
70 de testemunho através do qual Jesus Cristo deseja conduzir todos ao PAI que é verdadeira
71 fonte da vida que é Deus PAI...vejam que... tudo isso nos faz com que todos os cristãos
72 pelo testemunho participam do pastoreio universal de JESUS... a vida da ovelha depende
73 do pastor... para a religião a imagem do pastor... para nossa religião... é muito forte e
74 muito importante por que? por que Jesus usa a imagem do Bom pastor? porque pertencia
75 à realidade em que ele estava anunciando os pastores... a região da Galileia é uma região
76 árida tem pouco água dificilmente se encontra um córrego então o que os pastores faziam?
77 cisternas... ora quem é que busca água das cisternas? A ovelha não consegue descer em
78 uma cisterna para tomar água então o pastor tirava a água com um balde com uma corda
79 e dava o de beber as ovelhas ora se não tivesse o pastor as ovelhas morreriam de seDE
80 portanto a vida das ovelhas dependem totalmente do pastor ... além do mais as pastagens
81 são poucas coisas coisinhas de nada então os pastores procuravam as melhores pastagens
82 e levavam o seu rebanho pra lá depois de noite dava água quando precisava e depois trazia
83 de volta... além do mais fala eles o pastor ouve a minha voz e ele me conhece - - nós/ eu
84 fiz uma experiência nas noites em que eu fiquei ali em Jerusalém nós irmos na periferia
85 aguardar os pastores chegando da caminhada do dia com as ovelhas... e eles iam
86 colocando todas as ovelhas juntas todos os pastores colocavam lá e aí um deles ficava
87 cuidando das ovelhas para que não fossem roubadas não aparecesse lobos cachorros etc...
88 de manhã cedo nós íamos esperar o pastor chegar para conduzir o rebanho o pastor
89 chegava dava um grito ou dava uma assoviada as:: ovelhas vinham saindo uma por uma
90 as outras nem se mexiam do lugar que dizer elas conheciam a VOZ do pasTOR elas saiam
91 e uma atrás da outra atrás do pastor... olha que imagem Jesus usa para dizer “EU SOU O
92 BOM PASTOR as ovelhas me escutam e EU LHES DOU A VIDA ETERNA” foi isso
93 que ele fez morreu na cruz por nós pela nossa salvação pela salvação não do povo não de
94 toda família da HU-MA-NI-DA-DE e vejam como nós cristãos ovelhas do rebanho do
95 BOM pas-tor e ele É capaz e FOI capaz de dar a vida ele cuida das ovelhas ele cuida das
96 feridas ele pega no colo as que estão doentes ele dá água aos que não tem que beber ele
97 dá comida... portanto ele está sempre cuidando das ovelhas de seu rebanho que somos
98 nós discípulos e discípulas dele... pensemos nisso em um instantezinho de silêncio

ENUNCIADOR 3

- 1 L1: ... nós temos a graça de celebrar... no mesmo dia... a festa dedicada ao Bom pastor e..
- 2 a festa dedicada à...
- 3 [
- 4 L2: Nossa Senhora de Fátima... mães

5 L1: tão com medo de acERtar? dedicada às mães... então um Deus que é Pai e mãe... um
6 Deus que se revela na pequenez da pessoa humana que se revela nos pequenos gestos
7 MAS jamais nega a sua grandeza na sua infinidade... então o texto apresenta os apóstolos
8 de modo especial Paulo e Barnabé que VÃO reZAR e vocês? só que em invés de domingo
9 eles foram no sábado que era o dia da oração dos judeus os judeus rezam no sétimo dia o
10 dia em que Deus descansou... e o sétimo dia da semana é? é sábado por isso que eles
11 rezavam no sábado... e o primeiro sábado quando foram lá não tinha muita gente no
12 templo e eles voltaram no sábado seguinte eles foram de novo... só que a fofoca começou
13 a espalhar “olha tem gente nova tem missionário NOVO” e foram lá para escutar o que
14 esses missionários novos tinham para transmitir e esses novos missionários falavam de
15 Jesus o RESSUSCITADO que traz a noTÍcia que TODOS todas pessoas junto com a
16 natureza têm direito de participar do reino de Deus... e esse Jesus ressuscITado é a PROva
17 de que Cristo é verdade... imagina o templo ficou cheio a alegria de uma parte ficou
18 vibrante PORÉM de outra parte ficou meio magoa::da parecia uma eleição os que não
19 conseguiram eleger zangados e os outros exultantes... por que os judeus ficaram tão
20 magoados? se a notícia era para to::DOS... acontece que eles acreditavam assim como
21 muitas autoridades brasileiras acreditam que somente eles são brasileiROS e os outros
22 que se lasQUEM o Brasil É DELES e não de nós... então os judeus acreditavam que... os
23 pobres iam pro o inferno as prostitutas iam pro inferno os cobradores de impostos iam
24 pro inferno e QUEM não era JUdeu já estava no inFERno... salvam-se poucos né? que
25 nem as elites brasileiras né... e vem a notícia que é justamente o contrário que diz que o
26 reino de Deus é para os pobres para os humildes para as prostitutas para aqueles e aquelas
27 que vivem na justiça:: aqueles e aquelas que vivem na partilha:: aqueles e aquelas que se
28 colocam nas mãos de Deus... como vocês fazem se colocam na mão de Deus agradecendo
29 pedindo força para levar adiante a caminhada nas dificuldades assim por diante... na
30 segunda leitura São João nos apresenta como É esse novo CÉU essa NOVA terra como é
31 esse novo lugar tão almejado tão desejado tão querido:: por Jesus e anunciado por aqueles
32 e aquelas que aceitam a grande notícia... nos apresenta pessoas vestidas de branco os
33 anciões cada um tomando o seu devido lugar... fica uma assembleia espetacular cantos
34 músicas alegria... o ambiente de plena paz o ambiente da plenitude de Deus... então nós
35 somos convidados quem é o primeiro candidato?

36 [

37 L2: ((silêncio))

38 L1: ninguém se candidata? Eu não tô com muita pressa não... vamos esperar um
39 pouquinho né... vamos esperar a nossa vez né... - - no evangelho Jesus se apresenta como
40 o BOM pastor... recordamos um pouquinho o antigo testamento em que os que deviam
41 conduzir a comunidade de Israel na presença de Deus da justiça do amor do perdão da
42 miseriCÓrdia da partilha não o fazem e a comunidade toDA paga o preço alto... éh:: a
43 exclusão... éh:: a rejeição da própria comunidade são levados para o exílio trabalham
44 como escravos e assim por diante... e Jesus vem dizer “EU sou o BOM PASTOR e
45 conduZO as MINHAS ovelHAS para os prados e terra:: conduzo minhas ovelhas para a
46 PRESENÇA de DEUS” então ele apresenta AQUELE que conduz com seguRANça as
47 ovelhas para a presença de Deus já não é mais o pastor que tem interesse de lapidar o
48 perdão mas o pastor que quer plenitude para os seus... aqueles aquelas que aderem... e
49 hoje a igreja vive também essa mesma experiência de pessoas humanas que exercem esse
50 ministério de conduzir a igreja que é de Jesus Cristo... hoje recordamos o dia dedicado ao
51 pastor dos pastores na pessoa do Papa Francisco... e ao meu modo de ver e por aquilo que
52 conheço nunca tivemos um/um papa tão iluminado tão inteligente tão humilde tão sincero

53 naquilo que ele diz e TÃO caTivante:: junto de toda comunidade... nunca ouvi falar de
54 um papa que tivesse tantos dons TANTAS qualidades numa só pessoa... tanto que ele é
55 MUITO::: mais estimado fora da igreja caTÓlica::: do que dentro da igreja católica... têm
56 católicos MAUS acho que a porta do inferno TÁ mais aberta do que a do CÉU pra alguns
57 católicos que falam mal do papa falam mal do bispo falam mal dos sacerdotes falam mal
58 da sua igreja... eu não sei o que esses povo fizeram o que tem dentro do coração dessas
59 pessoas aMARGas... pessoas aMARGas não falam bem de ninguém será que ninguém é
60 bom? só eles ou elas uma coisa tá errada... pessoas que falam bem sabemos que veem
61 coisas boas pessoas que falam mal... alguma coisa está errada... vocês no dia a dia falam
62 bem da igreja de Jesus Cristo? falam bem do papa? falam bem de seus sacerdotes? falam
63 bem de seu esposo de sua esposa? porque se vocês não fizerem isso:: alguma coisa tá
64 errada... então não tem como agradecer só tem aMARGura no coração MAS se falam
65 BEM CERteza que tem grandes coisas a oferecer a Deus... - - hoje é dia dedicado às mães
66 quantas mães vocês tem? quem tem uma?

67 [

68 L2: eu... eu

69 L1: quem tem duas?

70 [

71 L2: eu... eu

72 L1: quem tem três?

73 L2: eu... eu

74 L1: quatro?

75 L2: ((silêncio))

76 L1: só eu? mas como? vamos contar... aquela que me gerou vocês tiveram com certeza
77 absoluta... aquela que vos batizou... a madrinha né? já tem duas... aquela que nos conduz
78 a Jesus Cristo... três... vocês não casaram? não tinha um monte de madrinha lá? mais de
79 DEZ? pobrezinhas delas ficaram tudo de fora nem entraram na contagem... éh deveria ter
80 levantado as mãos e dito “eu tenho dez mães”... esqueceram de todas elas né? a madrinha
81 do Batismo a madrinha do crisma... no meu caso a madrinha de consagração religiosa e
82 sacerdotal... ainda vive... então hoje vamos agradecer tantas mães que Deus nos concede
83 três quatro cinco seis dez que chique né? então vamos agradecer tão grande ternura que
84 Deus nos concede na figura de vocês meninas-moças mulheres mães avós bisavós... acho
85 que tataravós já é um pouquinho pesado já não dá conta de carregar muito peso né...
86 vamos colocar todas nas mãos de Deus para que Deus na sua infinita bondade possa os
87 acolher com serenidade com alegria no reino celeste...e renovemos a nossa fé...

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 5º DOMINGO DA PÁSCOA

ENUNCIADOR 1

1 L1: Irmãos e irmãs no quinto domingo pascal depois da grande festa da padroeira:: somos
2 chamados ainda a continuar o nosso caminho espiritual porque sempre precisa ser
3 feito... confiantes nas promessas no aNÚncio do salvador... esse tempo pascal é
4 especificamente sobre o Cristo... a igreja que inicia a sua missão... o espírito santo passa
5 pela igreja:: e faz novas coisas... Jesus nesse evangelho de hoje centro da nossa meditação
6 dá continuidade ao serviço que nos é importante na vida comunitária... servir uns aos
7 outros e não coloca-se em atitude de superioridade que precisa e QUER ser servido como
8 rei e seus escravos... ao contrário a vida cristã é chamada a ser serviço fraTERno com
9 Jesus nos dando exemplo:: Jesus logo após celebrar com os discípulos a CEIA onde parte
10 o pão distribui o vinho abençoado dizendo que “este é o sinal da presença dele” aos que
11 o seguiram e foram fiéis até aquele momento... ele faz isso para que eles possam disfrutar
12 do significado maior:: da presença do filho de Deus... que promete estar sempre com eles
13 e conosco e com aqueles que vão herdar essa fé até o fim dos tempos... essa é a forma que
14 Jesus encontrou para permanecer presente:: não deixar os seus filhos órfãs... temos
15 também a dimensão de Deus trindade... Deus que é Pai representado pelo seu filho Jesus
16 que também participa da DOR do sofrimento da cruz de Jesus MAS que participará até a
17 ressurreição até a plenitude da missão realizada pelo filho... pela ação...
18 perpetuada/continuada pelo espírito santo que o filho envia à igreja... a missão continuará
19 através do espírito santo:: nós estamos vivendo os tempos do espírito santo::... e em breve
20 celebraremos a grande festa de Pentecostes... o Pentecostes é vivido a cada momento...
21 na Eucaristia acontece o Pentecostes para todos seus filhos e filhas porque ele faz presente
22 o memorial do Cristo senhor::... MAS Jesus nos dá acima de tudo a partir dos discípulos
23 um mandamento novo... segundo Jesus é o AMOR... “amai uns aos outros”... Jesus a
24 partir do testemunho de seu amor pelos discípulos... vai se doar se oferecer aceitar ser
25 morto:: por amor:: ele poderia dispensar fugir MAS ele não o fez porque dentro do projeto
26 de Deus ele devia doar-se totalmente para que os discípulos aprendam a ser doar... esse é
27 o mandato de Jesus a seus discípulos “amai uns aos outros”... o AMOR desperta muitas::
28 perguntas/questionamentos... “o que é amor?” “o que é amar as pessoas?”... o que
29 significa isso pra mim... cada um de nós vai ter uma resposta pessoal... porque cada um
30 de nós temos os nossos desafios pessoais... quais são as dificuldades que temos em amar
31 as pessoas? quais são os pontos mais fracos que temos que não me deixam amar e deixam
32 as minhas relações não cristãs?... nas atitudes do dia a dia sabemos quais são as nossas
33 fraquezas e essa busca de superação é o que nos desafia a cada dia... é um desafio... não
34 podemos desanimar... mesmo que uns aspectos ou outros sejam mais difíceis para nós...
35 são esses que nós devemos enfrentar:: para lutar para superar... as vezes uma pessoa que
36 não suporta:: uma pessoa que não consigo dialogar que não consigo nem ver... pessoas
37 que machucaram e que eu guardo rancor:: guardo a ferida no meu coração... pessoas que
38 as vezes me fizeram mal e eu nunca consegui perdoar:: pessoas que as vezes eu julGUEI
39 que não são dignas da Eucaristia ou da amizade ou do amor... tantas circunstâncias que
40 cada um nós sabe quais são... esses são os desafios MAS não se angustia demais não...
41 somos frágeis e somos pecadores... Deus sabe disso ele nos conhece... por isso João usa
42 a expressão “filhinhos” porque assim como um avô/avó que tem um coração grande::
43 Deus nos ama com seu amor grande e generoso:: ele entende nossos limites nossas
44 fraquezas e ele quer nos ajudar a superar as nossas fraquezas... para que possamos
45 renascer novamente tornar novas criaturas... no Apocalipse que é um livro que quer

46 encorajar os cristãos na hora do sofrimento:: João apresenta uma maravilha que ele estava
47 vendo o céu... a beleza que ele estava contemplando no CéU... ele diz que a morte não
48 vencerá não existe nem lágrimas nem choro porque ele é vencedor de dor e ele diz “que
49 aquele que está sentado no trono faz novas todas as coisas”... não só as coisas mas cada
50 um de nós... ele nos renovará para vivermos a graça da fé que NÃO deve perecer... é o
51 que Paulo mostrou na primeira leitura dos Atos dos apóstolos... ele recomenda as
52 comunidades que não percam a fé despertadas neles... por isso institui os presbíteros...
53 para que as comunidades tenham quem presida a comunidade quem fala de Jesus Cristo
54 quem anima as comunidades a perseverarem na fé... esse é o pedido de Paulo... perseverar
55 na FÉ... o cristão diante dos desafios do sofrimento precisa ter convicções profundas para
56 não desanimar não desistir...- - hoje queria dar um destaque especial à oração pelas
57 vítimas daquela doença terrível da imunidade... do HIV... que não se fala mais se evita
58 falar isso MAS que ainda está presente na sociedade e que muitas são as vítimas dessa
59 terrível doença... precisamos aprender a não ser aqueles que julgam porque não cabe a
60 nós o julgamento das pessoas se erram se fizeram estripulias ou não... hora de oração na
61 comunidade que reza para aqueles que são vítimas... precisamos rezar pelo coração
62 generoso rezar por aqueles que precisam da nossa oração e não ter vergonha de tratar e
63 de falar sobre esse assunto:: graças a Deus a nossa paróquia/eu acho que é a única
64 paróquia que tem a pastoral da AIDS no estado do Mato Grosso do Sul... então venha
65 com a gente nós estamos aqui e queremos incentivar para que continue nos pequenos
66 gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... mesmo que não se
67 fala não desista::... os jovens acham que podem tudo que não tem mais esse problema...
68 as pessoas de mais idade também acham que não tem mais problemas e acabam se
69 infectando por esse vírus... consciência e oração... continuemos sempre firmes e
70 perseverantes para sempre renovar a lembrança desse mal que tirou muitas vidas... um
71 dos meus irmãos também faleceu dessa doença bem no início que não sabiam o que era
72 essa doença... hoje quero rezar por ele... não tenhamos vergonha de assumir essas
73 realidades mesmo em nossas famílias... assim como outras doenças outros problemas que
74 as vezes afetam as nossas famílias... o amor supera TUDO o amor ajuda vencer... hoje
75 nossa oração é por aqueles que foram vítimas e por todos os doentes que tenham a força
76 da fé para continuar vivendo com Cristo presente em sua vida:: que ajudará também esse
77 grande desafio da cruz de cada dia... cada um de nós sejamos perseverantes e amemos
78 uns aos outros como Ele nos amou até a morte de cruz... Ele venceu e ressuscitou para
79 que nós possamos ressuscitar novas criaturas... renovemos a nossa fé nosso compromisso
80 cristão...

ENUNCIADOR 2

1 L1: Queridos irmãos queridas irmãs hoje celebramos o quinto domingo do tempo da
2 Páscoa... parece que o tempo está passando mais rápido... nesses dias nós estávamos
3 acendendo o círio pascal e agora nós já estamos no quinto domingo na quinta semana do
4 tempo da Páscoa... e nesse quinto domingo o tema princiPAL da liturgia dessas leituras
5 que ouvimos é o amor::... não o amor como uma simples recomendação que Jesus nos faz
6 mas o amor:: como um mandamento... “eu vos mando/eu vos ordeno” diz Jesus “amai
7 uns aos outros”... MAS ouvimos também na primeira leitura que é consequência desse
8 amor:: tirada dos Atos dos apóstolos que mostra que Paulo e Barnabé dedicados à missão
9 encorajam os seus discípulos nas comunidades onde eles vão fundando... eles encorajam
10 os seus discípulos a permanecerem firmes diante das dificuldades dos tormentos que por
11 ventura poderão aparecer certamente vão aparecer... porque as pessoas têm a ideia de que
12 ser cristão não é ter dificuldades não vamos ter mais problemas não vamos ter mais

13 desafios... e Paulo e Barnabé falam para que eles estejam preparados porque vocês vão
14 encontrar muitos desafios muitas dificuldades muitos obstáculos... eles dizem assim “é
15 preciso que passemos por muitos sofrimentos para entrar no reino de Deus”... Paulo e
16 Barnabé formavam e organizavam as comunidades formando lideranças porque eles não
17 iam permanecer ali para sempre MAS eles formavam pessoas líderes para que
18 continuassem à frente dessas comunidades depois que eles partissem... então eles iam
19 formando essas lideranças... e esses líderes eram escolhidos através da oração do jejum...
20 eram pessoas de fato ungidas por Deus para que pudessem ficar à frente dessas
21 comunidades né... só assim eles teriam FORça e capacidade para dar continuidade:: a esse
22 trabalho a missão para que eles não desistissem diante dos desafios das dificuldades que
23 eles iriam encontrar::... assim também hoje nas comunidades nas igrejas têm pessoas na
24 liderança capazes reforMAdas e... exercem essa capacidade são disponíveis para estar na
25 frente de nossas comunidades nos dias de hoje... eles encontram/encontrarão um monte
26 de dificuldades também muitos desafios nos dias de hoje né... e no evangelho que nós
27 ouvimos o evangelho de João... Jesus enfrenta a situação da traição de Judas... para Jesus
28 isso foi muito difícil um amigo que o traiu::... amigo do grupo que ele escolheu... as vezes
29 a gente fala “hoje em dia na igreja aquele líder lá ou aquele bispo se desviou traiu né”...
30 a gente as vezes fica admirado “como pode um bispo um padre trair?” dos doze discípulos
31 que Jesus escolheu um traiu::... a gente não deve se admirar disso... PORÉM Jesus não se
32 deixa abater pela traição de Judas... ele continua FIRme não abandona a missão:: por ter
33 sido traído por um de seus amigos né... então Jesus ensina aos seus discípulos que é
34 enfrentando o sofrimento que chegamos à glorificação por isso ele vai dizer “aGOra eu
35 vou ser glorificado o Pai me glorificará”... diante das dificuldades diante dos problemas
36 que a gente enfrenta e vence é que a gente vai ser glorificado... é percebendo a brevidade
37 do tempo/do pouco tempo que ele tem com seus discípulos ele dá aos seus discípulos o
38 mandamento do amor::... só com muito amor podemos superar o sofrimento a traição e
39 as dificuldades que nós encontramos... o mandamento de Jesus é um mandamento novo
40 não que não existisse o mandamento do amor:: já existia o mandamento do amor na lei
41 de Deus nos dez mandamentos... mas Jesus vai dizer “eu vos dou um novo amai uns aos
42 outros” qual é a diferença? amai como eu vos amei... essa é a diferença... como Jesus nos
43 amou? se doando dando a sua vida por nós... esse é o mandamento novo ser capaz de dar
44 a vida... ser capaz de amar até os próprios inimigos:: de dar a outra face... um amor
45 incondicional... então esse é o mandamento novo... nisso consiste essa novidade desse
46 mandamento amar uns aos outros da maneira que Jesus nos amou... será que nós hoje
47 como igreja como cristãos temos essa capacidade de cumprir esse mandamento de Jesus?
48 ou estamos ferindo matando essa nossa identidade de cristãos?... é isso que nos diferencia
49 das outras pessoas que não são cristãs?... sermos capazes de amar incondicionalmente::
50 será que nós estamos sendo capazes de fazer isso?... por isso Jesus afirma “nisto todos
51 conhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns aos outros”... nós somos
52 capazes de dar a vida pelo nosso próximo pelo nosso irmão? somos capazes de
53 perdoarmos de amarmos os nossos inimigos? somos capazes de perdoarmos de amarmos
54 as pessoas que não são simpáticas as pessoas que as vezes nos ofende? somos capazes
55 desse amor? se não somos capazes disso nós estamos traindo a nossa identidade cristã...
56 e estaremos longe do reino dos céus de construirmos aqui nesse mundo o novo céu e a
57 nova terra como fala João na leitura do Apocalipse... precisamos construir nesse mundo
58 o novo céu e a nova terra promovendo justiça paz e enxugar as lágrimas dos que sofrem...
59 irmos ao encontro dos que estão excluídos dos que sofrem só assim estaremos ajudando
60 a construir esse novo céu e essa nova terra... então queridos irmãos e queridas irmãs que
61 Jesus nos ajude na capacidade de amar... renovemos a nossa fé..

ENUNCIADOR 3

1 L1: Meus irmãos e minhas irmãs celebramos hoje o domingo do mandamento novo::... o
2 mandamento do amor::... o amor... que deve ser... carTEIra de identidade do cristão::... e
3 este amor... supõe a entrega total... em serviço... em doação à Deus e ao próximo...
4 principalmente aos mais necessitados... Jesus... se despede dos discípulos... e diz... “deixa
5 o testamento”... o testamento de Jesus é exatamente esse mandamento novo do “amai uns
6 aos outros como eu vos amei”... esse trecho do evangelho de hoje faz parte... do discurso
7 de despedida de Jesus na última ceia... quando ele instituiu a Eucaristia::... a celebração
8 .da Eucaristia instituída... nada mais é que a última ceia... o rito que ele celebrou... nada
9 mais é o que celebrar ritualmente aquilo que ia acontecer::... na sexta-feira santa no
10 sábado no domingo da Ressurreição... então Jesus antecipa/Jesus se despede e antecipa
11 através de um rito que é o rito da Eucaristia... aquilo que iria acontecer com ele e diz
12 “fazei isso em memória de mim”... então todas as vezes que nós queremos recordar de
13 Jesus mais autêntico e completo é na celebração da Eucaristia::... e o trecho do evangelho
14 de hoje faz parte dessa despedida de Jesus... nós já estamos no final do tempo pascal...
15 logo vem a ascensão do senhor e Jesus se despede para voltar para a casa do Pai... vejam
16 que... é nessa entrega total e ao mesmo tempo radical que se cumpre:: a vocação de ser
17 cristão... e que se dá o... testemunho ao mundo do amor de Deus para conosco... do amor
18 de Cristo que é um amor de entrega total... Jesus... esvaziou-se totalmente de si mesmo...
19 esvaziou-se da sua condição divina::... para assumir a autoridade... doando a sua vida por
20 amor::... e ao mesmo tempo sendo fiel a Deus... FOI ISSO que Deus quis e ele cumpre...
21 desse modo::... ao despedisse dos discípulos... Jesus fala em “filhinhos amai uns aos
22 outros como eu vos amei”... o fato de chamá-los de filhinhos aos discípulos... revela o
23 afeto e o carinho que ele tinha por eles... esse amor pleno... esse amor incomensurável...
24 o que Jesus tem é a marca mensurada da vivência cristã... no seguimento do senhor...
25 queremos seguir Jesus Cristo? queremos ser discípulos de Jesus Cristo?... como dizia
26 antes a carTEIra de identidade a marca é... justamente o amor:: aos irmãos... somente o
27 AMOR um para com outro revelará o verdadeiro agir:: cristão... se nós de fato estamos
28 agindo como cristãos... o revelamos na ocorrência de nosso testemunho... esse é o
29 testemunho da primeira comunidade cristã... o que os outros diziam vendo os cristãos?
30 diziam “vê como eles se amam”... será que os outros olhando pra nós... cristãos hoje...
31 eles vão dizer a mesma coisa?... por outro lado nós temos algo também que nos ensina...
32 como... ou a importância de encorajarmos os outros... principalmente de encorajarmos as
33 lideranças que têm a missão... de garantir a animação... das comunidades no caminho de
34 Jesus Cristo... portanto nós como igreja temos a tarefa de construir uma comunidade de
35 IRMÃOS... essa é a nossa tarefa... precisamos construir uma comunidade de amor::... esse
36 amor portanto nos leva como diz o próprio João no livro do Apocalipse... ao caminho
37 para Jerusalém celeste onde veremos Deus com a sua misericórdia... é LÁ na Jerusalém
38 celeste portanto lá no CÉU que se revelará a plenitude de tudo aquilo que Jesus Cristo fez
39 e da vivência nossa como cristão em nosso dia a dia... vejam que... LÁ na Jerusalém
40 celeste É o lugar de encontro definitivo com o senhor... isso nos dá coragem para enfrentar
41 as dificuldades do nosso dia a dia... portanto::... que Maria... nossa mãe e protetora... ela
42 que foi a primeira discípula de seu filho Jesus... nos ajude... a viver... o amor pleno... o
43 amor serviço... o amor doação... só assim estaremos testemunhando Jesus Cristo ao
44 mundo de hoje... pensemos nisso em um instantezinho de silêncio...

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 6º DOMINGO DA PÁSCOA

ENUNCIADOR 1

1 L1: Caríssimos irmãos e irmãs... já há alguns dias... nós... estamos escutando no
2 evangelho... Jesus preparando os seus discípulos e no evangelho de São João começa aí
3 uma despedida... a despedida de Jesus... de seus discípulos e a preparação para que os
4 discípulos possam DAR continuidade à missão:::... por isso Jesus envia o Espírito Santo...
5 o defensor:::... no grego vai dizer que é o paRÁclito::: o paráclito é aquele que cuida que é
6 o nosso guia... Jesus deixa o Espírito Santo como o motor promotor da igreja... quando
7 Jesus sobe ao Pai... o Espírito Santo é quem vai conduzindo a igreja... e o evangelho de
8 hoje... nos mostra Jesus... deixando aos seus discípulos... além do mandamento do amor::
9 que ouvimos no evangelho do domingo passado:::... ele pede que os discípulos guarde a
10 SUA Palavra:::... guardar a sua Palavra no sentido de ter... sempre em mente... e colocar
11 em prática:::... essa despedida de Jesus... também... deixa para nós discípulos e discípulas
12 da atualidade... o dever de guardar essa Palavra... a ter sempre essa Palavra VIVA nas
13 nossas ações... com isso nós vamos demonstrando... o amor que temos por Jesus...
14 guardando no coração essas Palavras... e assim... ele e o Pai irão fazer morada em nós...
15 é um convite para nós deixarmos que o Pai e o filho na unidade do Espírito Santo possam
16 fazer morada em NÓS... conduzir a nossa vida... isso significa também renúncia de muitas
17 coisas que nos impede de... aproximar de Deus... que nos impede de ser cristão... este é o
18 espírito que o senhor deixa aos seus discípulos... e não só àqueles que ele chamou de
19 doze... mas também o Espírito Santo vai agindo na vida de todos aqueles que vão aderindo
20 a proposta de Jesus que vão se convertendo... isso acontece com... Paulo e Barnabé... no
21 domingo passado nós ouvimos na primeira leitura... a missão de Paulo e Barnabé em
22 Antioquia... nessa missão... eles encontraram muitos desafios mas conseguiram atingir o
23 coração de muitos pagãos... neste trabalho apostólico de Paulo e Barnabé... eles voltam
24 satisfeitos/eles voltam felizes... e eles falam o seguinte “como Deus abriu o coração
25 daqueles gentios?”... a alegria de Paulo foi ver a fê brotar no coração daquelas pessoas...
26 quem tem o costume de acompanhar a liturgia durante a semana vai perceber que foi
27 traçando na leitura dos Atos dos apóstolos esse conflito que há... Paulo vai com Barnabé
28 e daí vem outras pessoas para querer desfazer este trabalho... pessoas... que são do ramo
29 dos fariseus... são chamadas de cristãos judaizantes... ainda presos a lei de Moisés eles
30 causam conflitos... é interessante perceber dentro dessa dificuldade:::... Paulo e Barnabé
31 levam isso aos apóstolos em uma assembleia... para resolver esse conflito para ganhar a
32 confiança dos paGÃOS... os apóstolos decidem mandar duas pessoas de confiança duas
33 pessoas que são respeitadas... um é Judas e o outro é?... Silas... vão juntamente com Paulo
34 e Barnabé para ganhar a confiança novamente daquelas pessoas... HÁ algo interessante
35 que acontece... uns abrem as portas... para a graça de Deus... outros vão e fecham... é o
36 caso daqueles que vão lá e querem impor a lei de Moisés... Paulo e Barnabé anunciam o
37 evangelho de Jesus Cristo e a salvação se dá... POR... Jesus Cristo:::... o outro diz a
38 salvação se dá... POR cumprir a lei de?... Moisés... e aí nós podemos voltar um pouco e
39 perceber para entendermos qual é a proposta que favorece a nossa salvação... cumprir as
40 leis de Moisés ou crer em Jesus Cristo? é só eles voltarem e tentar escutar as Palavras de
41 Jesus... aquelas que estão guardadas no nosso coração... alguém lembra de alguma
42 Palavra de Jesus e que durante a semana foi citada no evangelho?... ele fala assim “o Pai
43 é maior do que todos”... aqui na leitura do evangelho de hoje fala que “o Pai é maior que
44 eu” MAS se vocês se recordam também esta Palavra de Jesus “o Pai é maior que todos”...
45 acompanhem o raciocínio... se o Pai é maior que todos então o Pai é maior que?...

46 Moisés... Jesus também diz o seguinte “eu e o Pai somos um”... logo Jesus também é
47 maior que Moisés... a lei não é descartada totalmente porque Jesus cumpre a lei:: o que
48 ele faz com essa lei de Moisés?... os dez mandamentos... ele junta tudo e coloca a vivência
49 do... do... do amor:: viver o amor a Deus e aos irMÃOS nós vivemos a lei de Moisés... e
50 assim a nossa salvação estará garantida... assim nós viveremos aquilo que é a visão de
51 São João no Apocalipse... “o anjo que leva a uma montanha alta e me faz chegar a
52 Jerusalém”... o que significa Jerusalém para aquele povo?... Jesus sempre ia a Jerusalém
53 por causa do templo:: do templo de Deus... para... nós entendermos vamos trazer essa
54 reflexão para a atualidade... todos os domingos nós vamos/temos o encontro marcado às
55 oito e meia aonde?...

56 L2: Na missa...

57 L1: Na comunidade?

58 L2: Santíssima Trindade

59 L1: Santíssima Trindade... nessa vinda nossa para cá nós encontramos com Deus... nossa
60 intenção é a de encontrar com Deus... assim também o povo de Israel iam a Jerusalém
61 para encontrar com Deus... pelo menos uma vez no ano eles tinham que ir para lá... a
62 Páscoa era celebrada em Jerusalém... e a Jerusalém celeste ela é o CÉU... essa Jerusalém
63 celeste messiânica... que não tem luz e não tem sol... é o próprio senhor... e o cordeiro...
64 quem é o cordeiro?... Jesus Cristo... então para que possamos chegar a essa comunidade
65 da Santíssima Trindade santa e perfeita:: nós devemos seguir aquilo que Jesus nos pede...
66 guardar as suas Palavras... pôr em prática os seus ensinamentos e viver o AMOR assim
67 nós vamos viver essa nova Jerusalém ou melhor essa nossa comunidade Santíssima
68 Trindade em uma forma plena no encontro com Deus... que nós possamos seguir esses
69 ensinamentos de Jesus e assim ele fazendo morada em nós... possamos também junto com
70 ele na eternidade ter esse prazer de estar sobre uma luz eterna sobre coisas que não se
71 acabam sobre a nossa felicidade... louvado seja nosso senhor Jesus Cristo...

ENUNCIADOR 2

1 L1: Irmãos e irmãs nesse sexto domingo pascal... somos chamados a dar um passo a mais
2 na/ no aprofundamento da nossa fé no RessuscITAdo::... e também compreender um
3 pouco mais a dimensão que Cristo nos apresenta na relação dele com o Pai... e nos
4 prepara para enviar o Espírito Santo... liturgicamente para celebramos os grandes
5 acontecimentos da salvação que Deus preparou para os seus... para aqueles que creem...
6 e assim renovar em nós... aquela vida que nasce em nós através do Batismo:: a cada vez
7 que celebramos os sacramentos... a oração buscamos estar intimamente ligados com
8 Deus... um Deus que o filho nos apresenta como um Pai:: um Pai que está ligado
9 comprometido que está atento aos filhos... como filho amou e ama a todos aqueles que
10 acreditam creem e o segue:: porque a estes ele prometeu o Espírito Santo... assim vamos
11 nos preparando para o Pentecoste e no próximo domingo celebraremos a Ascensão do
12 Senhor:: nesses grandes acontecimentos celebrados durante toda a extensão do período
13 pascal... nós reavivamos a FÉ no RessuscITAdo... busquemos a cada dia a nossa
14 Ressurreição enquanto seres humanos no mundo queremos crer verdadeiramente que o
15 senhor prepara e acompanha o nosso caminho:: ao lado do Pai... essa confiança de Jesus
16 com o Pai revelada através dessas afirmações que ele faz com os discípulos é o que nos
17 motiva:: a perseverar:: na FÉ... e é importante estarmos bem preparados nessa

18 perseverança:: nesse seguimento de Jesus que vai ao Pai para podermos ter forças para
19 enfrentar os desafios de cada dia... a primeira leitura conta justamente a experiência dos
20 cristãos que começam a viver conflitos de ideias de princípios... a confusão de ideias e
21 princípios de um povo judeu que tem princípio para a saúde para sobreviver... agora com
22 Jesus Cristo começam a se tornar distintos os princípios de tradição espiritual dos outros
23 que são para o bem de todos em relação à saúde e outros aspectos... entra o conflito da
24 circuncisão que é um rito importante para o povo de Israel MAS não era um rito espiritual
25 importante para o cristianismo... e assim acontece um primeiro concílio onde os apóstolos
26 consultam o Espírito Santo e há um pedido para que as pessoas superem os seus
27 conflitos... os discípulos esclarecem o que pertence a fé e o que pertence ao rito de um
28 povo:... assim conciliados continuam no seguimento de Jesus Cristo ensinando a
29 superar:: conflitos que vivemos no dia a dia... as vezes pode ser a partir da fé e também
30 de outros aspectos que acompanham a nossa vida social na vida da comunidade... o
31 importante é seguir os ensinamentos do filho Jesus Cristo com o Pai... e que tudo mais
32 deve servir para enriquecer a vida de cada um de nós como filhos e filhas... e que juntos
33 tenhamos uma meta de seguir aquele que brilha como o Ressuscitado junto de Deus... é
34 assim que o Apocalipse quer nos apresentar não para assustar os cristãos MAS em uma
35 linguagem acessível faz eles perseverar nas perseguições e nas dificuldades com Cristo
36 o vencedor.... com ele também os cristãos podem vencer todos os desafios e as lutas de
37 cada dia perseverando na fé:: e nos ensinamentos que ele nos deixou:... Jesus nos promete
38 o Espírito Santo na função de... primeiro recordar o que o próprio Jesus nos ensinou...
39 segundo ensinarmos o que ainda não sabemos... e esse ensinamento e esse recordar nos
40 faz aprendermos cada vez mais o caminho... e a Palavra de Deus se torna atual pela ação
41 do Espírito Santo... assim podemos ler e ouvir muitas vezes a mesma Palavra e por vezes
42 não entendemos ou não modifica nada em nós por outros momentos ela pode ser
43 definitiva ela pode ser importante:: para resgatar em nós a confiança e motivação de
44 viver:... por isso a Palavra de Deus é atualizada renovada pelo Espírito Santo em nós...
45 assim celebramos a presença de Deus na Palavra e na Eucaristia e... o próprio Pai é que
46 envia o Espírito Santo a pedido do filho... entendemos assim que a nossa fé é trinitária
47 e em nome da trindade confiamos e vivemos somos batizados... nós sempre que oramos
48 invocamos a trindade santa... é o Deus uno e trino que nos ensina a trindade ao mesmo
49 tempo nos ensina a seguir o projeto que Deus preparou aos seus filhos:: cada um de nós
50 é chamado a caminhar para ser vitorioso como Cristo... todos nós somos chamados a
51 sermos vitoriosos diante dos conflitos das adversidades das dificuldades que enfrentamos
52 a cada dia... assim perseverando na fé viveremos a vitória de Deus o Pai em nossas vidas
53 até a eternidade... é o caminho do cristão perseverar:: enquanto fazemos esse caminho
54 queremos estar unidos entre nós superando todas as adversidades as diferenças e
55 construindo a verdadeira comunhão... convidamos então a cada um de nós sentir
56 intimamente ligado a trindade e renovar a nossa fé...

ENUNCIADOR 3

1 L1: Meus irmãos e minhas irmãs... como comunidade cristã... nós nos reunimos... para
2 celebrar... o memorial... a Memória... a Morte e Ressurreição de Jesus... os discípulos no
3 capítulo doze de São João... escolhidos para este domingo... fazem parte do chamado...
4 discurso de despedida de Jesus... na quinta-feira santa... ele reuniu os apóstolos para
5 celebrar a Páscoa judaica... mas ali... ele acabou instituindo a Eucaristia e... instituindo o
6 sacerdócio também... com isso ele estava prevendo o que iria acontecer na sexta... ele
7 estava prevendo também o que iria acontecer no domingo... ele seria ressuscitado...
8 então... ele percebeu que estava chegando a hora da sua morte... a hora em que ele daria...

9 glórias a Deus Pai... Jesus glorificaria o Pai através de sua morte entregando a sua morte
10 para a salvação da humanidade... e por outro lado o Pai glorificaria o filho...
11 ressuscitando:: esse filho que morreu... ressuscitando do mortos no terceiro dia::... então
12 o texto do evangelho de hoje tem sabor de testemunho... e ao mesmo tempo é herança...
13 é a herança que nós recebemos de Jesus... por isso que no final da celebração no final do
14 encontro ele fez a despedida ele disse “faizei isso em memória de MIM” é isso que nós
15 fazemos quando celebramos a Eucaristia é isto que estamos fazendo agora... recordamos
16 a Memória trazemos para o hoje... aquilo que aconteceu na quinta-feira santa... e na
17 quinta-feira santa Jesus celebrou ritualmente aquilo que iria acontecer com ele
18 concretamente na sexta... que foi a morte... no sábado que foi a sepultura e domingo que
19 foi a Ressurreição... então na quinta ele celebrou ritualmente aquilo que iria acontecer
20 com ele depois e nesse rito:: ele mandou que a gente repetisse para recordá-lo... e para
21 recordar tudo aquilo que ele fez por nós durante os três meses de caminhada pregando o
22 evangelho:: a Palavra de Deus... a boa notícia... a boa notícia é que Deus mandou ao seu
23 filho para que ele possa nos trazer a salvação... por isso o filho diz “eu cumprio a vontade
24 do Pai eu faço aquilo que o Pai me manda e o Pai quis que eu entregasse a vida pela causa
25 e eu fiz” e agora o Pai o glorifica ressuscitando o seu filho:: e a única condição para
26 pertencer a família de Deus junto com Jesus é amar Jesus Cristo e guardar a sua Palavra...
27 e quem guarda a Palavra... se torna morada do Pai e do filho... dos dois... os discípulos
28 estão com medo::... porque diante da partida de Jesus... eles pensavam “ o que vai ser de
29 nós”... POR ISSO Jesus PROMete que o Pai enviará o Espírito Santo:: a função do
30 Espírito Santo é ensinar e recordar tudo aquilo que Jesus tinha dito::... e diante de toda
31 essa situação de medo... Jesus anuncia a PAZ... ele está para morrer e dá a paz aos seus
32 disCÍpulos... paz não é só ausência de guerra... é coragem... Jesus os animam os
33 encorajam... com isso eles superaram a dor a tristeza e ao mesmo tempo o medo que
34 estavam sentido porque Jesus estava se despedindo::... na primeira leitura vimos como o
35 Espírito Santo ajuda as primeiras comunidades cristãs a superarem os desafios pastorais
36 que estavam vivendo::... o que que aconteceu?... o texto de hoje apresenta aquilo que nós
37 chamamos de concílio de Jerusalém... o primeiro concílio da igreja::... Jesus/na verdade
38 nesse concílio foi promulgado modos diferentes de encarar a prática pastoral no meio dos
39 pagãos... o que que aconteceu? aconteceu que Paulo e Barnabé foram grandes
40 missionários eles iam pregar o evangelho em todas as regiões... primeiro... chegando em
41 uma cidade eles iam em uma sinagoga::... dos judeus falando de Jesus... MUITOS judeus
42 não aceitaram... aliás o povo judeu ainda hoje esperam o Messias... MAS alguns deles se
43 convertiam aceitavam o que Paulo e Barnabé diziam... o povo começaram a aderir Paulo
44 e Barnabé... formaram comunidade/comunidades... Paulo por exemplo foi em Éfeso
45 Corinto e em outros lugares mais né... acontece que o povo de Jerusalém convertido ao
46 cristianismo MAS que eram judeus antes::... foram visitar a Antioquia onde Paulo
47 estava... e... o que eles disseram? “oh vocês não vão se salvar não vocês são cristãos mas
48 não vão se salvar porque vocês não foram circuncidados segundo a lei de Moisés”... como
49 é que Paulo não falou isso antes? como é que Barnabé não falou isso antes?... Paulo e
50 Barnabé não aceitaram esse discurso do pessoal que veio de Jerusalém... Paulo foi o
51 primeiro a dizer “a salvação vem com Jesus Cristo:: quem acredita em Jesus Cristo e
52 segue sua Palavra está salvo não precisa de circuncisão não precisa fazer aquilo que é
53 próprio do judaísmo” e OLHA que Paulo era um judeu né... MAS como vamos resolver
54 o problema?... aí a comunidade disse “vamos mandar duas pessoas... Judas e Silas pra
55 Jerusalém junto com Paulo e Barnabé para tratar do assunto junto com os apóstolos na
56 igreja MÃE que era Jerusalém”... chegando em Jerusalém reuniram os apóstolos e os
57 anciões e colocaram a situação que estava acontecendo na Antioquia... houve muita
58 discussão e no fim mandaram de volta Judas e Silas junto com Paulo e Barnabé e dois da

59 comunidade de Jerusalém com uma carta dizendo “ não vos impõem de nenhum fardo
60 abastecem de carnes sacrificadas do sangue das carnes de animais sufocados... no mais
61 vocês não são obrigados a ser circuncisado”... quer dizer Paulo ganhou vantagem teve
62 razão... e esse foi o chamado primeiro concílio da igreja:... com a presença do papa que
63 era Pedro... no ano cinquenta:: no ano trinta e três que Jesus subiu para o céu né... morreu
64 ressuscitou...- - trinta e três... trinta e cinco... tem dúvidas ainda sobre o ano...
65 historicamente dizem... a gente fala que Jesus morreu aos trinta e três anos... MAS tem
66 documento aí dizendo que ele teria nascido dois anos antes... então teria morrido com
67 trinta e cinco... a história fala trinta e três ou trinta e cinco... - o concílio acontece no ano
68 cinquenta:: muitos apóstolos já tinham morrido MAS Pedro que era o papa estava aí... e
69 inclusive a discussão começou com Pedro... Pedro disse assim “eu tenho uma experiência
70 para começar a discussão... eu batizei Cornélio e toda a sua família sem exigir a
71 circuncisão”... todos disseram “se o papa fez isso vamos fazer isso”... quer dizer a igreja
72 se adaptando as culturas e não as culturas se adaptando a igreja... a igreja vai ao encontro
73 do lugar e se adapta:... - eu estava olhando hoje em uma página lá... foram vinte e dois
74 concílios que teve a igreja... as vezes ficava cem anos duzentos trezentos anos sem...
75 outras vezes aconteciam logo em seguida porque o concílio não conseguia terminar
76 determinados assuntos e assim reuniam novamente em dois dez quinze anos depois mas
77 enfim foram vinte e dois... esse de Jerusalém foi o primeiro e o concílio do vaticano
78 segundo que aconteceu de sessenta e dois a sessenta e cinco foram os papas que foram
79 canonizados a pouco tempo... João vinte e três que é agora São João vinte e três e o papa
80 São Paulo sexto... que coordenaram o concílio... de sessenta e dois a sessenta e cinco...
81 que promulgou coisas importantes... inclusive a missa celebrada em vernáculo isto é na
82 língua do povo... por muito tempo celebrava-se em latim sem o povo entender nada::
83 agora o povo entende o que se fala... ou vocês não estão entendendo? ((risos)) - - ...
84 renovemos a nossa fé...

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 7º DOMINGO DA PÁSCOA

ENUNCIADOR 1

1 L1: Caríssimos irmãos e irmãs... celebramos a Ascensão do senhor... essa subida de Jesus
2 Cristo para junto do Pai... em toda a semana nós... quem tem o costume de acompanhar a
3 liturgia diária percebeu-se que toda liturgia preparava-se para esta celebração... Jesus
4 falava aos seus discípulos que iria para o PAI... isso causava o que nos discípulos quando
5 Jesus falava abertamente que ele iria para o Pai:: que ele iria morrer::?... o que causava
6 nos discípulos isso? ((silêncio))... alegria?... tristeza:: MAS o que Jesus queria era que
7 eles ficassem... ALEGRES por isso... porque ele ia voltar para o Pai porque ele/era
8 necessário que ele voltasse para o Pai para que o Espírito Santo:: o paráclito o consolador
9 viesse... era necesSÁRIO... mas os discípulos ainda estavam muito apegados à pessoa de
10 Jesus e não queriam isso... estavam também muitas vezes acomodados COM a presença
11 de Jesus... porque ele fazia milagres porque ele estava sempre:: próximo deles... sempre
12 servindo às suas necessidades:... isso é bom... nós podemos perceber isso na nossa vida
13 no dia a dia... como nossos Pais que se dedicam para que não falte nada para nós... e
14 quando eles se vão nós nos sentimos desamparados:... isso acontecia com os discípulos...
15 e é o que acontece quando nós escutamos a primeira leitura... o autor que é São Lucas
16 narra tudo como aconteceu... desde o início até o final até a Ascensão do Senhor... essa
17 subida de Jesus ao Pai... quando ele começa a contar... ele nos fala que... que com essa

18 subida de Jesus... os discípulos ficaram alegres quando viram o senhor subindo:: e aí eles
19 vão sempre ao templo isso porque eles já estavam pre-pa-ra-dos com tudo aquilo que
20 Jesus tinha ensinado para eles... na nossa vida temos uma dificuldade em lidar com essa
21 questão de despedida... dos nossos entes queridos porque nós não somos preparaDOS nós
22 não temos essa preparação... é importante que nós possamos nos preparar:: para este
23 momento... e isso deve... como cristão... colocar a nossa fé em AÇÃO... assim como Jesus
24 insistiu com os discípulos “tenham fé em mim... porque eu vou para o Pai e enviarei o
25 Espírito Santo”... essa subida de Jesus não é para afastar não é para ficar longe dos seus
26 discípulos... mas é necessária para que aconteça a nossa sal-va-ção... celebrar a Ascensão
27 é celebrar:: a vitória de Jesus Cristo sobre a morte e sobre o pecado... também nós somos
28 convidados nessa celebração a REPENSAR o nosso Batismo em que/é nesse momento
29 do Batismo que nós recebemos sobre nós o Espírito Santo... através do óleo através da
30 unção nós recebemos o Espírito Santo... nós devemos dar conTInuidade a esse projeto de
31 Jesus... este é o compromisso que recebemos no Batismo... recebendo o Espírito Santo
32 nós somos convidados a trilhar o caminho de Jesus... assim fazemos que nossa caminhada
33 seja uma expressão de Jesus Cristo para o mundo... - - a segunda leitura nos fala já de
34 uma igreja formada com uma igreja em que Jesus é a cabeça e nós somos membros desse
35 corpo nós fazemos parte dessa cabeça de Jesus... e ao fazer parte nós devemos... sempre
36 nos configurar:: com ele e configurar::... é fazer aquilo que no domingo passado a liturgia
37 já pedia... para que nós possamos guardar a sua Palavra... ASSIM ele permanecerá ele e
38 o Pai farão morada em NÓS... se nós guardarmos a sua Palavra... colocar em prática os
39 seus ensinamentos... ESTE é o convite de Jesus... por isso caríssimos irmãos e irmãs...
40 que nós ao celebrarmos a Ascensão do senhor nós possamos a cada dia buscar também...
41 a nossa ascensão para junto do Pai... vivendo o nosso Batismo assim como o próprio
42 Cristo nos pede a viver no amor::...- - e nesse dia também nós celebramos o dia mundial
43 da comunicação... e o que nós ouvimos no comentário inicial de que até as redes sociais::
44 são um espaço para uma comunicação:: sauDÁvel para comunicar o Cristo Jesus... para
45 comunicar a boa nova do reino:: também somos convidados a rezar por aqueles que
46 comunicou o amor de Deus em nós... os nossos Pais o nossos catequistas... então neste
47 momento irmãos e irmãs peço um instante de silêncio para que nós possamos nesse
48 silêncio aproveitar e rezar por todos aqueles que contribuíram na nossa fé cristã...
49 ((silêncio)) fiquemos de pé e renovamos a nossa fé...

ENUNCIADOR 2

1 L1: Irmãos e irmãs estamos celebrando a festa de Ascensão do senhor:: dentro das
2 festividades pascais... os acontecimentos históricos após a Ressurreição... após Jesus
3 aparecer aos discípulos e confirmar a vitória sobre a morte:: que fez toda a diferença
4 enquanto os discípulos viviam a decepção em que o grande líder deles tinha terminado na
5 cruz... e agora a Ressurreição confirma a vitória que ele já tinha anunciado que deveria
6 passar por tudo isso:: mas os discípulos não compreendiam como isso poderia acontecer...
7 ressuscitar:: dos mortos... e ser elevado ao céu é um grande prêmio visto aos olhos
8 humanos... daquele que cumpriu a vontade do Pai... e mostrou para nós o caminho que
9 nós devemos percorrer... viemos ao mundo por amor de Deus Pai... com a missão de ser
10 no mundo também sinal... Jesus realizava sinais para compreender que ELE era a
11 presença de Deus... no entanto ninguém entendia... a maioria das pessoas que acolheram
12 Jesus era por curiosidade:: por isso ele deixou de fazer muitos milagres porque para os
13 curiosos ele não tinha interesse nenhum de realizar milagres MAS realizava para aqueles::
14 que necessitavam realmente e acreditavam que ele tinha poder de transformar de curar::
15 de devolver a dignidade a vida a todos que o buscasse de coração sincero... esse caminho

16 pascal é para nós uma elevaÇÃO espiritual... creio que todos nós que fazemos esse
17 caminho nos sentimos mais elevados em confronto com as nossas atividades do dia a dia
18 com nossas atividades porque sabemos que não estamos fazendo um caminho solitário...
19 nós estamos fazendo com aquele que é vencedor... ele nos convidou a fazer esse caminho
20 com ele e ele nos mostra a vitória que leva o filho de Deus de volta à casa do Pai... e ele
21 mesmo disse “se os discípulos compreendessem o que era isso poderiam se alegrar e
22 festejar”... - - uma compreensão também da morte é que nós brasileiros somos muito
23 chorões né ((risos)) nós diante da morte nos debulhamos como diz a linguagem popular
24 ((risos)) nós não compreendemos achamos que devemos seguir eternamente... esse
25 aspecto é bom é um desejo de lutar contra os empecilhos da vida... por outro lado devemos
26 também preparar para que seja um acontecimento realmente pascal de Ressurreição... é
27 preciso compreender que uma pessoa que viveu e está com noventa anos ela está
28 preparada para ir para casa do Pai e devemos alegrar com ela... pela passagem pela Páscoa
29 que ela vai fazer:: éh... nem sempre isso acontece em nossas vidas... algumas pessoas
30 reclamam do amor de Deus... Deus prepara os seus filhos e ele disse “vou para casa do
31 Pai lá têm muitas moradas e eu vou preparar uma pra vocês”... sentimos convidados a
32 fazer esse caminho vitorioso com JESUS... devemos viver cada dia... porque cada dia é
33 uma vitória... cada dia é pra ser celebrado uma Ressurreição realmente... claro que somos
34 afetivos nós brasileiros somos sentimentais tudo isso é normal seria ruim... se nós não
35 tivéssemos nenhum sentimento... PORÉM a nossa fé tinha que ser maior:: ser de fato de
36 ressuscitados... sabemos que fazemos o caminho para o Pai venceDOres da luta de cada
37 dia e lutadores da nossa missão que temos aqui na terra... Jesus ressuscita para dizer que
38 aquele que crê que faz o caminho acompanhado e iluminado pelo Espírito Santo que o
39 Pai enviou... a gente poderia perguntar “mas o Espírito Santo esteve desde a criação?”
40 esteve... MAS Deus enviou o seu filho para que ele fosse a revelação na missão... a
41 escolha de Deus foi que a Palavra fosse vivificada fosse reportada pelo Espírito Santo...
42 que ela fizesse que compreendêssemos o caminho do Pai e que... através da Eucaristia...
43 Cristo estaria... realmente:: presente no meio de nós... ele faria essa comunhão ser eterna...
44 assim que participamos da Eucaristia nós renovamos a nossa aliança que ele traz para
45 nós... e nós no dia do Batismo assumimos recebemos o Espírito Santo... o confirmamos
46 através do sacramento do Crisma... todos os sacramentos renovam a nossa vida para que
47 sejamos sinais da vida plena e verdadeira que o filho de Deus trouxe para NÓS para que
48 fôssemos para o mundo sinais... as vezes nós pensamos que a igreja é tão grande e muita
49 gente não participa da igreja... as novas gerações hoje:: elas têm outros interesses MAS
50 nunca esqueçamos que para nós... é hoje a nossa vitória que precisamos viver e
51 precisamos ser sinais... sinais da presença de Deus daqueles que acreditam nos fatos...
52 somos motivados para os caminhos de Deus para viver a alegria... nós não fomos
53 chamados para viver a tristeza mas a alegria do Ressuscitado... então confiamos naquele
54 que foi ao Pai e com ele façamos o caminho ao Pai e quando ele nos chamar estejamos
55 preparados e que possa acontecer a grande festa anunciada pelo profeta Isaías... que todos
56 nós seguimos verdadeiramente em comunhão preparando também para celebrar a festa
57 do Espírito Santo no próximo domingo... renovemos juntos a nossa fé...

ENUNCIADOR 3

1 L1: Meus irmãos minhas irmãs... neste domingo... fazemos memória da subida de Jesus
2 para o céu::... a volta de Jesus para o céu... e celebrar a Ascensão significa... ser vivo
3 eternamente presente... na vida... nas pessoas... e na comunidade cristã... não significa
4 ausência... de fato... a Ascensão... é chamada de a plenitude da Páscoa... hoje a Memória...
5 nós... atualizamos e celebramos todas as vezes que celebramos a Eucaristia... toda vez

6 que celebramos a Eucaristia fazemos/recordamos não é só recordar é atualizar aquilo que
7 aconteceu através de um RITO:: por isso nós trazemos para hoje a vida a Morte a Paixão
8 a Ressurreição de Jesus... onde é que se atualiza a vida a Paixão a Morte e Ressurreição
9 de Jesus? a VIDA doa-se aos sofrimentos da cruz e à igreja e à comunidade que está
10 participando... por isso que aquilo que Jesus viveu se atualiza nos dias de hoje na
11 comunidade celebrante:: que somos todos nós... celebrando a Eucaristia isto É fazendo
12 memória daquilo que Jesus viveu... com a Ascensão de Jesus aos céus... termina o tempo
13 de Jesus e começa o tempo da igreja::... por isso diz que a igreja nasceu no dia de
14 Pentecostes quando Jesus Cristo entregou diz “olha tá aqui”... nós celebramos o
15 Pentecostes oito dia depois por questões pedagógicas mas tudo aconteceu no momento
16 em que Jesus recebeu o Espírito Santo... diz “ele vai ficar com vocês o tempo todo ele
17 que vai orientar vocês ele que vai recordar e ensinar”... quer dizer vai recordar para os
18 discípulos tudo:: aquilo que Jesus ensinou... muitas coisas ou então vai aprofundar aquilo
19 que Jesus ensinou para que os discípulos possam entender:: muita coisa/quase tudo os
20 discípulos não entenderam o que Jesus falou... ELES entenderam um pouco da
21 Ressurreição de Jesus quando Jesus apareceu... na verdade a festa da Ascensão do senhor
22 deveria ser/é celebrada no quadragésimo dia após a Páscoa quarenta dias depois da
23 Páscoa... como aqui no Brasil não é feriado... a gente celebra no Brasil no dia seguinte
24 que seria hoje o sétimo domingo da Páscoa... no lugar do sétimo domingo nós celebramos
25 a Ascensão do senhor... então o que que Jesus/Jesus vimos no domingo passado que já
26 começou a se despedir... quando ele falou que iria subir para o céu iria voltar para o Pai
27 os discípulos ficaram tristes... no domingo passado ele disse “não fiquem tristes não vocês
28 tinham que ficar alegres... porque eu vou e o Pai vai cumprir a promessa vai mandar o
29 Espírito Santo para estar com vocês”... quer dizer Jesus disse “eu ressuscitado estarei
30 presente na vida de vocês através do Espírito Santo ensinando aquilo que vocês não
31 aprenderam aprofundando ou até ensinando outras coisas através da ação do Espírito
32 Santo”... E de fato os discípulos aprenderam muitas coisas quando Jesus voltou para o Pai
33 mas agora iluminados pelo Espírito Santo compreendem muitas coisas... quantas VEZES
34 ele falou que iria morrer na cruz e é ressuscitado? chegou a hora de pensar quem é que
35 ficou no pé da cruz? João... Maria a mãe... os discípulos de Emaús foram pra casa...
36 “estamos decepcionados esperávamos tanto desse homem agora mataram o cara acabou”
37 isso é os discípulos de Emaús falando para os estrangeiros quem era o Ressuscitado...
38 quando abriram o sepulcro vazio viram que era o mestre ressuscitado e voltaram correndo
39 para Jerusalém... quer dizer finalmente entenderam que o Espírito Santo ajudou a entender
40 que Jesus ressuscitado está no meio deles e vai continuar no meio deles... até os tempos
41 que Paulo fala... por toda a terra... PORTANTO... a missão dos discípulos... é dar
42 testemunho do Cristo ressuscitado::... a missão de Jesus terminou agora tem a missão da
43 igreja dos discípulos dos apóstolos... dar testemunho daquilo que fez o senhor... foi isso
44 que eles fizeram na primeira comunidade cristã... o que eles deixam para nós hoje? dar
45 testemunho da Palavra... principalmente da Palavra de Deus... e fazer aquilo/falar aquilo
46 que ele falou e fazer aquilo que ele fez... o cerne de nossa missão será sempre o anúncio
47 da Palavra... e a prática da Páscoa... que nos leva da morte para vida que é a Páscoa de
48 Jesus... e da escravidão para a liberdade que é a Páscoa do Pai... do antigo testamento... o
49 povo de Deus escravos do Egito foram libertados e lhes foi dada uma nova terra... um
50 novo céu... agora Jesus faz a sua Páscoa... a Páscoa quer dizer passagem mudança... a
51 Páscoa de Jesus é da morte para a vida... agora chegou a nossa Páscoa agora é a nossa
52 Páscoa... é passar de um estado de vida menos longa para um estado de vida na graça de
53 Deus... celebrar a Páscoa de Jesus é celebrar a Eucaristia como eu disse antes para trazer
54 para o hoje a Páscoa cristã que é a nossa Páscoa... como Jesus passou da morte para a
55 vida... nós passamos também da morte:: que é pecado para a VIDA a vida que é a graça

56 de Deus... impulsionados/levados pela ação do Espírito Santo... PORTANTO os
57 discípulos... PERceberam que Jesus realizou o seu projeto::... Jesus cumpriu a sua missão
58 aquilo que o PAI queria:: neste domingo aquilo que ele está dizendo não é Palavra dele
59 mas a Palavra do Pai... e agora somos convidados não só anunciar a sua Palavra mas dar
60 testemunho em nosso dia a dia isto É fazer que a nossa Páscoa... a Páscoa cristã a Páscoa
61 de cada um de nós aconteça... é exatamente tudo isso que Jesus fez... e pelo fato dos
62 discípulos reconhecerem que Jesus cumpriu a sua missão::... Jesus saiu de junto do Pai
63 porque o Pai lhe deu uma missão... “vai lá na terra assuma a natureza humana e faça tudo
64 aquilo que é possível para trazer de volta a pessoa humana que foi condenada à morte por
65 causa do pecado”... e Jesus cumpriu... a sua tarefa... agora sobrou a tarefa aos apóstolos e
66 temos também a nossa tarefa de continuar a caminhada... UMA das coisas que Jesus
67 sempre pedia:: é a unidade... e nós estamos exatamente nessa semana na semana da u-ni-
68 da-de... dos cristãos... na semana de oração pela unidade dos cristãos... tem divisão até na
69 família... agora você imagina em uma igreja ou imaginam na religião::... não só nós... os
70 mulçumanos também são todos divididos... os xiitas... os judeus também são todos
71 divididos... NÓS cristãos... quantas igrejas cristãs há? tem uma a cada esquina... só que
72 muitas vezes nós confundimos a gente fala assim “minha irmã era católica e mudou de
73 religião” o que ela é “evangélica”... é a mesma coisa... continua cristão mudou de
74 igreja::... nós cristãos há três divisões maiores do cristianismo da religião cristã... igreja::
75 caTÓlica... religião cristã Igreja evanGÉlica... religião:: cristã igreja ortodoxa::... são os
76 três grupos maiores... agora os evangélicos têm mais de duzentas terminações - - quando
77 eu estava em Roma... eu tinha aula de ecumenismo... isto significa... curso de diálogo
78 ecumênico... diálogo ecumênico:: é com as nossas igrejas cristãs com os evangélicos com
79 os ortodoxos... diálogo ecumênico é dentro da religião cristã... quando nós falamos de
80 diálogo interreligioso aí e com outra religião... eu estava em Roma e foi feito o encontro
81 internacional das igrejas cristãs... o nosso professor de ecumenismo que organizou... ali
82 ele envolveu nós alunos na preparação desse encontro... eu levei um susto... nós ficamos
83 uma semana suspenderam as aulas nas faculdades e nós fomos para o encontro... sabe
84 quantas igrejas presentes tinham?... quantas denominações cristãs tinham?... mais de
85 duzentos e cinquenta... eu levei um susto... “tudo isso?” eu vi as inscrições eu passei uma
86 por uma... mais ou perto de duzentos e cinquenta não tô lembrado... duzentos e cinquenta
87 arredondando... DUZENTOS E CINQUENTA igrejas cristãs... entre elas a católica a
88 maior delas a mais expressiva... imaginem tudo isso... como é que o papa está fazendo?
89 MAS ele está trabalhado muito bem o ecumenismo... recordando aquilo que São
90 Francisco JÁ FEZ... faz quase mil anos que São Francisco foi falar com o sultão... naquele
91 tempo era impossível... e agora quase quinhentos anos depois o papa recorda o fato e diz
92 “estou aqui... mais um Francisco que está aqui com vocês um já esteve Francisco de
93 Assis”... portanto vamos rezar essa semana para que caminhemos a gente se entenda... o
94 trabalho social que a gente se respeite... que a gente tenha diálogo... têm alguns lugares
95 que já existe há muito tempo... eu nasci no Rio Grande do Sul mas moro perto de Chapecó
96 mas quando era pequeno quando fui para uma cidadezinha perto de Santa Catarina
97 chamada de Maravilha... o que que tem lá? a colonização de alemão e poloneses... antes
98 da missa todo mundo lá fora batendo papo aí você ouve o italiano ouve o polonês ouve o
99 alemão ouve o português e aí... parece uma Suíça brasileira:: o que que acontece lá?
100 muitas famílias vieram da Alemanha divididas em metade católico e metade evangélico...
101 mas aqueles evangélicos originais não aqueles que apareceram aqui e que é difícil de
102 dialogar::... então o que acontece na nossa comunidade? domingo passado teve a festa
103 dos católicos Nossa Senhora do Caravaggio... Caravaggio da Itália dia vinte e seis é a
104 festa de Nossa Senhora do Caravaggio... no domingo passado a nossa comunidade estava
105 em festa minha família inteira estava LÁ... quem é escalado para trabalhar na festa? os

106 evanGÉlicos... na cozinha você vai lá tem católico e evangélico trabalhando junto na festa
107 católica... nesse mês tem a festa evangélica... na lista de distribuir as tarefas... quem vai
108 para a cozinha... quem faz a cuca... dona Maria da igreja católica... tem lugar que é assim...
109 como tem poucos evangélicos... o pastor vai lá a cada cinco meses... então eles vão todos
110 em nossa celebração... no domingo eles estão todos lá na frente... nós pedimos para o
111 bispo e ele autorizou “são cristãos”... aí está um passo para a unidade dos cristãos... que
112 nessa semana de oração peça isso unidade... É o que Jesus pediu... assim como ele diz
113 “eu e o Pai somos um” ele quer que nós sejamos um como o Pai com o filho... renovemos
114 a nossa fé...

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO DO 8º DOMINGO DA PÁSCOA (DIA DE PENTECOSTES)

ENUNCIADOR 1

1 L1: É a festa de Pentecostes... festa do Espírito Santo culminando assim o nosso período
2 pascal... o Pentecostes é uma festa que os judeus celebravam a festa da colheita lembrando
3 a vitória a superação dos tempos do deserto e também colhendo os primeiros frutos da
4 terra prometida... celebram a grande festa do cumprimento das promessas do senhor:: a
5 realização da divindade dos sonhos do povo de Israel... o Espírito Santo é o enviado de
6 Deus e vem anunciar à jovem Maria que ela será mãe do filho:: e assim nascendo Jesus...
7 o menino cresce no meio da comunidade simples e humilde dos povos de Javé... e Deus
8 conta com a sabedoria a luz divina para ensinar:: ao povo de Israel o caminho do Pai...
9 Israel acreditava que a sua realização:: que o testemunho maior era a vivência da lei MAS
10 somente em Jesus é que se torna plena a revelação de Deus porque é nele que o Pai revela
11 quem ele é... antes de Jesus não sabíamos que Deus era PAI... em Jesus assumindo o fato
12 se apresenta e revela para nós quem é Deus Pai... nos ensina verdadeiramente:: a prática
13 dos mandamentos... do mandamento do amor a Deus e ao próximo... e ensina aos
14 discÍpulos toda a verdade do reino... eles que são simples humildes pessoas do povo
15 galileu... eles que sonharam com o renio de Deus fonte do mundo:: foram decepcionados
16 com a crucificação e morte de Jesus MAS Jesus lhes havia prometido que ele ressuscitaria
17 dos mortos... no entanto essa compreensão não existiu na cabeça dos discípulos... que
18 acharam muito estranho MAS segundo a sua promessa ressuscitou ao terceiro dia... e para
19 provar que ele ressuscitou ele aparece aos discípulos reunidos CONFIRmando:: o seu
20 amor:: com a saudação shalom a paz para aqueles que o amam... confirmando aquilo que
21 ele prometeu... que enviaria do céu o EsPÍrito Santo... então terminado o tempo histórico
22 de Jesus... tudo recomeça... é o Pai que envia o Espírito Santo... assim segundo o
23 evangelho de João que vimos... acontece logo após a Ressurreição esse envio do Espírito
24 Santo e assim os discípulos superam... o medo... superam... toda a... vergonha de
25 anunciar... abrem-se as portas para o novo:: e para a missão e eles... abrem as portas
26 anunciando o reino anunciando Jesus ressuscitado::... realizam os mesmos sinais que o
27 próprio Jesus realizava... as curas as libertações... enfim tudo aquilo que Jesus realizava
28 eles continuavam a sua missão... como ouvimos no evangelho eles receberam como
29 herança:: a vivência da paz ao mesmo tempo são chamados a ser testemunhas e realizam
30 os sinais de Jesus a partir do Espírito Santo e tamBÉM tem a missão de perdoar... aqueles
31 que perdoarem serão perdoados e aqueles que não perdoarem serão retidos... assim é a
32 igreja... ela nasce com a missão de estar no meio do mundo ajudando as pessoas aprender
33 o caminho do Pai aprender a bondade que ele ensinou... o Espírito Santo veio para

34 recordarmos o que já tínhamos aprendido... e para nos ensinar algo novo que nós não
35 sabemos... NÃO terminou o acontecimento histórico de Jesus mas ele continua
36 anunciando a igreja às pessoas... ensinando... renovando em cada um de nós a verdadeira
37 vida... e celebrar Pentecostes para nós significa celebrar a verdade de que Jesus continua
38 sendo presente no meio de nós na Palavra:: atualizada pelo Espírito Santo e na
39 Eucaristia... porque ele mesmo disse “eis que estou convosco em todos os dias até os fins
40 dos tempos”... e a escolha de Jesus foi através do pão e do vinho dos quais ele se faz
41 presente para ser alimento quer ser a força daQUEle que crê e vai em missão:: nossa
42 missão é diferenciada... por isso ouvimos falar dos múltiplos dons que são oferecidos às
43 pessoas... a igreja apresenta oficialmente sete dons... porque o número sete significa a
44 perfeição:: Deus é perfeito:: oferece a cada um de nós a perfeição dele para ser partilhada
45 conosco... através dos dons que ele compartilha conosco nós vamos construindo a nossa
46 perfeição para ser um dia pleno junto de Deus... MAS só será perfeita a nossa vida se
47 estiver presente o próprio filho Jesus Cristo com os dons do Espírito Santo... para
48 engrandecer para construir para edificar... - - a primeira leitura fala das línguas... no antigo
49 testamento tivemos o círculo das línguas que destroem... a Torre de Babel é a confusão
50 das línguas que não se entendem e por isso nada acontece e tudo é destruído... a nova
51 construção é feita a partir dos dons do Espírito Santo nas diversidades... é na diferença
52 que cada um de nós participa dessa construção não para dividir... o Espírito Santo veio
53 para unir:: para que as pessoas se entendam a partir do Espírito Santo... para que as
54 pessoas se respeitem valorizem aquilo:: que Deus distribuiu entre nós... POR ISSO para
55 o cristão não tem sentido a inveja o ciúmes pelos dons diferentes dos outros... por quê?
56 porque pertence à Deus não à nós... quando temos ciúmes dos dons dos outros estamos
57 tendo ciúmes do próprio Deus... talvez ainda não tenhamos percebido o valor do dom que
58 Deus deu a cada um de nós... talvez não tenhamos produzidos os frutos necessários
59 ainda... lembremos que o Espírito Santo de Deus vem sobre cada um de nós
60 explicitamente no Batismo... o confirmamos no crisma... em cada sacramento que
61 realizamos o Espírito Santo nos faz novas criaturas... precisamos permitir que ele nos
62 ensine a viver:: o NOVO de cada dia de nossa vida:: não achar que já fizemos tudo que
63 não temos mais nada a fazer... que podemos cruzar os braços... isso é a pessoa acomodada
64 que não valoriza o dia que Deus lhe dá de graça como dom... para nós cada dia que
65 acordamos é uma benção é uma graça mesmo se tiver com dores doenças todas as coisas
66 que nos impeça de viver a plenitude da vida... MAS sempre nessas tribulações há a
67 sabedoria que nos ensina compreender os limites do corpo para dar espaço a grandeza do
68 espírito que completa o vazio que pertence a NÓS... nós precisamos entender que quando
69 se limita o CORPO nós perdemos a força para realizar tudo MAS Deus nos dá a sabedoria
70 do Espírito Santo para completar:: e fazer aquilo que nós não fizemos antes mas que é
71 hora de fazer... de ser testemunhas... do Ressuscitado... e ele espera de nós essa ação...
72 testemunho de esperança testemunho de convicção::... que não vivemos sozinhos não
73 vivemos abandonados... AO CONTRÁRIO vivemos os dons para completar a obra que
74 ele iniciou sempre há espaço do novo no mundo e cada tempo:: temos que nos adequar
75 para dar respostas aos desafios... se a gente pensa trinta quarenta anos atrás como era a
76 igreja... como eram as nossas famílias... eram outras formas de vivenciar... nos dá outro
77 tipo de segurança outro tipo de esperança... talvez aqueles princípios aquelas formas de
78 viver não correspondem mais para nós e temos saudades daquilo:: MAS o desafio é como
79 hoje vamos nos adequar vamos nos posicionar:: para dar uma resposta a esse desafio e
80 pensar em que testemunho devemos dar para as novas gerações... a FÉ não deve
81 desaparecer:: a FÉ é o que nos sustenta:: nos dá a dinâmica da vida e da história e sempre
82 a meta é a que o Espírito Santo nos leve ao Pai... ele que está no mundo para fazer as
83 coisas ele que conduz a igreja... é o templo do Espírito Santo... POR ISSO hoje

84 celebramos de uma forma muito festiva rica... sabendo que ele está disponível a cada
85 coração... cabe nós hoje abriremos o nosso coração e dizer a ele todas as verdades... como
86 nós sentimos... quais as dores... quais as feridas que nós temos... quais as esperanças...
87 quais os sonhos que ainda nos motivam... para nós não desaminarmos e nunca desistir
88 porque a vida é dom e graça de Deus... sejamos hoje gratos a DEUS pela presença do
89 Espírito Santo e acreditemos no que podemos fazer mesmo nos limites que o tempo nos
90 condiciona... que o Espírito Santo faça novo o seu coração nova a sua esperança para
91 celebrarmos a festa da vida e da gratidão... hoje digamos a Deus obrigado por todas as
92 graças por todos os dons que cada um de nós recebe todos os dias... permitamos o Espírito
93 Santo ungir e demos um instante de silêncio para que ele nos toque nos motive nos
94 abençoe...

ENUNCIADOR 2

1 L1: No evangelho do domingo passado... Jesus prometeu aos seus discípulos que não os
2 deixariam a sós... “eu enviarei sobre vós aquele que meu Pai prometeu” disse Jesus... hoje
3 domingo... liturgicamente já é domingo depois da seis da tarde das quatro da tarde do
4 sábado JÁ celebramos o domingo... hoje é domingo portanto:: de Pentecostes e...
5 celebramos essa realização a concretização da promessa de Jesus... somos convidados
6 também a nos alegrar com essa realização... Pentecostes... era a festa judaica que
7 celebrava/que era celebrada cinquenta:: dias depois da Páscoa:: também era chamada de
8 festa das semanas ou festa das colheitas::... marcava o início:: da colheita... e era celebrada
9 SETE semanas após a colheita do primeiro feixe... de trigo de cevada... sete semana
10 depois da colheita do primeiro feixe... eles se reuniam para agradecer a Deus o dom da
11 terra::... para nós cristãos passa a ser chamada festa dos dons do Espírito Santo... o
12 Espírito Santo é concebido ao grupo de discípulos que estavam reunidos com as portas
13 fechadas... este acontecimento está bem situado no tempo ele fala “acontece no primeiro
14 dia da semana”... o primeiro dia da semana passou a ser o domingo:: Jesus ressuscita no
15 primeiro dia da semana... Jesus aparece aos discípulos no primeiro dia da semana::... por
16 isso aos primeiros dias da semana depois os cristãos deram o nome de dies dominica isto
17 é DIA do senhor... a Palavra domingo quer dizer dia do senhor... então foi no dia do
18 senhor que Jesus aparece aos seus discípulos... e lhes dirige duas vezes a saudação “a paz
19 esteja convosco”... ao reconhecer que ele era o Ressuscitado... os discípulos se alegraram
20 por ver o senhor::... depois Jesus confere aos discípulos uma missão e diz “como o Pai
21 me enviou eu também vos envio”... em seguida assopra sobre eles e diz “recebi o Espírito
22 Santo”... o DOM do espírito é derramado sobre os discípulos... e Jesus os orientam de
23 como deve ser a sua MISSÃO... perdoar os pecados e essa reconciliação... deve ser levada
24 a todos os povos... somos portanto:: chamados a sermos reconciliaDOres... a fim de que...
25 cessem o ódio a injustiça o abuso a corrupção moral a corrupção política a TUDO isso
26 somos chamados a nos esforçar como Jesus o FEZ... a missão de Cristo é reconciliar:: o
27 mundo com Deus... foi isso que Jesus Cristo veio fazer... o mundo pelo pecado de Adão...
28 estava brigado com Deus.. precisava de alguém para reconciliar a pessoa:: humana com
29 Deus... ESSE alguém que veio reconciliar:: foi Jesus Cristo... veio reconciliar:: Deus com
30 a pessoa humana... veio... reconciliar com o mundo::... agora:: a tarefa quem deve exercer
31 agora somos NÓS... ela deve ser feita por nós... devemos fazer reconhecer no mundo essa
32 reconciliação... que Jesus fez e que ele pediu para que os discípulos fizessem e que HOJE
33 cabe a nós... no Espírito Santo... é espírito de amor espírito de humildade... espírito de
34 entendimento... é somente pelo espírito de amor que faz o entendimento entre as pessoas...
35 superamos até... superamos até como diz a leitura... superando até todo o problema de
36 línguas...quer dizer o Espírito Santo nos ajuda a superar todas as barreiras a entendermos

37 tudo mesmo que haja uma limitação que é limitação da própria língua:... Pentecostes
38 reúne a todos... exatamente ao contrário da Torre de Babel... na Torre de Babel ninguém
39 se entendia... na Torre de Babel houve confusão... em Pentecostes é exatamente o
40 contrário houve entendimento:: todos se entendiam... mesmo sendo de nações diferentes::
41 com a presença do Espírito Santo são superadas todas as dificuldades de entendimento::
42 por quê? é o Espírito Santo que nos faz nos fortalece nos orienta nos anima nos une
43 promove a unidade que promove o amor que promove a paz... É o espírito de Jesus É o
44 Espírito Santo que portanto... ESTÁ presente no dia a dia da igreja no dia a dia de todos
45 nós cristãos discípulos e discípulas de Jesus... peçamos portanto que o Espírito Santo que
46 é chamado de paráclito que é chamado de advogado que é chamado de consolador:: é
47 chamado como aquele que veio ensinar:: é chamado também como aquele que veio fazer
48 que a gente entenda e aprofunde tudo aquilo que Jesus disse... PORTANTO um espírito
49 de entendimento... então que o Espírito Santo nesta festa a ele dedicada.. terceira pessoa
50 da santíssima trindade... que ele nos fortaleça nos guie e nos aponte o caminho para o
51 Pai... ele que cumpriu a sua missão e por isso voltou para o Pai... nos ajude a cada um de
52 nós cumprirmos a NOSSA missão... levarmos a sério o compromisso que firmamos no
53 dia do Batismo ou que reafirmamos no sacramento do crisma... para que o Espírito Santo
54 faça de cada um de nós autênticos e verdadeiros discípulos e discípulas dele... pensemos
55 nisso em um instantezinho de silêncio...

ENUNCIADOR 3

- 1 L1: Hoje temos a graça de celebrar:: a grande festa da vinda do Espírito Santo... a primeira
2 leitura a segunda leitura e o evangelho nos falam do mesmo tema... o evangelho nos
3 apresenta Jesus que se manifesta e traz a GRANDE notícia da Ressurreição... na primeira
4 leitura os apóstolos estão trancafiados dentro de uma casa... por que que eles estão
5 trancados? ((silêncio)) o que que eles estão fazendo LÁ? ((silêncio)) o que eles estão
6 fazendo lá dentro?
- 7 L2: Estão com medo...
- 8 L1: É isso mesmo... estão cheios de...
- 9 L2: Medo...
- 10 L1: Mas medo de quem? ou de quê? ou por que? de quem é que eles têm medo?
11 ((silêncio))... eles têm medo de morrer:: Jesus que ERA o mestre foi matado... uma morte
12 injusta... e eles também têm medo de morrer:: por isso eles se trancam para não serem
13 encontrADOS... e aí vem o Espírito Santo de Deus em forma de... qual é a forma do fogo?
14 ((silêncio)) tem jeito de desenhar a forma do fogo? não tem... tem jeito de desenhar a
15 forma da água? não tem... o fogo e a água são símbolos da totalIDADE não têm forma...
16 eles assumem muitas e muitas formas... isso é o simbolismo de que o Espírito Santo não
17 tem forma... porém Jesus Cristo tinha forma... a forma humana ele se fez homem... - - no
18 evangelho... o que Jesus Cristo diz quando entra no cenáculo onde estão os apóstolos
19 reunidos trancafiados... o que ele diz para eles?
- 20 L2: “A paz esteja convosco”

21 L1: O que significa dizer para alguém “a paz esteja contigo ou a paz esteja convosco” ?
22 o padre diz no início da missa e depois ele diz de novo... MAS muitas vezes não sabe o
23 que significa e diz “esse padre deve tá meio maluco parece que a gente não escuta direito”
24 (frase exclamativa)... o que significa dizer “a paz esteja contigo ou a paz esteja convosco”
25 ? ((silêncio)) quando Jesus diz “a paz esteja convosco” ele está dizendo de uma maneira
26 BEM compreensível “o Deus que está no MEU coração também faça morada:: no SEU
27 coração”... lembram que naquele evangelho de Mateus ele dizia “vão dois a dois e
28 anunciem a Palavra”... se as pessoas forem digna da paz a paz ficará com eles e se não
29 forem dignas ela volta para vocês... AQUI está o grande segredo... QUEM é portador da
30 paz QUEM é portador de Deus não tem mais ME-DO... por que não tem mais medo?
31 porque se Deus está conosco quem será contra nós?... se nós somos portadores de Deus
32 se Deus está dentro de nós não tem mais motivo de ter medo:: por isso voltando para a
33 primeira leitura os discípulos SAEM e não tem medo mais de ninguém... acabou o medo::
34 e começa o anúncio do Mistério de Deus no coração da pessoa humana... o anúncio do
35 evangelho... o anúncio do amor infinito de Deus... o anúncio da unidade... o anúncio do
36 perdão.. o anúncio da fraternidade... então quem é portador do amor:: de Deus vai fazer
37 TUDO isso e muito mais... depois que Jesus diz “paz esteja convosco” duas vezes...
38 concede aos apóstolos uma tarefa... ser portador de Deus não é ficar parado não... não é
39 ficar trancado... qual é a tarefa que Jesus concede aos apóstolos?

40 L2: Reconciliação... perdoar

41 L1: Mais pra frente... “aqueles que vocês perdoarem os pecados...”

42 L2: Serão perdoados...

43 L1: “Aqueles que vocês não perdoarem:: serão retidos” e de quem é a graça de perdoar
44 os pecados?

45 L2: Padre...

46 L1: De Deus (frase exclamativa) se Deus está dentro de nós de quem é a graça? é minha::
47 e se Deus está dentro de nós eu também posso perdoar aquele e aquela que me machuca
48 que me ofende que me agride que me desonra que me tira do sério... é fácil exercer esse
49 ministério de perdoar::? para os apóstolos para os discípulos e para nós essa é uma tarefa
50 fundamental... SEM esta não tem jeito... onde não tem o perdão onde não tem a
51 reconciliação é impossível viver o amor:: por isso que Jesus dá essa tarefa aos seus
52 discípulos esta tarefa a cada um de nós... - - na segunda leitura São Paulo diz sobre os
53 dons para dizer que são infinitos... eles estão em cada um de nós e devem estar a serviço
54 da família e a serviço da comunidade::... NÃO existe nenhum dom que esteja a serviço da
55 família a serviço da comunidade que venha de Deus... os dons exigem algumas coisas de
56 nós... a gente vê aqui ele tocando violão... você já perguntou pra ele quantas horas quantos
57 dias quantos meses quanto tempo ele se dedicou para tocar com quase perfeição ou
58 perfeição aquele violão?... eu lembro quando pequeno eu ia à aula e lá tinha aquelas letras
59 p b q d... era tudo uma virada pra cima outra pra baixo pro um lado outra pro outro... pra
60 mim era tudo igual... era uma bagunça toda... depois de muito tempo:: elas começaram a
61 assumir forma... pensa que eu acreditava que iria conseguir LER história sem figura?
62 de jeito nenhum... por que os outros acreditavam?... eu comecei a ler e a escrever...
63 QUANTOS dias demorou ISSO? três dias... o dom da leitura JÁ estava dentro:: de MIM
64 mas eu não acreditava... ASSIM como já estava dentro de vocês... ASSIM como muitos

65 outros dons estão dentro de vocês... mas se vocês não acreditaram se alguém não
66 empurrou:: incentivaram... eles não vão sair de dentro de vocês... NÃO adianta:: pedir os
67 dons do Espírito Santo se a gente não fizer o exercício de transformá-los para que eles
68 possam ser benéficos para a família para a comunidade... cabe a nós incentivar:: nós
69 mesmos... nossos filhos nossos irmãos nossos cônjuges para viver a plenitude dos dons
70 do Espírito Santo... já estão dentro de nós é preciso colocá-los a serviço é preciso nos
71 educarmos para que ele se torne:: um precioso dom... para a família para a comunidade...
72 renovemos a nossa fé...